UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

VIVIANE GORGATTI

MARCAS DE EXPERIÊNCIAS NO TRABALHO SOCIOEDUCATIVO

Narrativas camaradas da formação profissional

SANTOS - SP
2017

VIVIANE GORGATTI

MARCAS DE EXPERIÊNCIAS NO TRABALHO SOCIOEDUCATIVO
Narrativas camaradas da formação profissional

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo - *Campus* Baixada Santista para obtenção do título de Mestre em Ensino em Ciências da Saúde.
Orientador: Sidnei José Casetto
Coorientador: Maurício Lourenção Garcia

SANTOS - SP
2017

Gorgatti, Viviane, 1963 -

G667m

Marcas de experiências no trabalho socioeducativo: narrativas camaradas da formação profissional./ Viviane Gorgatti; Orientador: Prof. Dr. Sidnei José Casetto; coorientador Prof. Dr. Maurício Lourenção Garcia – Santos, 2017.

179 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo - campus Baixada Santista, Curso de Mestrado em Ciências da Saúde, 2017.

1. Formação. 2. Narrativas. 3. Experiência. 4. Cartografia. 5. Perspectiva Inversa. I. Casetto, Sidnei José. Orientador: Garcia, Maurício Lourenção, coorientador. II. Título.

CDD 610.7

VIVIANE GORGATTI

MARCAS DE EXPERIÊNCIAS NO TRABALHO SOCIOEDUCATIVO
Narrativas camaradas da formação profissional

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo – *Campus* Baixada Santista para obtenção do título de Mestre em Ensino em Ciências da Saúde.

Aprovado em:_____/_____/2017

_____
Orientador: Prof. Dr. Sidnei José Casetto

_____
Coorientador: Prof. Dr. Maurício Lourenção Garcia

_____
Profª Drª Angela Aparecida Capozzolo
Banca examinadora

_____
Profª Drª Maria Cristina Gonçalves Vicentin
Banca examinadora

_____
Prof. Dr. Roberto Tykanori Kinoshita
Banca examinadora

Santos, 8 de agosto de 2017.

Ao João Carlos Guilhermino da Franca, o João Camará.

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores Sidnei e Maurício pela oferta do que mais ansiei, sustentação para que eu pudesse descobrir e experimentar com delicadeza, humor e flexibilidade o exercício de contar às coisas que me são tão caras.

A todos que nessa pesquisa narraram algumas de suas marcas, assinaram e se dispuseram a construir comigo este trabalho, agradeço em favor da re-existência e da poesia deste NOSSO construído.

A todos os CAMARADAS destes 20 anos de existência, razão maior de todo esse investimento afetivo e de trabalho que resultou nessa pesquisa.

Aos meus pais: Walter (*in memorian*) pelas pontes que desde menina me ensinou a construir e transitar e Wilma pela força, determinação e fé que conosco compartilha e pelos momentos nos quais encontro ancoragem na doçura dos seus olhos cor de mel.

Às filhas Luíza e Maira e ao filho compartilhado Guilherme pelo amor, confiança e respeito construído no miúdo do cotidiano de nossas vidas e nos deslocamentos dos nossos movimentos ao explorarmos o mundo.

À neta Liz, explosão de amor, alegria e espontaneidade e ao neto Luca que chegará reinaugurando a história familiar.

Ao companheiro Fernando pelo amor, acolhimento, incentivo e pelo desejo que nos nutre de redescobrirmos novos jeitos e lugares para uma existência viva, potente e criativa. À doce e alegre Maria Fernanda e aos instigantes mistérios de Lucas que me incentivam a buscar novos e vivos espaços comuns.

Aos meus irmãos Fábio e Fernando, cúmplices de uma jornada construída no respeito, carinho e admiração e às sobrinhas Laís, Vitória e Helena, um pouco de cada um de nós em movimento e muito de invenção pulsante.

À Cláudia, prima que carrega o sangue e a alma aventureira que tanto nos irmana.

Aos amigos Fátima, João, Fernanda, Dani, Carlos, Lumena, Bete, Eliana, Isabelle, Lica e Eduardo pela deliciosa interlocução que temos feito na vida.

Ao Emman pelo longo convívio e pelo cultivo e amor às palavras.

Aos colegas de turma do MP 2015, uma turma da pesada, pelas trocas férteis, aguerridas e divertidas, fundamentais para todo este processo.

Aos professores do Mestrado Profissional, em especial a Angela, Alexandre, Flávia, Laura, Passador, Jaquelina, Mafe, Luciana, Rosilda, Cristiane, Ana Rojas... pela presença inquietante que sempre ilumina pensamentos e ideias e alimenta afetos.

Aos amigos e apoiadores dessa pesquisa: José, como parceiro e facilitador na roda de conversa e pelas preciosas indicações de referências bibliográficas; Tahamy pelo trabalho atento, sensível e interessado contribuindo sobremaneira para dar as formas necessárias a tudo isso; ao André pela transcrição do material e finalmente à Sonise e Fernando Bataglia, sem vocês não teria existido um começo.

Um agradecimento especial a três pessoas que em dias sombrios me ressuscitaram: Ângela Cortese Gorgatti, minha avó (*in memorian*); ao professor Gilberto Safra e a Hernán Siculer.

Gostaria também de deixar meu agradecimento a alguns importantes lugares que contribuíram com esta escrita. À mesa de jantar da casa de Fernando de onde avistava o horizonte e à bela casa de Guararema, com seu silêncio, suas árvores e pássaros. De lá assisti uma incrível revoada de tucanos.

RESUMO

Instigados pela temática da formação profissional que não sirva exclusivamente a fins pragmáticos, atendendo exigências utilitaristas, produtivistas e reprodutoras, este projeto investiga a formação enquanto uma experiência viva, composta de processos constitutivos de posições ético-políticas singulares, tendo como objetivo investigar marcas de experiências produzidas nos processos formativos no trabalho socioeducativo na ONG Centro Camará de Pesquisa e Apoio a Infância e Adolescência sediada no município de São Vicente, SP. Partimos da hipótese de que os processos formativos constitutivos de posições ético-politicas singulares são aprendizados que ocorrem na experiência viva e coletiva, tendo o ato (pensamento/ação) como produtor de subjetividades e de marcas que podem ser percebidas nos posicionamentos diante do trabalho. Foram sujeitos da pesquisa catorze ex-estagiários e educadores sociais que foram marcados em suas trajetórias profissionais pela experiência na instituição. Foi utilizada uma metodologia participativa, na qual os participantes foram convidados a produzir narrativas que incluíssem cenas significativas de sua trajetória no Camará. A análise deste material produziu um texto, elaborado pela pesquisadora, no qual os conceitos de planos de formas e forças, advindos da cartografia, deram sustentação para a apresentação da experiência comum presente nas referidas marcas. Este texto foi disparador para a segunda etapa do processo, na qual uma nova análise, agora coletiva, foi produzida, num encontro presencial dos sujeitos com a pesquisadora em forma de roda de conversa. Uma terceira etapa foi realizada, tratando-se da análise de todo o processo de pesquisa, na qual fragmentos significativos das narrativas, da análise coletiva da roda de conversa, da memória da pesquisadora e da própria experiência de escrita deste trabalho foram discutidas. Na investigação das marcas de experiências produzidas nos processos formativos destacaram-se os seguintes aspectos: a perspectiva inversa como orientação ético-política; a construção do plano comum, lugar de produção coletiva, tendo o acontecimento como sua via régia e referência para o trabalho por itinerância: o corpo como espaço de sustentação da atenção, e o trabalho-existência como abertura para a aprendizagem inventiva.

Palavras-chave: Formação; Narrativa; Experiência; Cartografia; Perspectiva Inversa.

ABSTRACT

Instigated by the theme of a professional formation that does not serve only to pragmatic purposes, meeting utilitarian, production-based and reproductive demands, this project investigates the formation as an alive experience, composed of processes which constitute singular ethical-political positions. Its objective is to investigate imprints from experiences produced in the formative processes in the socio-educational work at the NGO Centro Camará de Pesquisa e Apoio a Infância e Adolescência which is based in the city of São Vicente, in São Paulo state. We start from the hypothesis that the formative processes that are constitutive of singular ethical-political positions are the learnings that occur in alive and collective experience having the act (thought/action) as producer of subjectivities and of imprints which can be noticed in the positionings when facing the work. The research subjects have been fourteen ex-interns and social educators which have been imprinted during their professional paths by the experience in the institution. A participatory methodology was used, in which the participants were invited to produce narratives that included meaningful scenes from their trajectory in Camará. The analysis of this material produced a text, written by the researcher in which the concepts of dimensions of forms and forces derived from cartography gave support to the display of the common experience that is present in the imprints that were previously referred. This text was a trigger to the second stage of the process, in which a new, now collective, analysis was produced in a live meeting of the subjects and the researcher, shaped as a talk circle. A third stage was performed: the analysis of the whole research process in which meaningful excerpts from the narratives, from the collective analysis during the talk circle, from the researcher's memory and from this thesis writing experience itself were discussed. During the investigation of the imprints produced in the formation processes the following aspects were noticiable: the inverted perspective as ethical-political orientation; the construction of the common field as a place of collective production, having the happening as its highway and reference of the the work by itinerancies; the body as the place for holding the attention; and the work-existence as openness to inventive learning.

Keywords: Formation; Narrative; Experience; Cartography; Inverted Perspective.

LISTA DE ABREVIATURAS

ATs	Acompanhantes terapêuticos
BH	Belo Horizonte
BS	Baixada Santista
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social
MNDH	Movimento Nacional dos Direitos Humanos
ONG	Organização não governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
SUAS	Sistema Único da Assistência Social
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
1.1 O Camará 11
1.2 A Experiência de formar pela experiência: uma metodologia a ser escrita 16
1.3 FORMAÇÃO: Afinal... de que formação estamos tratando? 20
2 PISTAS PARA O SUJEITO DA EXPERIÊNCIA 23
2.1 Eu, camarada 29
3 OUTROS CONCEITOS TRATADOS PELA CARTOGRAFIA QUE DÃO SUSTENTAÇÃO À PESQUISA 40
3.1 A Formação e a Aprendizagem Inventiva 40
3.2 As Marcas da Experiência 43
3.3 Os planos de forma e de forças 46
4 AS NARRATIVAS 49
4.1 Introdução às narrativas e escolhas metodológicas 49
4.2 Elo 50
4.3 Larissa e as bolachas 53
4.4 Uma viagem camarada 55
4.5 Fazer viver um corpo caótico 60
4.6 Sozinhos, caminhamos juntos 62
4.7 O casulo e a borboleta 65
4.8 Camará se faz caminhando 67
4.9 Primeiro Encontro 69
4.10 Processos Educativos: Caminhos e parcerias possíveis 71
4.11 Ser sujeito em um mundo desigual 74
4.12 Entre as potências do imediato e as delicadezas que exigem mais tempo 78
4.13 Pelas Ruas 79
4.14 Quando a Porta se Abre 87
4.15 Quando (re) conheci uma camarada 91
5 TEXTO DISPARADOR PARA A RODA DE CONVERSA 94
5.1 “O fundo tornou-se mais importante do que a figura” 94
5.2 A Perspectiva Inversa 96

6 ANÁLISE 99
7 PERSPECTIVA INVERSA 118
CONSIDERAÇÕES FINAIS 135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 141
APÊNDICES 145
Apêndice A – Transcrição da roda da conversa 146
Apêndice B – Autorização para divulgação de nome 173
Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 174
ANEXOS 176
Anexo A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa 177

1 INTRODUÇÃO

É na proposta de uma dissertação dialogada com o mundo do trabalho, como propõe o mestrado profissional, que encontro sentido nesta escrita. Pretendo relatar e refletir sobre experiências de formação, e o interesse pelo tema vem do meu trajeto profissional. A experiência e a vontade de acompanhar processos formativos faz parte do meu caminhar. Supervisionei trabalhos de redução de danos no município de Santos, e também atuei como assessora técnica em equipamentos da Saúde Mental de São Bernardo do Campo.

Trabalho na ONG Centro Camará de Pesquisa e Apoio a Infância e Adolescência (Camará) desde o ano de 2000, na condição de psicóloga cedida pela Prefeitura Municipal de São Vicente. Há sete anos faço a preceptoria de estagiários de psicologia da Universidade Federal de São Paulo - *Campus* Baixada Santista (UNIFESP/BS); esta condição de psicóloga preceptora fomentou meu interesse pelo tema.

Anteriormente à função de preceptora eu já desempenhava um trabalho que avalio ser muito próximo a este, dando suporte às intervenções de um grupo de adolescentes e jovens que no Camará se formaram. Tais adolescentes e jovens a que me refiro adentraram o Camará na condição de público-alvo de algum dos projetos realizados, e, no decorrer do tempo, foram sendo identificados e formados para desempenhar ações junto a outros adolescentes. Eles se tornaram monitores de atividades e, posteriormente, educadores sociais.

Nesta dissertação delimitarei o tema proposto a partir do trabalho que desenvolvo no Camará e investigarei indistintamente as marcas de experiência no trabalho socioeducativo nesse conjunto de pessoas que foram marcadas em suas trajetórias profissionais.

1.1 O Camará

Apresentarei o Camará trazendo alguns aspectos formais, históricos, mas também serão descritas facetas que apresentarão meu lugar de implicação, integrante da equipe, presente no cotidiano e refletindo sobre os rumos da instituição. Assim, não haverá neutralidade e distanciamento nas considerações relatadas neste trabalho.

O Camará foi fundado por trabalhadores e militantes da Luta Antimanicomial e Movimentos da Infância no ano de 1997, estando sediado no município de São Vicente, São Paulo. Nestes quase 20 anos de existência vem desempenhando ações de âmbito local, regional e nacional.

Adotamos como referências teórico-metodológicas para a prática nos territórios a Pedagogia Social e a Educação Popular, no campo da educação (FREIRE, 1979, 1996), e o Acompanhamento Terapêutico, no campo da saúde (EQUIPE DE ACOMPANHANTES TERAPÊUTICOS DO INSTITUTO A CASA (ORG.), 1991, 1997). Nas experiências com usuários de álcool e outras drogas em território de extrema vulnerabilidade adotamos a estratégia da Redução de Danos (BRASIL, 2003; LANCETTI, 2006).

Desde sua fundação, compreendemos a importância de integrar as instâncias de formulação e controle social de políticas públicas, bem como contribuir com a construção de referências metodológicas e educação permanente de trabalhadores sociais. No ano de 2000, o Camará integrou o coletivo de instituições que elaborou o Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, tendo contribuído com experiências nos eixos de prevenção e atendimento. Em 2003, passou a compor o grupo de consultoria técnica do Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes no Território Brasileiro, sob a coordenação da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República e da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. A principal tarefa deste grupo de trabalho foi mobilizar, articular, qualificar e fortalecer redes locais de enfrentamento às violências nas cinco regiões brasileiras, com especial ênfase na promoção de saúde e prevenção às violações de direitos contra crianças e adolescentes.

O Camará não é uma ONG que caminha paralelamente ao poder público: optamos por atuar em conectividade com o poder público porque desejamos fomentar o diálogo e sustentar algumas das tensões que derivam dessa relação. Tensões estas que se atualizam permanentemente e se expressam no cotidiano, isto é, nas ações diretamente voltadas para a vida existente nos territórios, abarcando singularidades e coletividades, e nas ações que interferem nos processos de formulações de políticas públicas, como a participação em Conselhos Municipais e Estaduais. Um acontecimento recente pode ilustrar uma destas situações tensas: o Camará firmou convênio com a secretaria de Assistência Social da prefeitura do Município de São Vicente no início de 2016. Fomos contratados para executar o trabalho voltado para a população em situação de rua: crianças, jovens e adultos. O trabalho está sendo implementado de acordo com os princípios, diretrizes e objetivos previstos no decreto 7.053 de 09 de dezembro de 2009 da Presidência da República. Trabalhamos em

conformidade com o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) e com as diretrizes do Sistema Único da Assistência Social (SUAS), procurando garantir os direitos civis, políticos, econômicos, sociais e ambientais para população em situação de rua. No primeiro mês de execução deste projeto já ocorreram tensões com a população local e com representantes do poder público, como a guarda municipal. A população que vive uma situação de moradia assegurada tem cobrado de seus governantes uma política higienista de retirada de moradores dos espaços públicos, comprometendo e desrespeitando a democratização do acesso e fruição dos espaços e serviços públicos à população em situação de rua. Por sua vez, a guarda municipal vinha conduzindo suas ações nos mesmos moldes de uma política higienista. Acompanhantes terapêuticos (ATs), que compõem nossa equipe, iniciaram uma conversa com um morador em situação de rua que estava numa das praças da cidade, conversa que se desdobrou num café da manhã na padaria vizinha. A guarda municipal, que pouco antes exigia deste mesmo morador sua saída do local, acompanhou à distância esta outra abordagem. Guarda municipal e profissionais da saúde, pertencentes ao serviço de consultório na rua, mantiveram uma postura de afastamento e expressão de discordância com a aproximação da equipe de ATs. Nossa equipe, posteriormente, se dirigiu a este grupo de profissionais para abrir diálogo, mas não foram conversas fáceis; suas trajetórias parecem indicar modos distintos de conduzir o trabalho.

As ações que o Camará desenvolve compreendem atuação direta em vários eixos estratégicos, como foram categorizados no Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. O enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes foi o marco inicial dos trabalhos da ONG; porém, no decorrer dos anos, o trabalho não mais se restringiu a essa temática, tendo adquirido maior complexidade. A referência aos eixos construída no plano supracitado pode nos ajudar a explicitar uma das mais marcantes características do trabalho do Camará, qual seja, a de articular vários tipos de atuação, pois não somos uma ONG que recorta uma especificidade de fazer. Os eixos categorizados no plano foram assim apresentados: análise da situação, mobilização social, atendimento, prevenção, defesa e responsabilização, e protagonismo juvenil. Comumente os serviços se especializam num dos eixos, o que não é o nosso caso. As ações do Camará incluem acompanhamento dos processos de vida de crianças e jovens, mobilização social em defesa dos direitos das crianças e adolescentes, integração família-jovens-equipe do Camará, promoção de saúde e ações socioeducativas de fomento à participação/protagonismo juvenil. Contribuímos também com o trabalho de defesa e responsabilização social e análise da

situação nas ações desempenhadas nos Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente, da Assistência Social, e da Saúde, por exemplo.

Uma escolha importante que marca as ações do Camará diz respeito à ocupação dos espaços públicos. Ocupamos de fato o território, tendo como foco do trabalho a garantia dos direitos de crianças e adolescentes, incluindo e integrando tudo que está conectado a eles, isto é, trabalhamos com adultos por serem familiares ou com outros adultos por serem moradores do bairro, por exemplo. As ações desdobram-se nos serviços e com os profissionais que compõem o território. Tratamos de questões socioambientais, culturais, de transporte, de educação e de saúde, pois entendemos que a produção de vida acontece em todos estes aspectos. Assim, muito do que pode estabelecer conexões com a infância e a adolescência nos desafia a ser problematizado e cuidado. Uma situação que pode ilustrar esta maneira complexa e inclusiva de trabalhar foi quando abrimos as portas para um homem que há anos perambulava pelo bairro e era tido pela vizinhança como o "louquinho da região".

Ferdinando[1] estava com aproximadamente 50 anos de idade quando o conhecemos: tinha um rebaixamento intelectual e apresentava o corpo marcado pela negligência dos cuidados básicos, roupas sujas, e sem higiene pessoal. A inquietação que nossos jovens tiveram diante da repetida cena de vê-lo caminhando solitariamente e querendo estabelecer conexões se contrapunha à naturalização do olhar dos moradores do bairro e do poder público. Ao acolhermos as inquietações trazidas pelos jovens e abrirmos espaço para questionamentos, novas ações se desdobraram. A visibilidade dada a Ferdinando e às condições em que se apresentava reverberou numa crescente vinculação de Ferdinando aos jovens e ao Camará. Nossos jovens assumiram uma atitude cuidadora. A princípio convidaram Ferdinando a entrar; ele passou então a participar da convivência cotidiana na nossa sede, fazendo parte das rodas de conversas, do lanche e das assembleias. Quando já havia se construído uma maior intimidade nessa relação, inquietações referentes ao asseio pessoal puderam se manifestar. Ferdinando passou a tomar banho na nossa sede; alguns jovens se dispuseram a ajudá-lo. Todo este processo resultou num estreitamento de vínculos. A família de Ferdinando foi identificada e todos passaram a se integrar de algum modo nos trabalhos da ONG.

A princípio, alguns integrantes da equipe questionaram todo o investimento feito, mas no decorrer do tempo nosso coletivo percebeu que, ao acolher Ferdinando, não estávamos perdendo o foco do trabalho com as crianças e adolescentes, mas sim ampliando e qualificando este trabalho. Esse fragmento ilustra o nosso interesse por processos de vida e

1 Nome fictício.

não exclusivamente por aspectos recortados e independentes. Isso diz daquilo que comumente debatemos sobre o que é a metodologia Camará. A experiência de convívio em uma sociedade plural, reflexiva e inclusiva é formativa para todos.

Nossas intervenções são mergulhos na experiência, agenciam teoria e prática num mesmo plano da experiência. (PASSOS e BARROS, 2009) Tal experiência caminha sempre num crescente de complexidade. Nossos grupos problematizam saberes instituídos, tarefa necessária diante dos valores que assumimos, simultaneamente árdua e muito instigante.

A metodologia Camará foi descrita e ilustrada nas palavras de uma ex-estagiária de psicologia, ao reconhecer aproximações do trabalho com a cartografia.

> Ela se aproxima do método cartográfico à medida que suas intervenções são mergulhos na experiência [...]. As ações se dão ali, no cotidiano, em ato. Uma casa pega fogo, uma grávida que tem seu bebê roubado na maternidade, uma vizinha que quer deixar o Camará mais bonito e por isso pinta seus vasos na entrada da sede, uma assembleia no bairro, histórias que vão construindo essa organização, que são Camará. (GALINDO, 2015, p 37)

As iniciativas de sistematização da metodologia Camará estão ainda, a meu ver, bastante descompassadas com o trabalho que ao longo dos anos vem sendo realizado. Percebo esse descompasso não apenas numa determinada linha de ação, mas no conjunto delas. É possível constatar, sob diversos parâmetros, grandes lacunas na apresentação escrita da nossa produção. Se avaliarmos o trabalho a partir das marcas que ele vem imprimindo na vida das pessoas acompanhadas, temos muitos relatos, a grande maioria deles produzidos nos diários de campo e relatórios, mas este material ainda carece de ser organizado para ser disseminado. Se investigarmos as marcas na trajetória profissional, essa pesquisa é o primeiro trabalho realizado. Se escolhermos assinalar as ações que interferem mais diretamente no cenário macropolítico, isso é, os trabalhos de mobilização social, de articulação da rede e fomento à participação infanto-juvenil temos algumas publicações e alguns materiais em vídeo, mas pouco frente a quantidade de iniciativas que sustentamos. Recentemente temos tido uma crescente iniciativa na elaboração de pesquisas e disseminação do trabalho; a presença da Universidade vem fomentando esse processo.

A despeito da frágil comunicação institucional - a pouca produção escrita compartilhada (sistematizada), e um site que por anos ficou desatualizado e desinvestido -, a reverberação das ações no cotidiano, desdobrada nos seus vários âmbitos de alcance, como foi

assinalado, faz com que sejamos conhecidos e respeitados. A ação do Camará é marcante para aqueles que de algum modo foram acessados por ela. Essa consistência nas ações produz importantes desdobramentos. Em reconhecimento às ações de promoção e defesa dos direitos humanos no Brasil, o Camará no ano de 2015 recebeu o Prêmio Nacional de Direitos Humanos conferido pelo Movimento Nacional dos Direitos Humanos (MNDH). Tal prêmio alavancou o reinvestimento de recursos financeiros que desde 2010 havia quase minguado. Essa descontinuidade que ao longo dos anos vivemos em relação aos financiamentos interferem bastante no número de profissionais remunerados vinculados à ONG ao longo de nossa existência, mas nunca abalou os princípios defendidos. Temos um rol de eventuais colaboradores e um número de simpatizantes de grande monta, mas estes são defensores de mesmos princípios e não apoiadores de recursos materiais.

Para encerrar esse tópico que apresenta o Camará me parece importante ainda assinalar que, embora sejamos representantes da sociedade civil, as lutas que o Camará encampa dizem respeito ao fortalecimento do poder público. Nesta dissertação, pela temática abordada, será possível acompanhar marcas de experiências da nossa parceria com a Universidade Pública. O Camará e a UNIFESP - Baixada Santista (com o seu projeto político pedagógico que fomenta uma reflexão contextualizada da realidade e afirma o compromisso com uma educação interprofissional, dando relevância ao ser humano em sua inserção social e ao trabalho em saúde) têm unido esforços, afirmando as políticas de saúde, educação e assistência preconizadas nas diretrizes das políticas públicas.

1.2 A Experiência de Formar pela Experiência: uma metodologia a ser escrita.

A opção por compartilhar questões que por mim forem percebidas, assim como aquelas apontadas pelos meus interlocutores - orientadores e sujeitos participantes deste trabalho, se manterá ao longo dessa pesquisa. Sinalizarei em favor de um processo vivo e interativo. Reafirmo essa escolha para marcar um posicionamento ético, estético e político que norteará esta escrita. Neste trabalho não terei por intuito ater-me a buscar respostas, simplesmente por não acreditar que elas tenham um significativo valor formativo na experiência viva; transitarei por referenciais cartográficos, por se tratar de um aprendizado da própria atenção ao presente vivo que será suscitada pela experiência da pesquisa, que assume

aqui uma dimensão estética; estética porque diz respeito aos processos de criação de realidade. (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009)

> Assumir a cartografia como direção metodológica nos compromete, portanto, com a produção de uma política cognitiva. O conceito de política cognitiva busca evidenciar que o conhecer não se resume à adoção de um modelo teórico-metodológico, mas envolve uma posição em relação ao mundo e a si mesmo, uma atitude, um *ethos*. (PASSOS, KASTRUP e ESCÓSSIA, 2009 p 202)

A preexistência de sujeitos do conhecimento e objetos a serem conhecidos são aspectos problematizados pelos cartógrafos, que fazem duras crítica aos especialismos, na medida em que as especialidades apresentam seus objetos bem definidos. A cartografia aposta na transdisciplinaridade e, principalmente, na relevância da experiência, no sentido da inscrição corporal do conhecimento, aspectos esses de grande interesse para esta pesquisa.

Não obstante as considerações feitas no primeiro parágrafo, não pretendo apenas trazer indagações, mas este texto traz no âmago o desejo de se tornar provocativo para o leitor, convidá-lo a "pensar com", não apenas "pensar sobre". Afinal, a aprendizagem da atenção em uma política de cognição inventiva, a qual iremos abordar, deverá ser tomada como transversal a esse nosso percurso. A proposta que faço é que a experiência possa sempre ser investigada em ato e não apenas no que diz respeito ao seu conteúdo.

Acredito que aqueles que pelo tema "formação baseada na experiência" tenham anteriormente se interessado possam ter estranhado o resultado ao buscarem leituras sobre o assunto. Digo estranhado recuperando o sentido de uma inscrição corporal do conhecimento, algo que se manifesta sem palavras, nos inquieta e pode nos conduzir a pensar.

Não me refiro apenas ao restrito número de textos e artigos. A escassez bibliográfica não deveria trazer maiores assombros, uma vez que o saber da experiência não parece ser o mais relevante numa cultura na qual a formação hegemônica está pautada nas especialidades, com ênfase no caráter informativo, com direções verticais da transmissão do conhecimento.

Refiro-me, entretanto, a outro aspecto. Algo que, a meu ver, se apresenta na relação forma/conteúdo da escrita. Nas leituras que até então fiz, foi comum encontrar um descompasso na relação forma/conteúdo. As apresentações excessivamente sistematizadas comprometeram, sob meu ponto de vista, a organicidade necessária para que as experiências fossem expressas. O apreço e importância que estes poucos textos atribuíram ao valor da experiência muitas vezes não me pareceram condizentes com a forma de desenvolver o tema.

Ao me debruçar nas leituras tive a impressão de que muitos destes escritos subtraíram do leitor a potência de se viver uma nova e outra experiência, isto é, a experiência de ler e ser afetado, não apenas informado.

Com honrosas exceções percebi que os textos acadêmicos que buscavam apresentar as experiências, majoritariamente, tomaram as palavras - que dão apoio à construção das frases e os desencadeantes da estrutura formal do texto - por palavras objetificadas, recorrendo com frequência a abstrações e impessoalidades. Tive por propósito me afastar deste caminho.

Procurei construir outros itinerários para tratar das questões da formação. Vicentin (2006) traz o aprendizado como experimento, aquilo que faz vibrar a sensibilidade, não o experimentalismo no sentido positivista.

"A experiência é um pensar que não economiza ações. É um pensar-fazendo, uma forma de conhecer encarnada, corporificada e não entendida apenas como processo mental." (VICENTIN, 2006 p 113)

Tendo em vista estas inquietações e o desejo de investigar a partir da minha trajetória na ONG Camará as experiências de formação que têm se desdobrado no trabalho, passei a buscar com afinco mais textos que pautassem essa temática. Da estagnação que a surpresa inicial me provocou, ao encontrar uma "assepsia" e uma "aridez" na maneira como os textos eram apresentados, encontrei estímulo para prosseguir levantando questionamentos sobre o tema. Digo aridez porque pouco identifiquei de vida nos relatos apresentados. Como Guattari (1992, p. 201) também penso que: *"*Um conceito só vale pela vida que lhe é dada".

Arrisco dizer que a forma ou talvez a falta de estilo próprio usado para apresentar as experiências me distanciaram do interesse em querer conhecê-las, ou melhor, de poder ser tocada por elas. Tais questões me trouxeram outras indagações: "de que modo os tipos e gêneros textuais podem estar comprometidos com o tema que se quer abordar?"; "o que é um estilo próprio?"; "escrever, ou ler, podem ser compreendidos como sendo uma, ou uma outra, experiência?"; "um determinado ordenamento textual poria em risco a integridade daquilo que se desejaria expressar?"; "uma teoria pode ofertar uma experiência?". Algumas destas questões se desdobrarão e se articularão com essa pesquisa, outras ficarão aqui expostas para futuras investigações.

Acredito que muitas vezes os escritos podem facilmente tornar o leitor apenas cônscio de pensamentos ou ações apresentadas, sem criar uma "ambiência" entre o texto e o leitor capaz de favorecer o leitor a se tornar um co-criador de novas ações, ou ainda, um interlocutor vivo e ativo daquilo que leu. Certamente tais questões se fizeram presentes por me encontrar

diante da tarefa de produzir uma escrita e querer dar sentido e movimento a ela, ou seja, convidar o leitor para apreender o que está sendo dito de forma encarnada.

Prosseguindo num movimento indagativo, lanço a pergunta: como um texto que visa a valorização da experiência pode se exprimir sem trazer no âmago de si a vida? Arrisco: usando palavras que se desenraízam da vida?

Se for mesmo de vida que é feita a experiência, não me parece interessante tirar das palavras e dos textos suas imprecisões, suas incertezas e surpresas. Remeto, aí, a Safra (2008) quando diz das palavras quebradas, palavras que são irmanadas com a arte. A palavra quebrada é aquela palavra que teve seu sentido originário rompido; a pessoa dá a ela um sentido que ela jamais teve. É, por excelência, a emergência do poético. Safra também aponta a palavra quebrada como expressão do paradoxo. Penso que talvez as palavras quebradas possam ser usadas numa escrita para dar respiros, podendo permitir uma comunicação mais encarnada. Evocando a vida e o corpo, sinalizam o campo das forças que mais adiante iremos abordar.

Assim, a partir de todas estas indagações brotou a ideia de iniciar a pesquisa solicitando aos participantes a escrita de narrativas. Ademais eu própria já havia sido convidada, ao cursar uma disciplina do mestrado profissional, a escrever uma narrativa contando uma cena do trabalho que havia deixado marcas. Esta minha experiência de escrita foi profundamente inspiradora para a metodologia por mim proposta.

As narrativas apresentam uma historicidade, nelas se expressam um começo, um meio e um fim. Elas permitem que qualquer história possa ser contada, exatamente por sustentarem essa temporalidade, por contemplarem fluxos e processos. Relembro agora um pensamento da filósofa política alemã Hannah Arendt que muito me agradou: “Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”. Tal lembrança acessou algo que ouvi ao acompanhar um seminário de justiça restaurativa. Espero que a informalidade da lembrança não comprometa o uso desta frase neste trabalho.

Acredito que a potência de dar lugar para a emergência das entranhas da condição humana está contemplada pelo estilo textual das narrativas. Elas dão liberdade para uma expressão singular, rasgada ou contida, conforme a escolha de cada narrador.

A solicitação da escrita das narrativas teve por intenção dar aos autores, sujeitos da pesquisa, a possibilidade de escolherem e contarem suas experiências de maneira pessoal, com suas notas intensivas. As metáforas e as interjeições puderam ser usadas com muita liberdade. Construí também uma segunda etapa metodológica visando garantir aspectos coletivos e reflexivos da experiência. A discussão participativa foi afirmada pela metodologia

da roda de conversa. Este processo foi feito apenas após todos terem tido a oportunidade da leitura das narrativas de cada um dos participantes.

Aproveitarei esse contexto para contar alguns aspectos da metodologia utilizada. Na segunda etapa da pesquisa iniciamos a roda de conversa lendo conjuntamente um texto no qual apresentei dois conceitos-ferramenta que construí após ser tocada pela leitura das narrativas. Se inicialmente eu vislumbrava a possibilidade de construir categorias de análise para ajudar a fomentar a discussão, após a leitura das narrativas fui inspirada a trazer conceitos-ferramenta advindos da arte. Escrevi um texto que foi disparador para a análise coletiva produzida na roda de conversa. Este texto está incluído no corpo dessa dissertação, assim como as narrativas de todos os participantes e a minha própria conforme apresentarei posteriormente. Nesse escrito os conceitos de planos de formas e forças, advindos da cartografia, deram sustentação para a apresentação da experiência comum presente nas referidas marcas. Uma terceira etapa foi realizada; tratando-se de uma análise de todo o processo de pesquisa, na qual fragmentos significativos das narrativas, da análise coletiva da roda de conversa, da memória da pesquisadora e a própria experiência na escrita deste trabalho foram discutidas e balizadas pelos conceitos-ferramenta apresentados.

1.3 FORMAÇÃO: afinal… de que formação estamos tratando?

Por uma escrita não catequizada

Se no final do tópico anterior apresentei uma síntese da metodologia da pesquisa - digo síntese, pois alguns outros aspectos ainda esperam para oportunamente serem expostos - nesse tópico darei destaque à metodologia da escrita da pesquisa. Metodologia às avessas, um *hodos* meta, porque não apontou para um caminho pré-definido, como sinaliza a etimologia da palavra metodologia. Meta: através de, por meio de, e *hodos*: via, caminho.

Ter me deparado com questões da escrita me parece que foi algo necessário, foi muito mais do que uma escolha. Foi uma descoberta por não querer apenas discutir sobre a temática que envolve experiência e formação, mas fazer corpo com o leitor e o tema. Essa necessidade se afirmou não apenas por ter sido afetada pelo trabalho, isso é imprescindível, mas principalmente por ter dado passagem àquilo que não sabia e ainda não sei. Se as certezas são reiterativas, são as dúvidas, os incômodos, que nos põem em movimento. Abandonei o controle e o julgamento e me permiti assumir uma postura distraída, isso é, abri o foco, passei

a enxergar facetas do processo que estavam no fundo daquilo que foi recortado como objeto da pesquisa. Descobri com Kastrup (2004) que a distração é muito interessante para o cartógrafo, pois ela amplia a consciência, produzindo uma concentração sem um foco estreito. Distração é muito diferente de dispersão: na dispersão não existe concentração, mas, na distração, sim.

Todo esse processo se compôs com uma das perguntas norteadoras dessa pesquisa: Como se dá uma formação enquanto uma experiência viva e coletiva, composta de processos constitutivos de posições ético-políticas singulares?

Percebo que ao menos duas questões permaneceram, até então, concomitantemente apresentadas nesta pesquisa: investigar as marcas de experiência no processo formativo, e indagar sobre as maneiras de apresentar esta experiência - na qual o próprio compartilhamento textual foi posto em questão. Embora ambas tivessem um potencial para conduzir o trabalho a caminhos absolutamente distintos, isto é, abrir outras linhas de pesquisa, foi a intersecção delas que me interessou pensar e apresentar.

As questões referentes à forma da escrita não foram apresentadas com o propósito de servirem como um novo viés investigativo. Inseri esta problemática com o intuito de convidar o leitor a checar os argumentos da pesquisa pela sua própria experiência, ou seja, não apenas avaliar aquilo que foi descrito sobre as experiências dos sujeitos participantes. Acredito que assim fazendo, o sentido de experiência viva possa ser melhor investigado. Penso que, ao trazer esta proposta, abro a possibilidade de tomar a própria dissertação como um processo, e não apenas como um produto, alinhando esta escrita aos princípios da cartografia que, como já foi apresentado, me são muito caros.

Trago a questão da escrita por ser aquilo que nos une neste momento (pesquisadora/leitor). Se a nossa conexão estivesse sendo estabelecida, por exemplo, num encontro presencial, com uma aproximação de corpos, outros aspectos estariam sendo convidados por mim a serem merecedores de atenção, como: o olhar, a voz, as pausas e assim por diante. Utilizei a expressão encontro presencial, mas a palavra presença pode ser inscrita sob outras conotações - presença não apenas como materialidade dos corpos, mas também com um estado distinto de atenção. Este estado de atenção foi investigado nesta pesquisa, pois foi a partir dele que reconhecemos as marcas, e com elas uma aprendizagem singular e inventiva.

Se até então argumentei elucidando algumas facetas da experiência viva, trazendo-a para o aqui e agora, me parece necessário abordar ainda os aspectos que nortearam esta experiência formativa, ou seja, pensar como acompanhar a formação guiada por uma bússola

ética. Essa bússola seria um norteador dos processos constitutivos de posições ético-políticas singulares, como foi enunciado anteriormente.

Para prosseguirmos, proponho arriscarmos a partir de uma escrita que se entremeará na tessitura de muitas interlocuções, sem o habitual ordenamento textual. É isso que estou nomeando de uma escrita não catequizada, pois ela funcionará alternando diferentes registros temporais e espaciais. Este escrito transita por planos diferentes que se intercalarão durante todo o processo desta dissertação. Ora estaremos conectados tendo a experiência presente da leitura balizando as reflexões, ora proporei resgatar o ato (pensamento/ação) apresentado e representado a partir de conceitos e narrativas trazidos por outros: como conceitos advindos da cartografia e as narrativas e considerações dos participantes da pesquisa.

Construiremos um espaço híbrido, no qual as questões se deslocarão no tempo e espaço. Teremos uma escrita "suja", como cheguei a ouvir e concordar. Denominaria de uma escrita poluída, digna de um pesquisador in(mundo) [2].

Certamente isso nos trará instabilidades e desconfortos, mas acredito serem estes inevitáveis tendo em vista a natureza do tema proposto por essa pesquisa. Os campos de formas e forças são assim. Trataremos disso em capítulos subsequentes.

2 Conforme GOMES, M. P. C., MERHY, E. E. (orgs). **Pesquisadores IN- MUNDO:** Um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental. Porto Alegre: Rede UNIDA. 2014.

2 PISTAS PARA O SUJEITO DA EXPERIÊNCIA

O conceito de experiência, um dos balizadores dessa pesquisa, carece de ser indagado. Utilizarei para tanto alguns autores contemporâneos, que contribuíram com a construção desse conceito e consequentemente para essa investigação.

Agamben inicia um de seus ensaios com uma provocativa questão: "Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer." (AGAMBEN, 2005, p.21). Neste ensaio, Agamben apresenta considerações sobre o desmantelamento da experiência na modernidade. Segundo o autor, Walter Benjamin, em 1933, já havia diagnosticado essa pobreza da experiência. Benjamin atribui aos efeitos da guerra mundial esse empobrecimento experiencial. A existência de uma catástrofe não mais se faz necessária para que atualmente nos deparemos com a destruição da experiência, assim conclui Agamben: "[…] a pacífica existência cotidiana em uma grande cidade é, para esse fim, perfeitamente suficiente." (AGAMBEN, 2005, p.21)

Se pararmos um pouco para perceber o que vem acontecendo no mundo atual podemos nos dar conta de como, muitas vezes, nos sentimos afoitos frente aos inúmeros afazeres que as exigências contemporâneas nos impõem; somos bombardeados por informações que acessamos numa velocidade estonteante, vivemos, muitas vezes, alijados dos saberes do corpo e guiados por uma lógica de domínio e controle, ativada pela razão instrumental. Nos tornamos zumbis, sonambulando pelos espaços. Este cenário aponta para o esvaziamento da possibilidade de se ter uma experiência.

Agamben (*op.cit.*), seguindo uma linha crítica e provocativa, considera que é o comum, o cotidiano, que pode vir a sustentar a experiência e não o extraordinário. Diz também que o correlato da experiência é a autoridade, e não o conhecimento. Assinala que a autoridade hoje em dia se apresenta frágil e duvidosa, e o conhecimento representa o lugar de captura da experiência pela ciência moderna. Em suas palavras:

> Porque a experiência tem o seu correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência, e se dela dispõe, nem mesmo aflora a ideia de fundamentar na própria experiência a própria autoridade (AGAMBEN, 2005, p.23).

Em seu texto o autor assinala algumas características da sociedade contemporânea que ilustram seu ponto de vista. O autor convida-nos a observar como nos dias de hoje o *slogan* vem ostensivamente tomando o lugar do provérbio, dos contos e narrativas. O *slogan*, ou seja, a frase que apresenta o conceito de um produto aparece, atualmente, substituindo o provérbio. Ou melhor, o *slogan* representa o provérbio moderno, isto é, apresenta uma humanidade que perdeu a experiência. Os provérbios, ou seja, os ditos populares que transmitiam o conhecimento comum, apresentavam uma maneira da experiência ser colocada como autoridade, segundo o autor. Nesta pesquisa que hora desenvolvo afirmaria que no contemporâneo, se não nos chafurdarmos em deplorações, poderemos, quiçá, acessar germes de experiências futuras. Este é o caminho que pretendo seguir, ou seja, resistir a cair em um fatalismo, que temo ser inoperante.

No mesmo texto o autor também discute o quanto a expropriação da experiência já estava implícita no projeto fundamental da ciência moderna: "A experiência, se ocorre espontaneamente, chama-se acaso, se deliberadamente buscada recebe o nome de experimento." (AGAMBEN, 2005, p.25) Foi apenas a partir da ciência moderna que experiência e ciência passaram a compor um único campo, o campo do conhecimento. Antes da ciência moderna a experiência pertencia ao senso comum e a ciência se afirmava no intelecto que, como agente único e separado, realizava o conhecimento. Foi à busca pela certeza que fez com que a ciência moderna extinguisse a separação entre experiência e ciência. Experiência passou então a ser o caminho, o método, igualada assim ao experimento. Agamben, porém, faz alguns apontamentos ao se referir a esta junção ciência/experiência:

> Mas, para fazer isso, deve proceder a uma refundição da experiência e a uma reforma da inteligência, desapropriando-as primeiramente de seus sujeitos e colocando em seu lugar um único e novo sujeito. Pois a grande revolução da ciência moderna não consistiu tanto em uma alegação da experiência contra a autoridade [...] quanto em referir conhecimento e experiência a um sujeito único, que nada mais é que sua coincidência em um ponto arquimediano abstrato: o ego cogito cartesiano, a consciência. (AGAMBEN, 2005 p.28)

A experiência, que anteriormente apresentava conexões com a mística, perdeu este sustentar. Agamben afirma que, diante desse contexto, uma crítica da mística, da alquimia, da astrologia deve necessariamente implicar numa crítica da ciência. "[...] somente o restabelecimento de uma dimensão na qual a ciência e experiência encontrassem

individualmente o seu próprio lugar original poderia levar a uma definitiva superação da oposição racionalismo/irracionalismo.” (AGAMBEN, 2005, p.30)

Refazer este percurso histórico, no qual recuperamos a noção de experiência ao longo do tempo, tem dado algumas pistas a essa pesquisa. A princípio, imaginei apenas tratar da experiência de maneira bem distinta ao experimento, entendendo este último como representante de algo dirigido e controlado. Percebo que não basta reiterar a distinção entre experiência e experimento, tampouco bastaria atribuir ao conceito de experiência o sentido de uma ação espontânea, ou seja, como uma forma de conhecimento vivencial e abrangente, distinta do experimento. É importante perceber que nem tudo que corresponde a uma ação espontânea deva ser tratado como experiência; aliás, o próprio ato de associar experiência à necessidade de ação será posto em questão nesse trabalho.

Em tempos anteriores à ciência moderna, tempos nos quais a experiência não estava fusionada à ciência, a experiência conferia ao sujeito um saber que lhe era outorgado pelo padecimento, um *páthei máthos*, uma aprendizagem no e pelo padecer, no e por aquilo que acontece. Esse saber não correspondia à busca da verdade do que são as coisas, mas do sentido, ou do sem sentido do que nos acontece. (BONDÍA, 2002)

Loureiro (2015) dialogou com os mesmos autores que me propus a dialogar e destacou um aspecto que também me é muito caro. A autora apresenta o resgate da dimensão do risco e da incerteza que a noção de experiência sustenta. Assim, a noção de experiência aqui tratada apresenta um papel avesso ao qual se presta à ciência, pois essa última tem por intuito fazer afirmativas e busca afastar as incertezas e os riscos do seu campo investigativo. “Tais conexões históricas entre experimento e experiência já indicam algo fundamental: a tentativa de eliminar as dimensões de incerteza e de risco etimologicamente inerentes à noção de experiência.” (LOUREIRO, 2015, p.2)

Bondía (2002) ao apresentar um resgate etimológico da palavra experiência, buscando no latim, no grego e nas línguas germânicas suas origens, constatou que, em diferentes culturas, tanto no radical da palavra, como nas suas derivações prefixais, estavam contidas a dimensão de travessia e de perigo no conceito de experiência. Assim, o risco e a incerteza foram dando pistas para o nosso trabalho. Embora o próprio Bondía prefira apresentar o seu trabalho como um trabalho exploratório, conduzido a partir das origens das palavras, por acreditar que as palavras produzem sentidos e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação, recortei aqui sua explanação para que sirva ao propósito dessa escrita.

Uma das observações feitas por esse autor recai justamente em algo que acima assinalei: ele problematiza o fato do homem se relacionar com o acontecimento do ponto de vista da ação. Se referindo ao homem moderno, diz: "Sempre está a se perguntar sobre o que pode fazer. Sempre está desejando fazer algo, produzir algo, regular algo" (Bondía, 2002, p.24). É porque não podemos parar que nada nos acontece. Gosto sobremaneira quando o autor recupera o sentido da palavra experiência em diversas línguas. Em espanhol é *o que nos passa*; em português é *o que nos acontece*; em francês, *ce que nous arrive*; em italiano, *quello che nos sucede* ou *quello che nos accade*; em inglês, *that what is happening to us*; em alemão, *was mir passiet*.

> A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, não o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (BONDIA, 2002, p.21)

Isto posto, uma pergunta que sucede é: quem seria então o possível sujeito da experiência? Essa questão abre para modos de ser e fazer que foram dando respaldo para o tema desta pesquisa; afinal estamos resgatando as marcas de experiências. Talvez até mais do que modos de ser e fazer, modos de instaurar, como sugere Pelbart (2014). Instaurar significa menos criar pela primeira vez do que estabelecer. Estou chamando de sujeito da experiência aquele que é marcado, que se vê atravessado por um acontecimento. Como disse Bondía (2002) o sujeito da experiência é um território de passagem, algo como uma superfície sensível na qual aquilo que afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.

O sujeito da experiência pratica errâncias, saídas para os espaços urbanos sem uma intenção, sem uma direção predefinida; sai à deriva, isto é, está atento àquilo que se desdobra a partir de, simplesmente, estar aberto.[3] O sujeito da experiência se inscreve pela sua passividade; ele se inscreve por sua disponibilidade, por não estar diretamente impulsionado a responder a um certo fazer:

> (...) trata-se, porém de uma passividade anterior à oposição ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma

3 O sujeito da experiência está atento e presente. Temos interessantes investigações de experiências corporais na cidade em JACQUES, P. B. Corpografias urbanas. **Arquitextos.** 093. 07. fev 2008.

> receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDIA, 2002, p.24).

A descrição de Bondía muito se assemelha ao estado devocional que Winnicott atribui à mãe por ocasião do nascimento do bebê, mas penso que não é exatamente isso que o autor traz. Pois Bondía amplia esta atenção às coisas do mundo, não me parecendo se tratar exclusivamente de uma disponibilidade ao outro. É uma abertura para perceber qualquer coisa, o próprio corpo, as conexões com os espaços, com as pessoas e coisas do mundo animado e inanimado. Penso que talvez ele esteja se referindo a coisas que adquiriram estatuto de formas, mas não apenas, também entendo que inclua os campos de forças, como mais adiante iremos discutir.

Bondía propõe que façamos um movimento de desaceleração e tragamos uma presença viva e atenta para as coisas do mundo; assim, quem sabe, a experiência não se destruirá.

> A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDIA, 2002, p.24).

Entendo isso como a possibilidade de se ater ao tempo como integrante da corporeidade, não o tempo cronológico, biográfico, mas o tempo no qual as ações se desenrolam, ações ativas ou passivas. Vejo isso como o tempo do acontecimento, no qual a situação atual nasce nesse presente. Safra (2008) relata que Winnicott, a partir do artigo: *A observação de bebê em uma situação estabelecida* (1941), no qual apresenta o conhecido jogo da espátula, assinalou que o ser humano é tempo, não está no tempo. O homem é tempo. A mesma relação com o tempo será descrita quando, mais à frente, apresentarei conceitos que deram sustentação à pesquisa. Ao tratar dos campos de forma e força, apresentarei o trabalho da artista plástica Lygia Clark, *Caminhando* (1964). Lygia Clark juntamente com Hélio Oiticica e Lygia Pappe trouxeram para o cenário nacional a escolha de se afastar de uma postura contemplativa e trazer a arte para a vida, exercida numa experiência relacional,

ativando a interação sensória com pessoas e objetos. A partir de considerações de Rolnik (2014), essa subversão da lógica contemplativa da obra de arte produziu como um dos efeitos a percepção de que o tempo é forma. A obra *Caminhando* deixa de ser uma forma no tempo como tantas outras obras de arte o são. Ela não é apenas a concretização advinda da ação de cada pessoa, o que já é bastante revolucionário, mas ela é, acima de tudo, uma experiência que, além de depender das proposições de cada um, acontece no processo, em estado de gerúndio.

A questão referente às diversas formas de se relacionar com as coisas do mundo - se ela se desdobrará em posturas objetificadas, podendo até ser contemplativa, ou se ela se desdobrará numa postura que enseja numa relação sujeito-sujeito -, me aproximou da maneira como o pragmatismo concebe e valora a experiência. Segundo Bezerra Junior (2008) a filosofia, a preponderância ofertada ao valor da experiência ganhou força com o pragmatismo de John Dewey e William James. Eles entendiam que a filosofia deveria estar voltada para transformação da realidade numa relação igualmente interativa como os artistas supracitados se posicionaram.

> Eles queriam tirar a filosofia do campo da contemplação de verdades eternas ou dos fundamentos absolutos, trazendo-a para o campo da ação, da vida comum, da exploração existencial e da reforma da sociedade e suas instituições. (BEZZERA JR., 2008, p.204)

Dewey e James procuram utilizar metáforas com fluxos para definir experiência, afastando-se da concepção idealista na qual experiência se confunde com um mergulho introspectivo. Para eles, em contraste com Bondía, a experiência é prospectiva e ativa: “Diz respeito ao âmbito da relação imediata, ativa e multidimensional do indivíduo no ambiente físico e humano, no qual está estruturalmente ancorado.” (BEZZERA JR., 2008, p.206)

Para os pragmáticos a experiência é sempre situada, histórica e culturalmente, não podendo ser apreendida por abstrações genéricas. Ela é sempre singular e coletiva, pois está sustentada numa miríade de interrelações com objetos e pessoas. Bezerra Jr. assinala uma dupla dimensão da experiência na concepção de James e Dewey.

> Finalmente, a experiência implica ou abarca uma dupla dimensão: a experiência tida ou vivida (*had*, nos termos deweyanos) - aquilo que efetivamente é experimentado

> ou vivido - e a experiência conhecida (*known*), ou pensada, concebida, ou o modo como somos capazes de apreendê-la com palavras; ou seja, o campo da experiência imediata, não discursiva, extralinguística, e o campo da experiência reconstruída pela linguagem, pela teia de significações que a cultura compartilhada põe à disposição dos indivíduo. (BEZZERA JR., 2008, p.206)

A corrente pragmática da filosofia afirma que o objetivo desta não é a constituição de uma fundação sólida para o conhecimento, mas a criação de formas mais ricas de existência. Essa maneira com a qual o pragmatismo apresenta alguns posicionamentos diante de questões da vida também acolhe meu modo de pensar e agir no mundo.

Tendo esses elementos norteadores, no próximo tópico apresentarei aspectos advindos da minha experiência nesta pesquisa e no trabalho do Camará. Eu como sujeito da experiência.

2.1 Eu, camarada

Iniciarei este escrito das marcas recentes para posteriormente ilustrar com algumas situações que apresentam o trabalho do Camará a partir das minhas experiências. Assim, tomarei alguns dos efeitos do exame de qualificação como a marca mais recente.

Uma das coisas que ouvi durante a qualificação foi: "*Não aparece você* ".

Novamente uma questão pertencente ao campo do reconhecimento se reatualizou em mim; desta forma, escutei o que me foi dito e atentei aos efeitos do ecoar dessa frase no meu corpo. Dessa vez, ao menos, percebi que poderia encontrar um solo fértil para prosseguir e não travar. Solo me parece uma boa metáfora, pois reporta à imagem da terra, um lugar menos instável num oceano de intensidades, e também, me fez evocar a figura do artista, dançarino ou músico. Um artista, quando executa um solo, traz consigo muitas outras presenças. Diria que, sem a experiência de solitude, isto é, sem a possibilidade de guardar dentro de si a presença de muitos outros, o trabalho solo do artista não encantaria o expectador.

O quão longe ou próxima do assinalamento feito na qualificação, agora reverberando em mim, estou, não mais importa. Certamente ele era de outra ordem, mas isso não tem importância. Por certo o que se passa com alguém que escreve ou enuncia algo jamais saberemos; nos relacionaremos sempre a partir de algo que se produz no entre. Entre falas, entre textos, guiados por nossa história. Bem, essa fala me tocou profundamente, me tocou

principalmente porque ali, naquele momento da qualificação, no qual também reconheço como um espaço de troca, após ouvir professores que fizeram uma leitura cuidadosa e interessada do texto, um outro solo se construiu. Desta vez, entremeada de sensibilidades e sementes de potências, sustentadas pela presença viva das pessoas implicadas e pela confiança na postura ético-política afirmada na trajetória de cada participante.

Acredito que nada mais apropriado para se iniciar e produzir uma análise de implicação do que partir de algo dessa natureza, algo que traga em si um germe de potência, algo que emerja exatamente daquilo que nos desconcerta, algo que faça reverberar inquietações no nosso íntimo para que, quem sabe, de alguma forma, novos pensamentos, novas ações possam ser engendradas.

No silêncio ensurdecedor que gritava dentro de mim pude distinguir duas possíveis enunciações: "Você não aparece" e "Não aparece você". Isso tudo é tão estranho e, paradoxalmente, tão familiar. Estranho porque me vejo reiteradamente me posicionando de maneira muito rasgada e singular, seja através das minhas falas ou mesmo na minha escrita, mas também é absolutamente familiar, porque atravessa minha história de vida, aparece em contextos de âmbitos muito diferentes. Um outro assinalamento, assim tão certeiro, me parece impossível de alguém conseguir fazer novamente.

Percebi que nas bordas do estranho/familiar foram se construindo sentidos diversos para cada uma dessas enunciações. Semanticamente diferenciar estas duas frases poderia ser objeto de investigação e reflexões, mas não aprofundarei o tema nessa direção, afinal, nesse contexto, basta tomá-las como um elemento disparador para discorrer sobre a minha relação com o Camará e com essa pesquisa. Simplificadamente, apenas direi que a frase "não aparece você" está me dando a oportunidade de explanar aspectos preciosos sobre minha concepção de cuidado e presença, aspectos esses intimamente associados à clínica e à relação ensino-aprendizagem apresentada nessa pesquisa. Quanto à hipotética frase "Você não aparece", esta sim, poderia me manter inerte frente a invisibilidade que todos os seres humanos temem se defrontar diante da existência e que, certamente, também me aterroriza e poderia me paralisar. O sofrimento existencial ante a invisibilidade não receberá grandes destaques nessa escrita, tratam-se de aspectos que não serão aprofundados neste contexto. Mas espero também que ele não seja, por mim mesma, colocado totalmente de canto e nem tampouco sirva como amarra para dificultar este caminhar. Atribuo ao sofrimento um valor inestimável, em muito me desagradam as artimanhas que a sociedade ocidentalizada contemporânea produz visando tamponar o sofrimento; a medicalização excessiva pode ser apenas um exemplo do que

acredito fazer produzir nas pessoas um “borramento” existencial. Mas, avançar com estas questões nos distanciaria, por demais, do propósito dessa escrita.

Encontrei boa parte da motivação para escrever esta pesquisa no desejo de dar algum tipo de forma, forma escrita, forma que permitisse o compartilhamento, dar forma a coisas que para mim ficavam um tanto sem nome. Dar forma a que exatamente? Pergunta que constantemente me “zumbeia” o ouvido. Depois de muito andar, e após ser marcada por essa última experiência, faço crer que seria dar forma a aspectos que abrangessem a natureza do trabalho de sustentação, seja na construção da experiência, da subjetividade ou da formação. Devo seguir esta pista por me reconhecer como alguém que exerce um trabalho pautado na sustentação. Segundo Winnicott (1990a), essa sustentação, fortemente elucidada pelo conceito de *holding*, é permeada pela invisibilidade. Uma casa se constrói a partir de alicerces que, quase sempre, não estão expostos, mas, mesmo assim, eles não deixam de ter sua materialidade. Os processos formativos também precisam de alicerces, mas sua materialidade é de uma outra natureza. Por meio da pesquisa investiguei a construção das marcas de experiências, tendo os conceitos de planos de forças e formas como apoio. As experiências que marcaram cada participante foram plurais, e serão apresentadas ao longo dessa dissertação, mas identifico que, no processo que se instaurou com a pesquisa uma outra faceta do trabalho - que até então vinha se apresentando de maneira velada - agora passou a exigir passagem. Estou falando da sustentação.

Questões dessa natureza dizem muito de mim: dos meus interesses, do meu modo de ser e, sobretudo, para focar nesta pesquisa, da minha prática profissional. Poder distinguir e encontrar meios de comunicar de que forma o trabalho de sustentação acontece é por onde agora vou discorrer.

Tratarei aqui, neste tópico, de questões que se atualizam no trabalho do Camará a partir desses dois elementos, sustentação e invisibilidade, aspectos que dizem respeito a uma faceta da clínica, um modo de participar e fazer parte das coisas do mundo na qual é necessário reconhecer e sustentar a invisibilidade. Além dos livros, artigos e ensaios escritos por autores que se inserem no campo da cartografia, como serão apresentados nos capítulos subsequentes, foi também com Winnicott, muito particularmente a partir de aulas do prof. Gilberto Safra e da participação em grupos de estudos coordenados pelo prof. Walter Moure, que tenho encontrando respaldo para poder nomear e compartilhar algo que já aparecia no meu fazer e precisava ganhar o estatuto de ser nomeado. Penso que só quando encontramos palavras é que as experiências podem ser sedimentadas, podem ser indagadas, enfim,

pesquisadas. Destacaria a importância de acolher as dúvidas e as incertezas em todo esse processo.

Primeiramente proponho fazer distinções nomeando alguns pares de opostos que costumam ser familiares ao se tratar de questões da invisibilidade: aparecer/não aparecer; estar presente/não estar presente; postura intencionada/abandono. Se os mantivermos como pares de opostos, num registro binário, perderemos toda complexidade do tema e ficaremos distantes de novas compreensões. Proponho quebrarmos essa lógica binária de apresentar as coisas como pares de opostos.

Entendo que muitas possibilidades podem ser derivadas da compreensão de redes, de rizomas que abram questões em vez de restringi-las. Por um observador externo à ação de sustentação, pela sua natureza invisível, pode ser enxergada como uma postura de abandono diante de uma situação, o que pode estar absolutamente distante do processo que se desenrola. Aquele que vive a experiência de encontrar sustentação também, na maior parte das vezes, não enxerga a presença do outro que o sustentou, a pessoa não aparece, mas tampouco vive uma sensação de abandono. Veremos isso com mais cuidado a partir de ilustrações de práticas cotidianas do trabalho no Camará e da teoria winnicottiana. Antes, apenas, gostaria de aproveitar o próprio mote que desencadeou esse tópico para destrinchar ainda mais essa temática, partindo do mais próximo, do mais recente, como anunciei no primeiro parágrafo. É comum na clínica que executo usar a situação mais próxima e significativa para dela me interrogar. Em última instância acredito que seja isso que dê sentido ao conceito de experiência viva que tanto me agrada.

Volto ao dia da qualificação visando tirar melhor proveito dessa situação mobilizadora. Após a finalização do encontro ouvi do meu orientador um comentário dizendo que o modo como se deu a qualificação não foi comum. Certamente sua fala teve por base outros tantos trabalhos que ele próprio já acompanhou. Não tendo eu parâmetros para concordar ou discordar quis saber mais do que estava sendo assinalado. Disse-me ele que normalmente são os aspectos metodológicos da pesquisa que são frequentemente apontados. No entanto, a banca havia levantado muitas outras coisas interessantes, aspectos que compunham com o conteúdo daquilo que estava sendo tratado. Não sei se entendi bem o que foi apontado, mas passarei a tomar esse assinalamento como objeto de reflexão, agregando a ele a frase: "*Não aparece você*". Passei então a pensar nesses dois aspectos como estando correlacionados.

Dentre tantas correlações que poderiam ser feitas há especificamente uma delas que acredito que venha a contribuir com o tema que me propus desenvolver. Minha hipótese é que

a tal “invisibilidade” é um efeito de uma ação de sustentação provocada pelas características do meu modo de escrever. Para melhor esclarecer: tive o privilégio de receber as anotações feitas, no meu próprio texto, por uma das professoras integrantes da banca. Ali identifiquei coisas que haviam sido escritas por mim de forma não sistematizada, que foram sistematizadas posteriormente pela professora. Acredito que esse seja um dos aspectos assinalados pelo orientador como não costumeiro. Eu acho que eu apareço muito no texto, mas não de uma forma explícita, mas por meio do modo como escrevo: ele guarda uma intencionalidade. Uma intenção de favorecer a construção singularizada em cada leitor. Gosto de uma escrita mais orgânica, entremeada por diferentes registros temporais como já explicitei; ela me apresenta melhor, apresenta um modo de exercer uma postura de sustentação não explícita: ela carrega no bojo uma invisibilidade.

A mesma professora me presenteou duas vezes, primeiro com suas anotações e posteriormente compartilhando sua percepção de existir uma ausência da Viviane no texto, abrindo desta maneira caminhos para estas reflexões. A professora, enquanto leitora, pôde tomar o texto para si, teve uma experiência própria, fez corpo com. Não achou a Viviane, mas encontrou um caminho potente e singular. Nada mais alinhado com o propósito dessa escrita como essa situação. Na introdução dei ênfase exatamente a este aspecto, qual seja, o de produzir experiências vivas.

A experiência da qualificação foi composta por diversas outras cenas. Não se trata de procurar méritos ou deméritos, mas de reconhecer diferentes potências que poderão ser ativadas dependendo da construção que se faz no entre. Ou seja, do efeito que pode, ou não, nascer do encontro. Winnicott (1975) nomeia esse entre de espaço potencial. Na sequência trarei mais argumentos para sustentar o que estou apresentando.

Quero nesses escritos encontrar meios de compartilhar não apenas as potências que me vivificam no trabalho que realizo no Camará, mas também relatar as muitas vezes que me senti enfraquecida, angustiada, assim como tantos outros camaradas que aqui escreveram. Percebo que muitas das angústias são derivações da dificuldade de dar nomes e/ou da ausência de sustentação. Sem nomear não se pode questionar, nem afirmar, ou simplesmente, pôr em movimento as experiências. Essa necessidade de pôr palavras às experiências, por si só, já justifica a importância da pesquisa, assim como valoriza a parceria que nos últimos sete anos se firmou entre o Camará e a universidade.

Vou então apresentar algumas cenas e relatos para que nos sirvam como outras ilustrações. Utilizarei um pequeno fragmento de um relatório final de estágio para articular com algumas considerações feitas por Bondía. Nesse relato se destaca o aspecto passivo que

compõe a experiência. Identifico boas aproximações entre os aspectos passivos da experiência com o lugar da sustentação na constituição subjetiva e nos processos formativos, naquilo que pode ser perscrutado pelas marcas de experiência.

O fragmento que se segue traz uma alusão à música do grupo Natiruts, cujo título é "Deixa o menino jogar". No relatório, o jovem apresentou sua percepção do que foi a experiência vivida no Camará. "Ao longo do ano, como eu senti você me deixando jogar, me deixando jogar oiaiá. Me deixando aprender, me deixando aprender oiaá, Oiaá: para representar, em onomatopeia, o que as palavras montadas não saberão dizer. Ah, Camará oiaá!". Nesse texto ele também apresenta uma indagação: "Que presença é essa?"

Deixar o menino jogar: Que ação é essa? Quem deixa exerce uma ação passiva, sem que isso represente uma passividade. Assim disse Bondía (2002) ao se referir ao sujeito da experiência. Existe algo nessa qualidade da ação que também pertence ao educador, ao professor ou a todos aqueles que se colocam numa posição de disponibilidade para que a aprendizagem possa ser favorecida, penso eu. A ação do profissional que sustenta a experiência, que acompanha, sem dizer qual o caminho, na maior parte das vezes, é invisível. Winnicott (1990b) dá pistas sobre muitas das questões que estamos permeando. Os conceitos de mãe-ambiente e mãe-objeto podem ajudar. O primeiro se refere a uma posição assentada no ser, na existência. Esta posição assinala a presença e a importância das ações de sustentação. A segunda posição, mãe-objeto, dá lugar ao fazer, fazer enquanto ação direta e não passiva. Winnicott ressalta dizendo que se tudo correr bem a posição mãe-ambiente não deverá ser reconhecida pelo bebê. O melhor atributo dessa posição é justamente essa existência invisível. A mãe só será reconhecida pelo bebê, nesse aspecto da criação, se algo falhar.

É da posição mãe-ambiente que nasce a criatividade (1975), outro conceito caro aos winnicottianos. O bebê experimenta no próprio corpo as descobertas, as vive como se sozinho tivesse descoberto. Esse é o mecanismo que Winnicott (*apud* KHAN, 1971) denominou de ilusão primária, ao se referir a experiência do bebê em criar o objeto que já estava lá, no caso o seio materno. Para o bebê é uma criação, para o observador externo é uma ilusão.

Na minha experiência como profissional fui muito vagarosamente percebendo que a ação de dar sustentação para que o menino pudesse jogar, isto é, DEIXAR o menino jogar, frequentemente, se aproxima dessa posição da mãe meio ambiente. Busco dar sustentação para que dela derive um gesto, um aprendizado. Mas se a sustentação funcionar bem, o que aparecerá como resultado é o não reconhecimento. Aqui apresento os conceitos que podem dar fundamentação à experiência da qualificação narrada acima.

A intencionalidade de quem sustenta essa ação passiva tem sutilezas que a torna difícil de ser nomeada. Aquele que é sustentado experimenta no próprio corpo as descobertas, como ocorre no fenômeno de ilusão primária, vive como se sozinho tivesse descoberto, conquistado. O interessante desse fenômeno é que toda descoberta, advinda de uma experiência sustentada por um outro, seja esse outro pessoa, livro ou filme, se constitui como um saber nascido na própria corporeidade. Isso é maravilhoso, pois o saber nascido no corpo é um saber encarnado e não uma informação entuchada pelo meio circundante. É apenas numa experiência sustentada por um outro que o gesto criativo pode emergir, como também assinala Winnicott *apud* Safra (2008).

Estes conceitos de Winnicott dão um outro aporte às experiências. Neste relato estou me tomando por exemplo, mas reconheço tantos outros colegas, pessoas com quem trabalho e já trabalhei, que estão diretamente ligadas a serviços da saúde, da assistência, da educação, pessoas cujo trabalho têm por natureza o exercício do cuidado, se sentirem duvidosas de seu próprio fazer. É comum reconhecer mudanças e avanços naquilo que é objeto dos nossos fazeres, mas é igualmente comum não saber nomeá-los, não conseguir reconhecer as facetas invisíveis que compõem as redes que fazemos parte e principalmente, não saber enxergar o nosso próprio trabalho.

No trabalho desenvolvido no Camará identifico que estes aspectos da nossa atuação foram muito pouco sistematizados. Entendo que estes processos formativos precisam ser melhor descritos e avaliados, justificando mais uma vez a importância da pesquisa. Diria que, a despeito de no Camará existirem muitos espaços reflexivos, de eles serem muito valorizados, ainda temos muito a pensar e a contar.

Metodologicamente, no dia-a-dia do trabalho, fazemos diversas rodas, seja para realizar as reuniões de equipe, as supervisões ou para as diversas outras atividades que perpassam nosso cotidiano: organizações da rotina, dos eventos, para fomentar debates, para resolver conflitos. Esse modo de fazer Camará traduz bastante a maneira que atuamos e como se dão os processos reflexivos compartilhados. Estas são ações claramente políticas, políticas porque refletidas, engajadas, construtoras de mundo e de si.

Destacaria que: se estas ações políticas proliferam nos quatro cantos deste trabalho, o mesmo não acontece com certo aspecto da clínica. Quero enfatizar o que estou chamando de *certo aspecto da clínica* - o da invisibilidade e da sustentação – porque não daria para excluir destas ações supracitadas o caráter clínico que elas apresentam. Elas são, sem sombra de dúvida, um modo de se exercer a clínica. Mas, por outro lado, enxergo também que existe uma faceta da clínica, no Camará, que é muito potente, embora ainda esteja timidamente

apresentada. Nesta faceta me reconheço, reconheço minha presença nas ações que dão sustentação a ela, mas também reconheço minha responsabilidade na sua ausência de destaque.

Avalio que vem sendo a universidade que tem me dado sustentação para hoje enfrentar tais barreiras. Não simplesmente porque aquilo que li ou discuti inaugurou coisas muito novas, mas fundamentalmente porque produziu um reconhecimento de algo que vivi como se este conhecimento já estivesse lá, isto é, apenas a espera de um nome, tal como o processo de ilusão que acima descrevi. Esse mesmo fenômeno que há pouco elucidei como sendo a matriz dos processos criativos, dos processos de aprendizagem encarnada, se fez a partir de uma sustentação na qual emergiu a ilusão de ter criado um saber que experimentei como já estando lá. A retomada de uma experiência universitária, num programa de mestrado profissional, que foi antecedido por uma especialização em "Formação e Cuidado em Rede"[4], despertou um sentimento de pertença de que até então as vivências do Camará haviam me deixado órfã. Tenho claro que é na conexão desses dois espaços que o trabalho de todos nós se fortalece.

Estamos hoje fortalecendo fazeres mutuamente implicados, com explícitas posições ético-políticas, na produção do conhecimento. Diria que não se trata de qualquer universidade, ou mesmo de qualquer programa dentro de uma mesma universidade, tampouco de qualquer experiência de trabalho socioeducativo. A singularidade germinada nesse potente *entre* tem gerado um real *espaço potencial.*

Hoje diria que sempre fiquei muito atenta em produzir espaços de sustentação por conhecer, no meu corpo, o que essa falta produz. Sei como esse processo pode se desdobrar em inibições ou impossibilidade de se colocar no mundo de uma maneira singular. Estando eu próxima a fechar um ciclo na minha trajetória profissional, pois me encontro ante a aproximação da aposentadoria, percebo que não gostaria de sair do Camará sem antes deixar registros de questões dessa natureza, por meio desta pesquisa. Ademais, acredito que quando damos alguma forma, quando nomeamos caminhos e processos, outras coisas se fazem presentes para desinformar e deixar o fluxo da vida acontecer criativamente sem ficarmos demasiadamente atados às amarras reprodutoras de modelos preestabelecidos. Acredito que novos modos de fazer se descortinarão para mim e para outros que por esse trabalho venham a se interessar.

Antes de finalizar este capítulo, novamente atendendo a sugestões que foram expostas na banca de qualificação, vou aqui me empenhar para contar algumas situações que possam

4 Curso de Especialização promovido pela UNIFESP-BS para preceptores que participam de projetos de estágio e extensão da universidade, ocorrido entre 2013-2014.

servir para dar mais consistência às construções que apresentei acima. Uma das coisas mais recorrentes àqueles que estão num processo formativo é a forma ávida com que se posicionam na busca de encontrar palavras/conceitos para nomear as próprias experiências. Embora acima eu tenha explicitamente apresentado a importância de nomear as experiências, nesse momento acrescentarei novas considerações, sem com isso acreditar que sejam necessárias fazer correções ao já apresentado.

Tão importante quanto poder comunicar, encontrar conceitos, é ressaltar o valor dos processos. Processo é tempo, tempo de espera, de construção, tempo de não saber. Processo é sustentar o sem nome, *um ainda não.* Lembro-me de certa vez, já no final do ano letivo, quando um dos estagiários, num tom que eu entendi ser muito zombeteiro, pois ainda lhe pairavam muitas dúvidas quanto à competência dos meus posicionamentos, fez um discurso destacando que tudo era processo. Esse tom sutilmente jocoso, aos meus ouvidos, reverberava arrogância e ironia. Era, a meu ver, um modo de fazer dos processos um grande clichê. Provavelmente insinuando que quando dizíamos que devemos acompanhar processos poderia ser um modo de nos redimirmos para não nos posicionarmos, intervirmos, sei lá. Estando eu atenta e presente na situação não tive a menor hesitação em lhe mostrar o dedo do meio da minha mão direita. Muito mais que ofendê-lo minha postura foi fazer um assinalamento a fim de que ele próprio visse o que ali se produzia. Apontar a ironia de uma maneira muito inusual era, a meu ver, a forma mais direta de pôr em cena a questão que se arrastava. Racionalizando não estávamos tendo muitos progressos. Foi incrível o efeito deste ato. Na finalização do estágio tal jovem pôde expressar perante o grupo, e de maneira afetuosa, a ressignificação que esse ato produziu no seu processo formativo. Diria, recordando de um texto do prof. Gallo da Unicamp:

> Qualquer relação, com pessoas ou coisas, possui o potencial de mobilizar em nós um aprendizado, ainda que ele seja obscuro, isso é, algo de que não temos consciência durante o processo. É apenas no final que aquele conjunto de signos passa a fazer sentido; e, pronto, deu-se o aprender, somos capazes de perceber o que aprendemos durante aquele tempo, que nos parecia perdido. (GALLO, 2012, p. 3).

Outra situação que pode ilustrar o trabalho de diferentes maneiras de exercer a sustentação que realizamos no Camará: uma das crianças que frequenta o Camará, ao brincar de escolinha costumava se impor frente a outras crianças exercendo o papel de uma professora enérgica e bem carrasca. Os estagiários, a princípio, achavam que estabelecer uma

presença na brincadeira sem que fizéssemos uma interferência direta na situação, era pura omissão. Achavam importante algum tipo de ação que protegesse as outras crianças que estavam sendo oprimidas, e, também esperavam que interditássemos de algum modo a atuação da professora carrasca.

No espaço de supervisão se problematizou a ingerência na brincadeira. Houve propostas para entrar na brincadeira e, como participantes brincantes, ajudar a quebrar a lógica opressora instituída. Claro, propostas dessa natureza não resolvem a situação rapidamente, os efeitos de intervenções como essa são processuais, e não se tem certezas quanto ao desenrolar desse caminhar; tateia-se e se reflete sobre a situação no coletivo.

Aqui faço um parêntese: o espaço formativo privilegiado para dar sustentação às reflexões sobre as ações do cotidiano é a supervisão. O termo supervisão não é adequado, pois pareceria ter um alguém com superpoderes para encaminhar a situação. Não é nada disso. Nos encontramos em roda, pessoas com distintas trajetórias, professor da universidade, o psicólogo da clínica da mesma universidade, preceptora e estagiários para construirmos um comum que se fará a partir das nossas singularidades.

Do mesmo modo que na supervisão é proposto aos estagiários sustentar um processo com as crianças também é necessário à equipe sustentar as inquietações dos estagiários. As dúvidas que nascem por parte de muitos estagiários precisam ser igualmente respeitadas no seu processo. Não se transforma uma situação dessa natureza com um argumento puramente racional, mas por uma experiência vivencial.

Sustentar esse duplo processo, duplo porque diz respeito ao processo daquele que está sendo acompanhado no trabalho socioeducativo, mas também ao processo formativo do estagiário ou educador social, me remete à imagem das bonecas russas, as *matrioskas*. Gosto da imagem das *matrioskas*, para elucidar este aspecto que se repete de forma igual e diferente. A aprendizagem pode se reatualizar tendo a situação presente como sustentáculo da experiência. A situação original, que foi disparadora, passa a ocupar um segundo plano. É sempre no presente que a experiência acontece. Narrar uma experiência é abrir para outras experiências.

Acredito também na possibilidade de abrir a sensibilidade do corpo para ampliar a percepção; vejo isso como um exercício que se atualiza constantemente. Não intervirmos apenas a partir da palavra, do discurso, mas no silêncio, no gesto. Bezerra Jr. (2008) assinala o quanto nossa atenção, levada à dimensão não-discursiva e não-conceitual da experiência, permite alargar o campo de observação e intervenção. “Há sempre muito mais na totalidade

da experiência do que aquilo que somos capazes de apreender linguisticamente.” (BEZERRA JR., 2008, p.203)

Entendo os questionamentos que nos são feitos, a impaciência muitas vezes expressa, como processos necessários para a aprendizagem. No Camará eles são fomentados.

Penso também que nos processos, além do tempo necessário para a ação se desdobrar, precise existir uma experiência de lugar. Lugar enquanto espaço vazio, um lugar no qual a experiência nasça e possa ser acolhida na sua força, na sua intensidade, para só depois ela vir a ganhar possibilidade de nomeação e partilha. Acredito que seja importante sustentar algo como *“um ainda não*”.

Esse registro da intensidade é fundamental. Penso também que ele não se firme solitariamente. Quando ele acontece e não se enxerga alguém dando sustentação é porque a sustentação está internalizada. Essa é a diferença entre solidão e solitude. Solidão é a dor de estar sozinho e solitude a glória de estar sozinho. Na solitude se está só, mas existe internamente um povoamento de outros que dão sustentação à experiência.

A pressa, a avidez em querer conceituar uma experiência me parece um efeito da contemporaneidade, isto é, diante de uma determinada situação mobilizadora espera-se que uma intervenção se faça em ato, o quanto antes. Nem sempre a pessoa que enuncia a questão deseja ela própria intervir, mas, no mínimo, deseja que alguma intervenção seja posta em ato por alguém.

A ansiedade que faz gerar a demanda por rápidas respostas pode ser atribuída ao ímpeto de querer apreender aquilo que se vivenciou, mas este movimento também apresenta o desejo de se livrar rapidamente das dúvidas e incertezas. Certamente ter dúvidas e incertezas traz enormes desconfortos, cria instabilidades.

Entendo esses questionamentos como necessários e os acho fundamentais no processo de aprendizagem. Percebo que a possibilidade da aprendizagem se faz quando não se discursa sobre a importância de se sustentar o tempo de espera, o processo, mas quando se põe em ato esse tempo, isso é, quando se sustenta a ansiedade que nos é dirigida. Retrato nesse movimento dando a ele grande valor; se ele existe, precisa ser expressado. Nos encontros que temos no Camará já espero por esse desassossego, ele é a matéria prima do trabalho.

Acredito que aquilo que aconteceu reverberará no que está no presente acontecendo, princípio clássico da análise. E, é nesse presente que atuamos. Fazer nascer na nossa interioridade esse tempo/espaço do vazio só me parece possível numa presença atenta, não crítica e distanciada das exigências egoicas, pois, como diz Rolnik (2014) nosso ego só se ocupa em querer saber se sou aceito ou não aceito. *Ele é muito pobre!*

3 OUTROS CONCEITOS TRATADOS PELA CARTOGRAFIA QUE DÃO SUSTENTAÇÃO À PESQUISA

3.1 A Formação e a Aprendizagem Inventiva

A formação tradicional, baseada na informação, no saber transmitido de forma vertical e hierárquica ainda é hegemônica. Recorrentemente se usa a expressão "formação" para designar um conjunto de conhecimentos que são ofertados a outrem. Transmite-se algo que já está posto, os saberes instituídos.

Kastrup (2013) traça considerações sobre a formação atual em saúde e a apresenta como estando pautada nos especialismos e com ênfase diagnóstica, baseada nas informações veiculadas no CID, Classificação Internacional de Doenças. Diz a autora:

> É necessário pontuar que a hegemonia desse tipo de formação, em detrimento da formação clínica, deve ser entendida como uma certa política pedagógica, que vem produzindo efeitos nefastos, como a compreensão dos quadros clínicos numa base abstrata, desencarnada e predominantemente biológica, independente do contexto histórico e social dos pacientes. (KASTRUP, 2013 p.153)

Neste modelo hegemônico a aprendizagem caminha no sentido de fora para dentro, ou seja, alguém oferece algo que é aceito como verdade e continua a ser reproduzido. Esta lógica dirige as ações de formação para atividades instrumentais do fazer pedagógico e para a administração de meios e insumos; seu enfoque é utilitarista e serve à manutenção do sistema mercantilista neoliberal vigente. (FONSECA, 2009)

Discutir o conceito de formação dará a base para esta dissertação.

Uma série de indagações suscitaram o interesse na realização desta pesquisa: o que é formar? Formar para quê? Para quem? Existe aprendizagem de maneiras de pensar, de sentir e de agir? Como promover um processo formativo que não sirva a fins exclusivamente pragmáticos, atendendo a exigências utilitaristas, produtivistas e reprodutoras? Como contribuir para a formação de pessoas autônomas que marquem o mundo com gestos inventivos?

Maia (2014), em texto no qual avalia o currículo no ensino superior em saúde, levanta algumas questões que podem ser interessantes para iniciarmos neste caminho. Indaga o autor:

> Qual "disciplina" será responsável pela formação humanística do profissional em saúde? [...] A estrutura disciplinar parece, em muitos casos, mostrar-se cômoda e útil, ao conceder uma ordem lógica e linear aos conteúdos curriculares[...]. O ensino das atividades práticas, em geral, ocorre nos momentos finais dos cursos, partindo-se da proposta de que "primeiro é necessário saber, para depois fazer". Essa tendência positivista atualmente é bastante criticada, uma vez que a prática pode, e deve ser, o fator problematizador, para que, caso ocorra o desequilíbrio intelectual do aluno diante de uma situação, ele vá em busca da teoria necessária à compreensão e/ou à proposição de soluções. (MAIA, 2014, p.114)

A partir desta última consideração do autor supracitado abrirei novas questões que, a meu ver, se alinham com a pesquisa que irei conduzir. Os conceitos de "aprendizagem inventiva" de Kastrup (2005) e as pistas do método cartográfico (PASSOS E.; KASTRUP V.; ESCÓSSIA L., 2012) recolocam algumas destas problematizações sob outras bases, primeiramente por não apresentarem uma dicotomia entre teoria e prática e, principalmente, por adentrarem nos aspectos não apenas representacionais da aprendizagem. Assim, estes conceitos trarão importantes contribuições que irão compor com o trabalho pesquisado.

Kastrup (2007) apresenta algumas das razões pelas quais o estudo da inventividade teria sido negligenciado pela psicologia por tanto tempo.

> Comprometidos com o projeto epistemológico da modernidade que atravessa, de resto, toda ciência moderna, os grandes sistemas entendem o campo da cognição como espaço de representação. A formulação científica do problema é feita em termos de forma, estrutura ou sistema cognitivo, que ocupa o espaço intermediário das relações entre o sujeito cognoscente e o objeto que se dá a conhecer, região que é considerada como operando segundo leis gerais, à maneira das ciências físico-naturais. Partindo do pressuposto de que a cognição é invariante, a invenção torna-se um problema não existente, pois o funcionamento cognitivo não está sujeito a transformações nem a surpresas. (KASTRUP, 2007, p.21).

Kastrup (2005) aprofunda a questão da aprendizagem inventiva a partir da apresentação de duas distintas políticas de cognição: política de recognição e política de cognição inventiva. Na política de recognição podemos encontrar duas escolas: o *Behaviorismo*, que apresenta o caráter mecânico da aprendizagem e a *Gestalt*, que apresenta o caráter inteligente da aprendizagem. Embora ambas apresentem importantes distinções, o

aspecto que as une é de fundamental importância para que possamos entender a política de cognição inventiva proposta por Kastrup. O paradigma cognitivo que irmana *Gestalt* e *Behaviorismo* aponta para a preexistência de sujeitos e objetos e compreende a relação entre eles como sendo constituída de representações. Assim, o aprendizado ocorreria na busca de soluções de problemas previamente estabelecidos, num mundo previamente representado. Com o conceito de aprendizagem inventiva Kastrup recoloca a questão da aprendizagem entendida não mais como uma busca de solução de problemas, aquisição de conteúdo ou mesmo adaptação à realidade, mas como produção de subjetividade, como invenção de si.

Considero importante também apresentar a distinção trazida por essa autora quando diferencia criatividade de invenção. Criatividade é a capacidade de construir soluções originais para problemas previamente apresentados: já invenção não é solucionar problemas, mas inventar novos problemas. Kastrup (2005) ressalta o aspecto de imprevisibilidade da invenção, pois invenção é sempre a invenção do novo, é uma potência.

> A invenção é uma potência que a cognição tem de definir de si mesma. Ela não é um processo psicológico a mais, além da percepção, do pensamento, da aprendizagem, da memória ou da linguagem, mas é uma potência temporal, potência de diferenciação, que perpassa todos os processos psicológicos. (KASTRUP, 2005 p. 1274-1275)

Permanecendo nos caminhos seguidos por Kastrup, podemos resgatar a ideia trazida pela autora de que invenção não deve ser atribuída a um sujeito. Sujeito e objeto são efeitos, resultados do processo de invenção. É a ação, a experiência, que configura o sujeito e o objeto, o si e o mundo. Este pensamento é nodal para a pesquisa a ser realizada.

Kastrup, em suas pesquisas, faz referência aos trabalhos de Varela que baseiam sua apresentação da ação como autoprodutiva.

> Francisco Varela (1989) é um dos principais críticos do cognitivimo comportamental. Em seu trabalho como biólogo, define o sistema vivo como um sistema cognitivo. Conhecer é agir e a ação tem a dimensão de autoprodução [...]. A ação comporta a experiência. (KASTRUP, 2013, p.155-156)

Ao destacar a experiência nos processos formativos, produzir conhecimento e produzir realidades se tornam face e contraface da aprendizagem. Assim podemos fazer pontes com o

trabalho proposto pelo Camará. No cotidiano das ações vamos a campo, não com a ideia de ensinar algo, mas entendendo que o encontro abrirá para a potência do novo. Seguimos por caminhos sinuosos, trazendo a dimensão do risco e da construção coletiva, a potência das ações formadoras configuradas nas redes, nos encontros dos coletivos e nas ações no território.

Acreditamos que sujeito e mundo são inventados e marcados na experimentação. Formar não é inculcar algo em alguém, mas dar condições para que o aprendizado ocorra. Formar, aprender, estar num coengendramento sujeito/mundo é sempre afirmar a importância dos processos, é sempre uma aposta num *continuum* de produção, dado que, no Camará, entendemos que o produto e o processo estão indissoluvelmente conectados.

No trabalho que vem sendo desenvolvido no Camará temos acompanhado produções (pensamentos/ações) singulares, expressas em atos, textos e comunicações verbais. Os estagiários e educadores tendem a comprometer-se e apresentar estilos próprios; perguntas vivas, carregadas de angústias, surpresas, provocações e alegrias. Os textos nem sempre são escritos com o brilho de uma vitalidade; por vezes eles atendem a uma lógica imposta por exigências externas, tal como cobranças do supervisor de estágio para atribuição de nota, mas o que observamos no nosso trabalho é que muitos dos escritos produzidos têm um compromisso, uma implicação nascida da necessidade dos jovens de contar, de problematizar. Vou chamar isso de escritos encarnados. Inspirada no documentário de Cezar (2008), relembro o poeta Manoel de Barros dizendo: “poesia é uma amarração de palavras com um canto dentro” e, tocada por sua poesia, eu diria que um escrito carrega o brilho de uma vitalidade quando ele é expressão viva de algo que marcou, quando exprime uma amarração de acontecimentos com um canto dentro. Perseguir e reconhecer a possibilidade desta vitalidade, investigar os processos que a sustentam, me instiga à realização desta pesquisa.

3.2 As Marcas de Experiências

Rolnik (1993) trata da memória do invisível feita não de fatos, mas do que ela denominou “marcas”. Nelas, poderíamos acessar os aspectos não representacionais que ocorrem na produção da subjetividade. A autora nos convida a investigar o que se passa em cada um dos ambientes, não só humanos, em que estamos mergulhados. Destaca seu interesse

em perscrutar o que denominará de plano invisível, afirmando ser este plano igualmente real, mas menos óbvio que o plano visível.

> Pois bem, no visível há uma relação entre um eu ou vários outros (como disse, não só humanos), unidades separáveis e independentes, mas no invisível, o que há é uma textura (ontológica) que vai fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições. Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. Rompe-se assim o equilíbrio dessa nossa atual figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que cada vez que isso acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc.- que venha encarnar este estado inédito que se faz em nós. E cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros (ROLNIK, 1993, p.2).

Segue sua explanação dando destaque ao que chamou de marcas:

> Ora, o que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir (ROLNIK, 1993, p.2).

Podemos entender as marcas como sendo reverberações em nosso corpo de um processo de interação com as forças do mundo. Elas imprimem registros no corpo sensível que, por desestabilizarem a nossa identidade, que teimamos querer fixar, lançam nosso corpo em um novo devir. Assim, os acontecimentos marcantes não são apenas representações de algo passado, mas impressão no presente de um fluxo que é gênese de um devir. Conforme Kastrup (2013), no pensamento de Dewey podemos entender estas marcas como experiências estéticas.

> Segundo Dewey qualquer teoria estética deve tomar como base que a experiência estética é o desenvolvimento clarificado e intensificado da experiência em geral. Ela existe ante a arte, mas também emerge na vida cotidiana. Ela se define, entretanto, como uma experiência especial, que faz com que a vida não se apresente como uma corrente homogênea e uniforme de fatos banais. Ela é marcante. (KASTRUP, 2013, p.158).

Considerando estes apontamentos, seria possível supor que a potência de uma experiência que marca, que se distingue de uma experiência em geral, como diz Dewey, é tangenciada quando experimentamos no corpo um estado diferenciado de presença, uma presença atenta. Digo tangenciada, pois não se pode dizer alcançada, devido à fluidez desse estado. Uma criança quando brinca aparentemente está com todo o seu ser voltado para aquele acontecimento; essa inteireza de presença é o que nomeio de presença atenta. Quando desempenhamos uma ação pela necessidade funcional daquele ato, comumente retiramos desta ação esta qualidade de atenção a que me refiro. A ação motora pode ser a mesma: cozinhar, escrever, escutar, etc., mas a relação dos processos perceptivos e sensíveis é de natureza diversa. O corpo está presente, mas o pensamento, a sensibilidade, a atenção estão em um outro lugar. Aquilo que nos marca ocorre quando nos disponibilizamos a esse estado de presença ou quando - o que me parece muito mais comum - somos surpreendidos e chacoalhados pelas forças do mundo e, frente a esta instabilidade, estados inéditos, inteiramente estranhos àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura, como diz Rolnik, nos convocam a encarnar essa qualidade de presença.

Nesta pesquisa não apenas analisei as marcas das experiências de cada jovem que dela participou, mas procurei as conexões com o coletivo, o que se passou em cada um dos ambientes em que estamos mergulhados, isto é, estive atenta aos campos de forças referidos por Rolnik (2006) ou planos de forças como preferem nomear Escóssia e Tedesco (2012):

> Ao lado dos contornos estáveis do que denominamos formas, objetos ou sujeitos, coexiste o plano das forças que os produzem. Longe de limitar seu olhar à realidade fixa, tal como propõe a abordagem da representação, a cartografia visa à ampliação de nossa concepção de mundo para incluir o plano movente da realidade das coisas. (ESCÓSSIA e TEDESCO, 2012, p.92).

Acolher a experiência como produtora de conhecimento depende da ativação de uma capacidade do sensível, capacidade esta, até então, mais próxima dos processos artísticos. Rolnik (2006) diz que estamos sempre transitando entre o familiar (campo das formas, das representações) e o estranho (campo das forças).

> A própria neurociência, em suas pesquisas recentes, comprova que cada um de nossos órgãos dos sentidos é portador de uma dupla capacidade: cortical e subcortical. A primeira corresponde à percepção, a qual nos permite apreender o

> mundo em suas formas para, em seguida, projetar sobre elas as representações de que dispomos, de modo a lhes atribuir sentido. Esta capacidade, que nos é mais familiar, é, pois, associada ao tempo, à história do sujeito e à linguagem. [...]
> Esta capacidade cortical do sensível é a que permite conservar o mapa de representações vigentes, de modo que possamos nos mover num cenário conhecido em que as coisas permaneçam em seus devidos lugares, minimamente estáveis.
> Já a segunda capacidade, subcortical, que por conta de sua repressão histórica nos é menos conhecida, nos permite apreender o mundo em sua condição de campo de forças que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. O exercício desta capacidade está desvinculado da história do sujeito e da linguagem.
> Com ela, o outro é uma presença viva feita de uma multiplicidade plástica de forças que pulsam em nossa textura sensível, tornando-se assim parte de nós mesmos. Dissolvem-se aqui as figuras de sujeito e objeto, e com elas aquilo que separa o corpo do mundo (ROLNIK, 2006, p. 2-3).

Como foi descrito no método, por intermédio de narrativas procurei acessar o "canto", o ritmo, a tonicidade de cada participante; estas metáforas visam resgatar a corporeidade, lugar de ancoragem do sensível. Dar vida a textos, a encontros, é estar com os dois aspectos do sensível apurados: aquele que abarca as representações, o cortical, mas também não nos deixarmos sucumbir por tamanha repressão histórica, como aponta Rolnik (2006), reafirmando a capacidade subcortical do sensível que "nos permite apreender o mundo em sua condição de campo de forças que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações" (ROLNIK, 2006, p.3). Em outras palavras, trata-se de acessar os planos de formas e forças na produção da subjetividade.

3.3 Os Planos de Forma e de Forças

Acompanhar os planos de forças e de formas é conhecer modos de subjetivações, que apontam resistências, linhas de fuga, rupturas e também liberdade. Estamos então tratando de relações, movimentos e enunciações.

Os planos de formas e de forças não podem ser vistos como opostos, eles não se negam, nem jamais chegarão a uma síntese. Existe uma relação paradoxal entre eles. Eles estão em permanente fricção, uma fricção entre o estranho e o familiar como ressalta Rolnik (2014). Estes planos estão intrinsecamente imbricados na constituição da subjetividade.

O que está sendo chamado de subjetividade é o conjunto de capacidades que temos para acessar o mundo e decifrá-lo. Para os cartógrafos, fazer uma distinção entre sujeito e

subjetividade é necessário. Rolnik (2014) sinaliza que a subjetividade é frequentemente tomada como sinônimo de sujeito, o que seria um equívoco. Cada um destes diferentes conceitos articula formas diversas de posicionamento e ações no mundo, jogos de poder, de estilização de si mesmo e de lidar com as forças do mundo.

Subjetividade é maior do que sujeito (ROLNIK, 2014). A compreensão de sujeito está contida na subjetividade, mas a última não se reduz à primeira. O sujeito capta as formas do mundo. Tudo aquilo que pode ser tocado, farejado, visto é imediatamente associado ao repertório ao qual ele está estruturado. Rolnik (2014), ao apresentar o sujeito, o aproxima do que na psicanálise foi denominado de ego. O ego responde às questões do mundo sob a égide das emoções psicológicas, diz ela. Sendo o campo movente do sujeito egoico, a pergunta que se repete para esse sujeito está sempre referida a uma necessidade de aceitação: me querem, ou não me querem? Em última instância esse sujeito anseia por uma adaptação ao mundo.

A subjetividade abarca o sujeito, mas acolhe também as forças do mundo que lhe chegam. Diz Rolnik (2016) que a subjetividade é o sujeito e o fora do sujeito. O mundo nos afeta independentemente daquilo que, enquanto sujeitos, possamos representar. Esta inquietação para lidar com as forças do mundo traz diferentes possibilidades de reorganizações, que são as micropolíticas do desejo. Segundo a autora, são estas políticas que "regem a produção da subjetividade nesta cultura ocidental" (2014, palestra gravada em vídeo).

Rolnik (2016) problematiza alguns aspectos da cultura ocidental destacando o valor atribuído ao domínio dos códigos culturais. Existe, segundo a autora, um desprezo por tudo aquilo que se apresenta como dúvida, incerteza. Acolher dúvidas seria sinal de impotência, fraqueza. Às vulnerabilidades da vida, efeitos da porosidade dos corpos às forças do mundo, é oferecido um arsenal de artifícios para tamponá-las. Temos aqui o papel da indústria farmacêutica. Na nossa cultura ocidentalizada muito se faz para enrijecer os corpos, fechar as possibilidades de lidar com as instabilidades das forças do mundo. Assustados pelas instabilidades - pelos riscos, pelas incertezas de quando não se está no controle, no domínio - vamos construindo corpos couraças, distanciando nossos (pensamentos/ações) do saber do corpo. Diante da instabilidade, o desejo é convocado a estabelecer um novo equilíbrio.

Para elucidar este constructo que apresenta os planos de formas e forças, Rolnik (2014) se apropriou de um importante trabalho da artista plástica e ensaísta Lygia Clark, "Caminhando". A própria intitulação do trabalho de Clark já possibilita vislumbrar os deslocamentos. Aqueles que fazem o trabalho vivem a experiência, e aqui nós já temos o primeiro deslocamento. O deslocamento está no fato desse não ser um trabalho a ser

mostrado, como costuma acontecer com um trabalho artístico. Estamos habituados a sermos contempladores de trabalhos elaborados e apresentados em uma forma material, seja uma pintura, uma escultura, ou mesmo uma fotografia. “Caminhando” não se assemelha a nada disso. É um trabalho a ser experimentado. Ele se desenvolve no tempo, isto é, na experiência de vivê-lo. Não sendo “Caminhando” um trabalho a ser contemplado, ele é fundamentalmente uma experiência que se produz a partir de uma compreensão nascida no corpo.

Rolnik (2014) destaca esse experimento sinalizando que com ele se produziu uma inversão: o tempo vem a produzir uma forma. Existe um novo deslocamento aqui, não é uma forma no tempo, mas um tempo produzindo formas. Vive-se “Caminhando” utilizando-se de uma fita, ou banda de Möbius. Esta banda servirá como um constructo topológico. A fita, ou banda de Möbius representa um caminho sem início, nem fim, ou seja, representa o infinito. A princípio, ou talvez o tempo todo, temos a impressão de se tratar de uma forma com dois lados distintos, mas realmente só existe um. Assim, se relacionam e se tensionam este único plano (formas e forças), elucida Rolnik.

O uso da fita de Möbius traz também um aspecto muito interessante na relação da experiência com a formação: algo que se sucede a partir do tempo, que é experiência, não o tempo no qual a experiência se desdobra. Um constructo semelhante foi apresentado por Winnicott (1941), psicanalista inglês, ao descobrir, no jogo da espátula, o acontecer do *self* como tempo. Winnicott apontou, a partir dessa observação, que o homem não está no tempo, mas o homem é tempo.

O plano das forças, aquilo que nos afeta, não está formatado em linguagem ou representações. Estas forças não são dizíveis, mas existem.

Como o saber do corpo, que é o saber das forças, foi brutalmente sufocado e anestesiado nas sociedades capitalistas contemporâneas, ele está, na maior parte do tempo, desativado nessa nossa cultura ocidentalizada. Daí a relevância de encontrar meios e lugares onde eles possam ser reativados.

4 AS NARRATIVAS

4.1 Introdução às Narrativas e Escolhas Metodológicas

Em uma sequência de narrativas que se seguirão, a primeira a ser apresentada será aquela que foi escrita por mim. Achei importante apresentá-la, pois sua escrita serviu de inspiração para a proposta metodológica traçada nesta pesquisa. Esta narrativa foi escrita logo no início do mestrado, sendo que o vislumbre da potência desse recurso metodológico só foi posto em ato um ano após sua feitura. Muitos dos participantes desta pesquisa tiveram acesso a esta narrativa na ocasião em que ela foi redigida, pois estas pessoas faziam parte, naquele momento, do meu convívio de trabalho, mas nem todos tiveram essa experiência de leitura. Aqueles que a leram escreveram suas próprias narrativas mais de um ano após a leitura. Não saberia dimensionar a possível interferência da minha narrativa na escolha da cena ou na maneira que cada participante escolheu para construir a sua. Sempre foi uma prática de trabalho compartilharmos nossas produções escritas.

No convite aos participantes, tomei por critério aqueles que haviam tido uma formação no Camará, formal ou informal, e que nos últimos três anos escolheram manter alguma conexão com o serviço. Estou chamando de uma formação formal aqueles que fizeram estágio acadêmico no Camará, alunos do curso de Psicologia, na sua maioria, e alguns poucos do curso de Serviço Social. Todos estes participantes foram estudantes da UNIFESP, *campus* Baixada Santista. Chamei de formação informal aqueles jovens que adentraram ao Camará como público-alvo de algum dos projetos desenvolvidos na ONG e no decorrer do tempo foram adquirindo competências que lhes permitiram inaugurar uma trajetória profissional no Camará. Muitos deles, ao longo do tempo, foram buscar formações acadêmicas, tendo diferentes interesses em cursos universitários como gestão ambiental, pedagogia, direito e psicologia.

Alguns desses jovens, sejam os que chegaram como estagiários ou aqueles que traçaram esta trajetória a princípio não-acadêmica, nesse momento estão trabalhando conosco. Outros seguiram novos caminhos, mas escolheram se manter conectados ao Camará de maneiras diversas. Para ilustrar esse tipo de conexão, não mais empregatícia, temos uma educadora que foi trabalhar em São Paulo, mas manteve parceria ativa do seu novo trabalho

na organização de ações de mobilização social. Outra situação é de uma jovem que se formou em direito e manteve por certo tempo um cuidado com a organização da nossa biblioteca. Outra ainda, após concluir sua formação, iniciou o mestrado e escolheu refletir sobre a experiência do Camará. Destaco estas situações para tornar claro que nem todos os integrantes da pesquisa estão atualmente próximos, mas todos, nos últimos três anos, reiteraram sua escolha de estar conectados ao Camará.

As narrativas serão apresentadas na íntegra pela ordem de envio, evitando, no primeiro momento, uma prévia interferência de minha parte na construção de uma linha de análise. O leitor experimentará o impacto de cada uma das narrativas. No exame de qualificação me foi sugerido usar algumas narrativas para ilustrar aspectos do trabalho ou mesmo conceitos por mim discutidos. Como essa nova proposta não implicava em recortar trechos das narrativas, ela me pareceu bem interessante, mas não tive tempo hábil para explorá-la melhor. Assim, foi retirado do conjunto das narrativas apenas uma delas que será apresentada como um recurso ilustrativo do conceito-ferramenta perspectiva inversa por mim proposto.

Todas as narrativas puderam ser lidas pelo conjunto dos participantes apenas após o encaminhamento de todos aqueles que aceitaram participar da pesquisa. O intuito foi aguardar para não ocorrer prévias interferências na escrita. Dos dezesseis possíveis sujeitos da pesquisa tivemos catorze pessoas que aceitaram participar. Na segunda etapa, isso é, para a roda de conversa que sucedeu a escrita individual e o posterior compartilhamento das narrativas, dez puderam estar presentes. Três ausências foram justificadas nos dias que antecederam o encontro e uma foi justificada posteriormente.

4.2 Elo

Estávamos no carro, eu dirigia e ela estava ao meu lado. Era noite, noite escura, aquelas noites de inverno onde o sol se esconde perto das 18 horas. Já eram mais de 21 horas de um dia de junho. Talvez pudéssemos ver estrelas, se nosso olhar para o céu se dirigisse. Não chovia. Meus olhos estavam voltados para a rua. Lá crianças corriam, jogavam bola, empinavam pipas e algumas empurravam o carro acenando na janelinha. Cena corriqueira de um fim de encontro na Vila Margarida. Algumas portas das casas da rua estavam escancaradamente abertas, outras, acredito eu, também abertas deveriam estar, mas preservavam seus mistérios. Sim, no início do meu trabalho no bairro, e em assíduos horários

noturnos, chamava-me a atenção a porosidade entre o dentro e o fora que era estabelecida pelos moradores. Ainda hoje cultivo em mim um alegre interesse por essa maneira de se abrir para a vida comum, comunitariamente.

Absorta como me encontrava surpreendi-me quando ela, ali ao meu lado, começou a me repreender. Ela falava alto, não vinha deste fato minha surpresa, alto sempre falou. Comumente seu tom de voz me incomoda, ali, excluindo o momento inicial que retirou minha atenção da rua para dela me ater, não me senti muito incomodada. Talvez porque velava em mim um estado de quietude e comunhão. Ela não era dali. E eu? De onde sou? Sinto-me familiarizada com aquele lugar. A penumbra da noite pela falta de iluminação pública não me assusta. Gosto da vida viva. Sinto espontaneidade naquele lugar. Tem risos, brigas, cheiros. Muitas vezes um mau cheiro. Um mau cheiro público adentrando a todas as portas e janelas, adentrando àquelas que estavam abertas, mas também às fechadas. Os odores não se restringem, se expandem, adentram mesmo sem serem convidados. O canal próximo à nossa sede era uma verdadeira fossa. Muito lixo, muito descuido. Não pretendo fazer uma apologia ao mau cheiro, mau cheiro é ruim. Não precisamos cultivar a sujeira, romancear a pobreza, menos ainda ser condescendentes com a desigualdade, mas para mim é possível estar ali com conforto. Gosto sobremaneira quando juntos produzimos outros movimentos. Talvez por isso associe este meu estado de bem-aventurança a registros do comum, coisas como o prazer de cheirar os pés, a calcinha usada ou o sovaco. Coisas que podem agradar àqueles que do próprio corpo se apropriam ou aqueles que estão abertos à construção de intimidades. Estar perfumada é delicioso, mas existe em mim uma força convidativa para todas as formas do existir. O autêntico me atrai. O falso, o “fake” horroriza.

E ela? Como tudo aquilo a atinge?

Ela também estava lá.

Eu a havia convidado. Ela havia aceitado.

Ela é minha mãe. Exímia artesã na confecção de pães, foi por mim convidada a compartilhar seu talento.

O convite foi aceito com gosto. As oficinas realizadas e coordenadas por ela foram um sucesso. Cativou crianças, familiares e equipe. Professora do ensino fundamental por 40 anos, e já há alguns anos aposentada, viu naquele reencontro com as crianças um motivo para celebração.

Tudo caminhava bem, até que algo a chocou. Era deste lugar, do profundo incômodo que reverberava dentro de si, que a fez se exaltar e me repreender.

Com voz enérgica disse-me não ser possível que eu tenha permitido que uma jovem falasse naquele tom comigo. Demorei a entender do que se tratava.

Ela enfatizou: Você é a coordenadora do projeto ela não pode se dirigir assim a você.

Fiquei perplexa. Eu não guardava registro afetivo de nada que pudesse ao menos se aproximar daquilo que com tanta veemência ela assinalava. Não foi difícil identificar o contexto ao qual ela se referia. A surpresa vinha da significação que ela atribuía àquele fato.

A seguir apresentarei a cena em questão, e minha grata percepção de quanto a aparição deste ocorrido está articulado ao tema do meu projeto de pesquisa no mestrado.

As possíveis reverberações de um questionamento.

Naquele dia, como costumava fazer, saí pelo bairro, aberta para encontros.

Na sede do Camará, muitas crianças e adolescentes compartilhavam o grande salão com alguns educadores. Na cozinha, anexa ao salão, outras tantas crianças e jovens confeccionavam pães. As ações concomitantes, e muitas delas pouco estruturadas eram, e ainda são frequentes na rotina do trabalho, um jeito Camará de ser. Escolhemos assim trabalhar. Sempre há espaço para inventar, brincar, conversar. Mal-entendidos, disputas, brigas e ciúmes, certamente, também compõem o cenário. Eu, algumas vezes, ajudava a compor a equipe que ficava na sede, mas preferia sair nas minhas andanças. Estas andanças costumam trazer coisas interessantes para o caldeirão das experiências. À noite era mais fácil encontrar os familiares, principalmente os pais. Assim, estes encontros intimistas compunham com o movimento do coletivo que se produzia na sede.

Guardo a impressão de que as coisas sempre andavam bem, andavam bem porque andavam e eram refletidas, não porque eram tranquilas. Agora, aqui escrevendo, penso que esta seja uma marca minha. A minha interioridade acolhe um gosto pelo devir, talvez possa nomear de esperança.

Bem, naquela noite na sede, num momento onde eu ali não me encontrava, alguma tensão na relação entre os participantes, ou também com o cuidado do espaço, se produziu. Vanessa, que era uma das educadoras, uma jovem educadora do Camará, sentiu-se desamparada e, ao me ver retornar da rua, esbravejou. Questionou por onde eu estava, uma vez que tinha sido muito difícil manejar as coisas na casa, imagino eu.

- Porque você não estava aqui para ajudar? O tom era áspero e crítico.

Mais importante do que responder a ela, embora num certo momento eu também tenha contado meu percurso, foi escutar e acolher sua angústia. Para mim era evidente que o

tom de sua fala era compatível com sua ansiedade. Acolhi aquilo que me era destinado com tranquilidade.

Minha mãe que presenciou a cena ficou chocada. Está sendo interessante observar, no desdobrar dos acontecimentos, este contraste.

Eu, como Vanessa, muitas vezes me exaltei diante de situações difíceis. Guardo na memória registros de rupturas que foram produzidas nas inúmeras vezes onde, ao ter me rebelado, encontrei um outro querendo me domesticar.

A forma, o tom, a postura corporal, carregam sentidos que precisam ser decifrados no encontro com o outro, e não domesticados.

Creio que a idade de Vanessa, bastante jovem, sua origem humilde, também tenha contribuído para o incômodo de minha mãe. Identifico nessa sua postura uma maneira de reproduzir as relações de poder. Algumas das experiências que tive com ela ao longo de minha vida me permitiram um aprendizado que Gilberto Safra nomeia de aprendizado pelo negativo.

Aprender pelo negativo advém da possibilidade de transformar algo que tenha sido vivido como falta de cuidado e respeito. Ressignificar a importância desta ausência e, então, passar a direcionar sua vida para ofertar aquilo que lhe faltou é um grande aprendizado. Aprender pelo negativo é possível. Quando a aprendizagem se faz assim, me parece bastante interessante poder reconhecê-la e nomeá-la, contribuindo, assim, com processos formativos. Reconhecer caminhos, sentidos, construir um espaço de pertencimento, isto é, dar um *placement*, é importante para ancorar o vivido e abrir para a experiência de algo inédito.

Penso que várias das características do trabalho que realizamos no Camará contribuíram para Vanessa hoje ter traçado caminhos próprios, decididos e radicalmente distintos de outros tantos jovens que habitam as nossas periferias.

Viviane Gorgatti

4.3 Larissa e as Bolachas

No final da tarde, vamos para uma "situação – analisador": Grupo de jovens que pegaram escondidos uma bolacha na despensa. A estagiária Nicoly viu e nos informou rapidamente. Convocamos o grupo na sala administrativa e vamos tentando trazer outras lógicas para resolver tal impasse. Uma lógica menos individualista (capitalista neoliberal) e

violenta (do sistema penal e coercitivo que virou mais uma empresa capitalista, segundo o filme "Sem Pena") e mais cooperativa e solidária (processo educativo do conceito de "coletividade" e "convivência" – conceitos chaves "camaradas" que, a meu ver, precisam ser melhor estudados).

Larissa está chegando agora no Camará. Na sua adolescência vivida na Vila Margarida, mostra uma boa revolta sem ter lugar para pôr. Nos instrumentos musicais e naquele lugar ela encontrou um lugar para pôr. Estava muito feliz em tocar instrumentos que nem conhecia. Mais feliz ainda em tocar com novos colegas. Era difícil contê-la quando pedíamos "pausa" para as conversas. Depois ela arrisca até uns versos quando o assunto é poesia e canta "emboladamente" uns trechos de uma música de funk que havia inventado. Como seu corpo cantava rápido, essa era a sua poesia. E antes de cantar para todos houve uma preparação: "Quer que todos fechem os olhos para você não ter vergonha?", diz a Educadora Janaína. "Quero!", responde Larissa. Fechamos os olhos para acalmar a sua timidez que era expressa pelas mordidas em um dos instrumentos e compressão do corpo com os braços. "Como será o processo formativo corporal daquela menina?", penso eu referenciado pelo autor KELEMAN. Digo que vou tocar junto com ela: "Vou fazer uma introdução com a escaleta para depois você entrar". Ela ganha força com os apoios e fala que não precisa mais fechar os olhos pois ela vai cantar. Ganhou coragem com o grupo. "E não é coragem que precisamos construir juntos para enfrentar esse mundo?" (E João se faz presente com essa fala mesmo não estando presente ali naquele momento).

Voltando à Larissa. Canta com tanta rapidez que ninguém entende. E canta mais uma vez, mais uma vez, repete. E aí entendemos um pouco mais, mas ainda não decifrамos tão bem sua música. Acabávamos de conhecer Larissa e suas letras. Não é o momento de entender tudo, não é mesmo?! O importante é que ela estava se arriscando conjuntamente com o apoio do grupo.

O que consigo compreender momentos depois quando estou jantando é que um vínculo estava se dando com Larissa, um vínculo ancorado em valores que ela não está acostumada que foram se revelando instante a instante de nossa tarde e ganha força no jeito que lidamos com o pegar da bolacha. O que é novo assusta às vezes. E interpreto daí sua fala final em nossa conversa: "Não volto mais aqui!"

Um "estar junto" (convivência) pouco conhecido por aquela jovem estava se dando. Não a estávamos proibindo de ir mais lá, a expulsando ou a punindo por pegar as bolachas escondido (que é o que muitas vezes nossa sociedade faz com os jovens da periferia). Estávamos buscando um processo educativo que tem a prerrogativa de sua presença antes de

tudo. (Política da diferença). Acho que isso a assustou. Estávamos fazendo um processo educativo "junto com ela" e não "sobre" ela (FREIRE) quando diante do acontecido chamamos a atenção e dizemos as consequências negativas do ato ao mesmo tempo em que buscamos pensar juntos o que podemos fazer para que todos ganhem. Fica decidido, com a ajuda de Tânia que presenciava aquele manejo, que aquele grupo que havia pego a bolacha ia ajudar a pensar nos cardápios do lanche (tipos de comida, quantidade) e também ajudariam a fazer o lanche de quarta – feira (próximo dia de encontro) para deixá-lo mais gostoso e suficiente.

Na resolução daquele conflito da bolacha, mostramos o que o "Camará" vem nos ensinado para lidar com situações como essa: "Os nossos atos individuais ou em pequenos grupos, afetam a vida de todo o 'coletivo Camará'!", Quando vocês comem essa bolacha escondidos, há consequências para todo o grupo que está aqui participando" (fala de Valéria, Educadora que convive com o coletivo camarada há anos). E aí vamos tentando ensinar um jeito de conviver diferente do que a nossa sociedade contemporânea vem insistindo em ensinar: produtivista, alienante, segregador, individualista, hedonista, perverso, etc.

Breno Ayres Rodrigues

4.4 Uma Viagem Camarada

Escolho hoje para sentar e escrever sobre uma de minhas experiências no Camará ao sair de um dia de conversas muitos potentes no primeiro dia do 5º Congresso Brasileiro de Saúde Mental, em que se fez tão claro como a vivência Camarada me atravessa até o momento atual em minhas falas, posturas e olhar diante da problematização do sujeito no mundo se relacionando com seu território.

Desde o convite tenho postergado esse momento de escrita, por motivos de: tempo, a correria que cansa meu corpo, um trabalho exaustivo na Atenção Básica, incertezas na escrita de meu próprio projeto do mestrado, enfim, tantas coisas, mas a mais significativa, no entanto, é poder escolher sobre qual experiência narrar e como contá-la. Será uma escolha assertiva? E se outros também a escolherem? Como me reconectar com aquele momento e escrevê-lo nesse corpo que hoje é atravessado por tantas outras questões?

Por mais inquietante que tenha sido essa escolha, noto que ela já havia sido feita há muito tempo; essa experiência me pede uma escrita, um lugar para ser eternizada para além de minhas memórias, desde que finalizei o estágio. Acredito que essa experiência me serve como síntese (se assim ouso definí-la) desse processo vivido enquanto estagiária do Camará: a jornada para o Fórum Mundial de Direitos Humanos em Brasília em dezembro de 2013.

Essa viagem estava sendo preparada por meses, sem ao menos termos a certeza de poder viabilizá-la: como angariar fundos? Quem vai? O que vamos levar? Como nos preparar? Foi um trabalho longo antes, durante e após a viagem: trabalhar com imprevistos, expectativas, reviravoltas… tudo isso atravessou esse momento, como em todos os outros que vivi no estágio. O Camará, com esse seu modo imprevisível de fazer as coisas, me proporcionou a experiência de ser inventiva, me ajudou a trabalhar minha resiliência, empoderar-me enquanto estagiária e educadora, a me transcender… E essa viagem costura bem esse um ano de estágio.

Houve o processo de preparar um documentário sobre o trabalho do Camará e sua inserção no território do Quarentenário, que por si só foi um grande desafio: os desencontros na filmagem, as cenas a serem escolhidas, relacionar-se com a câmera, apresentar o bairro a partir do olhar das crianças. Que trabalho gostoso!

Fizemos encontros ao longo de todo ano no espaço do cine-clube da ONG, que nos preparava, a cada conversa pós-filme, para um corpo mais forte para as discussões que poderíamos ter quando/caso fôssemos para o Fórum. Exercitamos esse corpo atuante também nas oficinas que preparamos no SESC: as crianças e adolescentes foram conduzindo esses encontros e sendo desafiados a 'exercer' o protagonismo da ação.

Ao olhar para trás, vejo que cada atividade, excursão e encontros que tínhamos nos preparavam para esse Fórum incerto. E me fortaleciam a cada dia sem que eu percebesse. Escrevendo, percebo que toda essa experiência pode soar como Pollyanesca: tudo lindo, dando certo, sem conflitos. Mas com certeza foi o contrário, e que bom que tenha sido!

Houve choro, muito choro durante o estágio. Me angustiava infinitamente por me sentir fora do 'modo Camará de ser', como eu dizia. Doía toda essa experiência outra, diferente do que eu tinha vivido até o momento na graduação. Percebia que ia me desnudando a cada novo episódio, sendo levada a ultrapassar um pouquinho mais da linha do que já estava dado, que eu era constantemente chamada a sair do lugar-comum – isso me doía, porque crescer dói. Foi podendo falar sobre tudo isso que me era difícil e me desassossegava que fui me dando conta de que o que me tensionava a todo instante não era um apelo para eu ser Camará, mas que ser Camará era ser quem eu era, com a bagagem que

tinha e com os deslizes que eu cometia. Não havia nada dado, certo; tudo estava em construção a todo o momento à medida que as relações iam acontecendo. Apropriar-me dessa verdade me libertou.

Ter o espaço de construção dessa ideia fortalecia meu corpo, deixava-me mais aberta ao incomum, ao descontrole, ao não saber. Era permitido se angustiar, desassossegar o coração e poder dizer um sonoro 'eu não sei'. O contato com as crianças e adolescentes foi ficando mais poderoso porque eu me permitia estar ali, desprovida de verdades absolutas, aberta a aprender no encontro, a mobilizar a bagagem que eu trazia à medida que eu precisava. Tirava uma coisa do lugar, trazia outras novas, revirava tudo de vez em quando também; mas a bagagem estava ali, ela não precisou ser jogada fora, como se nada do que eu tivesse vivido antes do Camará fosse útil para aquele espaço. Eu somei como pude, e fui somada também.

Vou me perdendo nessa viagem, mas é porque não consigo lembrá-la e contá-la de um jeito linear, porque não a percebo assim. Ela foi tão anterior ao momento do embarque no ônibus. E só foi de fato confirmada uma semana antes do congresso. Até o momento, toda preparação era para um devir viagem.

Entrar naquele ônibus para viajar tantas horas com um monte de crianças e adolescentes foi desafiador, como todo o estágio. Precisou de muito jogo de cintura e paciência. Coloca as coisas no ônibus. Espera, tira outras. Coloca de novo. Tá faltando gente. Será que a comida vai dar? Todo mundo foi ao banheiro? Entra no ônibus e segue a viagem. Canta música, faz pulseirinha, organiza as atividades para o fórum, arruma material, vê filme, dorme, acorda, chora, passa mal, pára, desce, come, sobe, briga, reata, se perde, e segue em frente.

Muitos desafios ao chegar: onde ficar? Qual o endereço? O que pode e o que não pode? E banho, comida, etc? Segue para o evento, que o resto depois se ajeita. Façamos os combinados. Recombinamos. Descombinamos. Re-inventamos. Corpo acelerado e explorador: tudo quer ver, cheirar, pegar e correr. Quem vai pra onde com quem? Quais os horários? Pontos de encontro? Alguém viu ooo...? Cadê aaa...? Tia pra cá, tio pra lá. Onde está o pessoal? Opa, encontrei um, cinco, oito.. sumiu dois... Dia cheio, dia intenso. Ir para a cama e dormir. Isso segue em todos os dias do fórum: acordar cedo, dormir tarde, encontrar-se, dispersar-se, reunir-se. Pontuado por tensões, risadas, cansaço e mobilizações.

O dormitório foi outra viagem: quem vai ficar com quem? Eu e Fernanda, estagiária do quarto ano, ficamos com quatro adolescentes. Espoletas. Danadas. Inventivas. Tomar banho, colocar pijama, dormir e acordar foi uma bagunça só, e que delícia cansativa! Houve

estresse em alguns momentos – alguns precisaram de intervenção. Em outros, nós, as estagiárias, estávamos na confusão. Cabe pontuar que eu já havia vivido momentos de tensões com as quatro em diferentes momentos ao longo do estágio; elas me tiravam do eixo e às vezes eu me via sem saber como agir diante delas. Curioso estarmos juntas nesse momento tão íntimo, de partilhar o sono, o desarmamento das resistências, e o sonhar.

O quarto proporcionou uma ligação muito genuína e um momento para conversas que até então não pareciam ter espaço para acontecer entre nós, que nos víamos semanalmente. As meninas foram trazendo histórias sobre os paqueras, as dúvidas em relação à sexualidade, entre outras coisas, e nos chamavam a estar juntas, a compor com nossas próprias experiências de meninas, não de adulta/estagiária que não fala certas coisas, que detém uma informação que não pode ser partilhada, mas alguém disponível para aquela relação de troca e construção. Lembro de uma cena tão incrível quanto engraçada, que recontamos diversas vezes nas supervisões: uma das meninas, enquanto nos preparávamos para dormir, traz a tona uma dúvida sobre sexo "ooo tia, é verdade que, assim óh, quando um menino e uma menina vão.. ah cê sabe.. fazer aquilo lá.. a gente tem que ficar lá durinha, pelada, sem se mexer e ai ele vem por cima?", e segue fazendo a cena para visualizarmos. Naquele momento eu não sabia o que fazer a não ser rir junto com elas enquanto tentava responder. Nenhum conhecimento prévio durante a graduação, frequentando diversas aulas e lendo tantos textos, havia me preparado para aquele momento e para aquela pergunta tão espontânea. Essa cena traz uma imagem bem interessante de como era o constante estado de surpresa e jogo de cintura que o Camará me chamava a viver.

As meninas anunciavam para todo o grupo no dia seguinte que nosso quarto era o mais legal e já nos preparavam dizendo que de noite ia ter mais perguntas. Quando fechávamos a porta do quarto éramos apenas seis meninas com muitas dúvidas, de diferentes ordens.

Estar nessa imersão Camará foi um grande (des/re)construtor de conceitos sobre ser estagiária – o papel esperado, como se portar, até onde se envolver, o que fazer ou não, etc; aquela vivência não foi pré-dita em nenhuma aula assistida, em nenhum texto lido. Era uma possibilidade de conexão com o outro, como são as relações no mundo. Afeto. Tensão. Reajuste. Aprender estando no mundo, ensinar o que está aprendendo.

Foram dias de muitas aventuras, que não consigo recordar cronologicamente, mas flashes vêm à minha cabeça enquanto escrevo: apresentação de dança, o documentário, confecção de bonecas, batucadas, bolhas de sabão, uma bebê risonha e às vezes chorona,

Brasília, pessoas de todos os lugares, crianças correndo, música, gargalhadas, choro, criança perdida, gente com fome, cara emburrada, frio no evento, muitas imagens…

O retorno foi tão intenso quanto a ida. Havia ainda muita energia das crianças, mas um pouco mais atenuada pelo cansaço e pela saudade de casa. Os adultos estavam esgotados, era nítido, mas com um ar de satisfação incrível. Como era no final do ano, era praticamente nossa grande atividade de encerramento.

Ao retornar tivemos o período de festas, e em janeiro fechamos o estágio para darmos continuidade ao calendário. E nesse período outra viagem surgiu, dessa vez para um evento de educação popular no Sul, mas nessa não pude ir. Uma pena. Estágio encerrado, muita lágrima engasgada do meu lado, e muitas outras tantas soltas pelas crianças e adolescentes. Uma delas, tão sensível à saída dos estagiários a cada ano, desabafa mais uma vez: é tão ruim isso, todo ano a gente tem que dar tchau para vocês. É o perigo inevitável de estabelecer as relações, como já dizia o Pequeno Príncipe: "tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas". E de que jeito! Eu as cativei e elas fizeram o mesmo comigo. Partir foi doloroso. Reencontrá-los dá uma saudade tão forte e um desejo intenso de retornar para esse espaço. Sinto uma falta danada de circular pelos camaradas.

Mas essa experiência reverbera de tal modo em mim ainda hoje, que sinto os camaradas circulando em meus pensamentos toda vez que sou convocada a entrar em contato com algumas temáticas, por exemplo: atuação no território, potencialidades, protagonismo infanto-juvenil, e tantas outras que me remetem ao que vivi enquanto estagiária. Aliás, entrei me denominando estagiária, mas saí me sentindo educadora. Saí para encarar outros cenários de uma forma mais caruda, mais firme (ciente e aceitando todas as minhas angústias), e menos preocupada com uma verdade já dada que pudesse me esmagar sem ser confrontada. Em fevereiro já estava na especialização em Psicologia da Infância, algo mais formatado: hospital e ambulatório; mas a injeção camarada se fazia presente a todo instante, e sofri com o choque de realidade nesse espaço tão distinto da ONG.

Saí também com muitas inquietações que me impulsionam a sempre procurar fissuras em que essa experiência possa ter voz, poder lançar um outro olhar para os contextos em que circulo, como, por exemplo, minha atuação como psicóloga na atenção básica do Guarujá e na escrita do projeto de mestrado no Instituto de Psicologia da USP. Apresentei um trabalho no encontro de Psicologia Social em Santos em 2014 sobre o estágio: a necessidade de falar era muito intensa. São experiências que não cessam de revisitar os itens somados em minha bagagem camarada, tirando-as do lugar por muitas vezes para serem lembradas mais de perto. Finalizar o estágio no Camará não me fez um sujeito pronto formado/formatado para

ser Psicóloga; ao contrário, me deu pistas para o realinho constante das vivências que vou tendo e que me convocam para sair do lugar-comum, em busca de novas e intensas jornadas no processo formativo intenso e em eterno movimento que a atuação pessoal, profissional e militante me convida a habitar, transitar e viajar.

Allana R. Alaion

4.5 Fazer Viver um Corpo Caótico

"Voz poderosa como nenhuma outra. Porque é uma voz que chama para lutar por todos, pelo destino de todos, sem exceção. Voz poderosa como nenhuma outra. Voz que atravessa a cidade e vem de todos os lados. Voz que traz com ela uma festa, que faz o inverno acabar lá fora e ser a primavera. A primavera da luta. (...) Voz que vem de todos os peitos esfomeados da cidade, de todos os peitos explorados da cidade. Voz que traz o bem maior do mundo, bem que é igual ao sol, mesmo maior que o sol: a liberdade."
(Jorge Amado, Capitães da Areia)

A escolha de eleger uma cena que tenha me marcado de alguma forma no Camará não foi bem-sucedida. No sentido de que, depois de muito passear tanto pelas memórias quanto pelas produções escritas ao longo desses 3 anos de percurso, há inúmeras cenas nas quais eu vou reconhecendo um descontruir de fôrmas em mim e uma convocação para a reinvenção de eus e de um trabalho, sempre, complexo e comprometido com um corpo vivo no mundo. Seja ele que mundo for.

Portanto, elejo duas cenas que dizem de momentos especiais e que de certa forma produziram marcas singulares na minha concepção de trabalho e vida. Duas cenas que desafiaram a lógica temporal, que foram captadas por uma outra ordem de tempo, como se naquele instante nada mais no mundo existisse além de nossos corpos. Como se inaugurassem em mim novas sensibilidades e expandissem meu corpo para ser ocupado pelas intensidades.

CENA 1. 18 DE MAIO DE 2014

As crianças descendo, ao ritmo da música, as escadas e conduzindo quem eles encontravam ao palco, "pra dançar do seu jeito". Que cena linda! Inteiros e contagiados pela grandiosidade daquela ação que parece tão singela, soltamos o corpo. Dançamos,

todos, no ritmo da Luta. Celebramos o processo que ganha uma cara, uma cena, um ato. Dançamos embalados pela poesia de encontrarmos lindos resultados. E estagiários, Vivi, João e muitas crianças naquele palco grande contam a todos que ali assistiam qual era "a cara do Camará".

Expressar-se, se jogar, se atirar, fazer belos passos de dança no improviso. Não ter vergonha de subir no palco das nossas rotinas, das nossas próprias e coletivas vidas, de lutar pelos nossos direitos, de produzir humanidades e afetos e dançar. Dançar e se jogar nas belezas que esses processos todos trazem. Dançar e se jogar nas alegrias daquele dia que, aparentemente caótico, produziam coisas que eu não imaginaria.

E nos passos de danças, cada qual no seu estilo, orquestrávamos no descompasso, um lindo espetáculo. Nas forças que passeavam e atravessavam a todos nós ali naquele palco, sorríamos como Eloísa, ficávamos surpresos e emocionados como Teté boquiaberta pela arte, tirávamos o corpo do eixo como Wellington, juntávamos nas diferenças como o Batucaps e o Maracatu. Protestávamos contra o docilização dos corpos como fizemos no Boteco da Joana e assistíamos-participando uma bela cena como daquelas que exibimos no cinema ali fora. Enfim, fechávamos o evento numa mais bela composição de potência-arte-loucura.

CENA 2. BELO HORIZONTE. AGOSTO DE 2015.

Eu adorei a nossa casa, tio.

Disse a menina que antes chorava no meu colo dizendo que nada estava dando certo para nós. Gabi se encantava com nosso quarto no chalé Paineiras como se agora tudo já estivesse dando certo. Duas beliches e uma cama de solteiro compunham nosso espaço e mesmo a correria em que estávamos não impediu que ela desarrumasse cuidadosamente talvez as 6 peças de roupa que ela trouxe na mala. Os cabides vazios ganhavam suas roupinhas pequenas e raras. Enquanto Isa se apressava no banho a menina explorava o quarto nos olhos de quem via tudo dando certo a partir dali.

Eu nunca dormi numa beliche assim tio, posso dormir em cima?

Troquei o colchão de lugar e fui dando a nossa cara para a nossa casa. Ela deitou e testou. Ligou o abajur. Apagamos a luz e ela treinou descer a escada caso sentisse vontade de ir ao banheiro à noite. Testamos os quatro abajures na tentativa de descobrir qual seria o foco de luz para não ter medo do escuro na madrugada. No detalhe, ela arrumou a cama e organizou o seu espaço. Separou a roupa nova da Frozen para receber o seu prêmio. Nos 10 minutos do banho da Isa, Gabi fez daquele espaço sua casa, nossa casa. E dizia na voz

engraçada dela que valia a pena a nossa resistência. Ali naquele espaço-tempo que vivíamos, éramos pela primeira vez bem-vindos.

A casa era nossa. E Gabi foi pro banho depois da Isa. Deixei que ela fechasse a casa quando seguimos para o ônibus. Ali era nosso espaço, uma conquista nossa. Ali também era o mundo real, ali também era mágica. Dá pra ser(mos) muitas coisas nesse espaço de tempo tão curto.

São encontros que dão sentido para o meu fazer ali.

Eu também adorei a nossa casa, Gabi.

Tudo isso que me veio tenta ilustrar um pouco essa experiência com a imagem da flor da pele. Mais do que me sentir à flor da pele na maioria do tempo que passo no Camará, atravessado e modificado em intensidades, sinto que essa experiência vive em florescência no corpo. Um brotar de flores na pele - na superfície do contato exacerbado, forçado, doído e por isso campo fértil para florescer. A pele florida dos aprendizados que experimento aqui. Com as cores e também os espinhos que nos trazem ao embarcar nessa loucura que vamos nos propondo nessas clínicas inventadas.

Brotei-me um outro, no contato à flor da pele.

Broto um novo no fazer Camará.

Cássio Vinícius Afonso Viana

4.6. Sozinhos, caminhamos juntos

Lembro-me de estar passando, na época, por um momento particular muito difícil, justamente por não encontrar respostas ao que estava acontecendo naquele momento da minha vida. E quando nossos problemas parecem nos controlar de longe, distantes das nossas capacidades mentais de compreendê-los, realmente podemos ser domados com certa facilidade. Hoje, talvez, um pouco mais maduro, consiga enxergar tudo isso com um pouco mais de clareza.

No quarto ano de Psicologia, minhas tardes de quinta-feira eram reservadas para visitas ao Quarentenário, periférico bairro de uma parte de São Vicente aparentemente esquecida. O estágio que eu fazia envolvia um coletivo de crianças que moravam neste local, com as quais brincávamos no mesmo ritmo que discutíamos política, feito gente grande. E

apesar dos inúmeros e diversificados rostos presentes em todas as semanas, mesmo dos quase sempre ausentes nós não nos esquecíamos.

Já havia visto o Anderson algumas vezes no Camará. Mas eram poucas e esporádicas vezes que ele aparecia. Eu lembrava de tê-lo visto meses antes, em uma de suas raras aparições. Sempre quando era perguntado do porquê não frequentar o Camará com mais frequência, as respostas eram iguais, independentemente do tempo espaçado entre elas:

- Porque eu acho chato.

Mas certa tarde do mês de setembro, Anderson, o menino de respostas sinceras, reapareceu. Tínhamos o hábito de encontrarmos as crianças perto do restaurante Bom Prato para subirmos à VIP todos juntos: equipe e as crianças. E neste caminho, tive a oportunidade de me aproximar do Anderson. Mas mal poderia saber que o trajeto viria a se tornar chão fértil para o crescimento de uma cumplicidade bastante genuína entre duas pessoas.

— O que você vai fazer pela cidade?

— Como? Não entendi a pergunta, Anderson – Na verdade eu não havia falado, mas era essa mensagem que a expressão do meu rosto transmitia.

— Ué, você não é o Caio França?

Era época de eleição e várias faixas eram erguidas nos altos das moradias do bairro, que distribuíam rostos de deputados da região, felizes e convidativos, por toda a parte.

Rimos bastante da sua pergunta. Não é necessário muito para percebermos quando alguém enxerga as coisas com um olhar diferente. Anderson me pareceu, mesmo com 12 anos, ter uma sensibilidade mais aguçada, até para associar meu nome ao de um deputado e perguntar por mudanças.

Porém, passados dois anos desta cena, me vieram à cabeça algumas dúvidas sobre a pergunta do Anderson. Bem poderia, claro, ser ela uma simples associação estereotipada de políticos com o ofício de resolver problemas e solucionar questões da cidade onde vivemos. Mas estaria Anderson me perguntando sobre o que eu, Caio – não o França –, poderia estar fazendo para mudar a sua cidade particular?

— E o que você faria? – Devolvi a pergunta.

— Ah! Mudaria algumas coisas – E após um silêncio em que Anderson entendeu minha insatisfação com a resposta, continuou – As pessoas. E queria também que a escola desse mais suco—Completou.

Anderson me ganhava a cada passo. Até então, não tinha conseguido construir uma relação consolidada com nenhuma outra criança desde a minha chegada ao Camará, mesmo depois de bons meses atuando no projeto. Bastaram algumas perguntas e um apoio para perceber que Anderson andava em ritmo diferente das demais crianças, e que estava à procura de alguém que também estivesse em seu compasso. Em um compasso descompassado com os demais.

- Gostaria que elas fossem mais gentis. – Continuou Anderson.

Não à toa me refiro a passos e andares. Anderson, por alguma razão não aprofundada, apresentava dificuldades em seu caminhar. Um pouco manco de uma das pernas, parecia ser necessário um ombro para aliviar o cansaço de quem luta contra uma instabilidade e com a falta de um equilíbrio biomecânico o tempo todo. Percebi que poderia nos fazer bem se me inclinasse um pouco e fornecesse meu ombro. Acho que, naquele momento, me desequilibrar com o corpo poderia me dar o equilíbrio a muitas outras coisas. Em outras palavras, o que eu podia dar ao Anderson era justamente o meu desequilíbrio, porque era isto que o equilibrava.

E neste nosso torto caminhar, aproximávamos da VIP à medida que eu e Anderson também nos aproximávamos. Mal sabia ele a ajuda que estava me dando, sobretudo pelos dias nada fáceis que precisara passar naquela semana. Assim como Anderson e sua relação com as outras crianças, eu precisava encontrar legitimidade para o meu caminhar dentro do Camará. Tentava me endireitar o tempo todo e andar como todos por acreditar que meu ritmo estava errado. Mas parece que o que nos faltava, este tempo todo, era a companhia para um dizer ao outro:

- Calma. Está tudo bem. Vamos nos apoiar! Nossos caminhares, um pouco sozinhos, se parecem. Vamos caminhar sozinhos juntos. E falar de futebol.

E assim foi. Depois deste primeiro dia, sozinho caminhamos juntos por diversas vezes do Bom Prato à VIP, sempre apoiados em nossos desequilíbrios. A mão de um sobre o ombro

inclinado do outro rendeu uma série de conversas. Principalmente de futebol. Que duram até hoje.

Caio Possati Campos

4.7 O Casulo e a Borboleta

O tempo em que pude viver e apreender o Camará foi de muitas paixões, experiências— daquelas que se vive mesmo — e crescimento.

Começou na pele, no corpo, no encontro.

A primeira grande lembrança é de caminhar pelas ruas do Quarentenário pela primeira vez. Consigo sentir os cheiros e escutar os sons. Quase sinto em mim agora a vida que senti pulsar ali, naquele dia. Achava que sabia muito da dificuldade de se viver uma vida em vulnerabilidade social, mas descobri ali que nada sabia sobre a vida que pulsava, que insistia em brotar, em acontecer. Descobri ali o que é ocupar sua cidade—mesmo que seja restrito ao espaço a que te permitem pertencer. As pessoas vivem a rua, os encontros, o movimento.

Aquela minha ideia de privado e de privacidade, que tanto aprendia enquanto crescia em meus tantos mundos particulares, desmoronou. Quebrou-se, para poder renascer.

Comecei a entender que a psicologia é pública. Que psicologia — e todas as outras coisas — é política e engajamento. Descobri que meu mundo não cabia nos tantos mundos que existiam para além do meu. Valia a pena apertá-lo para caber? Ou suportaria a dor de romper para expandir?

O Camará me trouxe dor. Muita muita dor.

Lembro de momentos em que me "tranquilizava", pensando que poderia, depois de formada, trabalhar em um emprego fixo, com carteira assinada, fazendo parte do sistema. Poderia reproduzir. E talvez aquelas angústias e questionamentos todos me dessem descanso.

Tinha medo, dúvida e muito desconforto de início. Ah, não é nada fácil refazer seu mundo.

Mas ingênua fui eu de pensar que depois, ali no futuro, poderia me encolher. Nada feito.

Depois que a borboleta sai do casulo, não há nada que faça ela voltar. Nem se quisesse. Ela não caberia.

A dor permaneceu, mas aos poucos encontrou sua força. Encontrou força nos encontros que reverberavam. Na vida que pulsava fora e logo passou a pulsar em mim.

Acho que a dor não acaba, porque questionar é abrir os olhos para o que precisa sempre ser transformado. E nesse contínuo, não há mais espaço para a alienação.

As dores e as delícias de entender quem se é. De entender os lugares de fala, os lugares no mundo. As dores e as delícias de ser também transformação. De se construir e reconstruir no coletivo. Aos poucos, a força da intenção passou a se fazer presente. E as conquistas nas pequenas falas das crianças e jovens do Camará me faziam vibrar e me apaixonar, sempre mais.

Fazíamos o "CineClube" todas as terças-feiras. Filmes profundos, intensos e, na minha opinião, difíceis. Lembro de ter dúvidas, em alguns momentos, do quanto de fato estávamos conseguindo construir o que desejávamos com aqueles jovens. Será que aquilo tudo estava fazendo sentido para eles?

Muitas terças me ensinaram que, primeiro, não se trata do meu desejo. Às vezes o aprendizado vai ser em um ponto no qual eu nem havia pensado anteriormente, e essa é a beleza de se entregar verdadeiramente para o encontro, para os saberes do outro, os saberes coletivos. Quando a intenção de estar e aprender com o outro é verdadeira, é preciso se desfazer do desejo de controle. Algo que me encanta no Camará: a imprevisibilidade. Essa é a maior prova de que ali é a vida que acontece.

Pois bem, essas terças me ensinaram, também, que há muito potencial naqueles jovens. Que eles são profundos, críticos, questionadores. Basta dar espaço e sustentação para que essas potencialidades possam florescer.

Lembro de um dia em que assistimos a um documentário que tratava sobre o conflito entre Israel e Palestina. Era um assunto que vinha sendo discutido com os jovens do Camará há algumas semanas.

Durante a discussão um dos jovens fez um comentário que me deixou extremamente orgulhosa. Ele comparou a fronteira entre Israel e Palestina, que separa aqueles mais ricos dos mais pobres, com a ponte que separa a área continental da área insular de São Vicente. Refletiu sobre o fato de a ponte ser uma maneira de excluir uma parte da população, impedindo que tenham acesso a mais possibilidades. Faz-se assim uma separação entre população com poder aquisitivo diferente, marginalizando e negligenciando uma parcela importante da população da cidade. Entendeu que a ponte era simbolicamente e materialmente uma divisão profunda entre as pessoas e os acessos que elas tinham.

Naquele dia tive, mais uma vez, certeza da riqueza do que se constrói no Camará. Vozes que têm tanto a dizer, a questionar, a defender. Vozes que precisam ter vez. Que precisam apenas ser ouvidas, cuidadas, potencializadas.

Vozes lindas que ouvi no I Fórum Mundial de Direitos Humanos, em Brasília. Vozes de crianças e de adolescentes, que entre políticos, empresários e ativistas, tiveram certeza que tinham também o que falar. Sabiam que poderiam gritar alto, pois tinham muito a dizer. Que entenderam que precisam ser olhadas por todos. Que sabem que não são invisíveis e nunca aceitarão que digam o contrário. Crianças que se mobilizaram por contra própria para se manifestar em um fórum com centenas de pessoas adultas.

Crianças e adolescentes que sabem a seriedade das pautas que levantam, mas entendem que ser criança é também brincar. Por isso, lutam com alegria. Fazem isso por meio da arte, da cultura, do lúdico. Se recusam a perder a força do sorriso. E se juntam para ampliar a voz, sabendo que sempre será sua vez. Sempre.

Camará me marcou. Marcou verdadeiramente, porque foi no corpo. Foi na alma.

Camará acredita na experiência. Aquela em que é preciso entrega. Entrega e coragem.

Coragem para se refazer, se revirar. Quebrar e pulverizar. Até se encontrar e reconstruir.

Quem mais me ensinou foi a vida. Eita vida que pulsa naquelas crianças.

Elas vibraram em mim e reverberam até hoje. Ecoam. Ecoam. Ecoam.

Betina Dauch

4.8 Camará se faz caminhando

Ao pensar em narrar marcas sobre a experiência vivida desde que passo a conviver com os camaradas em 2010 são inúmeras as cenas de que me recordo. Cada vez lembrada, há outros tons de cores de memória que se organizam de um outro modo, me levando a compreender por outros caminhos as mesmas, tornando-se outras.

Pensar em cenas me leva ao primeiro dia de campo como estagiária do curso de psicologia da UNIFESP quando Viviane, psicóloga do Camará e nossa preceptora, junto à Valéria, educadora do Camará, e às outras estagiárias (éramos cinco meninas, quatro no quarto ano e uma no quinto ano) saímos pelo território. Juntas caminhávamos em direção à

Vila Margarida e ao México 70. Vivi mexe com meu olhar incitando-nos a olhar as cenas do caminho como fotografias e depois ao final do trajeto escolhermos uma ou mais cenas marcantes deste encontro.

Recordo de ser surpreendida pela beleza de cores dos varais. Nunca havia contemplado tanto os varais, muito menos sua beleza. Os varais que faziam erguer os olhos que até então se arrastavam pelo chão, pelo lixo entre as galinhas, cachorros e as pessoas. Lembro de muito lixo. Ao pensar nestas casas, recordo de ter passado por algumas itinerantemente com um grupo de mulheres que marcou toda minha formação. Duas destas mulheres ainda mandam notícias ou as encontro pelo bloco de carnaval EURECA Litoral organizado pelo próprio Camará em parceria com outras organizações.

Tenho a imagem deste grupo em movimento, destas mulheres abrindo a porta de suas casas para nos receber, de prepararem o espaço, o café. A linha na agulha que furava o tecido, ao puxar, fazia-se flor de fuxico. Éramos seis mulheres. Tecidos e tesouras. De tanto fuxicar, o nome do grupo se deu "fuxicada". Circulamos entre quatro casas e o Camará. Da área aterrada à Maré. Em outros momentos, recordo do Camará itinerante no Quarentenário. Sempre andando. Do Meirelles[5] para VIP[6]. Para o bom prato. Para a casa de alguma das famílias das crianças. Para o ônibus. Para algum lugar em Santos. Para Brasília. Nunca parados. Sempre andando. Assim como as crianças fazem em seus territórios. Circulam. Camará se faz caminhando.

Não recordo de histórias para narrar em um único espaço fechado. Todas as que recordo se deram na transição de um espaço e outro. Onde a vida acontece. Deslocar pelas ruas, casas, cruzar fronteiras entre municípios tão próximos, implica numa mudança grande de produção de cuidado e de conviver, a partir de um outro jeito de cuidar das pessoas.

Por que escolher cenas em movimento? Porque talvez tenha sido exatamente aí neste trânsito que encontrei um jeito de ser e estar em produção de cuidado. Desde as primeiras vezes que frequentei o Camará como curiosa e até os dias de hoje como educadora de um dos projetos, as coisas permanecem em movimento. As crianças, os adolescentes, as famílias, o trabalho. A vida não para. Longe de querer enquadrar como outras práticas e instituições que torcem a cena, espremem o sujeito entre quatro paredes e esgarçam sua história justificando proteção, cuidado, justiça a partir das políticas públicas. Usa-se esse termo algumas vezes enquadrando numericamente as pessoas. Entendo a política pública como conquista e acesso a direitos. O que vejo na metodologia Camará é que há sujeitos que

5 Escola Estadual de Ensino Fundamental Prof. José Meirelles.
6 Associação Promocional Irmã Dolores.

constroem suas histórias tendo a oportunidade de olharem para si, para sua trajetória e como a partir disto é possível compor com outros elementos da vida. Tudo a partir do sentido. E aí sim a política faz sentido. Quando nestes deslocamentos se produzem demandas, necessidades. Então olhamos para as possibilidades de acessos. São as pessoas que precisam de políticas e não o contrário, as políticas que precisam das pessoas. O contrário costuma não fazer sentido, e usam o termo "a família / o sujeito não aderem". Não aderem ao quê? A serviço de quem está a política? A serviço de quem está esta produção de desejo? Façamos circular as produções e caminhando vamos entendendo os sentidos e direções, demandas e necessidades, histórias e trajetórias. A produção de cuidado me parece possível só em deslocamento, só circulando pelos lugares, pelas histórias, onde a vida acontece.

E é acompanhando estas histórias que muitas das minhas histórias pessoais também foram ganhando sentindo. Tive a oportunidade de aprender um fazer em que foi possível me colocar e sempre olhar de que lugar eu, sempre em formação, estava me colocando, olhando. Talvez por isso que estas marcas da experiência vão ganhando outras cores, outros tons a cada deslocamento. Este outro jeito de cuidar, para mim, não cuida só das pessoas que vivem nestes territórios de vulnerabilidade, cuida como um todo dos que são seus. Talvez aí more a chave da questão: Como a gente se cuida junto?

Rafaela Camargo Baldo

4.9 Primeiro Encontro

Andava pela calçada da Rua 13 de Maio à procura de um lugar chamado Camará. No endereço encaminhado pela psiquiatra infantil Drª. Lya Mara do Naps de São Vicente nos orientava a seguir o seguinte endereço: Rua 13 de Maio, 300 – Centro de São Vicente.

Depois daquele encontro eu jamais esqueceria aquele caminho e lugar. Andávamos juntas pela calçada daquela movimentada via, eu minha mãe e Izabelli que ainda habitava meu útero com resistência e amor.

Lembro-me ainda hoje depois de quatorze anos os lugares a que meu olhar curioso se lançava, algumas vezes sentia as batidas do meu coração, outras vezes destinava minha atenção de uma forma singela para as expressões físicas e faciais da minha mãe. Recordo-me que não era muito feliz.

O cenário do centro era bem diferente do que eu estava acostumada a habitar, principalmente aquela parte residencial da cidade. As ruas eram limpas, havia várias sinalizações de trânsito, as casas eram bonitas, recordo-me de ter chamado muito minha atenção todas as casas terem muros com garagem e principalmente as janelas, que tinham "formato de janelas", e não maderites seguradas por um caibro.

Estávamos quase terminando nosso percurso, quando nos aproximamos de uma esquina, ponto este que pela minha mãe encerraria nossa procura. No entanto, para minha felicidade avistamos umas meninas sentadas à beira da calçada de uma loja. Estavam acompanhadas por uma "mulher" que por alguns minutos se confundira com as mesmas. Decidimos perguntá-las se alguma delas sabia onde era o Camará, então a Vivi se levantou e disse. É aqui!!!

O seu olhar era diferente, era atento e parecia estar feliz com a minha presença e a da minha mãe. Minha barriga que anunciava uma gravidez precoce não foi o ponto de partida para as primeiras perguntas. Aliás, a conversa não se deu por meio de perguntas, e isso eu me lembro de ter-me feito bem. Minha barriga não foi grande o suficiente para que anulasse minha face. Para que anulasse quem eu era além de uma adolescente de 13 anos grávida.

Meu perfil físico era um tanto diferenciado, mas prefiro deixar essa parte para ser acrescentada ou talvez apresentada pela própria Vivi, pois, creio eu, que este encontro também tenha sido significativamente marcante para ela.

Este dia marcou o início de uma longa jornada de relações, afetuosas, formativas e acima de tudo humana. A gravidez foi gestada com acompanhamento, cuidado e estímulo para que eu vivesse minha vida sendo dona dela. Tomando decisões e assumindo papéis com responsabilidade e inteireza.

Foram dois anos de participação no Camará providos de acompanhamento, muitas conversas que por vezes se davam numa salinha de atendimento, outras eram na fila de um mercado, na casa de minha mãe, ou até mesmo por um orelhão público. Nunca existiu um jeito exclusivo de se conversar, pois o importante sempre foi estar junto e se fazer presente de uma forma significativa para ambas pessoas.

Lembro-me dos meus tempos de "menina" onde pude ter mais de mim, e menos dos outros. Onde se podia acreditar que um outro mundo é possível externamente e principalmente internamente, o importante é que possamos ser fiéis ao nosso ofício. Superar as violências, vivendo-as quando devem ser vividas e aprender com elas, superá-las e se por adiante. Sempre!

Valéria Alves

4.10 Processos Educativos: Caminhos e parcerias possíveis

Num dado momento da história do Projeto Camará, os seus coordenadores fizeram a escolha de abarcar, na condição de público-alvo de seus projetos, não só as pessoas abrangidas diretamente pelas suas ações, mas também jovens que poderiam se formar educadores sociais e/ou jovens lideranças.

Assim, minha experiência como jovem educadora da equipe de profissionais do Projeto Camará foi uma experiência essencialmente educativa, de singular riqueza e enorme crescimento humano e profissional.

Eu era uma das jovens educadoras do Projeto Apareceu a Margarida desenvolvido com jovens moradores da Vila Margarida e do Quarentenário – ambos bairros localizados nas periferias da cidade de São Vicente.

Dentre as atividades que eu desenvolvia, acredito que as mais interessantes eram as Semanas Temáticas – o desenvolvimento de um tema através de várias atividades socioeducativas e culturais, durante o decorrer de toda uma semana – e as Oficinas de Culinária.

A Oficina de Culinária era a atividade na qual os participantes do projeto, majoritariamente meninas, participavam com mais assiduidade. Deveras, sempre acreditei, e a equipe do Projeto Camará também apostou na ideia, que a comida, para além do potencial nutritivo e alimentar, tem um condão de aproximar e interagir as pessoas, construir pontes, facilitar a empatia, entre outros.

Nesse passo, via de regra, as oficinas de culinária estavam sempre cheias e a coordenávamos eu e a Ana Paula, outra jovem educadora do projeto.

Diante do contexto, natural e esperado que com o desenvolvimento das atividades fossem sendo criados laços mais estreitos entre algumas adolescentes participantes e os educadores do projeto. Eu me sentia bem próxima de algumas meninas como a Gabriela (que hoje é uma jovem educadora do Projeto Camará), com a Isabela, Sarita entre outras.

Não por um acaso, a cena por mim escolhida é com/sobre a Sarita.

Durante todo o ano de 2008, ela me procurou algumas vezes, depois de encerrada a Oficina de Culinária, para conversar. Quando sentávamos, não havia nada em especial para ser falado. Geralmente ela queria desabafar o quanto que ela via o próprio cotidiano de forma difícil e inóspita, especialmente por causa da mãe, que viciada em craque, não

conseguia cuidar dela e das irmãs. Ela falava de uma angústia e de uma sensação constante de orfandade e abandono numa vida difícil de levar no Quarentenário.

Ela, com dificuldade de processar o seu cotidiano e eu com dificuldade de receber aquelas informações e processá-las de forma que, ao mesmo tempo, respeitasse ela e a sua família e contribuísse, se possível, para alguma transformação.

Eu, por minha vez, nas reuniões de equipe, relatava como que tinham sido as atividades e sempre que possível, discutia as conversas com as meninas. E, então, eu que levava as angústias resultantes de referidas conversas.

E foi numa das reuniões de equipe que o coordenador informou que a Sarita o havia procurado naquela semana e que o informara de que estava grávida. Naquele momento ela tinha entre 15 ou 16 anos. Eu demorei um pouco para acreditar e ele repetiu, com a sobriedade que lhe é peculiar, que ela estava grávida.

Com a mesma dificuldade enfrentada pela Sarita quando me chamava para conversar, tendo em vista que não conseguia (e nem era necessário que conseguisse) explicar o que lhe incomodava ou desgostava na própria vida, eu também, sem conseguir explicar muito bem a razão, comecei a chorar com uma imensa tristeza e pesar no peito.

Lembrava das questões que ela me trazia, do sofrimento que sentia quando a mãe sumia de casa e ela e a irmã mais velha tinham que assumir os cuidados com a casa e com os irmãos mais novos; da dificuldade em se manter na escola, causada pelo ambiente absolutamente inóspito e excludente que ela oferecia; as quase intransponíveis dificuldades financeiras causadas por uma sociedade injusta e díspar, enfim, a sua vida já era tão difícil e invariavelmente, com um filho, ficaria ainda mais difícil.

Assim, eu chorava de compadecimento pelos enormes sofrimentos que ela enfrentaria no futuro, com uma criança nos braços.

Todavia, conforme adrede especificado, o público-alvo do projeto Apareceu a Margarida não eram somente as adolescentes que participavam das atividades, mas também as jovens que se formavam educadoras sociais. Assim, o meu sofrimento não passou desapercebido pelos demais membros da equipe, especialmente pelos coordenadores.

Assim, a discussão se desenvolveu acerca da nossa incapacidade, enquanto ser humano, de efetivamente garantir que determinada situação invariavelmente produza determinada consequência.

De fato, a gravidez da Sarita poderia realmente resultar num maior agravamento de sua condição de vulnerabilidade, mas, também poderia resultar em incontáveis outras possibilidades que nós sequer poderíamos imaginar. E não havia a menor possibilidade de

mensurar os benefícios ou malefícios dessas consequências na vida dela ou de qualquer outra/o adolescente que engravide.

Por outra análise, pesares como o que eu sentia em relação à gravidez da Sarita eram, muitas vezes, usados como fundamento para políticas higienistas tal qual a de laqueaduras compulsórias na população pobre, como se a população mais pobre fosse a responsável pela extrema pobreza vivida pela maior parcela de nossa sociedade. Destarte, tolice seria imaginar que a extrema pobreza, bem própria de nosso país, fosse construída em razão da enorme quantidade de pobres e não pela opção política e econômica dos detentores do poder.

Ademais, quem é que tem condições de determinar qual é o momento ideal para que outra pessoa engravide, tenha filhos ou forme uma família?!! Por óbvio, somente a própria pessoa pode fazer essa escolha. E, ao que tudo indicava, consciente ou inconscientemente, a Sarita havia feito a escolha dela. Quem, naquela reunião de equipe, poderia dizer se referida escolha era certa ou errada?

Ainda havia o fato mais importante de que a função do educador social não era a de decidir pelo educando ou fazer as escolhas no lugar dele, mas sim a de contribuir e criar condições para que ele pudesse fazer as próprias escolhas o mais alinhadas possível ao próprio desejo e ao próprio projeto. Assim, não cabia àquela equipe decidir se era ou não a hora da Sarita ser mãe mas sim estar ao lado dela para, se necessário e se autorizado, contribuir no que fosse permitido, necessário ou autorizado.

Logo, a função do educador social, em muitas ocasiões, era difícil e angustiante porque, em última instância, era apostar no educando e contribuir para que o seu desejo e projeto se realizasse, independentemente do desejo, angústia e medos dos educadores. Era um caminho necessariamente libertário e, por isso, muitas vezes dolorido e angustiante

Pois bem.

Passou-se o tempo, o Projeto Apareceu a Margarida terminou e, por causa da faculdade, eu saí do Camará. O Adrian nasceu e eu não o conheci.

Passado mais um tempo, numa fila de ônibus encontrei com a Sarita. Ela estava bonita, como sempre, conversamos, ela mostrou inúmeras fotos do Adrian e apesar do trágico contexto no qual nos encontrávamos (ela estava tentando ajudar o irmão mais novo que havia sido preso em razão da participação no sequestro de uma jovem) ela parecia bem.

Ela falava que estava começando a trabalhar, mas estava insegura em relação ao Adrian, se ele ficaria na creche ou se pagaria alguém para cuidar dele e como qualquer mãe, vivia a angústia de sair para trabalhar sem ter certeza de como ficaria a cria.

No mesmo passo, dizia que estava morando com o companheiro e que ambos estavam felizes com o Adrian. Disse ainda que ajudava, como podia, a mãe e os irmãos. Destarte, quem poderia afirmar se, para ela, foi bom ou ruim ter sido mãe na adolescência? Por óbvio, ninguém.

Imagino ainda que alguns dirão: "ahhh, mas por causa da gravidez as adolescentes abandonam a escola, não conseguem ter uma profissão, etc e tal."

Isto é verdade. Até onde eu sei a Sarita não terminou o colégio e até onde eu soube (algum tempo depois do encontro com ela no ônibus, encontrei com a irmã dela também no ônibus) ela trabalha de empregada doméstica.

Todavia é importante notar que o abandono da escola (comum para as jovens mães) não é uma consequência direta da gravidez na adolescência, mas sim de um Estado que possui um modelo de escola que não dialoga com a realidade e com as características do público que pretende atingir, haja vista as inúmeras experiências, nacionais e internacionais, que permitem que jovens mães continuem estudando.

Outrossim, quanto à profissionalização, tem-se ainda que a desqualificação de profissões como empregadas domésticas, atendentes de comércio, manicure, entre inúmeras outras profissões desprestigiadas na nossa cultura também guardam pouquíssima relação com a idade na qual as respectivas profissionais foram mães.

Em outras palavras, a empregada doméstica que foi mãe aos trinta e cinco anos de idade sofre o mesmo desprestígio da empregada doméstica que foi mãe aos 15 anos de idade.

Portanto, o desprestígio profissional que as jovens mães sofrem também não tem relação com o fato delas terem engravidado na adolescência.

Logo, não foi possível saber e jamais será possível (a um terceiro) saber se no caso da Sarita foi ou não bom ou proveitoso ela ter engravidado na adolescência e tampouco cabe aos educadores fazer esse juízo de valor, porque, por óbvio, não é essa a função deles.

Vanessa Alves

4.11 Ser Sujeito em um Mundo Desigual

Perceber-se sujeito é perceber-se num mundo diferente, em um momento único, em lugares de exceção.

Quando me coloco a pensar sobre minha trajetória no Camará, me coloco a pensar num ser sujeito, pois aprendi a ser crítico e saber meu local nesse mundo complexo e desigual. Não é fácil refletir sobre essa trajetória, mas é rico saber o que já foi vivenciado e conquistado.

Hoje tenho 32 anos, atualmente estou trabalhando no serviço de convivência em Santos, e nesses últimos meses fui convidado a trabalhar no Camará novamente, mas o principal desse retorno é que atuarei com oficinas de teatro tentando constituir um grupo de teatro. Sou educador social, ator e diretor de teatro, minha formação vem muito por conta dos processos vividos no Camará.

Em 2001 fui convidado por amigos para fazer parte de uma peça "quem casa quer casa" na ONG Camará. Começamos os ensaios, mas não conseguimos ir adiante; ao mesmo tempo que paramos de ensaiar, fomos convidados a participar de um projeto chamado Ecologicamará, um projeto ambiental que tinha como foco reproduzir o que se aprendia para outros jovens, curti muito porque na grade de atividades tinha teatro, tinha a possibilidade de montar espetáculos para ser uma estratégia de motivação para outros jovens. Nesse projeto passamos a conhecer os meio-ambientes naturais da região, conhecer sobre cidadania, teatro, fotografia, artes plásticas, isso tudo para possibilitar ao grupo ferramentas de multiplicação, um projeto que era pra ser de dois anos, 2002 e 2003, foi renovado por mais dois anos, 2004 e 2005. Essa é a marca principal no meu processo, porque foi nesse momento em que fomos convidados a ocupar o papel de monitores, devir educadores. Durante todo esse tempo sempre fizemos rodas, e mais rodas, e mais rodas, e mais rodas de conversas, mas conversas legitimando a fala de cada um da roda. De 2004 em diante o papel mudou, passamos por vários momentos de formação e participação, aprendi a gostar de participar de espaços de política públicas, como conferências, conselhos, comissões. Por conferências participei da dos direitos da criança e do adolescente no município, na região, no estado, no nacional, também participei das conferências da cidade e da assistência social até a estadual, e participei da conferência de cultura até o nacional. Nesses espaços políticos fiz parte da comissão nacional e estadual de pontos de cultura. Organização de eventos e mobilização de pessoas foi parte de todo um processo de aprendizagem.

Hoje estamos em 2016 e percebendo sujeito nesse decorrer da história dessa ong que trabalha e trabalhou sempre pensando em potencializar a vida de crianças e adolescentes no seu contexto social. Durante todo esse tempo tem fatos que marcam nossa vida, e isso aconteceu comigo, em que em alguns, ou melhor, vários momentos pude ser marcado com experiências que me colocaram como um sujeito ativo de mudança e participação.

Aqui quero apresentar uma experiência vivida com um grupo que me fez ser grande ao saber da grandeza desse grupo. Em 2004 o projeto Ecologicamará tinha como foco o meio-ambiente urbano, em que tínhamos que trabalhar com grupos nos bairros, levantando questões e pensando em ações para serem executadas em um período de tempo. Foi quando nas articulações institucionais surgiu um grupo no bairro do Quarentenário, em um centro comunitário; fomos divididos em duplas para a execução dessas ações e eu e o Ewerton formamos a dupla que iria atuar com esse grupo. Chegamos ao primeiro dia de atividade. Havia mais ou menos, com a assistente social Rosana, umas 100 pessoas inscritas, e começamos as atividades com um grupo de mais ou menos 60 pessoas. Algumas coisas eram comuns aos grupos, criação de identidade "nome do grupo" e criação da ação. O grupo escolheu falar de lixo por meio da linguagem do teatro, algo que já estava presente em mim, posso ter influenciado muito nessa escolha. Tendo essas coisas decididas as ações começaram a ser desenvolvidas e o que era pra ser uma ação de 6 meses foi para além do que imaginávamos, por isso percebo que esse grupo me marcou muito. Com esse grupo produzimos 3 espetáculos com a temática ambiental, começamos a nos encontrar no centro comunitário que era presidido e organizado pelo tráfico. Com isso passamos a nos encontrar num quintal de uma senhora que estava querendo abrir a associação Goiânia; o João Carlos ajudou esse coletivo a se organizar e eles cederam durante um tempo o espaço para o grupo se encontrar.

O grupo, quando ganha vida, nos envolve e nos leva ao nosso limite que reflete depois das ações feitas. Ser educador e se colocar em risco no desconhecido e fazer do momento espaço de reflexão. Uma época o estado de SP foi parado pelo crime organizado dito como PCC. Essa época foi um momento em que sentamos em roda várias vezes para tentar entender a situação, e nessa semana no calor da emoção eu e Ewerton decidimos fazer a atividade lá no quarentenário, achando que tudo seria normal. Pegamos a lotação e seguimos com nossa vontade de provocar mudanças. Quando descemos da lotação percebemos que algo estava estranho. Nesse momento vale a pena descrever como é esse bairro: é um bairro periférico onde tínhamos que descer uma rua de terra até o final onde nos encontrávamos na associação e ao caminhar por essa rua, via-se vidas, conversas, conflitos, pessoas, muitas pessoas, e já conhecíamos e nos conheciam nesse bairro. Mas voltando ao dia em que o estado parou, quando descemos da lotação percebemos algo errado, na nossa caminhada foi brotando um medo pois a rua de terra estava deserta, parecia cena de filme de faroeste. Eu olhava para o Ewerton e ele olhava pra mim e os dois pensavam "estamos ferrados", mas já que estamos aqui vamos até o fim, não sei da onde

tiramos tanta coragem ou se era MEDO de voltar, por saber que talvez não teria mais volta, mas quando chegamos no espaço encontramos alguns adolescentes lá, não fizemos atividades nesse dia, eles pediram para que fôssemos embora, pois nós estávamos bem no centro do conflito, onde a qualquer momento essa calmaria pode se tornar uma sinfonia de balas entre bandidos e policiais. Nesse momento foi-nos apresentado o outro lado desse bairro, onde tinha uma vulnerabilidade gigantesca relacionada ao tráfico e ao crime organizado. Fomos orientados pelos adolescentes a sair de lá e eles nos conduziram até o meio da avenida; nesse momento o medo foi maior, pois o risco não era mais desconhecido e no nosso olhar a cada passo víamos nosso objetivo a frente, o ponto de ônibus e que passasse logo a lotação. Nos colocamos em risco nessa situação, mas depois de tempos passados percebo que esse risco foi visível, mas a cada momento em que entramos nas comunidades, constituímos grupos, provocamos mudanças, nos colocamos em risco. Precisamos sempre nos colocar em risco para provocar mudanças, e com esse grupo, jovens em ação, pude perceber um grande marco na minha formação, foi nessa experiência que conhecemos o bairro do Quarentenário, as ações não pararam de acontecer nesse bairro e hoje o Camará tem uma importância enorme tanto para a Vila como para o quarenta, as atuações para esse bairro vão para além do momento em que vivi essa experiência com o jovens em ação. Acreditar no nosso potencial e fazer com que quem esteja em qualquer atividade possa ter a perspectiva de ser alguém diferente do que é. Esse grupo que começou com 60 e virou 30, 20 e 15 até que chegamos aos 20 novamente com entradas e saídas e ao ponto final desse grupo estávamos com 10, e ao olhar para trás percebe-se que as jovens que participaram desse grupo todas hoje são mães. Pode parecer que nada adiantou ter trabalhado com esse grupo, mas ao fazer uma análise mais a fundo percebemos que pra algumas fez toda a diferença nessa trajetória percorrida e pra mim enquanto educador que estou aprendendo a ser é motivo de emoção ao olhar para essa experiência e perceber que hoje em um dos projetos desenvolvidos do Camará uma das jovens que participou do jovens em ação faz parte da equipe como uma educadora em aprendizado. Olhar para isso é perceber que não é fácil estar em uma ong como o Camará, pois essa trajetória percorrida me faz ter orgulho de ser um educador em formação e por ter aplicado atividades para milhares de jovens e saber que mesmo sendo difícil acabamos deixando uma sementinha nessa galera, sabemos que é difícil sair da situação vivida, mas a cada passo, a cada palavra, a cada roda podemos insistir que as mudanças são reais.

Dentre todas as experiências vividas no Camará, hoje percebo o quanto de coisas que eu aprendi, que eu vivi, e conheci. Espero ao olhar para trás poder seguir os meus próximos passos potencializando ainda mais o contexto de vida de cada pessoa que participa das

atividades propostas, que eu possa aprender e aprender mais com cada jovem que ao participar me ensina a ensinar.

Ao olhar todo esse processo quero destacar esse projeto do Ecologicamará, que tivemos aí mais ou menos 20 pessoas formadas, e cada qual seguiu seu rumo de uma forma diferente, cada qual seguiu sua vida levando essa experiência para sua prática profissional. Hoje somos educadores em formação, mas educadores totalmente diferenciados, não sou eu que afirmo isso, é apenas coisas que escuto e vejo.

O que hoje sou não é o que eu era mas é uma parte do que deixarei pra trás para transformar-me cada vez mais no meu amanhã.

Álvaro Fernandes

4.12 Entre as potências do imediato e as delicadezas que exigem mais tempo

Quando fui estagiária no Camará uma das coisas que mais me impressionava era a rapidez com que tudo acontecia. Eu ia apenas um dia da semana e então de uma semana para outra tanta coisa já tinha mudado! Não era mais aquele projeto que seria enviado, não era mais aquela data do passeio, não era mais aquela oficina hoje porque tinha acontecido tal coisa que mudou tudo. Tudo era muito rápido, eram tantas coisas e ficava perdida em meio a tudo aquilo. Hoje, alguns anos depois, trabalho no Camará como educadora e continuo surpresa com a rapidez com que tudo acontece. As coisas se atropelam. O cinema que era no mês que vem agora é nessa quarta, a formação que pensamos que seria interessante já foi marcada, pra daqui dois dias no mesmo horário de outra reunião, ah.. Aquela outra reunião que tínhamos na sexta já foi mudada. E quem vai pra manifestação? Já é sexta e não decidimos como vamos fazer pra ir segunda! Tudo sempre muito corrido. Seguindo a nossa vida, que é sempre corrida. Vejo isso como crítica e como potência. "Que legal que o cinema vai ser essa semana porque o pessoal ta animado pra ir, vamos aproveitar a animação", mas será que todos foram avisados? Será que vamos conseguir mobilizar de uma forma bacana em tão pouco tempo? As dúvidas me deixam ressabiada, prefiro assim. Não é fácil escolher em pouco tempo e não é necessário decidir de prontidão, isso pode ser bom e também ser ruim. Muitas coisas acontecem ao mesmo tempo, é a vida. Acompanhamos o fluxo, ou apressamos o fluxo, ou tentamos brecá-lo? Como lidar com esses diferentes tempos? Tempo de um grupo, tempo de uma marcação institucional (tempo de papeladas,

financiamentos, burocracias), tempo de vínculo, tempo de organização da agenda com os educadores, tempo das crianças, tempo dos coordenadores, tempos que precisam encontrar comuns para criarem algo coletivo. Ainda me impressiono com tanta coisa em tão pouco tempo.

Sentar na rua para conversar com as pessoas é algo especial nesse trabalho. Se sentimos que pode ser interessante sentar no banco ali ao lado da pessoa, ou no papelão que ela compartilha com os colegas, ou ali na grama da praça, ou ainda na calçada, bem no meio da passagem, ao lado do homem que pede dinheiro no chapéu... Sim, então é ali que vamos conversar. É ali que vamos fortalecer nossa relação, é ali que vamos ouvir desabafos, que vamos receber olhares curiosos de quem quer passar e sente que estamos atrapalhando, é ali que seremos questionados pela guarda municipal e interrogados por moradores da região, é ali que vamos passar a tarde se acharmos que pode ser importante para o cuidado com aquela pessoa. Estar presente, na rua, com pessoas que muitas vezes são invisibilizadas por todos que passam, estar ali afirmando "eu quero te ouvir, você é importante pra mim, esse é o meu trabalho". Isso me toca muito, todos os dias em que trabalho na rua. Possibilitar que as vozes apareçam, que os olhares sejam vistos, que os sorrisos sejam trocados, que as lágrimas molhem o rosto.... Servir como passagem, como facilitadora para que isso se dê, que isso ganhe corpo, ganhe visibilidade. Isso sim me toca, sempre.

Amanda Giron Galindo

4.13 Pelas Ruas

30/05 a 04/06

Organizados para gravar os pensamentos da maloca da 22 em áudio, fomos a campo segunda (eu e Gui). Mas chegamos e o Tudão estava apagado. Conversamos muito com Adriana e Será.

Ainda no caminho para a maloca encontrei Santista no caminho. Caminhei ao seu lado, colando ombro no ombro e este não percebeu minha presença por mais que uma dezena de passos, estava muito alcoolizado. Quando percebeu, passou seu braço em meu ombro e seguimos cambaleando até a maloca.

Lá fizemos esse tanto de conversas, disseram que o Salim estava mal. E este acordou, me sentei ao seu lado enquanto Gui continuava o papo com a Adriana.

Salim me contou que estava muito mal, que convulsionou de manhã e precisava de um diazepam porque seus músculos estavam muito contraídos. Falou que precisava de cuidado e começamos a conversar sobre como promovê-lo. Até que ele começou a convulsionar.

Não tive força física para segurá-lo sozinha, chamei pelo Gui que com prontidão apoiou seu joelho nas costas dele enquanto eu segurava sua cabeça. Gui chamou o SAMU.

Até o SAMU chegar (e dessa vez, milagrosamente foi rápido) Adriana também sentou perto. Pedi ao Santista que comprasse água ali no bar da frente.

Perguntei pra Dri como que estavam conseguindo remédios que só vendem com prescrição. Ela relatou que eles conseguem de tudo quanto é remédio, mas não sabe onde o Salim guarda. Falou que o Será também tem tomado esse tipo de medicamento e que todos misturam com bebida.

Fomos ao CREI numa ambulância com trabalhadores muito cuidadosos, algo que nos chamou a atenção. Eu fui na ambulância e o Gui de moto, acompanhando.

Seguimos os procedimentos normais (fazer ficha, entregar na emergência) e nossa saga se estendeu até 1 da manhã.

Mas foi uma saga recheada de bons encontros.

Conhecemos Kenya, uma enfermeira da pediatria que estava cobrindo plantão de um amigo da emergência. Ela é muito cuidadosa, garantiu que fizessem uma tomografia do Salim e tensionou com cuidado para a médica conversar conosco. Evitou falar que somos da abordagem e que ele é morador de rua, o que me dei conta quando fui falar com a médica e ela falou "seu pai convulsionou em casa?" e eu expliquei a situação. Ao explicar um enfermeiro ficou bravo e saiu andando.

Somente nas mãos minha e do Gui o Salim convulsionou umas 10 vezes. A médica falou que deixou ele "apagado" porque ele convulsionou muito na emergência também.

Salim ficou internado até sábado.

Algo que muito me chamou atenção foi a posição do Santista, nos dias que seguiram.

Na quarta de manhã cheguei às 7h na maloca e ele disse "vou cuidar do Salim com você", e o fizemos.

Fomos ao CREI, conversamos com o Salim (que tremia muito de abstinência, o que cessou com o passar dos dias). Este contou que tinha um encaminhamento ao CAPS-AD e perguntou se podíamos marcar para que assim que ele saísse do hospital desse entrada em um tratamento.

O encaminhamento e seus documentos ficam guardados com um amigo que cuida de um estacionamento. Enquanto eu fiquei na maloca, Santista buscou. Pegamos a bicicleta e seguimos ao CAPS-AD.

Lá fomos informados dos dias e horários de triagem. Após o procedimento, perguntei ao Santista o que ele achava melhor: passar no CREI naquele momento ou guardar os documentos do Salim como ele pediu que fizéssemos.

Santista sugeriu que fôssemos primeiro ao CREI, para ver o que o Salim preferia, pois disse que era importante mostrar a ele que nos preocupávamos com ele poder ir direto cuidar disso.

No caminho paramos para tomar café no Fiel Barateiro, deixamos a bicicleta lá e no caminho, ali atrás do São José, tinha um grupo de quase 10 pessoas. Santista me apresentou e conversamos um tempo.

Fernando (um homem de trinta e poucos anos) relatou que tem apanhado muito da GCM. Contou uma cena que ocorrera essa semana: em pleno meio dia estava na Barão e os guardas chegaram já batendo, chutando. Ordenaram que colocasse as mãos para trás. Disseram que tinham poder como os policiais e Fernando questionou, o que lhe rendeu um forte tapa na cara. Ele então sustentou o enfrentamento, dizendo "bate do outro lado também". E recebeu o tapa.

Após a sessão GCM do dia, ele foi andando até a base da PM que também estava na praça para se informar se os guardas tinham mesmo o poder que a PM tinha, e eles disseram que não.

Fernando se animou para participar da assembleia, mas precisava ir a São Paulo. Disse que voltaria em alguns dias e queria conhecer nosso grupo.

Outra figura interessantíssima que conheci foi Mauro, o Marinheiro. Contou suas histórias de pescador, mostrou seu documento de marinheiro e gostou muito de saber da equipe da abordagem. Também falou sobre a GCM. Disse que vai a Santa Catarina e quando voltar quer pescar para fazermos um encontro na maloca.

Maria, uma senhora que eu só conhecia de vista, veio me questionar sobre como estava a situação de abrigamento na cidade, pois precisa sair da rua. Contei que está para abrir vaga no Reviver, ela deu seus dados e quer muito ir para um acolhimento. Não a encontrei mais durante a semana.

Voltamos então ao CREI, conversamos com Salim que disse para deixarmos mesmo as coisas no estacionamento e que pensava em não ir pro acolhimento, mas se cuidar estando na

maloca. Contou histórias de algumas amizades na rua, anotamos os medicamentos que ele estava tomando e voltamos para a maloca.

Lá conversamos sobre cachorros, assembleia, geladinho, cup noodles, etc.

Passei pela Barão e dei um abraço no gordinho, avisei que o Salim estava melhorando.

Eu já não estava mais presente, mas neste mesmo dia a GCM apareceu na maloca, tomou de assalto documentos, cobertas e casacos, chutou a Adriana e seguiu com o terror para os outros invisíveis da cidade.

Na quinta-feira, dia seguinte, fui com o Tiago mais cedo para a 22, preparar o grupo para irmos à Assembleia. Levei minha super mini caixa de som, coloquei capoeiras de Besouro, cantos de luta. Depois também ouvimos rap.

Estávamos Paçoca, Raio, Sol, Adriana, Miguel, Tiago, Será, Cadeira, Maria, Santista, Robinho e eu. Estava muito distraída quando um beijo gostoso me atacou, era Breno.

Brincamos de capoeira, conversamos sobre ir nas atividades do Camará.

Maria me pediu para dar uma volta com ela de bicicleta, e demos.

Robinho explicou que não vai em nenhuma assembleia porque estaria caçando briga se subisse, saindo da 22.

Fomos para a assembleia separados em 2 grupos: Eu, Tiago, Será e Adriana. O outro foi o Cadeira, Santista, Paçoca e Miguel.

A maloca da Barão foi em peso; da equipe, João e Tânia.

O conteúdo basicamente foi a violência por parte da GCM. Houve muitos relatos, mas o principal movimento foi pensar não só respostas individuais ou que continuassem com a violência: aprovamos em assembleia um plano para cessar estes ataques.

Mas no meio da assembleia, às 19h25' o carro 153 da GCM passou.

Num afronto direto à nossa presença, parou e ficou apontando para o Sandro dizendo "vou te pegar". Sandro encarou.

Fui ao encontro do Sandro e coloquei meu corpo no meio dos olhares fuzilantes, pedi que Sandro não fosse até lá e não respondesse nada. Que olhasse em meus olhos e

percebesse que fazerem aquilo na nossa frente evidencia a que ponto a truculência chegou, que vimos a ameaça. Demorou para acalmá-lo. O carro foi embora e voltou tempo depois com outros guardas dentro, que só olharam ao passar.

Chegou num ponto em que a assembleia emperrou, porque a todo momento Sandro manifestava aos gritos seu ódio. Sugeri então que andássemos um pouco pra conversar, ele já havia apresentado vários elementos e concordou que precisava falar sobre o que estava sentindo.

Ele falou muito sobre seu irmão que está preso, perguntei sobre seus irmãos. Desenrolamos muito sobre sua família, seu pai que só assumiu as filhas mulheres, sobre seu filho, perguntou se tenho vontade de ter filhos, ele se acalmou e voltamos para a assembleia depois de muito papo e alguns cigarros.

Achei muito interessante também a participação da Samanta.

Na sexta-feira a maloca estava muito dispersa. Santista, Adriana e Miguel estavam com o Raio numa entrada do Deslumbrante, o Cadeira na entrada da rampa com a Paçoca e o Será estava sentado em frente à imobiliária.

Primeiro fiquei com Santista, Adriana e Miguel, que contaram que os filhotes da Sol nasceram. Ela está numa obra do governo, aquela atrás da bica e que não deixaram ninguém entrar pra ver, mas um vigia da noite disse que deixaria quando estivesse lá (mas isso não aconteceu, só a Sol saiu para vê-los mas ninguém viu os filhotes ainda). Fui até a obra e a mulher da limpeza que estava lá na frente me disse "eu sei muito bem quem você é, fica cuidando desse povo aí, não dá pra entrar não etc etc etc".

Miguel me pediu para ajudar o Cadeira a levantar e se organizar, pois os seguranças do shopping estavam pressionando para saírem logo e a GCM podia chegar a qualquer momento. Enquanto eles se ajeitavam fui até o Cadeira.

Michael e a Paçoca, sua fiel escudeira, estão com problemas muito concretos. A mochila que a GCM furtou tinha não só os documentos mas as coisas da sonda que o Cadeira usa, além das peças para manutenção de sua cadeira, que está danificada e precisa de manutenção sempre, porque é tudo muito esburacado.

Me apresentei para o segurança que pressionava pela sua saída, que diferente do outro conversou numa boa.

Arrumamos as coisas, cadeira separou o lixo, jogou na lixeira quando passamos. A Paçoca fez coco no caminho, ele parou a cadeira, recolheu e jogou no lixo. Me pediu para encher uma garrafa de água numa mangueira que fica na praia, muquiada, pronta para o uso dos coletivos e pessoas das ruas. Enchi e voltei ao seu encontro.

Chegamos no trio mais o Raio e como é uma escadaria o Cadeira ficou embaixo, enquanto subi com a Paçoca para ela beber água.

Enquanto terminávamos de arrumar as coisas o Chileno também chegou para ajudar e o Michael foi atrás da árvore escovar os dentes.

O grupo se separou, um pessoal foi fumar na praça e eu fui com a Paçoca (cadeira pediu para ela ficar com a gente um pouco) e a Adriana ficar com o Será.

Segui as instruções do Salim, conversei com o Será sobre o machucado na boca. Ele concordou em limpar com água oxigenada. Adriana se ofereceu para ir comigo buscar a água oxigenada na farmácia e ajudar com a Paçoca enquanto eu entrava lá.

Fizemos isso, compramos misto quente para o Será, ela e eu, estávamos com muuuita fome.

Adriana seguiu para a praça e fiquei papeando com o Será um bom tempo.

No sábado eu estava em um grupo de estudos de manhã quando me ligaram do CREI. Salim tinha meu número guardado com ele e como não deixavam ele sair sem acompanhamento pediram para ir ao seu encontro. Disse que só conseguiria chegar em uma ou duas horas e combinamos assim.

Fiquei muito feliz quando nos encontramos. Sem tremedeira, animado, nos abraçamos. Ele disse que pensou muito e achava melhor ir pro acolhimento direto, era sábado e só poderia ir ao CAPS-AD durante a semana.

Pegamos os exames, encaminhamento ao clínico geral e as receitas. Salim falou que esperaria pelo almoço enquanto eu saí para fazer contatos para tentar a vaga no Reviver e comprar os medicamentos, uma vez que as farmácias de UBS são só em dias de semana.

Fui na farmácia e como lá demoraria um tempo passei na maloca da 22 para avisar que o Salim teve alta.

Avisei também que a Tania ia levar umas roupas, Maria me chamou de canto e perguntou se podíamos arranjar roupas íntimas. Adriana, e depois todo o grupo, pediram ajuda para o Santista, que estava perto dos banheiros da praia vomitando sangue.

Nisso chegou o Tudão, carregando ele. Conversei com ele, embora ele estivesse com dificuldade de fazê-lo e ele disse que queria esperar para ir ao hospital. Combinamos que eu tocaria as coisas com o Salim e passaria mais tarde, depois de buscar minha bicicleta também e decidiríamos se iríamos ao CREI ou se ele estava melhor.

Voltei ao CREI, Salim me perguntou o que estava acontecendo na maloca. E seguimos conversando, no caminho até o Reviver. Ele está muito preocupado com o Santista e com o

Será. Mas o mote da conversa foi sua história como cozinheiro, que começou ainda na adolescência. Ele me ensinou algumas receitas e ficamos de montar um caderno de receitas juntos. Ele disse que tem um contato no Van Gogh em Santos para trabalhar como cozinheiro e que quer fazer isso logo, ajeitar sua vida, que decidiu parar de beber. Também contou sobre suas paqueras.

Chegamos ao Reviver e fomos acolhidos pelo nosso querido Boi. Ele e seu Paulo estavam sentados juntos. Ficamos um bom tempo do lado de fora, eu e Salim conversando com Boi do lado de dentro (o que foi muito importante para eu entender o clima que estava lá dentro e conseguisse dar andamento da forma que pretendíamos).

Chegou Alexandre, o operador do dia, e antes de qualquer coisa pedi pra fazer um xixi. Aí já entramos. Regiane (encarregada do serviço) já veio dizendo que não tinha vaga, foi meio grossa. Eu perguntei se podia tomar um café, se ela não queria fumar um cigarro comigo e me contar como foi a transição.

Fomos lá fora, bebemos café, ela contou que está feliz porque no Reviver dá pra trabalhar melhor, com mais liberdade no geral. Falou que estão sem telefone e precisava de autorização de um técnico para fazer o acolhimento. Ela disse isso e enquanto seguimos papeando mandei mensagem pra Lohaine, técnica do serviço, que ligou de imediato para a Regiane liberando a vaga.

Regiane falou "mas não tem colchão" e eu disse que tinha um sobrando em casa e o Boi podia buscar comigo.

E deu certo.

Buscamos e no caminho Boi relatou os acontecimentos, as formas de se relacionar, as sujeições e enfrentamentos que aconteceram na Casa de Estar e como tem sido no Reviver.

Ao retornar ao Reviver brinquei com o convite para o almoço, que a Regiane logo me convidou (hehehe). Os trabalhadores estavam na cozinha e os sujeitos acolhidos do lado de fora. Peguei meu prato e ia sair pra sentar com eles, quando Regiane disse "mas eu ia te dar coca". Eu disse que gostava muito de comer junto e fui lá pra fora, melhor que coca.

Almoçamos entre camaradas, Salim, Boi, Seu Paulo e eu. Ah e foi muito prazeroso, conversamos sobre tantas coisas e o Boi disse que lavaria o meu prato pra me dar boas vindas, o do seu Paulo porque ele ta com o pé ruim e o do Salim porque a mão está muito inchada e a recomendação é compressa quente, então tem que evitar água fria.

Boi pediu para eu dar um toque na equipe, sobre o Seu Paulo. Disse que ele precisa de mais atenção, que não só estão deixando de cuidar da sua saúde lá como ele precisa

conversar mais, às vezes sair, precisa de companhia. Achei muito cuidadoso seu olhar e já estamos começando a pensar nesses cuidados, organizar pra disparar.

Anotei na caixinha de cada remédio os horários e quantidade que o Salim deveria tomar, além da indicação de 3 compressas mornas por dia na mão.

Nos despedimos e segui pra 22.

O pessoal estava aglomerado em roda no chão e uns no banco, jogando dominó. Santista estava deitado no banco da frente. Estava deitado e coberto com peças de roupas de cada um da maloca. Cada um deu o que pôde para propiciar conforto.

Ele continuava vomitando muito, tinham trocado a roupa dele também.

Ele disse pra chamarmos a ambulância mesmo.

Chamei. Foi mais de uma hora de espera.

Nessa mais de uma hora pedi para Tania e João ligarem como coordenação, pedindo o SAMU. Conversei muito com a Adriana e o Será. E uma hora me irritei muito e tive que sair andando.

Me irritei porque disse pro Santista parar de forçar o vômito, porque o pâncreas já tá todo zoado e ele forçava muito e engasgava, tinha falta de ar. Ai eu levantei irritada, Será foi lá, fumou um cigarro comigo, desenrolou. E cuidamos juntos do Santista.

A chuva apertou muito, tivemos que ir pra baixo da marquise da qual a GCM os expulsou. Carregaram Santista, me ajudaram com a bicicleta.

Deu mais um tempo e o SAMU chegou. Como combinado, Miguel ficou com minha bicicleta e segui na ambulância.

Diferente da ambulância de segunda feira, um dos caras era um escroto. No meio de toda a tensão teve a cara de pau de ficar me cantando. Tratorei com o mínimo de palavras possíveis. Eles pediram pra eu me manter longe do corpo do Santista, pra não pegar TB. Continuei conversando com o Santista, expliquei que se não me deixassem entrar na emergência (o que ocorreu) mais tarde alguém levaria umas roupas e as coisas pra ele e seguiríamos o cuidado.

Achei um amigo meu da enfermagem que foi avisá-lo que eu não ficaria lá no hospital. Já se passara muito tempo e depois de um campo estendido para além de 6 horas não suportei ficar no ambiente (morreram algumas pessoas e eram muitos gritos e choros, não dei conta).

Passei na maloca para avisar como tudo ocorreu, Será brincou comigo até eu rir e depois fui embora.

Vanessa Salgado

4.14 Quando a Porta se Abre

Aquele moleque, sobrevive como manda o dia a dia, tá
Na correria, como vive a maioria, preto desde
Nascença escuro de sol, eu tô pra ver ali igual no
Futebol, sair um dia das ruas é a meta final viver
Decente, sem ter na mente o mal, tem o instinto, que
A liberdade deu, tem a malícia, que a cada
Esquina deu, conhece puta, traficante, ladrão, toda
Raça uma par de alucinado e nunca embaço,
Confia nele mais do que na polícia, quem confia em
Polícia, eu não sou louco, a noite chega, e o frio
Também, sem demora e a pedra o consumo aumenta a cada hora.
Racionais MCS[7]

Era mais uma manhã. Não, não era mais uma manhã, afinal no Camará não tinha roteiro, não tinha rotina e tenho certeza que ainda hoje não tem, afinal lá é a vida real acontecendo, o constante movimento de muitas coisas em uma piscadela.

Bom, mas vamos lá..

Era uma manhã e eu, como sempre, era uma das primeiras a chegar. Estava lá a preparar um café quando ouvi a campainha. Ao chegar perto da porta avistei Nataly que não me soltou um sorriso como nas outras manhãs e sim um sorriso desses que nomeamos de amarelo. Ao abrir a porta eu entendi. Ao lado dela estava Neno. Eles entraram e não falamos nada durante um tempo que deve ter sido alguns segundos, mas pareceu horas e foi nesse tempo que eu "ganhei a cena". Dei uma boa olhada em Neno ele estava com uma blusa da Nataly e uma sacolinha com coisas nas mãos e logo percebi. Ela levou ele para dormir em casa.

Nesse hiato de tempo muitas coisas me passaram pela cabeça e dentre elas a mais forte era como se a Nataly tivesse atravessado uma barreira dessas que é muito tênue, mas forte quando trabalhamos com situações de risco.

Vamos entender quem é Neno, quem é Nataly e quem sou eu.

Chamo-me Vanessa, hoje tenho 31 anos. Na época em que se passa essa narrativa, devia ter uns 20, nesse período junto com Nataly participava ativamente do Camará em suas várias ações, mas a mais forte era em um bairro chamado Sambaiatuba que tem o histórico de ser onde se localizava o antigo lixão de São Vicente, aliás o bairro de palafitas. Foi formado pelos catadores que dali tiravam sua sobrevivência. E foi na barriga dessa miséria que nasceu mais um brasileiro, o Neno.

---

7 Racionais MCS, música Mágico de Oz, São Paulo 1998.

O Camará foi convidado para fazer parte de uma ação com os moradores, pois a prefeitura de São Vicente havia começado o processo de "reurbanização" do bairro, então pessoas que há mais de 50 anos viviam em cima do rio e iam aumentando suas casas de acordo com suas demandas, durante aquele processo iriam se mudar para alguns poucos metros de distância, porém para o asfalto, casa de alvenaria com tamanho delimitado. Talvez isso pareça uma boa, eu tenho muitas problematizações, não acho que ninguém deva morar em palafitas, sem esgoto ou luz, enfim sem dignidade, mas também não concordo como os processos de "reurbanização" como são realizados. Mas não é disso que vamos tratar aqui!

Vou falar dessa ligação com Neno que nasceu por meio do trabalho que o Camará foi convidado a realizar que foi a mediação entre a prefeitura e os moradores nesse processo de mudança. Vou nomear isso de relações humanas que o estado não consegue fazer.

Montamos uma estratégia de empoderar os moradores, por meio de trabalhos em grupos como uma associação de moradores e através dessa conseguir ir montando ações coletivas, com a ideia de que os moradores pudessem elaborar o luto da saída da casa antiga e construir o pertencimento com o "novo bairro".

Na primeira reunião com os moradores foi impossível, afinal para cada cinco adultos existiam vinte crianças, e essas não paravam de correr, gritar e comer todo o lanche, ou seja, estavam sendo o que eram, crianças. Entre essas crianças estava Neno.

Logo pensamos em uma estratégia de mudança para fazer minimamente o trabalho caminhar. A possibilidade de solução foi montar um grupo de trabalho na equipe que se dedicasse a mediar os processos com as crianças. Lembro-me que foram poucos os voluntários por conta própria na equipe a se nomear afinal era trabalho com crianças e ninguém estava muito a fim. Quem lá de fato as suporta! Recordo-me que entrei nesse grupo por livre e espontânea pressão, precisava de mais gente e eu fui, Nataly já fazia parte desse grupo porque trabalhava com teatro e queria fazer isso com as crianças.

Mediar processos no Sambaiatuba foi aprender a pisar miudinho, afinal era uma favela que não era a minha, eram tiros de anunciar que chegou que não era na minha área, era ter que pedir licença, porque lá os campanas não sabiam quem eu era.

Foi lá que tomei muito café frio, aceitei muitos almoços sem estar com fome, para estreitar relações, para mostrar que eu não era um "ET" que tínhamos e éramos mais próximos do que distantes. Tudo isso pode parecer bem ruim, mas não foi não. Ao contrário alargou minha alma.

Eu sempre fui a aluna do fundão, mesmo não sentando no fundo, afinal eu era mudada de lugar inúmeras vezes com a tentativa frustrada de me calarem, porque não importava o lugar onde me colocavam na sala eu logo montava um grupo.

Uma vez ouvi que você não pode dar aquilo que não tem. Talvez seja por isso que eu tenha uma facilidade de lidar com as pessoas difíceis, com as rotuladas, afinal fui e ainda sou isso.

O grupo de crianças era cheio, não sei bem numerar exatamente a quantidade, mas variavam a cada encontro, algumas fixas como Neno que não necessariamente aparecia para participar da vivência, muitas vezes ficava parado na porta do centro comunitário, ou ficava na janela, ou causava geral mesmo. Neno era mais uma das crianças do fundão, a criança cristalizada de difícil.

E como as energias se atraem, logo foi com Neno que me mais me identifiquei e criei laços; toda vez que ele aparecia e tentava de alguma forma ser visto eu me aproximava, algumas vezes ia até sua casa, pois ele sempre costumava convidar, muitas vezes estava sozinho com os irmãos mais novos, ainda sem ter feito nenhuma refeição e, quando a mãe estava em casa costumávamos sentar um pouco em frente a casa que a essa altura já era de alvenaria e no asfalto para falar sobre a vida, na real para ela falar e eu ouvir. Ela falava, falava muito, no geral das mazelas da vida, da falta de dinheiro e consequentemente comida, roupas e tantas outras coisas básicas que essa chave do sistema capitalista pode comprar. Também falava da falta de um pai para as crianças.

Enfim tudo muito louco, tudo muito foda!! Afinal para mim também faltava pai e dinheiro, mas nunca de uma maneira que me tivesse exposto à falta de dignidade e o pior à falta de perspectiva.

O tempo se passou e Neno já não costuma aparecer com tanta frequência, pois estava começando a se identificar mais com a rua do que com sua casa. Ao ocupar a rua essa se tornava plural, deixava de ser só o bairro que ele conhecia e isso de alguma forma ia dando perspectivas que antes não tinha. Foi nessa época que começou a ser prostituído.

"Em casa de menino de rua o último a dormir apaga a lua." Bafó[8]

Foi nesse tempo que, quando Neno aparecia , notei que ele estava começando um processo de se travestir. Como se de alguma forma a rua já estivesse entrando nele com suas possibilidades. Nesse tempo ele já não tinha mais aquele olhar e sorriso de uma criança de 8 ou 9 anos, seu olhar já era duro, suas falas maliciosas e calculadas.

8 Giovani Baffô, Poesia de Saraus.

Recordo-me o dia que ele me levou na casa dele, estava com o rosto cheio de maquiagem, lá me mostrou o que tinha ganhado na rua. Eram roupas do gênero feminino, abaixou as calças e mostrou que estava de calcinha. Não era algo de "como eu me reconheço nisso" e sim "olha, me viram e me deram essas coisas".

Mas ao mesmo tempo o se trasvestir não era por uma questão de gênero, mas sim por ser a opção dada, afinal assim na rua ele valeria mais. Neno deixava de ser Neno. Afastava-se ainda mais de receber um olhar que o validasse enquanto sujeito.

" o que não é visto, não vai ser encontrado"[9]

Então vamos voltar para aquela manhã, quando eu estava fazendo café e a campainha tocou e era Nataly com Neno.

Travamos um diálogo mais ou menos assim:

Eu " cê tá louca"

Nataly " ele estava na rua no frio e sozinho" E agora?!

Eu subi e liguei para Guilherme, um dos coordenadores do Camará que mais tínhamos afinidade. Contei a situação e ele disse que em breve chegaria.

E chegou, como sempre com um livro nas mãos, mas quando estava em uma situação um tanto difícil, dava batidinhas com o livro na perna. Ele subiu as escadas assim e a Nataly me olhou com olhar de "FUDEU!!"

Guilherme entrou com Neno na sala de atendimento ficou um tempo que para mim e Nataly foi a eternidade. Nesse meio tempo outros membros da equipe do Camará já estavam chegando e o comentário da geral era Nataly levou Neno para dormir em casa. Eu e ela meio cochichando no canto sobre a possibilidade do que estava rolando na sala de atendimento. A essa altura eu já estava junto com Nataly, era parte da história.

Depois de um tempo Guilherme chamou Nataly e eu para sala de atendimento e lá conversamos um bom tempo. Não me lembro exatamente o que disse, mas se fechar os olhos ainda posso sentir aquela manhã de inverno com pouco sol que entra pelas frestas da janela e Guilherme dizendo:

"o que vocês acham que ia acontecer com Neno se dormisse na rua?"

"Vocês já dormiram na rua?"

No geral Guilherme tentou nos dizer que aquela rua era perigosa para nós estrangeiras no território de que não fazemos parte, mas que para Neno não. Que ele sabia o

9 Frase clássica de pixos dos muros do centro da cidade de São Paulo.

mapeamento, os nomes, os códigos, enfim. Era território habitado por ele. Por isso, não importava se ele era uma criança e nós adultos, ali quem sabia era ele, não nós.

Saquei logo o que Guilherme queria dizer, não era que Neno devesse dormir nas ruas, não, não era isso.

Em momento algum Guilherme disse se o que Nataly fez foi certo ou errado, mas nos ajudou a interpretar um pouco essa fronteira tão tênue que pisamos quando trabalhamos com situações de risco.

Hoje mais de 10 anos pós essa vivência eu não tenho ideia do que aconteceu com Neno, se ele está vivo, enfim.....

Bom de alguma forma está no que me afetou, no que alargou meus pensamentos, reflexões.

Hoje moro em São Paulo, moro em um bairro que tem mais gente do que a cidade de São Vicente toda, aqui cada favela parece um país de tão grande. E nas calçadas tem muitos Nenos e foi por aqui nessa cidade que não conseguimos ver o horizonte, por causa das suas montanhas de concreto que ouvi:

"A rua é simbólica, a rua é laica, é ateia, ecumênica, a rua é tudo" Atila Pinheiro[10]

São muitas as histórias de afeto com o Camará que eu poderia narrar. Mas fico com rua que é grande e cabe tudo.

Vanessa do Santos (*Outono de 2016)*

4.15 Quando (re)conheci uma camarada

Escolher uma cena marcante para relatar não é tarefa fácil. Não porque inexista, ou seja, rara, mas por que estar, ou melhor, como dizem as crianças, fazer Camará é um convite intenso e cotidiano ao marcante.

Enquanto estagiária do quinto ano de Psicologia da UNIFESP, vivenciei na Ong em 2014 um acompanhamento terapêutico que às vezes digo ter sido este acompanhar que fez com que eu encerrasse a graduação sentindo-me psicóloga. A cena de como nos conhecemos pessoalmente nunca foi escrita, aproveito então este espaço para trazer a memória e enfim registrar, mesmo com alguns esquecimentos, tal encontro. Estávamos (educadores, crianças, adolescentes e familiares) promovendo eventos formativos na cidade de São Vicente, como

10 Atila Pinheiro, pessoas em situação de rua, frase dita em uma conversa em noite de 2014.

meio de nos prepararmos para as comemorações do dia 18 de maio. Pela manhã, assistimos a um filme no cinema do shopping Brisamar, uma obra sensível que trazia a fala de crianças palestinas e israelenses que vivem na região da faixa de Gaza, onde guerras acontecem por causa de religião, política e economia. O cinema estava lotado, com pessoas de vários serviços do sistema de garantia de direitos da criança e adolescente, foi um daqueles momentos em que você vê a tal falada rede, quase uma entidade, se fazendo e com a participação de muita gente, inclusive eu.

Saímos do shopping e fomos para uma praça no centro da cidade continuar a formação. Havíamos convidado um grupo de performance de São Paulo, que tem uma trajetória na Saúde Mental, para estar conosco naquela tarde. A ideia era fazer junto uma vivência na praça com música e dança, depois encerrar o dia de encontros em um centro cultural próximo dali com um lanche e um bate papo sobre aquele dia: filme, debate sobre o filme, performance, sentidos, sentimentos, (des)contentamentos e o que mais quisesse ser (não)dito.

Foi nesse contexto de um dia camarada daqueles que a gente gosta (com ocupação da cidade, arte, cultura, brincadeira e conversa) que conheci Melissa. Quer dizer, que nos conhecemos, pois ela já havia sido apresentada a mim pela fala de outras pessoas. Melissa foi nomeada como "do Camará" antes mesmo de saber quem éramos, e nós o mesmo. Mas né, se algo em sua vida fazia com que a identificassem como participante do Camará, precisávamos entender quem era essa camarada que ainda não conhecíamos, e o que tínhamos (coletivo Camará e ela) em comum. Adolescente, dezesseis anos. Acabara de ser mãe há poucas semanas e tivera sua filha abrigada ainda na maternidade com a justificativa de que era usuária de drogas e estava em situação de prostituição, e por isso não teria condições de ficar com a bebê. Era isso que sabia de Melissa até aquela tarde.

Enquanto almoçávamos na praça, eu observava atentamente as crianças e adolescentes do nosso grupo. Apesar de a praça não ser muito grande, a quantidade de comércios ao redor e a grande circulação de pessoas fez com que eu redobrasse minha atenção para que o grupo não se dispersasse, ou se alguma cena inusitada acontecesse eu estaria de prontidão para intervir e/ou acompanhar. Acompanhei. Numa dessas olhadas para o grupo notei a presença de uma garota que eu nunca tinha visto. Pensei que pudesse ser de outro coletivo ou de uma das escolas convidadas para estar conosco. Ela estava sozinha e não parecia conhecer ninguém ali, dava para perceber. Resolvi então, me aproximar. "Oi, tudo bem? Qual seu nome?" Ela respondeu: Melissa. Naquele momento a descrição do que sabia sobre ela, relatada mais acima, veio à mente e decidi investir naquele encontro.

Conversamos um pouco, perguntei como ela tinha ficado sabendo do evento, se ela já conhecia o Camará, as pessoas do coletivo e timidamente um diálogo foi sendo estabelecido.

Passado um tempo os artistas chegaram e nos convidaram para uma performance-intervenção-inventiva-dançante. Eles não chegaram com tom, corpo e estado tímido com o qual eu chegara para conversar com Melissa e que ela me recebera. Adentraram aquele espaço vestidos com roupas coloridas e maquiagens fortes no rosto, cantando, tocando e rasgando aquele ambiente acelerado, cotidiano e individual da praça. Aqueles corpos quebraram o ritmo imposto e naturalizado em nós naquele espaço, o que causou muito incômodo e desconforto em alguns. Muitas risadas por inúmeros motivos, cochichos, e depois de uns 20 minutos quase todos nós estávamos envolvidos por aquele novo clima, dançando, pulando, inventando posições e movimentos inusitados, até dentro da fonte!

Voltemos à Melissa… O atravessamento dos artistas no meu encontro com ela compôs de outro jeito. A reação dela com a chegada da trupe foi de espanto, nervosismo e também curiosidade, mas em nenhum momento ela se permitiu entrar no jogo. Ela estava rindo quando uma das artistas se aproximou e levantou o braço. Melissa deu um grito: "Creeedoo tia, ela tem pêlo no sovaco!", e me agarrou. Riu muito e então, perguntei porque mulher não pode ter pêlos. Ela riu mais e disse "porque não", a partir daí proseamos bastante. Ficamos observando a intervenção e conversando sobre o que estava acontecendo ali naquele momento. Melissa com muitas afirmativas absolutas e eu tentando provocar para que ela se permitisse questionar essas ideias e também entrar na dança.

Já era fim de tarde e caminhávamos em direção ao centro cultural, quando Melissa começou a falar de sua vida: "Sabia que eu tenho uma filha?". Devolvi perguntando onde ela estava, a adolescente respondeu que levaram a filha dela para um abrigo no dia em que esta nasceu. Pedi para me explicar melhor a situação e Melissa foi narrando como estava a sua vida e falou muito sobre a filha, como ela era, cor dos olhos, pele, como foi a experiência da gestação e parto.

Como estávamos andando em grupo, uma criança se aproximou para falar comigo, ouviu algo que Melissa falava sobre a bebê e questionou-a: "Nossa, mas você já tem filho?". A adolescente respondeu: "Ainda não nasceu.". Ao terminar a frase ela olhou para mim como quem pede para não desmentir sua fala. Fico em silêncio, Melissa também. Caminhamos mais alguns metros sustentando esse, quando ela me pergunta se não quero ir com ela ao abrigo na semana seguinte, pois ela podia visitar a filha duas vezes por semana. Digo que sim. Nos olhamos, sorrimos e continuamos a caminhar.

*(*Maria Janaina L. da Silva)

5 TEXTO DISPARADOR PARA A RODA DE CONVERSA

O texto abaixo foi por mim construído para ser apresentado na roda de conversa; teve por intuito fomentar a discussão entre os sujeitos da pesquisa. Foi apenas a partir da minha leitura acerca do conjunto das narrativas que produzi os dois conceitos-ferramenta que serão apresentados.

5.1 “O fundo tornou-se mais importante do que a figura”

Fui capturada por essa frase/imagem. No contexto no qual a encontro, a figura referida era Matisse. Após viagem ao Marrocos, em seus quadros fez-se esta inversão. Assim explicou Hubert Godard no texto Olhar Cego, fruto de uma entrevista dada à Suely Rolnik. (GODARD, 2006)

Ao me deparar com os efeitos produzidos em meu corpo, percebo que se tomasse por escolha contextualizar a trajetória que os levou, entrevistador e entrevistado, a ampliar a conversa sobre Lygia Clark e chegar a Matisse, desmantelaria o impacto ao qual fui atravessada nesta invertida relação de importância. Gosto sobremaneira de tomá-la e, ao usá-la, destacar o fundo que ganhou maior importância que a figura. Assim, faço em ato algo que também está na natureza que a inversão de Matisse apresentou. Essa escolha também condiz com o modo de ser/fazer Camará, isto é, as experiências são trazidas para o presente, não ilustram apenas constructos teóricos; fazemos isso para se evitar cair no risco de se tornarem puras abstrações. Encarnar, trazer para a situação viva, nascida no tempo do ato (pensamento/ação) é também uma maneira de apresentar o nosso trabalho.

Estas pistas são convidativas e, num gesto de confiança, prosseguirei. Confio na intuição, acredito na coexistência de aspectos invisíveis e indizíveis, mas nem por isso menos reais, que co-habitam as existências, existências não apenas humanas. (ROLNIK, 1993) Estes são os planos de forças que, mantendo uma relação paradoxal como os planos das formas, se presentificam na vida.

Tais planos ou campos, como aparecem descritos nos escritos dos cartógrafos, serão explorados nesta prévia análise das narrativas.

A metodologia Camará no entrelace fundo/figura.

Lendo as narrativas que me foram encaminhadas, a inversão vivida por Matisse se atualizou.

De que fundo estamos falando? Que figura comumente se esperaria encontrar ganhando relevância? A figura da criança e do adolescente, fruto direto do nosso interesse no trabalho? O destaque para o contexto social e político que nos banham e, muitas vezes, nos inundam? A importância da experiência na formação profissional?

Tudo isso aparece com forte presença: crianças, adolescentes, população sucateada, estéticas da cidade, desassossegos com o próprio fazer, riscos, surpresas, aprendizados, inquietações, mas o que apareceu como comum foi que as experiências foram narradas iluminadas pelos detalhes e presença de uma gama de intensidades. Aqui destacaria a importância do corpo no trabalho, um corpo ativo, marcado na presença atenta pelas forças que o circundam e o compõem. Disso vem uma abertura para os afetos, para as cores, sons que permeiam contextos, e aqui não estamos falando apenas do contexto social, mas das ambiências internas e externas, dando lugar para as divagações consigo mesmo, as inquietações intrapsíquicas e as tensões e diálogos coletivos. Ao lermos as narrativas nos contactamos com um fundo comum que pode ser percebido como tendo ganhado grande importância em cada um dos textos; não sei se seria correto dizer que ganhou maior relevância que a figura/cena que os inspirou, mas penso que há algo que merece ser destacado. Este fundo comum acena para a valorização do olhar periférico. Ele é comum na maneira de se construir o relato, não exatamente na escolha das mesmas "paisagens", mas no movimento que eles apresentam. Isso tudo apresenta o modo de ser e fazer Camará e, principalmente, uma possibilidade de experimentar o que eu nomearia do descondicionamento do olhar, ou ainda, a possibilidade do transitar do olhar objetivo para o olhar subjetivo, tema este tratado na entrevista feita por Rolnik à Godard, que apenas agora parece ser oportuno retomar.

O olhar subjetivo é um olhar no qual a pessoa se funde no contexto, ocorre uma ativação dos registros sensoriais e provoca uma desestabilidade. É um olhar que não está ligado à memória, pois permite olhar sem previamente associá-lo a algo que é filtro da própria história. Este olhar apresenta uma suspensão do tempo. Enquanto o olhar objetivo é associativo e está ligado à linguagem, à memória das coisas ou representações, memória do passado enquanto já existido, o olhar subjetivo convoca uma capacidade de "fazer corpo com" como diz Godard.

É na Renascença que se inicia um longo caminho em direção ao olhar objetivo.

Godard chamará de olhar cego a capacidade de participar das coisas do mundo antes de engessá-la numa interpretação. Ele, de certa maneira, nos convoca para observar o modo como olhamos e nos posicionamos no mundo. A partir desse texto senti-me convidada a acompanhar o deslocamento de uma neurose do olhar, isto é, a fixidez do olhar objetivante, para a possibilidade de habitar o fundo das paisagens através do olhar subjetivo. Essa experiência deu contorno a algo que experimento nas ações do Camará e, principalmente, abriu caminhos para compartilhar aquilo que identifiquei atravessando todas as narrativas dessa pesquisa.

Nesta prévia análise, que aqui apresento para fomentar a discussão desse encontro, trabalhei com essa construção de fundo/figura apresentada no texto supracitado, pois acredito que é na maneira como construímos os espaços, paisagens internas e externas, que o gesto se apresenta, inclusive o gesto pensamento. Revisitar as paisagens descritas nas narrativas, com a atenção voltada para o olhar em trânsito, foi algo que a leitura me suscitou.

5.2 A Perspectiva Inversa

Eis aqui um outro conceito-ferramenta que foi ganhando sentido após a leitura das narrativas. Articulado com o que até então foi apresentado, poderá nos ajudar nessa tarefa de análise. Entendo que muitas vezes procedimentos de uma determinada linguagem podem ser correlacionados a outras áreas.

Novamente é nas artes que encontro inspiração. Tal fato não me surpreende; embora eu não tenha qualquer dom artístico, pelo menos até então descoberto, e também não me considere nenhuma entendedora de arte, se é que isso existe, não me causou surpresa pelo fato da arte ser o campo privilegiado das expressões que escapam ao domínio da lógica racional. A arte é, por excelência, um espaço poroso e arejado às forças do mundo. Campo esse de grande interesse nessa investigação.

A partir da escuta de aulas gravadas, cuja temática versava sobre uma clínica não reducionista, ministrada pelo prof. Gilberto Safra, conheci Pavél Floriênski. A perspectiva inversa - descrita por Floriênski (físico, matemático, historiador da arte e teólogo russo) - desde então passou a fazer parte do meu interesse. No ensaio escrito pelo autor em 1919, cujo livro, de mesmo nome, veio a ser traduzido e publicado no Brasil em 2012, descobri novas possíveis camadas de investigação desta pesquisa.

O que mais me sensibilizou foi como, ao entrar em contato com a perspectiva inversa, identifiquei inúmeras aproximações com o trabalho que realizamos no Camará. Muitas facetas disso foram apresentadas nas narrativas escritas por esse coletivo; eis então a razão de compartilhá-la aqui.

Primeiramente encontramos nesse ensaio um pensador que põe em xeque o domínio da representação objetiva da realidade, e igualmente questiona o lugar do observador. Estes dois elementos em muito se aproximam de meu interesse nesta pesquisa e na vida. Para melhor adentrarmos na perspectiva inversa faz-se necessário correlacioná-la com a perspectiva linear, a qual estamos mais familiarizados. Na perspectiva linear, como pude apreender, o observador está situado de maneira estática, tornando-se assim facilmente enredado e direcionado pelo autor da obra, desenho ou pintura.

A perspectiva linear representa uma realidade tridimensional numa superfície plana a partir da construção de linhas paralelas que convergem para um ponto no horizonte ideal; esse ponto é chamado de ponto de fuga. Tal procedimento faz criar uma ilusão de que está se apresentando uma representação fidedigna àquilo que se vê. Assim o olhar do observador é conduzido pelo autor. Esta perspectiva, também conhecida como perspectiva geométrica, é um sistema representativo fundado nas leis euclideanas de construção de espaço.

Penso que as diferenças de perspectivas linear ou inversa são responsáveis por diferentes visões de mundo, interferindo na maneira como alguém se posiciona ou investiga.

A perspectiva inversa é um procedimento utilizado sobretudo pelos pintores de ícones russos e retomada pelo cubismo. Temos Picasso como um grande expoente da perspectiva inversa. Na perspectiva inversa o autor não se coloca como observador externo ao mundo, pois ele se reconhece como fazendo parte desse mundo, sendo afetado e afetando o mundo com sua existência. Na perspectiva inversa busca-se representar antes de tudo o lugar que circunda o objeto. Nela o objeto é vivo, não existe um único centro, assim podemos dizer, segundo Safra:

> Isso dá a essa composição uma perspectiva polifônica, é um conjunto de vozes naquele quadro. Essa é uma perspectiva estética e ética, implica que a diversidade de vozes é reconhecida, é contemplada. O olhar do observador não fica preso, ele é dinâmico, ele se movimenta. (SAFRA, 2014, áudio).

Na perspectiva linear ocorre uma hegemonia do UM: o observador fica aprisionado pelo olhar do autor. O observador é um passivo contemplador. O desenho da perspectiva linear é construído mentalmente, ele é fruto de abstrações.

Na perspectiva inversa cada elemento vai aparecer de forma a dialogar com alguém que está fora do quadro; não temos exatamente um observador. Podemos dizer que existe um convite para uma interlocução, sem que o autor busque exercer um controle ou oferecer uma única direção.

Fico com a pergunta: podemos traspor a ideia da perspectiva inversa para a escrita? Suponho que sim. Presenciei este efeito mobilizador, convidativo, aberto para o diálogo, nas narrativas apresentadas, assim como reconheci nas mesmas narrativas algo que presencio no Camará, isto é, uma instituição com contornos mais plásticos, pouco rígidos, porosos, abertos para as forças que compõem as relações humanas, mas não apenas humanas, como diz Rolnik. Nos relatos vimos serem apresentadas as transitoriedades das ações, a presença dos riscos e descontinuidades. A vida bruta, duvidosa e talvez, por isso mesmo, também potente.

Proponho mantermos essa intenção a cada passo dessa então nossa tarefa de fazer pesquisa. Uma pesquisa participativa, viva e dialógica. Podemos apresentar primeiramente os textos narrados na sua íntegra, valorizando o fluxo no qual foram compostos. Assim o leitor poderá vivenciar a atmosfera invisível que os enredam. Penso que se dissecarmos as narrativas em categorias, antes delas serem lidas na sua relação intrínseca forma/conteúdo, comprometeríamos a potência dialógica que tanto nos é cara.

6 ANÁLISE

Essa análise irá constantemente lidar com planos sobrepostos da realidade, isso é: aquele que se fez presente em ato, no momento da experiência da roda de conversa; um segundo que se apresenta pela cena descrita pelos participantes, cena essa que ilustra algo marcante que pediu passagem e foi comunicado, os trechos das narrativas; um terceiro plano que ocorre no momento dessa escrita e um quarto que se presentifica como devir, que se dá na interlocução que concebo com o leitor desse trabalho. Ao tomar a posição de compor com estas realidades, uso um recurso que me remete à linguagem literária ou teatral. Lembro-me do impacto que isso me causou quando ainda adolescente assisti à peça *A Moratória*[11], na qual esse artifício foi fartamente utilizado. Para fins dessa escrita retomo esse recurso buscando seguir as linhas de forças destacadas pela perspectiva inversa, pois os quadros construídos por essa invertida perspectiva assinalam constantemente as diferentes relações que constantemente se avivam na relação com o interlocutor da pintura. Estas linhas são muito diferentes das linhas paralelas que se direcionam para um ponto de fuga e sustentam a perspectiva linear, como foi dito no texto disparador. Desenvolverei melhor esse tema num capítulo dedicado à perspectiva inversa.

Roda de conversa e as interfaces com as narrativas

O encontro ocorreu no SEP, Serviço Escola de Psicologia da UNIFESP-BS, numa manhã primaveril de um sábado chuvoso. Este espaço é uma casa antiga, com salas amplas e pé direito alto, contendo também um enorme quintal de grama e terra contemplado pela presença de várias árvores frutíferas. Ele já era familiar para a grande maioria dos participantes do encontro, pois realizamos, ao longo do ano, grupos de estudo nesse local. Embora a ideia de utilizar a sede do Camará parecesse mais óbvia, poderíamos nos beneficiar de possíveis inspirações que os lugares costumam deixar nos corpos, o fato de precisarmos nos encontrar num sábado impedia a execução desta atividade na nossa sede. Aos sábados o Camará é muito frequentado pelas crianças e adolescentes.

A roda se compôs ao rodearmos uma grande mesa ovalada. Durante a conversa deixamos expostos recortes de trechos das narrativas que por eles haviam sido escritas. Estes

11 Texto de Jorge Andrade escrito em 1954, retrata um contexto de transição entre República Velha e a era Vargas. Vista por mim em 1976 no teatro FAAP, em São Paulo/SP.

recortes foram dispostos próximos às bordas da mesa, para que aqueles que quisessem lê-los os acessassem com facilidade. Estes trechos de narrativas foram selecionados pelo facilitador, pessoa convidada para ajudar na construção da análise comum, fomentar a discussão e favorecer a expressão de todos os participantes. Eles foram levados como "cartas na manga", caso a conversa esfriasse e fossem necessárias outras estratégias para favorecer a troca, para além do texto disparador. A conversa seguiu fluida, com alguns momentos mais tensos, como falaremos adiante, sem dispersões.

Acredito que os trechos das narrativas, mesmo que pouco manuseados, lidos ou trazidos à tona, tenham sido bastante importantes. Eles marcavam o cenário, deixando um registro fresco e vivo do trabalho, e sinalizando o processo. Os trechos selecionados apresentavam a heterogeneidade de vozes articuladas num plano comum. Trouxe um efeito sutil de sustentação que ajudou a dar contorno ao encontro. Alguns dos participantes que chegaram antes do início do grupo visitaram estes recortes, outros passaram os olhos sobre alguns dos escritos no final do encontro. Foi interessante observar que ao fazê-lo as pessoas se entre riam recordando cenas ou ainda buscando decifrar quem era o autor. Virou um jogo lúdico muito bem acolhido, mesmo sem ter sido atribuído a ele um destaque especial. Este espaço do jogo, do brincar, sempre fundamental para o trabalho, que Winnicott nomeia de espaço potencial.

"Não há a possibilidade de se realizar um trabalho satisfatório sem que o espaço potencial esteja constituído na relação. Todo trabalho fora do espaço potencial é doutrinário." (SAFRA, 1999, p. 1)

No canto da sala havia também um aparador com um pequeno lanche que podia ser acessado durante as duas horas que estivemos diretamente implicados na tarefa. Cuidado reconhecido e agradecido.

Após uma rodada de apresentação, pois nem todos se conheciam, iniciamos com a leitura do texto disparador. O texto foi lido por mim em voz alta; todos receberam uma cópia para acompanhar a leitura e puderam levá-la consigo após o término do encontro. Nem todos os catorze participantes da pesquisa estiveram presentes. Éramos doze pessoas: pesquisadora, facilitador e dez participantes. Quatro deles não compareceram. Três ausências foram justificadas nos dias que antecederam o encontro e uma foi justificada posteriormente. Dois tiveram compromissos de trabalho e uma terceira esteve prestando prova para concurso público em Curitiba. Trago esses detalhes para dar ênfase ao pesar que foi expresso por estas pessoas por não estarem presentes; não foram justificativas formais: houve um interesse explícito em participar da pesquisa.

Alguns participantes que chegaram após o início da leitura do texto disparador foram sendo inseridos no trabalho. A postura do grupo foi acolhedora e inclusiva. A leitura foi fluida e entremeada de comentários e contextualizações, principalmente para acolher aqueles que chegaram no "andar da carruagem".

O último parágrafo do texto disparador enunciava uma questão e, de certa forma, requeria uma apreciação dos participantes quanto à forma de apresentação desta dissertação: seu ordenamento e sentidos atribuídos a ele. Este parágrafo também manifestava o desejo de tornar a pesquisa realmente participativa. Esta questão foi entendida e houve um posicionamento do grupo, expresso por uma das participantes. Houve concordância com a proposta de apresentar as narrativas na sua íntegra, no corpo da dissertação e não nos anexos. Manter a integralidade das narrativas no corpo da dissertação foi uma proposta cuja intenção foi manter vivos e pulsantes todos os aspectos que compõem uma narrativa, isso é, não apenas o desencadear de acontecimentos que elas explicitam, mas, sobretudo a maneira singular que cada narrador escolheu para narrá-los.

Agindo desta maneira acredito que eu venha a oferecer ao leitor a oportunidade para que ele possa investigar os campos de forças por caminhos que provavelmente serão distintos dos meus, isto é, cada leitor terá a possibilidade de construir novas pistas, descobrir outras linhas de forças sem estar, exclusivamente, guiado pelos meus recortes. Avaliei que os efeitos dessa conduta seriam mais interessantes para manter coerência com o conceito da perspectiva inversa, que tem por propósito ético-político não dirigir o olhar, e sim ampliar as conexões. Acredito que as intensidades são melhor captadas no contínuo da escrita. Essa proposta foi facilmente aceita e valorizada pelo grupo. Por minha vez, durante essa análise, apresentarei recortes das narrativas que se articularão com a discussão da roda de conversa.

Outro aspecto foi a problematização sobre o anonimato dos participantes, ou melhor, levantou-se a possibilidade de cada narrativa ser assinada pelo devido autor. Todos os integrantes concordaram em ter seus nomes publicamente apresentados, embora tenham assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual consta a seguinte frase: "As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros pesquisadores envolvidos no projeto, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos sujeitos entrevistados". Essa consulta também foi feita posteriormente àqueles que não estiveram presentes neste dia. Trago este esclarecimento aqui, embora tudo isso aparentemente pudesse ser melhor apresentado ao tratarmos especificamente da metodologia da pesquisa, por enxergar a pertinência de questões como essa, pois as vejo como analisadoras do *ethos* da pesquisa, e, também por termos tratado desse assunto nesse encontro.

Acerca da discussão do anonimato, encontrei no texto Pistas da Confiança considerações interessantes. Os autores consideram que, embora o anonimato muitas vezes tenha por finalidade garantir a integridade e a legitimidade do participante ao apagar o nome, a participação cai num outro registro, o do "não importa quem" conduzindo para as generalizações e abstracionismos. Fazem referência a Despret dizendo que a autora enfatiza que o anonimato faz do sujeito um alvo passivo das ações do pesquisador (SADE, FERRAZ e ROCHA, 2014).

Justifico também a pertinência de questionar a necessidade do anonimato dos participantes no sentido de que entendo como fato que cada dia temos mais facilidade para procurar na internet textos de pessoas cujas produções nos interessam, seja pelo tema ou pela maneira como estas pessoas se expressam, isto é, comunicam posturas éticas, estéticas e políticas nas suas escritas. Assinar a própria produção permitiria que as demais produções desses participantes pudessem ser acessadas. Assim, essa pesquisa possibilitaria outras conexões, seguiria defendendo e afirmando a característica rizomática da aprendizagem.

Após tangenciarmos estes aspectos da pesquisa, outros aspectos do texto disparador começaram a operar no grupo.

Uma das participantes, Vanessa Santos, destacou o sentido da palavra lugar. Segundo ela, esta palavra apareceu algumas vezes no texto e na minha fala. Suas considerações permitiram perceber algumas facetas importantes do trabalho.

Primeiramente disse:

As perspectivas das pessoas vão mudando muito de acordo com os territórios que elas ocupam, porque elas podem ter um horizonte muito grande, uma perspectiva muito grande, mas ela pode morar num lugar que tenha muitos prédios e a perspectiva dela pode ser absolutamente, enfim… reduzida.

Segue sua explanação dizendo:

E um lugar, para ser um lugar, pra receber essa palavra lugar, você tem que ter afeto.

Aqui temos, a meu ver, duas linhas que se relacionam e se intercruzam. A primeira delas é a sinalização da geografia, das paisagens apresentadas nos territórios, ou melhor, este é um apontamento que ilumina as interferências dos espaços físicos, geográficos, na produção da subjetividade. Essa mesma percepção levou Debord (1955) a adotar o termo psicogeografia sugerido por Kabyle para descrever tal inter-relação.

A segunda linha diz respeito à maneira como estes espaços podem ser ocupados, como eles podem deixar de ser espaços para se tornar um lugar, isto é, sendo investidos de afeto.

Essa mesma educadora, em um trecho de sua narrativa, ao se referir às visitas realizadas às casas das crianças, disse:

Foi lá que tomei muito café frio, aceitei muitos almoços sem estar com fome, para estreitar relações, para mostrar que eu não era um "ET", que tínhamos e éramos mais próximos do que distantes. Tudo isso pode parecer bem ruim, mas não foi não. Ao contrário, alargou minha alma.

Corroborando com essa questão há um trecho da narrativa de Valéria no qual relembra sua chegada ao Camará. Esta foi retratada com detalhes, assinalando as paisagens que encontrou e principalmente os sentidos e afetos que foram sendo atribuídos a elas.

O cenário do centro era bem diferente do que eu estava acostumada a habitar, principalmente aquela parte residencial da cidade. As ruas eram limpas, havia várias sinalizações de trânsito, as casas eram bonitas, recordo-me de ter chamado muito minha atenção todas as casas terem muros com garagem e principalmente as janelas, que tinham formato de janelas, e não madeirites seguradas por um caibro.

Segue:

Depois daquele encontro eu jamais esqueceria aquele caminho e lugar.

Ter o trabalho como um lugar de alargamento de horizontes, ampliação de perspectivas, construção de lugares de afeto apareceu em muitos relatos, merecendo assim receber destaque nessa análise.

Apresentarei então o que me parece ser uma dupla face desse processo, isto é, ao descrever marcas que foram deixadas pelo trabalho, marcas essas que deram alicerces à formação profissional de cada um dos participantes da pesquisa, encontramos muitos relatos nos quais a presença do profissional inaugurou ou, no mínimo, testemunhou transformações nos espaços. Os espaços ganharam estatuto de *lugar de vida*[12] na história daqueles que são acompanhados pelo projeto, como também na subjetividade do profissional.

Chamo isso de uma dupla face do processo, pois as marcas se fizeram em todos os envolvidos, isto é: sou marcado ao marcar o outro.

No trecho a seguir encontramos referência à experiência na qual o deslocamento geográfico produziu novas paisagens, sejam elas no espaço ambiente como na subjetividade. A ambientação do local, seu uso, suas possibilidades de ser explorado, foram delicadamente narradas. Nela foram apresentadas ações que puderam transformar espaços em lugares de afeto, lugar de reexistência, construídos a partir da presença de um outro significativo.

12 Referência à experiência de Maud Mannoni - LUGAR de VIDA – e a uma proposta enviada ao UNICEF, CAMARÁ Lugar de Vida e Participação.

É o que diz Cássio em sua narrativa, ao relatar um trecho da viagem a Belo Horizonte. Nesta viagem educadores, crianças, adolescentes e alguns familiares viveram uma experiência de cinco dias de intenso convívio. No fragmento de sua narrativa, educador e criança ambientavam o quarto do SESC de BH em que estiveram hospedados.

Troquei o colchão de lugar e fui dando a nossa cara para a nossa casa. Ela deitou e testou. Ligou o abajur. Apagamos a luz e ela treinou descer a escada caso sentisse vontade de ir ao banheiro à noite. Testamos os quatro abajures na tentativa de descobrir qual seria o foco de luz para não ter medo do escuro na madrugada. No detalhe, ela arrumou a cama e organizou o seu espaço. Segurou a roupa nova da Frozen para receber o seu prêmio.

São inúmeras as linhas que se entrecruzam num relato como esse. Sair do bairro muitas vezes já é uma aventura, deixar velhas paisagens, costumeiras paragens e se disponibilizar para se colocar em movimento geográfico e existencial é absolutamente potente, mas também muito desorganizador, como iremos discorrer mais à frente.

A metodologia do Camará na sua potência formativa foi sendo diferentemente narrada. Houve significativas menções às viagens realizadas, às expedições culturais, às ocupações e recriações de espaços públicos, ênfase nos deslocamentos realizados, no aparentemente simples andar pelas ruas do bairro, às ocupações dos estabelecimentos coletivos, públicos ou aqueles organizados pela sociedade civil, aos eventos de mobilização social.

Podemos ilustrar esse efeito do trabalho e a reverberação na formação profissional retomando a narrativa de Janaina. Ao se referir a um ato de mobilização organizado pelo Camará que ocorreu na praça Barão do Rio Branco, uma das principais praças do centro da cidade de São Vicente, um local que corresponderia à praça da Sé para os paulistanos, espaço no qual muitas pessoas circulam, disse:

Passado um tempo os artistas chegaram e nos convidaram para uma performance-intervenção-inventiva-dançante. Eles não chegaram com tom, corpo e estado tímido com o qual eu chegara para conversar com Melissa e que ela me recebera. Adentraram aquele espaço vestidos com roupas coloridas e maquiagens fortes no rosto, cantando, tocando e rasgando aquele ambiente acelerado, cotidiano e individual da praça. Aqueles corpos quebraram o ritmo imposto e naturalizado em nós naquele espaço, o que causou muito incômodo e desconforto em alguns. Muitas risadas por inúmeros motivos, cochichos, e depois de uns 20 minutos quase todos nós estávamos envolvidos por aquele novo clima, dançando, pulando, inventando posições e movimentos inusitados, até dentro da fonte!

Por sua vez, Rafaela, que também trabalha com performance, em sua narrativa fez a seguinte colocação:

Tive a oportunidade de aprender um fazer em que foi possível me colocar e sempre olhar de que lugar eu, sempre em formação, estava me colocando, olhando. Talvez por isso que estas marcas da experiência vão ganhando outras cores, outros tons a cada deslocamento.

A ação performática quebra a mesmice, traz um estranhamento, atravessa todos os corpos, não dirige o olhar para um único foco, ou seja, se distingue de uma ação que conduz as pessoas a serem passivos observadores. A performance desconcerta e contagia, mesmo aqueles que não interagem diretamente com o que está se desdobrando se sentem afetados por tudo que irrompe. A performance sacode a todos.

A transposição dos conceitos de perspectivas vistos nas artes, linear ou inversa, como foi anteriormente apresentado, permite a construção de diálogos com todas estas cenas.

Disse Breno ao terminarmos a leitura do texto disparador:

Eu fui ouvindo e fui… Eu fiquei feliz, assim… alegre, assim, porque eu acho que esse caminho da perspectiva inversa ele tem tudo a ver mesmo, com o trabalho. Acho que você deu um sentido mesmo, para coisa que a gente não tava entendendo… só tava sentindo… E é um conceito que ajuda na experiência. Então eu falei: "Opa! tem tudo a ver mesmo com o que a gente vive lá", e dá até uma tranquilidade, a gente fala: "Tem coisa escrita sobre o que a gente passa, porque a gente sente aquela coisa, né…". Porque a gente tenta buscar sentido… É exatamente isso, é a potência de sentir tantas coisas ao mesmo tempo né…

Todo o relato do educador poderá ser revisitado para observarmos como foi, e penso que sempre é, difícil expressar pela linguagem oral ou escrita as intensidades. São inúmeras reticências, palavras interrompidas que esperam a completude de um outro para ganhar possibilidade de sentidos. Isso ocorreu em quase todas as falas durante o encontro, ora mais, ora menos. Nesta comunicação de Breno, a força do seu dizer está sendo expressa aqui, naquilo que pode ser captado a partir da sua presença viva no encontro, presença essa que se fez em conexão com os demais participantes. A vitalidade de seu expressar se fez no tom de sua voz, nos seus movimentos corporais, no ritmo de sua fala, nas suas pausas e suspiros. As expressões e gestos de cada participante contribuíram para o prosseguir do pensamento como também para a construção de outras trilhas de pensar ou mesmo de se calar. São linhas de força que atuam na construção da realidade, ou seja, na construção do mundo e do si mesmo.

Estar habitando essa zona de interface entre os planos de formas e forças, ou seja, trazer a consciência para as percepções das forças que coabitam com o plano das formas a construção da subjetividade desacomoda e gera incertezas. Isto acontece porque existe uma estabilidade e uma familiaridade inerente ao plano das formas por ser este facilmente

reconhecido através de categorias identitárias. (ROLNIK, 2014). Costuma-se ter uma percepção de contiguidade de si quando a atenção está voltada mais diretamente ao plano das formas; esta percepção é ofertada pelo reconhecimento de categorias tais como gênero, nacionalidade, etnia, nomeação de papéis sociais e assim por diante.

Quando deslocamos a atenção das percepções identitárias e nos abrimos para essa experiência de coabitação entre os planos ocorre o que Rolnik (2014) descreveu como: a pessoa passa a se ver como ela sendo um grande ponto de interrogação, diz a autora, isso traz medo e ansiedade.

Avalio que por essa razão essa experiência de medo e ansiedade foi muitas vezes narrada nessa pesquisa, seja na escrita das narrativas ou nas expressões orais durante a roda de conversas. Quando não temos códigos previamente estruturados para as experiências, somos inundados por intensidades. Intensidades das quais muitas vezes ainda não foram construídas linguagens que possam ajudar a nomear as experiências, isto é, torná-las comuns, compartilhadas. Essa experiência é inaugural, inaugural porque é inventiva, traz consigo também um confuso e doloroso estranhamento. É só no momento da compartilha, nos processos coletivos, que conseguimos dar ancoragem para estes sentimentos e, principalmente, são estes momentos que nos permitem sentirmos confiantes para prosseguir, mesmo sem roteiros e *scripts* previamente construídos.

Diria, de uma maneira um tanto reducionista, que a ansiedade seria menor se o trabalho fosse alicerçado nos moldes de como a perspectiva linear se apresenta nas artes – isto é, tendo duas vertentes instituídas, quais sejam: de um lado aquela que conduz o olhar ou a ação, e por outro lado, aquela que contempla ou se torna alvo da ação. Mas evitar a ansiedade também traz outras consequências para o trabalho e para a vida. Evita-se a ansiedade a custo de se construir uma vida que se reproduz. Quando não se ousa abrir mão do controle, assume-se, conscientemente ou não, o papel de desempenhar tarefas, uma forma apassivada de viver, diria, nada inventiva.

Para ilustrar este tema da ansiedade tecerei considerações a partir de alguns fragmentos. Utilizarei fragmentos da roda de conversa como também alguns trechos das narrativas.

Allana quis comunicar algo que foi muito precioso na sua formação, formação sofrida e talvez por isso mesmo potente, como expressou.

O termo angústia e ansiedade serão colocadas num mesmo patamar nessa explanação. Manterei a palavra usada pela participante, entendendo que não houve a intenção de fazer qualquer distinção entre estes dois termos. Penso que acima de tudo o objetivo foi comunicar

os medos, os estranhamentos, as inseguranças diante das questões do trabalho. Comunicar aquilo que poderia trazer paralisia. Gosto do conceito usado por Winnicott (1974) ao nomear este sentimento; o autor fala do medo do *breakdown*.

Assim Allana captou o esforço de Breno ao tentar expressar suas intensidades, como também a alegria de nos debruçarmos na busca de conceitos. Allana enfatiza a dimensão corporal dessa experiência. "*O quanto isso… o quanto isso é corpo, assim…*".

Allana tomou a palavra para falar de sua experiência, das intensidades que a atravessaram durante o período em que estagiou no Camará, e como, no decorrer do processo, tudo isso foi sendo ressignificado.

Disse ela na roda de conversa:

Porque eu tava pensando na minha experiência do quanto na época do estágio eu achava que eu não tinha que ter angústias, né… [achava] que não era para eu ter angústias. Eu vejo…: "Gente, eu vim para o lugar errado", né… (risos dos presentes) Não é para ter angústia! Não é para ter angústia! E eu fui a rainha da angústia. Eu fui a rainha da angústia do meu ano. E para mim era muito sofrido, porque eu achava que tinha um jeito, porque era um jeito, um jeito muito Camará, assim… Eu pensava: Gente eu não guento! Eu não sei fazer esse negócio, né… Eu não sei como é que eles fazem, essa coisa né… e não sentem angústia.

[…]

"O negócio é não ter angústia". E aí não dava… não dava conta né. E aí… não sei… é libertador quando você percebe que, tipo: "Não, tem que ter angústia. Você tem que ir, não saber o que fazer e chegar uma hora e você virar para a criança, virar para o adolescente e tipo assim: 'Eu não sei' (risos).." né… Quanto isso é libertador, porque assim, a gente fica o tempo inteiro – acho que na graduação, na faculdade e em outros espaços - [achando? acreditando? pensando? aprendendo?] que a gente tem que tá sempre caminhando para construir resposta, né… E o quanto o Camará o tempo inteiro nos faz caminhar pra produzir perguntas, né… E o quanto isso é desafiador, e o quanto isso é angustiante, e o quanto isso foi bom tá nesse espaço e levar isso para outros lugares.

A mesma educadora retratou essa questão ao escrever sua narrativa. No relato que se segue podemos observar como, ao sedimentar o processo vivido na experiência do estágio, ela encarna esse vivido, faz dele corpo. É isso que permite transportar essa experiência para outros lugares como ela própria disse acima.

Houve choro, muito choro durante o estágio. Me angustiava infinitamente por me sentir fora do "modo Camará de ser", como eu dizia. Doía toda essa experiência outra, diferente do que eu tinha vivido até o momento na graduação. Percebia que ia me

desnudando a cada novo episódio, sendo levada a ultrapassar um pouquinho mais a linha do que já estava dado, que eu era constantemente chamada a sair do lugar-comum – isso me doía, porque crescer dói. Foi podendo falar sobre tudo isso que me era difícil e me desassossegava que fui me dando conta de que o que me tensionava a todo instante não era um apelo para eu ser Camará, mas que ser Camará era ser quem eu era, com a bagagem que eu tinha e com os deslizes que eu cometia. Não havia nada dado, certo; tudo estava em construção a todo momento à medida que as relações iam acontecendo. Me apropriar dessa verdade me libertou.

Acessamos assim uma formação gestada pela produção de novas subjetividades naqueles que vivem a experiência no corpo. Esse relato ilustra como a formação pode ser uma experiência e não o aprendizado de teorias. Testemunhamos aqui seu agir no mundo, a partir de uma singularidade movente que a experiência lhe trouxe. O sentido de comum, resgatado na partilha do singular, deu significado à experiência de ser Camará.

Vanessa Santos reitera essa aquisição libertadora. No fragmento a seguir comenta os efeitos de uma aprendizagem precoce. Esse comentário se refere ao início de sua participação no Camará, suas primeiras ações como monitora de um projeto socioambiental. Vanessa foi interpelada pela educadora do projeto quanto a sua crença de que o educador tem que saber tudo. Percebeu que no seu imaginário sustentava a imagem de um certo modelo de profissional, aquele que é detentor de um saber sabido, não exatamente um saber em construção.

Eu me sinto privilegiada, e uma delas foi eu ter descoberto muito cedo responder o eu não sei. Que o que eu não sei tava tudo bem, não tem problema; e foi no Camará – foi com a Elisa. Sei lá, acho que em 2002… eu não sei.

A experiência foi formativa à medida que sensibilizou Vanessa para poder acompanhar processos, estar com as pessoas. Aprendeu a valorizar aquilo que pode ser descoberto junto.

Algumas outras cenas foram narradas a partir desse libertador “eu não sei”. Falou-se dessa emancipadora possibilidade de não estar preso às respostas, de poder habitar os encontros como agenciadores de perguntas como se preconiza na aprendizagem inventiva. Mas, também apareceu uma outra possibilidade de aprender, qual seja, testemunhar o saber que é enunciado pelo outro, pela pessoa que está sendo acompanhada, sem se sentir ameaçado por não ser exatamente o proponente da ação.

Allana ressalta esse último aspecto trazendo cenas do trabalho no Camará:

Isso é o tempo inteiro... A gente estava o tempo inteiro construindo e desconstruindo o que é ser um psicólogo, nessa questão de: "Ah, tem coisa que você não pode falar. Você só tem que ouvir… e não sei o quê". Mas como é que você faz? Como é que você se prepara para isso?

Ao relatar a conversa proposta pelas adolescentes, Allana acrescenta, com satisfação, algo que anteriormente jamais pensaria em valorizar:

[…] assim, a questão de poder tá ali naquele momento e ter um jeitinho, e não tem livro que te prepara para isso, eu acho que são essas coisas que o Camará vai te dando na bagagem.

[…]

Eu me sentia tão adulta, e no momento o negócio inverteu. Eu sentia que elas eram adultas e que eu era adolescente e não sabia o que tava falando…

As posições adulta e adolescente marcam um estereótipo social no qual o adulto tem mais saber/poder do que uma criança ou adolescente. Desconstruir esse estereótipo não é tarefa fácil. Allana falou com satisfação de não se sentir ameaçada, de não estar no papel de proponente do processo que desenrolou, de se sentir surpreendentemente confortável, de estar presente e poder apenas acompanhar o que lhe era dito, e, principalmente, poder dizer algo fora de um *script* previamente pensado ou que estivesse nos livros. Mas a desconstrução de estereótipos é muito mais difícil, eles ainda deixam suas marcas. No seu relato Allana usa o termo adulto para nomear aquela que estava "conduzindo" a ação, no caso a adolescente.

O valor atribuído a essa experiência evidencia que ela fez desmontar no corpo aquilo que o discurso ainda deixa escapar, isto é, as estereotipias sociais. Quando a surpresa da experiência vitaliza quem a experimentou, e a contradição pode ser percebida, seja porque foi assinalada por um terceiro ou mesmo captada por quem a expressou, abrem-se novas perspectivas.

Na narrativa de Vanessa Santos podemos relembrar como algo dessa mesma natureza foi assinalado. Vanessa e sua parceira Nataly, em conversa com o coordenador do Camará, puderam ressignificar a experiência com Neno e assim uma nova experiência se sedimentou.

Depois de um tempo Guilherme chamou Nataly e eu para sala de atendimento e lá conversamos um bom tempo. Não me lembro exatamente o que disse, mas se fechar os olhos ainda posso sentir aquela manhã de inverno com pouco sol que entra pelas frestas da janela e Guilherme dizendo:

"O que vocês acham que ia acontecer com Neno se dormisse na rua?"

"Vocês já dormiram na rua?"

“No geral Guilherme tentou nos dizer que aquela rua era perigosa para nós estrangeiras no território de que não fazemos parte, mas para Neno não. Que ele sabia o mapeamento, os nomes, os códigos, enfim. Era território habitado por ele. Por isso, não importava se ele era uma criança e nós adultos, ali quem sabia era ele, não nós.”

Na sequência do encontro, seguindo ainda esta mesma trilha, Janaina se sentiu transportada para as palafitas. Contou de uma maneira muito poética como foi sustentada pela menina Gabi.

Janaina releu em voz alta aquilo que no texto disparador tanto a marcou e se expressou ainda tecendo conexões que estavam vivas em seu corpo.

Eu tô olhando aqui o texto da Vivi, e tem uma frase que me levou para as palafitas, que é essa que você fala que o olhar é um olhar no qual a pessoa se funde no contexto; ocorre em uma ativação dos registros sensoriais e provoca uma desestabilidade. E é exatamente a sensação que eu tenho quando eu subo nas palafitas até hoje, sabe. É uma sensação... E ela não tem... E aí você continua, né... É um olhar que não está ligado à memória, e é um olhar que apresenta uma suspensão do tempo. É exatamente o jeito que eu sinto quando eu subo nas palafitas: é uma desestabilização, é uma suspensão do tempo, e é totalmente sensorial. E é algo que é um fazer corpo junto, sabe. Eu lembro até hoje quando eu precisava chegar na casa da Gabi, que é a última palafita, e eu não conseguia. Tipo: “Eu não vou chegar lá”. E a Gabi tava lá me esperando na outra ponta. Aí ela olhou pra mim, e eu não falei nada, e aí ela veio andando, segurou na minha mão, e eu pisava exatamente onde ela pisava. Tipo, ela ia andando e eu ia atrás, e ela fazia questão de mostrar exatamente como ela estava pensando e aonde ela estava pisando, que era onde era mais seguro para eu passar. E aí nesse dia, quando eu fui embora de lá, eu fui para o teatro – que essa coisa da arte é uma coisa que tá muito latente assim... e muito presente na minha vida né – Eu vou no teatro todos os dias à noite, e é uma carga muito pesada, e é uma experiência muito intensa. E era verão e eu tava de chinelo. E eu cheguei no teatro, e era aula de corpo aquele dia, e aí a hora que eu tirei o chinelo e entrei na sala – e eu cheguei atrasada não deu tempo de limpar o pé... nada - e a gente começou a aula, e eu tinha a marca do chinelo, sabe... de sujeira mesmo. Tipo... de ficar andando na rua. E aquilo foi muito forte para mim, porque é uma marca que faz. Tipo, eu tava em outro lugar e a palafita tava em mim. E foi muito louco, assim... E aquele dia foi um dia que eu mais me libertei corporalmente. E eu dei sentido no corpo para aquilo que eu tinha vivido, praquela cena. E sem nenhuma palavra sabe e… Tipo, eu não saberia.... Qualquer palavra ia ser limitante para dizer aquela experiência que eu vivi no corpo, e junto com outra pessoa. E isso é uma coisa que acontece no Camará e que ela

pode acontecer em muitos outros lugares, mas a gente não tá aberto para isso acontecer, a gente não está ampliado, não está com esse olhar, pra viver a experiência de outro jeito, né. E no Camará a gente se permite e se desloca desse lugar, de que a gente tem que ter resposta para as coisas.

Esse relato expresso pela Janaina elucida com tanta clareza aquilo que é da ordem da experiência encarnada, que não consegui extrair dele pequenos recortes. Acredito que seja exatamente pelas linhas de força que se apresentam na sequência e ritmo da fala. Como Janaina seguiu os passos de Gabi, me percebo, neste momento, seguindo os passos de Janaina, fazendo corpo com. Enquanto escrevia, sem mais, me vi cantarolando Sampa, de Caetano Veloso: "a tua mais completa tradução" foi a frase que ressoava na memória.

Reconhecer movimentos, como este agora narrado por mim, ilustra, serve como expressão viva das linhas de forças que nos enredam e produzem deslocamentos, descondicionam nosso olhar, elucidam o entrelaçamento de planos de realidade acima expostos.

Na sequência tivemos alguns comentários de outros participantes que corroboraram com a ideia de que neste tipo de ação, com a qual estamos envolvidos, não se tem um controle sobre as coisas, não se decide como as pessoas devem viver, mas que sua potência está em reconhecer que, em alguns momentos, os encontros possibilitam a ampliação do repertório de vida.

O encontro seguia seu fluxo quando, de repente, uma fala proferida por Cássio pôs em suspenso aquele desencadear. Resgatarei na transcrição como esta frase foi enunciada, mas a princípio gostaria de apresentá-la da maneira como ela reverberou em mim.

No Camará não se trabalha, no Camará se existe. Assim esta frase-pensamento ficou ecoando.

Durante toda a pesquisa atribuímos um valor significativo ao elemento surpresa, aquele que desestabiliza. Igualmente frisamos ser profundamente importante sua ocorrência. Pois então, ali estava ele. Ele apareceu com todo o poder de um ato disruptivo, isto é, algo que pode simplesmente romper ou alterar um determinado fluxo. Sua potência inauguradora estava presente. O grupo seguiria numa mesma toada, provavelmente numa certa repetição, se não fosse quebrado por essa enunciação. Estava então enunciada nossa frase desestabilizadora. Como caminhar e seguir a partir dela?

"No Camará não se trabalha, no Camará se existe."

"No Camará não se trabalha, no Camará se existe."

"No Camará não se trabalha, no Camará se existe."

Na transcrição do encontro assim apareceu:

Acho que é isso que eu venho… venho entendendo agora, saindo da posição de estar estagiando no Camará, para uma posição de trabalho no Camará. É do que a sociedade nos coloca, quando você passa a trabalhar. Eu venho chegando a um lugar de que não existe trabalho no Camará, ninguém tá trabalhando… Não tá trabalhando, porque… não tem trabalho nesse… nesse texto, não tem essa palavra. Tem a palavra existência. Tipo: "Vai lá e exista... e exista com outras pessoas, né... Convida outras pessoas para vir existir com você". Então, não tem lógica linear, porque não tem aonde chegar, né… Tipo… Você tem que existir, e existir já é difícil práacaralho (risos).

Esta fala provocou uma grande exclamação.

Comentários de fundo: Horra!!!!

O grupo passou a buscar referências de trabalho: trabalho e horário determinados, trabalho e agendas.

Breno, ao se referir ao que é feito no Camará disse:

"a gente tem poucos modelos para inventar essas tecnologias de trabalho"

Rafaela complementou:

Tanto que o que nos consome é… reunião né, de equipe. Eu tenho pensado muito nisso, que some… é porque na hora que você precisa fazer caber no trabalho, ou você tem que voltar ao trabalho pra acontecer. E daí não cabe; e daí as pessoas não cabem nesse trabalho, porque não faz agenda, é impossível fazer agenda. E se fizer agenda ela não funciona, você cria outra e ela continua não funcionando, porque não tem trabalho.

[...]

Ó, existir dá trabalho. Então é meio que… que isso assim: você produz um mapa afetivo, um mapa pra você, a partir da sua existência, não a partir do… do seu trabalho.

Existir e trabalho vão se confundindo nas falas, assim como um certo vangloriar do que se faz no Camará, ao mesmo tempo que se aponta um extremo cansaço e um descrédito na forma desse fazer. Afinal que forma é essa? Existe alguma forma no fazer Camará? Forma, fôrma???? Que conversa pode ser desdobrada a partir desse desequilíbrio? Aqueles que passaram pelo Camará, e hoje não mais trabalham lá, nesse momento, sustentam com mais energia o aprendizado que tiveram, como fez Allana:

Cara, eu fico transpondo isso para o lugar que eu tô né, pensando em trabalho, que é um lugar que se faz trabalho, se faz linear, se faz com agendas, e assim… O quanto que isso é complicado né, o quanto eu fico feliz de ter a experiência angustiante do Camará no corpo,

porque o tempo inteiro eu tô tensionando isso, meu corpo tá tendo [que] tá o tempo todo tensionando isso, e o tempo inteiro sendo passível de ser capturado por estas formas.

Essa intensidade que brotou da enunciação: no Camará não se trabalha, se existe, fez com que muitos dos participantes quisessem ilustrar, contando diversas situações, contar o modo como diferentes serviços se organizam.

Situações complexas foram sendo narradas, e respectivamente as experiências de trabalho do Camará (que está sendo posta em questão) e as experiências de trabalho em outros equipamentos da Saúde e Assistência ali representados foram sendo contadas. Trago, a título de ilustração, uma dessa situações.

Vanessa Salgado relatou:

Numa situação chegou uma mamãe uma vez desesperada lá para a gente, que assim, ela tava muito preocupada lá com a filha dela, mas ela não tava preocupada com essa filha, porque ela já não tinha mais nenhum vínculo com ela há anos. O que ela se preocupava é no que essa menina, que ela não tinha mais vínculo, podia acarretar nos filhos com quem ela tinha vínculo, porque essa menina que tava se prostituindo e que tava fora da escola, se o Conselho Tutelar batesse e visse a situação ia tirar os outros filhos, porque ela não era uma boa mãe. Aí chegou no Conselho Tutelar que a gente tinha que fazer psicoterapia na menina, porque a menina que tava usando drogas e se prostituindo, e aí que era o problema [refere-se ao fato de que estavam vendo a prostituição e a menina como o problema], não era o problema que ela viu o pai se suicidar, e um monte de coisa acontecer... e que ela não tinha vínculo nenhum com essa mãe, mas ela tinha vínculo com uma outra [pessoa?]... Assim, ninguém ouviu a mãe, assim... A preocupação da mãe, naquele momento, não era a menina porque ela entendia que a menina tava bem num outro lugar. A preocupação era: o que que essa menina fazendo interferia em mim. Mas ninguém quer saber. As pessoas querem saber assim: essa menina, ela tem que estar na escola, ela tem que estar na escola, ela não pode se prostituir, ela não pode usar drogas, e ela tem que dormir dentro de casa. E assim: A mãe com todos os seus filhos, pronto. Família feliz!

Janaína, no auge do: "eu não consigo nomear tudo isso", assim se expressou:

Às vezes eu fico com a impressão que a gente acha que no Camará as coisas são melhores do que nos outros lugares. De que as coisas funcionam melhor, e a gente: "Ai que saudade do Camará, porque no Camará era melhor". Gente, às vezes eu tenho vontade de explodir esse lugar.

Porque é... Tipo, não é... É ruim, às vezes é ruim, é uma bosta trabalhar aqui no Camará, porque tem um monte de coisa muito difícil, muito angustiante: essa coisa toda

aberta… Tipo: "Ah, o olhar subjetivo o tempo todo…" Não dá… Tipo… o corpo não aguenta…"

Breno: *"O corpo desmonta…"*

O que o corpo precisa para não desmontar?

Ele precisa não desmontar?

Com Winnicott, como expressou ao longo de sua obra, é possível afirmarmos que nada no ser humano se constitui sem a presença do outro. Tudo o que emerge num indivíduo que não possa ser constituído em presença de outro, é um abismo no *self*, é agonia impensável.

Penso que a experiência de não encontrar ancoragem num coletivo – e aqui quero ampliar a ideia de coletivo, quero ressaltar a necessidade de pertencimento que todo humano tem – evoca o medo. O medo do caos interno, o medo do corpo desmontado, a experiência de corpo desmontado, a experiência de não encontrar sentidos – quero frisar que deve estar no plural mesmo, sentidos. No corpo singular estes medos podem vir a funcionar como um impeditivo à vida criativa, ou à aprendizagem inventiva. A fixação no medo leva à estagnação e ao estabelecimento de relações rígidas com aquilo que há de mais concreto, os protocolos de procedimentos, as agendas, por exemplo. Ela opõe-se à fluidez, gera defesa contra o desconhecido, o diferente. Mas, o medo existe e exige respeito. Penso que apenas quando o medo não encontra representação simbólica para sua expressão é que ele aparece como inibidor de movimentos e transformações.

Esta questão me fez retornar ao início dessa análise na qual se expressou a alegria em buscar conceitos, experiência essa que poderíamos nomear de um trabalho coletivo. Ao encontrarmos indícios de que alguns conceitos poderiam nos ajudar a dar contorno às experiências vivemos um regozijo, pois eles permitiriam o transitar nesse espaço híbrido, isto é, entre formas (conceitos) e forças (intensidades). Já falamos o quanto uma ação que se desenvolve a partir de condutas engessadas, caminhos fixos, faz perder sobremaneira a potência, mas acredito que aqui, na roda de conversa, também esteja sendo dita uma outra coisa, e bem importante: fica igualmente comprometido um trabalho que não encontra fios transitórios que ajudem a nomear as experiências, pois são eles que permitirão integrar a experiência e trazer o sentido de coletivo. O aprendizado encarnado, inerente ao processo de formação o qual estamos discutindo, transita constantemente nesses dois polos de forma e força. As formas que podem ser apresentadas por conceitos e as forças com seus atravessamentos intensivos.

Percebo que resquícios decorrentes do entendimento do conceito de trabalho como algo enquadrado, repetitivo, enformado, colado a papéis e identidades preconcebidas pôs o grupo em xeque. Perdeu-se o sentido de trabalho como algo inerente à condição humana. Trabalho como efeito da ação humana na sua capacidade de modificar algo e ao mesmo tempo produzir transformações naqueles que desenvolvem a ação. (MERHY; FRANCO, 2008)

O grupo ficou capturado, perdendo assim a dimensão de que os sentidos atribuídos ao trabalho variam, não são fixos. Os diferentes contextos históricos constroem novos sentidos para o ato de trabalhar, como apresentaram Merhy e Franco (2008).

Em vez de conseguirmos produzir esse reconhecimento situacional em relação à questão do trabalho, o grupo saiu em busca de algo mais amplo, ou seja, todos se viram impelidos a refletir sobre a própria existência. Desta forma entendo que não foi o sentido atribuído a um certo modo de se trabalhar, fortemente advindo do senso comum, que foi posto em questão, mas o conceito de trabalho em si, como sinalizam os autores acima.

Esta armadilha produziu um enorme borramento na percepção do que se faz no Camará. Angustiados, os integrantes do grupo passaram a dar voz às dúvidas sobre o próprio agir e a apresentar as dificuldades de reconhecimento quanto à eficácia das ações que desenvolvem. Foi um momento no qual a vulnerabilidade se presentificou. Já havíamos visto várias considerações assinalando esta temática nas escritas das narrativas, mas ali, na roda, a força do coletivo ganhou corpo ampliando e fortalecendo estas vozes, num movimento não totalmente uníssono, mas de grande expressão.

Foi interessante observar que aqueles trabalhadores que, por força de várias circunstâncias se encontram afastados do cotidiano do Camará, apresentaram com mais força os contrapontos a tal situação, como vimos na fala de Allana. Esta perspectiva se explica, a meu ver, pelo maior atravessamento daqueles que estão diretamente implicados. Quando se está no olho do furacão, fica muito mais difícil reconhecer os aspectos que ali se desdobram; assim entendi o que aconteceu.

Percebi que isso também se deu comigo, dessa vez me referindo à possibilidade de analisar a frase expressa por Cássio. Foi apenas quando saí do contexto da roda de conversa que pude pensar em algumas articulações dessa relação trabalho/existência.

Acredito que questões decorrentes da invisibilidade de vários destes trabalhos que envolvem sustentação de potência de vida, como foi apresentado no início dessa dissertação[13],

13 Quando trago a discussão sobre sustentação, no início do texto, faço referência à invisibilidade da posição mãe-ambiente. Os trabalhadores que trabalham com esse cuidado-sustentação ficam vulneráveis à

e, principalmente, o fato de estarmos constantemente produzindo o trabalho em ato, como assinala Merhy (2002), trouxe esse efeito desorganizador. Na hora tive a impressão de que um dedo se calcou numa ferida aberta.

Foi por meio do conceito de trabalho vivo em ato apresentado por Merhy (2002) que, fora da situação, fiz algumas reflexões que agora compartilharei.

Merhy (2008) diz que o trabalho em saúde é centrado no trabalho vivo em ato e que existem semelhanças com o trabalho em educação. Estando o Camará nesse híbrido entre assistência, saúde e educação as considerações de Merhy me pareceram justas ao trabalho que desenvolvemos.

Merhy e Feuerwerker (2009) assinalaram que a clínica do cuidado não é um campo de teorias que dispõem de muitas formas de exercitá-las, mas um campo de ações que se alimenta em mil teorias-ferramentas. Diz que é isso que faz do campo da clínica um lugar habitado por muitas clínicas possíveis, com distintas eficácias, que só têm sentido no campo do trabalho vivo em ato, nas suas relações intercessoras e de acordo com o jogo singular e concreto de pedidos e respostas para a construção do cuidar.

Nesse aspecto eu assinalaria que o fato de o Camará estar nesse campo híbrido, configurado por políticas advindas de campos diferentes, certamente articuladas, atuando de maneira intersetorial, aumenta ainda mais a exigência para se construir, cotidianamente, ferramentas para dar sustentação ao trabalho vivo. Digo isso porque é muito menos evidente a explicitação de uma demanda por cuidado trazida por um usuário ou participante, no nosso caso, do que podemos reconhecer nos serviços de saúde. Muitas vezes, talvez na maior parte delas, somos nós, educadores sociais do Camará, que fomentamos demandas. Elas são muito menos explícitas do que vemos nos serviços de saúde e assistência. O fato de a grande maioria de nossas ações ocorrerem nos movimentos itinerantes que propomos ou se desdobrarem nos encontros, faz com que as demandas surjam de uma maneira mais espontânea, nascendo na presença do encontro. Isso é muito rico e potente, mas entendo que essa complexidade do trabalho que realizamos é um forte gerador de angústia. São infinitamente mais frequentes o uso das tecnologias leves.

Merhy e Feuerwerker (2009) classificaram alguns tipos de ferramentas de que se lança a mão quando se visa desempenhar um trabalho de cuidado: 1º) procedimentos que se dão pelo uso de instrumentos – como aparelhos, exames, etc.; nomearam-las de tecnologias duras; 2º) saberes técnicos estruturados, denominadas de tecnologias leve-duras; 3º) relações que

---

desestabilização que essa invisibilidade pode acarretar.

ocorrem entre sujeitos, só se materializando em ato, são chamadas de tecnologias leves, que são processos relacionais intercessores.

Diria que pelas características do nosso trabalho no Camará o que frequentemente se carrega na caixa de ferramenta é a disponibilidade para o uso das tecnologias leves, mas, ao mesmo tempo, elas precisam ser geradoras de tecnologias leve-duras. Existe um *delay* nesse processo, isso é, um descompasso no tempo de se viver a experiência em ato e poder transformar essa experiência em saberes estruturados em conceitos, reflexões como estamos fazendo nessa pesquisa, por exemplo.

Estas tecnologias não são exatamente transportadas na caixa de ferramenta, mas a sua utilização, nascida no encontro, é ativada por qualquer uma das partes, isto é, serão postas em ato pelas pessoas ou elementos que construíram o encontro. A incerteza do arsenal que se tem é constante, faz parte do trabalho. Trabalha-se na dúvida, no risco, e para esse trabalho ganhar mais corpo ele precisará produzir tecnologias leve-duras, isso é, construir um saber. Há uma contradição a se lidar. À medida que se constitui um saber, a recognição se apresenta como a forma mais acessível para uma ação. Então experiências precisam elaborar-se em conhecimento, mas este conhecimento precisará ser tensionado por novas experiências.

Assim fico com algumas indagações, dentre elas uma exponho aqui para refletirmos: de que outra forma uma aprendizagem inventiva se faria se não fosse fazendo coincidir a existência ao trabalho? Penso que existir e trabalhar passam a coabitar áreas de sentidos quando a experiência se torna a marca de uma formação encarnada no próprio corpo.

Outros aspectos das ações desenvolvidas no Camará foram discutidos após o enunciado da tensão trabalho/existência. Escolhi, para melhor destacar o movimento que se sucedeu, apresentá-los no capítulo seguinte no qual falarei da perspectiva inversa. Isto porque após a apresentação conceitual trarei uma narrativa que elucida a dinâmica que, a meu ver, dá sustentação ao trabalho do Camará.

7 PERSPECTIVA INVERSA

Na apresentação do livro A perspectiva inversa de Pável Floriênski (2012), Neide Jallageas afirma que no contexto no qual o conceito da Perspectiva Inversa foi apresentado, Rússia revolucionária de 1919, esse conceito proporcionou uma outra revolução, qual seja, interferiu contundentemente na maneira de se conceber a percepção estética e os modelos de representação estabelecidos ao longo da história. Floriênski foi um pensador que pôs em xeque o domínio da representação objetiva da realidade e também, no campo das artes, questionou o lugar quase sempre passivo, muitas vezes contemplativo, no qual ficava enredado o apreciador da obra de arte. Assim, os trabalhos de Floriênski não apenas assinalaram uma forte interferência no campo da estética, mas sobretudo, e, prioritariamente para os fins que pretendo desenvolver nessa pesquisa, o autor proporcionou um interessante assinalamento no campo da ética.

É seguro que todo pintor ao produzir sua obra a constrói a partir de seus referenciais. Veremos que isso se desdobra de modos muito distintos se, ao fazê-lo o artista utilizar a perspectiva linear ou a perspectiva inversa. Segundo Safra (2014) a maneira como o trabalho é concebido traduz uma postura ética por parte do artista, às vezes explícita, outras tantas implícita; mas o artista com sua obra faz reverberar no mundo distintas maneiras de produção de subjetividades.

A perspectiva linear traria por consequência a condução do olhar do observador. Induziria a uma visão monocular e estática na apreensão do objeto e na projeção da imagem resultante dessa visão sobre uma superfície plana. Estes efeitos ocorreriam pela utilização dos fundamentos da geometria euclidiana. Este modelo, que imperava de maneira hegemônica no início do século XX, foi questionado por Floriênski, que introduziu sua linha argumentativa ao apresentar o conceito de perspectiva inversa. É importante destacar que Floriênski não quis sobrepor um modelo ao outro, mas fez demonstrar a impossibilidade de que um único sistema geométrico pudesse objetivar a experiência da realidade, como até então se assistia, como assinalou Jallageas na referida apresentação do livro.

Quando Floriênski iniciou sua pesquisa, sua grande motivação foi provar que os pintores de ícones russos – pintores esses cujo trabalho Floriênski passou a nomear como sendo um trabalho conduzido por uma perspectiva inversa – não utilizavam a perspectiva linear não exatamente por incapacidade de tê-la descoberto, como muitos alegavam.

Floriênski argumentou que tais pintores não eram primevos e ignorantes, como alguns queriam acreditar, mas havia ali razões de outra natureza para que fizessem como faziam, mesmo porque o trabalho por eles produzido era profundamente belo e tocante. Floriênski discutiu em seu livro que eles teriam total capacidade para terem concebido e aplicado as leis da perspectiva, não o fazendo possivelmente porque suas expressões, nada aleatórias, eram construídas com sensibilidade e técnicas apuradas e comunicavam grandezas místicas que de outra forma não seria possível serem expressas. As pinturas dos ícones russos e a pintura dos cubistas – que vieram muitas décadas após, também inspiradas nos trabalhos da perspectiva inversa de Floriênski – por razões distintas, no que diz respeito à mística, estavam muito alinhadas no que se refere a um posicionamento ético. Elas produziram, num certo aspecto, um contraponto às pinturas construídas através da perspectiva linear. Os cubistas, tendo Picasso como um grande expoente, fizeram reverberar uma outra maneira de interferir no mundo ao se afastarem do paralelismo e dos pontos de fuga que alicerçavam a perspectiva linear. Um trabalho guiado pela perspectiva inversa é capaz de produzir efeitos bem distintos na relação (artista/sujeitos), convidando à construção de um campo interrelacional, enquanto a perspectiva linear pode vir a aprisionar, apassivar e restringir aquele que se aproxima da obra à visão do artista que a produziu. Nesse aspecto associo o que está sendo apresentado agora aos trabalhos antes citados de Lygia Clark, pois esta também promoveu uma grande ruptura nas artes com suas esculturas ao instigar o público a construir junto, como o fez, por exemplo, na série “Os bichos”.

Pelos estudos dos ícones russos Floriênski destacou que tais pintores não se colocam como observadores externos às coisas do mundo, mas eles se viam fazendo parte das coisas do mundo. Os cubistas, como Picasso, nas suas obras, também produziram efeitos estéticos por se colocarem em relação, não como observadores, mas se posicionando diante das coisas do seu tempo. Essa produção dialoga com os efeitos ético-políticos que nortearam essa pesquisa. Picasso, com sua pintura, muito inquieta e instiga as pessoas. Quando a pessoa, que se relaciona com uma obra de arte, encontra uma pintura de rosto humano, por exemplo, na qual as duas orelhas aparecem num mesmo plano, faz-se um estranhamento. Nesse caso, é provável que a pessoa se distancie de estar apenas numa postura contemplativa e comece a se interrogar. Ao estar diante de um quadro de Picasso, principalmente aqueles que foram feitos a partir de sua fase cubista, o olhar humano se defronta com algo diferente do que se está acostumado a ver. A pintura construída pela perspectiva linear reproduz o modo da visão humana apreender as coisas do mundo, isso é, retrata a paisagem a partir de uma perspectiva que de imediato apresenta uma familiaridade. Já quando se depara com uma pintura como

Guernica, ou Mulher chorando[14], por exemplo, as pessoas costumam se perceber inquietas, normalmente sentem-se diferentemente provocadas pela obra de arte. Esse tipo de pintura propõe um deslocamento naquele que a observa, convidando, a meu ver, as pessoas a deixarem de ser apenas observadoras. Penso que esse incômodo, essa situação que pode desestabilizar, favorece a construção de um espaço multirrelacional, pois quando se sai de uma posição familiar, fica-se mais atiçado. Rolnik (2014) ao se referir às situações que desestabilizam trouxe a metáfora da pessoa se sentir um gigantesco ponto de interrogação. Dessa situação de impasse algumas possibilidades podem vir a se desdobrar, visando sempre reestabelecer um equilíbrio, como disse Rolnik. Pela minha observação clínica percebo que a pessoa pode se sentir convidada a observar suas sensações, emoções, ou ainda pode tentar sair a procura de sentidos, talvez mesmo querer produzir entendimento daquilo tudo, mesmo que racionalmente. A pessoa também pode vir a se portar com indiferença, obviamente, mas isso faz parte do rol de possibilidades, não deixa de ser um posicionamento mediado pela instabilidade que algo provocou. Pelo que apreendi no livro de Floriênski, neste tipo de arte não é o artista que conduz o olhar daquele que se relaciona com sua obra, mas é o efeito do trabalho do artista que convoca a todos que se relacionam com a obra a construírem sentido, apresentando assim um espectro abrangente de possíveis novos olhares.

A partir do reconhecimento do potencial inquietante, pelo menos a meu ver, que este conceito evoca proponho tratarmos, nesse capítulo, da perspectiva inversa de modo que o façamos a partir de um outro, e novo, deslocamento; isto é, deixemos aquietado o uso originário do conceito, qual seja, o das artes visuais, preponderantemente a pintura, para nos aventurarmos noutra seara. Hoje sabemos o quando outras linhas de investigação se desdobraram a partir dos trabalhos de Floriênski; ele também influenciou sobremaneira os trabalhos do cineasta russo Andriêi Tarkóvski (1932-1986) na já referida apresentação do livro feita por Jallageas.

No nosso contexto seguirei as inspirações do prof. Gilberto Safra que apresentou a perspectiva inversa em aulas nas quais eram discutidos os trabalhos de uma clínica não reducionista.

Trazido para essa pesquisa, este conceito foi repensado e reapresentado a partir preponderantemente das ações dos educadores sociais, educadores que, como no Camará, atuam na produção de cuidados. Também acredito ser de grande valia trazer essa reflexão para a área da pesquisa e das investigações dos processos formativos.

---

14 Quadros de Picasso.

Acredito que as marcas de experiências que foram relatadas nessa pesquisa apresentaram um contraponto à maneira hegemônica de se viver no contemporâneo. Refiro-me a aspectos tão emblemáticos da contemporaneidade que podem ser assinalados por teorias como as relativas à: sociedade de controle[15] e sociedade do espetáculo[16], sociedade na qual o sintagma: "Tá tudo dominado"[17], exprime tão bem o modo como estão se dando as relações de poder.

Percebi que as narrativas explicitaram diferentes ações, mas no ato descrito foram sendo nomeados uma riqueza de desdobramentos, ou mesmo detalhes que ambientavam a cena, movimento por mim descrito no texto disparador, com o fundo ganhando mais importância do que a figura. Como este reiterado recurso expressivo não foi solicitado a nenhum dos participantes, indaguei-me sobre sua marcante aparição. Primeiramente, parece-me que ele assinala os efeitos de um trabalho de sustentação, que foi realizado no Camará, no qual os pressupostos ético-políticos se manifestaram na maneira de se conduzir o trabalho, e não apenas no discurso. Vejo aqui um parentesco com os efeitos do trabalho dos artistas que usaram a perspectiva inversa para se expressarem. Ambos os trabalhos trazem como consequência de suas ações a ampliação da possibilidade de se construir diferentes sentidos e dar inúmeras contextualizações aos atos realizados. Estão também marcados por uma postura ético-política que se apresenta por intermédio da implicação do sujeito da ação/experiência no mundo; da disponibilidade do sujeito se deixar afetar e ser afetado; da abertura para se posicionar diante das coisas do mundo; da disposição em não assumir uma atitude de controle ao expressar seus atos, e, menos ainda, ficar como observador da vida; de manter ativados os saberes do corpo.

Entendo que por meio desse posicionamento ético-político poderemos então revisitar, com mais vagar, alguns dos atos (pensamentos/ações) e intenções que sustentaram as experiências que marcaram a formação dos sujeitos da pesquisa.

Tendo em vista estas considerações, escolhi do conjunto das narrativas já expostas uma delas, para apenas agora apresentá-la.

---

15 A passagem da modernidade para a contemporaneidade ocasionou a mudança de um modelo de sociedade. De uma sociedade vista por Foucault como "Disciplinar" para um modelo de sociedade identificada por Gilles Delleuze (1992) como de "Controle". Segundo Foucault, nesta última a disciplina é interiorizada.

16 Termo cunhado por Guy Debord, apresentado em seu livro de mesmo nome, publicado em 1967. Guy Debord faz uma crítica feroz à sociedade de consumo apresentando a sociedade mediada por imagens e subordinada ao poder econômico.

17 Funk "Tá Dominado", Furacão 2000.

Escolhi este caminho porque acredito que essa narrativa seja emblemática do que estamos tratando e também porque enxergo na descrição que nela foi feita semelhanças com ansiedades que foram mobilizadas e descritas no conjunto de tantas outras narrativas.

Assim leremos, apenas agora, a narrativa de Tiago, um ex-estagiário de Serviço Social que posteriormente veio a trabalhar como educador social no trabalho de abordagem de rua.

Na sequência proporei uma discussão na qual incorporarei alguns fragmentos do que foi discutido na fase final da roda de conversa, como havia anteriormente indicado, na medida que os percebo alinhados com os aspectos que estou sinalizando na perspectiva inversa.

Desamarrando

Estava há alguns meses e algumas características já podia perceber: achava a organização das atividades e oficinas do Camará meio confusa e bagunçada. Até se tinha um certo planejamento, porém nada que o cotidiano caótico desse conta, expresso pelo fervor das crianças e adolescentes e as propostas de atividades sem tanta "direção", tudo muito diferente do que escutava dos colegas que faziam estágio em outras instituições, do que se espera de um cotidiano comum na profissão.

Ainda acreditávamos (estagiários e supervisor) que conseguiríamos estruturar o serviço social na ONG, mas já percebíamos que o cotidiano era bem complexo e com muitas atividades e acontecimentos que se desdobravam o tempo todo e que uma estruturação ortodoxa seria bem difícil de fazer, apesar de lidarmos com a prática profissional em todos os momentos. Sempre narro essa situação quando quero falar sobre a experiência no Camará, ela funcionou como um marco para o entendimento dessa forma de trabalho. Que não é tão diretiva e controlada como as instituições caminham, mas sim processual, dinâmica, caótica e livre.

Era maio de 2014. Já fazia um tempo que estava no Camará, desde o início do ano. Estávamos participando do evento que celebrava o dia do "combate à violência e à exploração sexual infantil", e também compunha a semana da luta antimanicomial. O evento acontecia no Centro de Convenções de São Vicente e estávamos ocupando dois espaços, um era mais aberto, onde aconteceram algumas oficinas e o outro era uma espécie de plenária, onde foram feitas as falas e também aconteceram algumas oficinas.

Foram programadas muitas atividades para aquele dia, dentre elas algumas que articulamos pelo estágio, como a oficina de estêncil e de percussão com a Associação Cultural Quiloa. Porém não tínhamos definido exatamente os horários e eu achava que elas iam acontecer em sequência, algumas simultâneas, mas espalhadas ao longo do dia; fora a

preocupação com os convidados com quem tínhamos articulado, que viriam em determinado período.

Diferentemente do imaginado, muitas oficinas aconteceram simultaneamente, outras nem aconteceram, em algumas faltaram pessoas ou materiais. Até tentamos um esforço para organizar as crianças para ocupá-las de forma ordenada, mas a impressão que tinha era que tudo acontecia ao mesmo tempo. Ao longo do dia essa sensação foi aumentando, cada hora que passava ia ficando mais tenso pois tinha muitos adolescentes e crianças espalhados pelo espaço que era enorme. A sensação de insegurança aumentava junto com um sentimento de que algo poderia dar errado, sair alguma briga, ou alguém se machucar.

Foi bem tenso para mim, a vontade que dava era de ir embora. Teve uma cena que me marcou bastante: eu tinha levado dois skates para o pessoal brincar, me arrependi amargamente, pois eram muitas crianças que queriam brincar e algumas acabavam monopolizando e a outra vinha se queixar comigo pois queria brincar também. Porém isso o tempo todo; além de toda a articulação e organização das atividades que já estava bem difícil pela forma simultânea em que aconteciam, a cada 20 minutos vinha uma criança chorando por causa do skate e eu tinha que intervir.

Num determinado momento comecei a cobrá-las de uma auto-organização que não dependesse das minhas intervenções, e em uma dessas "broncas" um funcionário do local me chamou e visivelmente incomodado com a situação, achando que eu era uma figura que poderia botar alguma "ordem", me falou que tinha crianças brincando com o skate em umas rampas desativadas que estavam num local mais afastado. Nesse momento estava bem confuso, irritado, com uma sensação ruim, aquele caos cada vez mais fazia aumentar uma angústia que tendia fazer eu parar.

Cheguei no local que ele tinha me informado; estava o Wellington sentado no skate (que tinha maior velocidade) criando coragem pra descer uma rampa, sendo que no fim dela tinha um outro móvel na frente e visivelmente ele ia dar de cara. Logo já falei para ele descer, quando olhei para trás tinha um grupo de crianças puxando um carrinho de carga com umas 4 outras em cima, e também falei pra eles descerem.

Não paravam de acontecer cenas que exigiam uma grande intervenção de cuidado, mas naquele momento era tanta coisa, tantos conflitos, que percebi que não tinha muito o que fazer e então comecei a relaxar. Isso não significa que deixei de estar inteiro ao longo do dia, mas mais relaxado, as coisas passaram a fluir mas a angústia foi se tornando tranquilidade e ação ao mesmo tempo. O que na verdade fluiu, deslizou por uma maré que deve caminhar, foi

a necessidade de controle da cena, do sentimento de que existe algo ideal que deve ser atingido a qualquer custo, que há mais importância no produto do que no processo.

Ainda não acredito que essa forma seja ideal para a condução de um evento, aliás, nenhuma é, todos elas têm problemas, aliás a vida tem problemas e na forma como lidamos com eles é que está a diferença. Não creio também que uma condução controlada, num formato tradicional, como a escola por exemplo, respeita as características do cotidiano das crianças e adolescentes da periferia. Algo que aprendi e carrego comigo na bagagem de experiências é o movimento e luta interna e estrutural contra as correntes institucionais, que amarram nosso corpo, que foi condicionado por toda essa estrutura sistêmica, familiar, do estado e do capitalismo em geral, além de percebê-las e enfrentá-las no espaço em que estamos trabalhando.

Tiago Passos Bechelli

Gosto sobremaneira da maneira rasgada com que Tiago assinala o caos. Em outras narrativas, e mesmo durante a roda de conversa, foram trazidas fortes angústias que bordearam esse caos tão contundentemente expresso nessa narrativa. Dentre muitas outras coisas preciosas que acessamos como material de análise, falou-se bastante também das precariedades na organização das tarefas, do espaço, do tempo e também da dificuldade de encontrar referências mais explícitas e consistentes para se nomear o que vem sendo feito no trabalho. Diria que as pessoas tangenciaram o caos, mas ele esteve presente no "corpo desmontado", na indagação relativa "se no Camará se trabalha".

Tiago falou muito diretamente de uma vontade de sumir, quando se viu aflito com tantos estímulos e incapacidade de pôr sob algum domínio as situações que apareciam, coisa que Janaína também tinha sinalizado quando disse que tem momentos que *"é uma bosta trabalhar no Camará"*. Destacar esse aspecto me parece uma postura ético-política de suma importância, apresentar as coisas na intensidade com que elas aparecem, não deixar nada debaixo do tapete.

Não destaco a importância da explicitação apenas na dimensão dessa análise, pois esse é sempre o papel de uma análise. Estou ressaltando uma atitude que faz parte da prática do Camará, isto é, lidar com as coisas como se apresentam, sem domesticar ou construir roupagens aos acontecimentos. Essa atitude nossa, a meu ver, é a perspectiva inversa operando no trabalho. Existe, acima de tudo uma sustentação ético-política que a consolida.

Vimos no texto do Tiago – e para corroborar, apresentarei como a roda de conversa seguiu após a tensão trabalho / existência – que algo muito interessante se desdobrou ao reconhecer o caos, sem fugir dele.

Esse algo é uma pérola no nosso trabalho, o que me parece uma das principais potências do Camará. Embora a metáfora com a pérola tenha vindo inconscientemente, pois a princípio pensei apenas na preciosidade, percebi rapidamente que ela nos serve como uma luva, pois a pérola é um material orgânico duro produzido por alguns moluscos, em reação a corpos estranhos que invadem os seus organismos, como vermes ou grãos de areia.

Essa pérola se apresenta no âmbito da perspectiva inversa. Como trabalhar incorporando elementos que invadem, desestabilizam, que jamais serão controlados? Essa é uma questão premente para nós do Camará.

Meu argumento é que existe trabalho no Camará, muito trabalho! E que a formação que tem se desdobrado a partir das experiências não é aleatória, há intenção, não se permitindo às pessoas viver as experiências num jogo de abandono no qual tudo pode. Isso não significa que se controle o que será vivenciado, experimentado. Existe um campo comum que se consolida a partir da construção de relações que se fortalecem ao se buscar construir relações de confiança. Confiança é algo que não se ensina, nem se impõe, mas se constrói num exercício cotidiano de franqueza, dando oportunidade para os fantasmas virem à tona.

Sigamos.

Trago alguns fragmentos que apareceram no final da roda de conversa que corroboram com a linha de análise que estou apresentando agora. Avalio que eles tenham aparecido após a tensão trabalho/não-trabalho assinalada por Cássio quando apresentou o par, aparentemente dicotômico, trabalho/existência.

Avalio que a postura do grupo em não tamponar aquilo que emergiu de maneira barulhenta, de modo desorganizado, foi o motor para uma reorganização comum, para uma nova apropriação do trabalho. Acredito que este movimento elucida a construção de relações de confiança sustentada por uma postura ética.

A meu ver, é recorrente a tentativa de buscar dar contornos ao fazer, identificar as especificidades e domínios de uma ação. Sem tirar o mérito desse exercício, mesmo porque meu próprio movimento, nesse momento, é dessa mesma natureza, quero aprofundar os aspectos de ações que acolhem os percalços da vida, aquilo que sai do *script*, que incomoda e desestabiliza.

Transcreverei um trecho da roda de conversa no qual Rafaela diz do seu incômodo diante de alguns engessamentos que sentiu quando trabalhava num outro serviço. A cena por

ela descrita conta um modo de funcionamento de um equipamento da assistência de um município vizinho. Embora Rafaela seja psicóloga de formação, nesse serviço específico ela havia sido contratada para desenvolver oficinas.

Disse Rafaela:

Se as crianças estão em transição, porque eu não posso ir lá conhecer essa família como educadora? "Não pode, isso é visita domiciliar, pela tipificação nacional só técnico pode fazer isso"- e eu que tenho vínculo com as crianças. E aí eu resolvi sair (risos). Aí eu dei piti… (risos).

Rafaela resolveu deixar o trabalho por não concordar com aquele aprisionamento que o serviço imprimia restringindo as possibilidades de se construir outras linhas de cuidado para aquela situação. A resposta que lhe foi dada não foi construída conjuntamente avaliando aquele contexto específico, mas foi uma resposta padronizada, cumpriram-se protocolos.

Vanessa ironiza a cena dizendo:

Eu até imagino. Aí chega uma psicóloga: "Escuta, vou precisar criar vínculo com você [pra ir pra tua casa]". Vamos resolver isso de uma vez, logo.

Rafaela:

E muitos técnicos não querem ir, porque não entendem que isso é trabalho do psicólogo, porque têm outra formação – que é válida também, que tem algumas outras respostas, mas que para dar conta dessas experiências, que talvez não têm nome né (risos)… às vezes a gente tem que estar muito junto.

As condutas padronizadas, se vistas de pertinho, como essa situação descrita, não atendem a muita gente, funcionam muito bem na manutenção da ordem burocrática. Acho importante ter norteadores, desde que não retirem das pessoas a possibilidade de reinventar, fazer novas reflexões. Para mudar a ordem preestabelecida se faz necessário assumir responsabilidades, correr alguns riscos. As normas, as leis, as teorias apresentam situações e pessoas genéricas, mas buscam traduzir algo que nasceu vivo, singular e pulsante. É importante mantê-las vivas e não deixá-las mortificadas.

A oficineira, no caso Rafaela, que tinha vínculo com a criança, tinha experiência e até formação profissional, mas que não havia sido contratada como técnica, ficou impedida de acompanhar. O técnico, por sua vez, que deveria fazer o acompanhamento na casa, muitas vezes não reconhece como sua função ações que se desdobram fora de determinados enquadres, pois muitas vezes vem de uma formação tradicional cujo direcionamento são enquadres mais formais e estruturados. Enfim, um descompasso.

Nessa sequência Vanessa Alves disse algumas coisas que quero destacar:

Sabe o que eu fico pensando? Nem sei o quanto que é adequado, uma vez que nem tenho formação nessa área, mas eu fico pensando o quanto que a nossa vida de uma forma geral é pautada muito mais pelas… pelos não saberes, pelas rupturas, pelas angústias... por todas essas coisas e muito menos por uma objetividade, sabe...

As considerações feitas por Vanessa assinalam exatamente o aspecto dinâmico das coisas da vida que não devem ser deixados de lado; ao contrário, é exatamente esse lado pulsátil, imponderado que precisa ser acolhido e integrado. Breno, seguindo o fio dessas falas, disse que as políticas públicas exageram na perspectiva linear.

Só que isso fragiliza demais, a gente fica amarrado, a gente sempre se sente amarrado: você tem que cumprir as suas quarenta, você tem que atender tantas pessoas, porque você tem meta, você tem que ir lá anotar… Mas no meio disso tem coisas que a gente vivencia, enfim… nos encontros, tem coisas que escapam ao tempo. Eu acho que o ruim é às vezes a velocidade disso. Não que vai ser todo momento uma perspectiva inversa, e também não uma linear.

Dessa sequência de falas gostaria de destacar dois aspectos: primeiramente, essa percepção de que a vida nos escapa, precisamos lidar com imponderáveis muito mais frequentemente do que se gostaria. E como incorporar as coisas do mundo de maneira a permitir um fluxo, sem amarras e puras catalogações. Mas também me parece oportuno apontar uma distinção que atribuo ao conceito da perspectiva inversa. A fala do Breno sugere que os conceitos da perspectiva inversa e perspectiva linear, a seu ver, poderiam estar relacionados aos conceitos de instituinte e instituído da análise institucional. Isso é um equívoco. Estou deslocando o conceito da perspectiva inversa e linear das artes visando destacar a sustentação ético-política que uma escolha ou outra produz no desdobramento do exercício de uma ação. Os conceitos de instituinte e instituído são muito úteis e válidos, eles compõem com a análise, só precisamos discriminá-los.

Isso posto, gostaria de retornar à narrativa de Tiago na qual ele encontra um modo de, após sustentar a tensão (caos) ao extremo, não fugir da cena. Disse Tiago:

O que na verdade fluiu, deslizou por uma maré que deve caminhar, foi a necessidade de controle da cena, do sentimento de que existe algo ideal que deve ser atingido a qualquer custo, que há mais importância no produto do que no processo.

Aqui vejo o pulo do gato, essa presença levada ao seu limite se desdobrou numa fruição que abriu para outros acontecimentos. Ele sustentou o impasse, reconheceu o processo ao trazer a atenção para o presente. A preocupação com as consequências, isso é, com o produto, da qual ele conseguiu se desvencilhar, desfocaria a atenção do corpo, que foi

necessária para o seguir das ações. Avalio que sem a presença viva, encarnada, atenta, tudo ficaria bastante frágil. Embora Tiago não tenha feito menção ao trabalho do coletivo, nessa narrativa especificamente, avalio, por tantos outros relatos e pela experiência de acompanhar esses processos, que é a participação no coletivo que pode ter dado ancoragem a esse desdobramento.

Quando Tiago se aquietou, sem ter abandonado a cena, as crianças se reorganizaram. Acompanhamos sua postura de trazer a atenção para o presente, a atenção trazida para o corpo explicitada na fala: *comecei a relaxar*. Como assinalei, esse movimento é bem diferente de ficar focado nas preocupações, pensando em como responder para outros (pessoas, legislações, códigos morais, etc). Tiago tirou o foco das expectativas de ter que chegar a algum lugar aprioristicamente.

Esse movimento nos é muito precioso. Acredito que na roda de conversa ocorreu algo assim também; não se tentou desinvestir da tensão quando ela apareceu, não se procurou por respostas rápidas ou tentou-se reconduzir a conversa para outros caminhos, para evitar a tensão. Houve uma sustentação da presença acolhendo o que ia aparecendo. Assim direcionamos nossas ações e intenções no Camará, não se evita conflitos e tensões. Este modo de valorizar o acontecimento, com todo seu espectro de incertezas nos é peculiar. Por contraste, a cena que foi descrita por Rafaela nos é bem-vinda, ajuda-nos a caracterizar aspectos do trabalho do Camará.

Seguirei entremeando trechos do movimento que, a meu ver, ilustram o desdobramento reflexivo e fluido da roda de conversa com essa temática da presença atenta.

Rafaela disse algo que compõe com isso que estamos levantando. Assim se expressou:

Então tem tanta coisa, eu tento entender essa questão da escuta, o quão arrombado está o seu ouvido... E de como as pessoas estão, porque [estão com] os ouvidos tapados o tempo inteiro. As pessoas não escutam, se aquele paciente, aquela pessoa, aquela família, aquele outro serviço tão trazendo um monte de coisas que ninguém ouve, e aí? Ninguém ouve, vai fazendo ação a torto e direito.

Entendo que Rafaela sinalizou esse automatismo que muitas vezes rouba nossa presença do acontecimento presente.

Valéria segue ao dizer algo que entendo que possa ser perfeitamente transportado para o relato de Tiago. Disse Valéria:

É interessante quando a gente consegue olhar para aquilo e nos enxergar naquilo, mas melhor ainda é quando você olha para aquilo, você se enxerga naquilo, mas você se amplia.

Foi isso que eu enxerguei na narrativa do Tiago: ela ampliou o horizonte para ele próprio, ampliou o horizonte para aqueles que estavam diretamente implicados na cena e para todos nós nessa análise.

Vale a pena ressaltar que Cássio, ao produzir sua narrativa escolheu duas cenas distintas para serem narradas. Na primeira delas foi narrado um desdobramento dessa ação de mobilização que Tiago contou. Ambos escolheram acontecimentos que ocorreram no mesmo evento. Sugiro que aqueles que queiram reavivar a memória retomem a narrativa de Cássio para assim acompanharem os vários modos de se perceber essa vitalidade que foi brotando na sustentação do evento. Na supervisão seguinte a esse encontro alusivo às mobilizações pelo *18 de maio* não faltaram relatos para realçar o início caótico que se transformou em ação criativa e viva. Desdobramentos como esse são reiteradamente vividos no Camará.

Retomando a roda de conversa, recuperarei uma outra fala de Valéria que corrobora o que está sendo assinalado, pois me pareceu pertinente poder trazê-la novamente.

Valéria – uma das mais antigas educadoras do Camará, hoje com 30 anos de idade, entrou no projeto com treze anos, como contou na sua narrativa – trouxe sua percepção dos movimentos que vem acompanhando nesses quase 17 anos de participação. Ao se referir àquele encontro, roda de conversa, e fazer um paralelo com uma situação que viveu com uma diretora de uma escola em que havia trabalhado, disse:

E eu vejo todos vocês aqui porque eu vejo vocês ocupando outros lugares e sendo… sabe assim, muito importantes nesses lugares, o que é que acabou acontecendo. Existe esse trânsito das pessoas… saíram e voltaram. Elas não estão lá fisicamente, mas ainda têm relação... Mas enfim… aquele corpo ali, a maioria foi pra outros lugares. Eu fiquei muito relacionando agora o quanto é especial isso, se as pessoas pudessem encontrar um lugar na vida que pudesse ajudar esses mapas internos e tudo mais pra gente se sentir seguro.

Valéria faz um resgate da importância do Camará na sua história e a dificuldade de encontrar espaços assim no mundo; reafirma, a meu ver, a importância do coletivo.

O grupo foi finalizando a roda de conversa com algumas outras falas que seguiram esse mesmo caminho.

Diz Janaína:

Então, mas a gente é muito construído, desde muito cedo, à vitrine: a ser vitrine, a ser esse objeto mais plastificado, a ser essa coisa que se enquadra, assim. Infelizmente são pouquíssimos lugares: seja teatro, seja nos Camarás da vida... São pouquíssimos, né [lugares] em que a gente pode existir na angústia.

Existir na angústia. Poder existir na angústia é belíssimo, pois como já foi dito aqui nesses escritos, a sociedade contemporânea nos compele a tamponar angústias, abandonar incertezas.

Vanessa Alves disse:

Sabe o que eu penso... o quanto o Camará não sai nunca, assim, da gente. Qualquer lugar que você vai trabalhar, você vai levar essa marca. Imagina, eu sou advogada. Impressionante como no meu ofício o Camará tá presente: tá presente numa proposta de acordo, tá presente numa reunião, tá presente no jeito de ouvir, tá presente num jeito de organizar as coisas. E o quanto que as pessoas elas enxergam isso, categoricamente. Elas percebem isso, meus clientes todos percebem isso e eles não dão o nome de Camará, falam: "Nossa! Mas você é tão sensível. Nossa! Mas você é tão interessante. Nossa! Mas você é tão madura"... e na verdade... Tá lá pai e mãe se matando por causa da criança, e você chega e... "Calma né, calma ...".

Eu reconheço perfeitamente o que Vanessa Alves diz, nesses meus 17 anos trabalhando diretamente no Camará, mas acredito que na verdade sejam 20, porque antes desses últimos 17 anos eu sinto que eu já fazia parte desse coletivo. Fui um pouco madrinha no início, pois fui eu quem fez a aproximação entre os primeiros coordenadores que criaram o projeto. Bem... nesses anos todos eu continuo acompanhando os passos da imensa maioria das pessoas que trabalharam ou estagiaram no Camará. Ouço reiteradamente falas como essa da Vanessa e reconheço a potência do processo formativo que se desencadeia em todos nós a partir da participação num projeto com as características do Camará.

Reitero o que nesse capítulo tentei expressar, avalio que essa formação seja resultante de uma sustentação ético-política. Esse trabalho se dá quando as coisas da vida são trazidas à baila: ao acolhermos as dúvidas; ao assumirmos e nos desestabilizarmos com o caos, sem negar sua existência e importância; ao buscarmos levar a atenção ao presente vivo e encarnado, vivendo o processo sem priorizar o produto; quando percebemos que mais importante do que os fatos são as atitudes que se tem frente a eles; quando construímos um espaço coletivo de sustentação que amplia a perspectiva linear dominante e no qual se faça inversões para assegurar o fluxo da vida, para contribuir com aprendizagens inventivas.

Antes de finalizarmos esse capítulo, apresentarei alguns trechos mais longos, mas significativos, de como se deu o desfecho da roda de conversa. Alguns integrantes do grupo falaram do quanto não se deve ficar engessado pelas regras, normas, enfim, pelos instituídos. Então Vanessa Santos trouxe uma outra importante ponderação:

Quando eu fiz gestão ambiental eu fiquei muito surpresa, em estudar as leis

ambientais assim... e ver o quão boas elas são, o quão referências elas são, só que a grande questão é que elas não acontecem na prática. E aí durante o tempo trabalhando com os franciscanos, que era aquela equipe [...] da assistente social que eu queria correr né. E aí quando eu ia... saía da reunião e geralmente eu ia estudar para eu entender porque que eu discordava tanto, mas e no papel não era bem aquilo, sabe? Agora fazendo pedagogia e também é assim sabe, estudando as leis e diretrizes. Cara, aquilo no papel, assim, tirando aquilo que a pessoa do dia pra noite quer mudar e fazer [?]... A gente tem muita história: de construção coletiva, do que é feito... Só que a impressão que eu tenho é que muito das nossas leis elas são... à frente do tempo. O que é um problema, porque o que tá à frente não tá caminhando com seu povo, e a grande questão são os profissionais que não conseguem passar para a população, porque não conseguem lidar com essas leis. Porque muitas, pelo menos quando eu paro para estudar e pra ver eu falo: "Gente, é fantástico." Aí você chega pro professor e fala: "Mas você não precisa fazer." [resposta] "Não, precisa, é lei." "Não, não é lei, é só uma re-co-men-da-ção...." Você se baseia, mas você tem trocentas maneiras que você pode fazer.

Alguém comenta:

Parece que ficou um abismo entre quem escreve e quem tá lá, enfim, corporificando aquela lei.

É nesse abismo que investimos agir e fazer dele um campo de aprendizagem e formação para fomentar ações e discussões. Trabalhamos fomentando o fortalecimento da rede de garantias de direito, como articuladores, mobilizadores, mas sem nos desconectarmos dos muitos lugares aonde a vida acontece. Nas palavras de Vanessa Salgado esse modo de agir carrega o germe de uma outra sociabilidade, e contou como esse movimento está sempre conectado ao macro.

Disse Vanessa Salgado:

[...]

Embora eu tenha muita intensidade com as coisas que eu vivo, e eu acho que tudo é muito intenso sempre, mas não tenho grandes sofrimentos com as situações, porque... e isso eu acho que é umas coisas que em alguns momentos no Camará e a gente fez muito e... acho que em equipes separadas a gente faz de formas precárias, né... que é o caminho para produzir aquilo. Então por mais que eu fique lá com o Santista esperando a UBS e o SAMU e aquilo né: "Puta que pariu, que bosta e tal..." Mas olhar pro macro que produz aquilo também, né. Porque o que eu acho que a experiência no Camará traz de mais potente é o germe de outra sociabilidade, algo que não cabe aqui mesmo, né? Então eu acho que a gente pode na

prática do Camará experimentar coisas que não vão caber nessa sociabilidade, e o quanto que empurra a gente para uma construção coletiva, porque o coletivo é a menor unidade de alteração de qualquer coisa, né... E acho muito interessante de sentido assim né, de... do quanto precisa conter de coletivo. E aí fala "Tá à frente"né [referindo se à pessoa que falou que as leis estão muito à frente], pô as leis foram construídas com uma puta luta que a gente fez. Aí a gente passa por um período, se a gente for olhar a nossa história, né, de puta apassivamento, então a gente foi pra via democrática [fala de modo irônico] e na luta institucional, perdeu as lutas mesmo, coletivas, de lugar e tal... E eu acho que o Camará tem muito disso assim, né, com mil questões, mil problemas, mil... carências, mas para mim tem muito a ver com isso, né.

Rafaela também trouxe interessantes considerações, e assim foi se desenhando o final do encontro. O grupo foi encontrando uma maneira de se despedir na qual se resgatou a organicidade de todo o processo. Isso sinaliza, dentro de um referencial winnicottiano, que ocorreu uma experiência completa. Segundo Safra (2008) as experiências que encontram uma finalização de modo fluido, sem quebras, isso é, incorporando todo o processo enriquecem aqueles que dela participaram. *O jogo da espátula*, experiência tratada por Winnicott (1941) a partir do artigo "*A observação de bebê em uma situação estabelecida",* apresenta o protótipo de uma experiência completa. Rafaela, em poucas palavras, sintetiza e compartilha seu processo formativo, os percalços e os lugares que representaram pontos de apoio. Destaca a importância do Camará como também do Laboratório de Sensibilidades.[18]

Disse Rafaela:

Eu me formei eu vim da dança né, eu fiz psicologia porque eu queria ser palhaça. Tanto que foi um outro caminho, muito confuso. Quando eu conheço o Camará, em 2010 eu olho e falo assim: "Nossa, aqui para mim aqui era a resolução das minhas [?] os problemas, né, porque eu tava numa fase aprendendo psicopatologia, não ia mais na aula; eu estava quase largando o curso. Então, se hoje eu sou psicóloga é porque eu encontrei o Camará, eu tenho certeza... e o Laboratório de Sensibilidades. Essa dupla me fez eu me formar.

Rafaela destacou estes espaços de respiros; vimos por outros relatos o quanto eles são muito bem-vindos em qualquer serviço. O instituído de qualquer organização se transforma,

18 O Projeto Laboratório de Sensibilidades é um espaço para a realização de atividades expressivas através de materiais de modelagem, pintura, som, fotografia, filmagem, com os objetivos de oferecer contato com obras/reproduções de artes plásticas, artesanato, literatura e música de diferentes âmbitos da cultura e universos simbólicos; realizar a experimentação de dinâmicas de sensibilização e proporcionar um contexto favorável aos estudantes, professores e técnicos para a elaboração de sínteses integrativas de conteúdos e práticas acadêmicas a que estão sendo expostos.

ganha fluxo e se põe em devir quando alimentados por brechas, como representa o Laboratório de Sensibilidades dentro da universidade.

Na sequência, Rafaela destaca que a sustentação destes espaços se faz pela presença. Ela trouxe suas referências da arte, da dança, ao falar sobre o Butô, mas desdobra a importância desse estado de presença, de atenção, para a vida.

E aí, quando eu vou - continuo estudando dança - quando eu vou olhando pro Camará e pra formação da UNIFESP, que estamos aqui (risos), eu olho assim: "Meu Deus, como as pessoas não entendem... E aí a Vivi coloca aqui né, a suspensão do tempo, e eu coloco como que a gente encontra o tempo no Butô, na dança, isso é presença, suspender o tempo pr dança japonesa é você estar presente. Como que a gente estuda psicologia, [e] não arromba o ouvido direito? (risos) ou põe vários filtros que vão na verdade afunilar esse ouvido com uma escuta muito... E a gente não estuda presença, como a gente está presente. E não é porque a gente vai dançar escutando, a gente vai fazer teatro escutando. Não, não tem nada a ver, ou melhor, tem tudo a ver, porque o corpo que dança, o corpo que faz teatro, o corpo que fotografa... todos esses corpos sensíveis, só é possível escutar se eu tô suficientemente atenta, né.

Penso que é exatamente dessa atenção que se faz corpo de que estamos falando. Recentemente ouvi um dos meus orientadores dizer que na academia o corpo é como um cabide da cabeça. Essa metáfora, a meu ver, reafirma a entronização da razão ante às percepções das sensações que nascem no corpo. Contribuir para produzir algumas inversões nos parece um desafio a ser assumido e sustentado.

Rafaela finalizou apontando que aquilo que se vive no corpo, que se singulariza em cada existência, é exatamente o que potencializa as ações macropolíticas.

E aí ao mesmo tempo que eu fico dando lugar pra esse corpo que dançava e queria escutar, muito confusamente, né, para as pessoas, mas que no Camará tinha lugar, né. Eu misturava as minhas coisas ali no meu diário, sempre tive umas respostas que... Falam: "Nossa, então tem que esperar, tem que sustentar a dúvida... vai surgir?" E aí, ao mesmo tempo isso foi me levando pra uma visão macropolítica de toda aquela situação, que a gente sofria muito, porque só olhava o micro. Hoje eu me sinto muito privilegiada de tá em contínua formação, de eu poder olhar que meu sonho era trabalhar com a situação de rua. E aquilo me mexia muito e me mexe ainda, mas hoje eu consigo olhar pras situações das ruas, das malocas, e ver que isso é muito macropolítico. Isso tá no relatório da ONU. Isso tá internacionalmente sendo discutido. E eu acho que isso vai dando... não um lugar, mas vai direcionando um sofrimento pra uma luta, né. Não é só um germe de sociabilidade e de

criação de um corpo sensível, mas todo essa coisa macropolítica.

Disso tudo que foi apresentado, apreendi que as interferências que desdobram de nossos trabalhos estão diretamente relacionadas com a maneira com que nos colocamos no mundo, se estamos no presente ou estamos capturados por um modo ideal de ser. Quantas e quantas são as vezes que perdemos a conexão com o presente, que perdemos a conexão com o corpo. Penso que para ser afetado e afetar o mundo a partir da nossa existência seja importante trazermos a nossa presença corporal para o presente. Isso não é exatamente uma decisão pessoal, mas é um trabalho coletivo, de experimentações e aprendizagens coletivas. Desativar a pura racionalidade e compor com o corpo, com as sensações é algo a ser dito, experimentado e pensado muitas vezes, pois isso vai na contramão da organização sociocultural vigente. Abrir mão do controle e deslocar o olhar para algo não acabado, sem forma, habitar o titubeante espaço do entre, no qual todas as pessoas e coisas implicadas nos acontecimentos se interrrelacionam é por onde temos tentado caminhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis um fim que apenas prenuncia ou, no mínimo, anseia por novos recomeços.

Na construção de um plano comum que incluísse, não como simples somatória, as diversas polifonias expressas em cada uma das narrativas, me deparei com algumas dificuldades para encontrar maneiras de compreender e expressar aquilo que muitas vezes estava no registro das intensidades. As dificuldades não me paralisaram; afinal, desde o início dessa pesquisa, eu já prenunciava a importância de se trabalhar com os planos de formas e forças. Assim, o trabalho não estaria subordinado aos discursos verbais, ou seja, aos aparatos e desencadeantes formais, estruturados no plano das formas. Segui este trabalho buscando fortalecê-lo no contínuo diálogo com as referências que fui apresentando ao longo da pesquisa. Kastrup e Passos (2014), no texto Pista do Comum, assinalam a pesquisa cartográfica como uma prática de tradução. Foi pelo plano de forças que fui encontrando pistas para a construção de possíveis traduções e construção do plano comum. Por certo, a tradução não disse respeito apenas às narrativas dos sujeitos da pesquisa, mas atravessou todo o processo. Disto derivaram os conceitos-ferramenta da perspectiva inversa e do fundo ganhando importância ante a figura.

Foi na construção de um plano comum que pude dar sustentação ao trabalho. O comum como trama de uma rede fiada pelas heterogeneidades, pois o plano comum funciona como zona de indiscernibilidade que não pertence exclusivamente a nenhum domínio específico. É composto de pura heterogeneidade. (KASTRUP e PASSOS, 2014)

> Comum é uma espécie de "fundo de todo mundo", um reservatório de experimentações, virtualidades, produção de saberes, poderes, técnicas e potências que são de qualquer um, uma jazida de potencialidades, multiplicidades e singularidades. Comum, como uma espécie de "superfície desejante", lugar da produção e não do produto.[19]

Kastrup e Passos (2014) dialogaram com os trabalhos do filósofo contemporâneo François Jullien para tratarem de alguns aspectos do tema da tradução, tema esse caro a todos

19 Escrito produzido pelo Prof. Dr. Maurício Lourenção Garcia em 2015 como devolutiva dos relatórios produzidos pelos estagiários de Psicologia do Camará ao final do estágio transcorrido em 2014.

nós, e, portanto, aqui referido. Jullien trouxe a tradução enquanto uma zona de aventura. E que aventura foi essa em que nestes últimos anos me lancei! Tomado como uma zona de aventura, esse trabalho de tradução afirmou a inexistência de uma fidedignidade; esta seria sempre impossível; então caro leitor, não espere por certezas e um ponto final.

Kastrup e Passos também destacaram a importância de, na construção do plano comum, construir equivalentes. Equivalente é algo que, de alguma forma, toma seu lugar. Não existe um pano de fundo aprioristicamente dado, nem se trata de buscar analogias, sobreposições ou semelhanças. Na construção de um sentido para este equivalente ocorreu o que Jullien chamou de funcionalidade, sendo esse o termômetro que usei; a meu ver a pesquisa pôs em marcha o trabalho e a vida. Kastrup e Passos ressaltaram que equivalente não é sinônimo de correspondência, mas que ele ocorre como sintonia no campo das forças, como também percebi. Os autores destacaram que pelo equivalente todas as expressões se colocam em perspectiva e se alinham; assim, eles também salientaram que este é um trabalho difícil e lento, passando por erros e correções constantes.

Disto entendo que decorre a importância de sempre nos fortalecermos a partir dos espaços grupais. Para nós no Camará isso implica em evidenciar a importância das rodas de conversa, das assembleias, das reuniões e das supervisões, mas também, e talvez principalmente, estarmos atentos à manutenção de espaços porosos, ou seja, *termos como plano comum de atuação o acontecimento*. As narrativas destacaram o quanto as experiências reflexivas, feitas em ato, foram importantes. Vimos também a relevância de se ter atenção a todos os espaços informais que muitas vezes se desdobram nas itinerâncias que o Camará tanto fomenta. - Trabalhar cônscios dessa ativação da atenção, dentro de um regime do sensível que não seja reprodutor, nem tampouco pura rebeldia, direcionou o trabalho para a canalização de esforços para o espaço da relação, para uma construção de mundo na qual se busquem ações propositivas que não se sustentem a partir da cisão, mas da des-cisão (EUGÉNIO e FIADEIRO, 2014). Estes autores falam de um agir no mundo no qual as balizas não se restrinjam às certezas ou às alternâncias, isso é, à busca de concordância consensual. É na sustentação dos conflitos que o Camará vai se consolidando como um espaço de construção de processos coletivos de decisão, auto-organização e colaboração. Tudo isso pode ser explicitado no fazer pesquisa, não apenas falando sobre os conflitos passados.

Comumente é na informalidade do dia-a-dia que se presentificam conflitos, estranhamentos ou posturas de abandono, e exatamente por isso são nesses espaços que se dão as aprendizagens significativas; são momentos privilegiados para uma formação composta por processos ético-políticos sustentados na construção do comum.

Assim, tudo isso me pareceu importante para ser destacado, mas gostaria também de trazer algumas outras considerações.

Percebo ainda inúmeras dúvidas ao me ver às voltas com essas tais considerações finais. As dúvidas são de natureza diversa e usarei este momento para prosseguir compartilhando-as. Paradoxalmente é pela convicção nas dúvidas que encontro ancoragem e estímulo para apresentá-las. Meu apreço aos paradoxos deu sustentação a toda esta escrita e não seria agora que estaria ausente. Winnicott, no conjunto de sua obra, e Rolnik, explicitamente em conferências recentes (2014-2016), apresentaram conceitos e teorias que acolheram e valorizaram a existência dos paradoxos. Essa foi a trilha que segui; um trabalho que explicitou continuamente paradoxos.

Tendo esse texto não apenas investigado as marcas de experiências no trabalho socioeducativo, mas, como desdobramento do trabalho, convidado o leitor a experimentar em ato e avaliar a experiência viva, como leitor desse escrito, penso eu que as considerações finais não deveriam ser apenas minhas, mas deveriam ser nossas. Mas então, como proceder? Como criar possibilidades para que cada leitor, se assim o desejar, possa vir a trazer a público suas considerações?

Bem, tive algumas ideias que apresentarei a seguir. Elas dizem respeito ao produto que nos é solicitado quando finalizamos o mestrado profissional. No meu caso, pensei nesse produto poder manter uma relação de intimidade com a própria pesquisa, mas não só com ela.

Eu farei uma parte das considerações finais sozinha, como já estou apresentando, mas deixarei aqui um convite, e abrirei uma possibilidade de compartilhamento, para que outras considerações possam ser apresentadas pelos demais leitores.

A partir desta ideia acredito que seja desejável contar sobre o produto da pesquisa para depois prosseguir levantando alguns outros aspectos referentes às demais considerações que ainda quero registrar.

O produto que trago diz respeito à organização de uma coletânea contendo pequenos fascículos nos quais se relatam experiências de entrelaçamento com o Camará. A leitura dessa pesquisa, ou alguma das narrativas em especial, aparecerão então como uma dentre inúmeras possibilidades de entrelaces. O leitor pode conhecer o Camará por muitos caminhos e querer compartilhar algo que avalie ser interessante ser compartilhado. O primeiro fascículo será escrito por mim e oportunamente falarei mais detalhadamente sobre a situação que escolhi para ser relatada. Aqui, só fiz essa curtíssima apresentação do produto para dar destaque aos efeitos que poderão aparecer como desdobramento dessa pesquisa. Estou particularmente interessada naquilo que poderá se desdobrar como um instrumental de uma metodologia

participativa alinhada com a cartografia, isso é, trazendo no âmago seu caráter aberto e em constante transformação, no qual o produto é expressão do contínuo processo em movimento. Processo este singular e coletivo, podendo ser escrito por um, mas entrelaçado com o fundo comum que é de todos. Sendo assim, isto me pareceu caber nessas considerações finais.

Essa pesquisa, ao investigar as marcas de experiências, ajudou a evidenciar um modo de construir processos formativos no qual todos os participantes interferem cotidianamente nessa aprendizagem. Ela não é apresentada de forma sistemática, mas vai sendo criada e incorporada, aspectos estes levantados por Kastrup (2005) ao explanar sobre a aprendizagem inventiva.

Bem, retomando então a questão de algumas outras dúvidas que eu disse terem aparecido, levantarei ao menos mais uma delas antes de fazer o desfecho.

Gostaria de compartilhar que frequentemente penso em coisas que poderiam ser subtraídas desse texto. Estou me referindo a frases/ pensamentos que funcionam como arestas, isto é, não arredondam o texto, mas ao contrário, deixam ideias dependuradas, talvez, até mesmo, desconexas. Avalio que nesse texto estas arestas mantenham suas pontas afiadas voltadas para o meu próprio corpo, como vou explicar.

Se tais arrestas são tão ameaçadoras possivelmente o leitor fique com a indagação: se é assim, porque mantê-las?

Para dar mais clareza ao que me refiro, trago como exemplo um aspecto do pensamento de Winnicott, dito pelo prof. Gilberto Safra: a ideia de que “O homem é tempo”.

Por que mantive no texto essa frase?

Essa é uma pergunta que já me fiz e que também foi levantada pelo meu orientador.

Seria para funcionar como uma frase de efeito? Não, não foi exatamente essa minha intenção. Muito mais do que criar um impacto no leitor minha intenção foi assinalar o desassossego que essa ideia produziu em mim. Isso me inquietou e ainda me inquieta, ela me parece genial como campo de investigação, não como dogma. Nem sei se concordo ou discordo, o que para começar uma investigação é ótimo! Mas, por outro lado, não sei dizer mais nada sobre isso.

Avalio ser importante apresentar ideias que sejam colocadas no texto para inquietar o leitor e desacomodá-lo, mas não foi isso que fiz quando trouxe essa frase. Sei que ela diz mais da minha própria inquietação e principalmente da minha falta de robustez conceitual. Para instigar o leitor é importante desenvolver mais argumentos, ajudá-lo a explorar melhor o pensamento, coisa que não tive fôlego, pelo menos nesse aspecto específico em que explicito essa situação.

Alguns pensamentos que mantive no texto, mesmo sendo representantes de aspectos descosturados, isto é, apresentando fragilidades conceituais minhas para saber melhor desenvolvê-los, foram mantidos, porque eu vi nesse ato uma possibilidade de potência. Potência quando posto em questão como faço agora.

Como acredito, conforme apresentado na introdução, que a escrita pode ser uma experiência, que a leitura pode igualmente representar uma experiência que marque, e que é de vida que se fazem as experiências, e ainda, que vida traz incertezas e dúvidas, não subtraí as falhas, as vulnerabilidades do meu próprio pensamento. Ficaram coisas que desejo que outros ajudem a construir. Um texto que se encoraja a mostrar suas fragilidades, sem subtraí-las.

Lembro-me de Drummond (1930):

> "Mundo mundo vasto mundo
> se eu me chamasse Raimundo
> seria uma rima, não seria uma solução
> Mundo mundo vasto mundo,
> mais vasto é o meu coração."

No blog "Faciletrando"[20] encontrei uma análise deste poema, da qual trago um trecho:

> O poema Sete Faces descortina um tempo em que se escoou o que justificava a rima. Rimar agora seria revestir de congruência uma realidade incongruente. De que valeria rimar mundo com Raimundo? A rima não construiria ponte sobre o abismo que se abriu entre o homem e o mundo. Rimar seria desonesto. O abandono da rima é um ato de corajosa franqueza. (Autor desconhecido, 2015)

Como essa mesma coragem, também senti a vastidão do coração de todos que aqui se dispuseram a colaborar apresentando seus escritos.

Nas palavras e na força da presença desse coletivo fica registrado:

Camará se faz: Pelas ruas, Camará se faz caminhando, desamarrando, Fazendo viver um corpo caótico, quando sozinhos, caminhamos juntos, quando se (re) conhece uma camarada, quando se constrói processos educativos, buscando caminhos e parcerias (im) possíveis, nos elos, numa viagem camarada, reconhecendo o casulo e a borboleta, se faz desde o primeiro encontro, Quando a porta se abre, se faz com muitas Larissas e com as bolachas de

20 Disponível em:< https://faciletrando.wordpress.com/2015/05/15/analise-poema-sete-faces/. Acesso em: 11 jul 2017.

todos nós. Camará é ser sujeito num mundo desigual e se desenrola entre as potências do imediato e as delicadezas que exigem mais tempo. Assim foi narrado nessa pesquisa.

E agora José, guardião de um tempo que nem sabemos aonde está, como seguiremos?

Deixo para Lygia Clark este fim.

Somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência [...] que o pensamento viva pela ação. [...] não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora. (CLARK, 1980. p. 31)

A todos atores e artistas que se colocam em relação para a construção de mundos, um forte abraço camarada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência. In: _____. **Infância e história:** Destruição da experiência e origem da história. Trad. de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. pp. 19-78.

BATISTA N. A., BATISTA S. H., **Docência em saúde** – temas e experiências, São Paulo: Editora Senac, 2014.

BEZERRA JUNIOR, B. A noção de experiência e sua importância para a clínica atual. In: ARRUDA, A. BEZERRA JUNIOR, B. TEDESCO, S. (orgs.). **Pragmatismos, pragmáticas e produção de subjetividades.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008. pp. 201-224.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

BRASIL, Redução de Danos. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST/AIDS. **A política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas.** Brasília, DF, 2003.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos. **Educação Permanente em Saúde: um movimento instituinte de novas práticas no Ministério da Saúde:** Agenda 2014 / Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Subsecretaria de Assuntos Administrativos. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CAPOZZOLO, A. A., CASETTO, S. J., HENZ, A. O. **Clínica Comum:** itinerários de uma formação em saúde, São Paulo: Hucitec, 2013.

CLARK, L. **Caminhando**. 1964.

_____. **Lygia Clark –** textos de Ferreira Gullar, Mário Pedrosa, Lygia Clark. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

DEBORD, G. E. Introdução a uma crítica da geografia urbana. Trad. e apres. de COSTA, M. S. R. In: ***#6 Les lévres nue***. 1955. Usado em aula em 2017.

EUGÉNIO, F; FIADEIRO, J. Jogo das perguntas: o modo operativo "AND" e o viver juntos sem ideias. In: **Pistas do método da cartografia:** a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. (v. 2). p. 285-306

EQUIPE DE ACOMPANHANTES TERAPEUTICOS DO INSTITUTO A CASA (Org.) **Crise e cidade:** acompanhamento terapêutico, São Paulo: EDUC, 1997.

_____. **A Rua como Espaço Clínico** – Acompanhamento Terapêutico. São Paulo: Escuta, 1991.

FLORIÊNSKI, P. **A perspectiva inversa**. Trad: Neide Jallageas e Anastassia Bytsenko. São Paulo: Editora 34, 2012.

FONSECA, M. Políticas Públicas para a qualidade da Educação Brasileira: entre o utilitarismo econômico e a responsabilidade social. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 29, n. 78, p. 153-177, maio/ago. 2009.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**, São Paulo: Editora Paz, 1979.

_____. **Pedagogia da Autonomia**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALINDO, A. G. A Metodologia CAMARÁ e os desafios de uma organização itinerante. **LINHA MESTRA**, n. 27, ago/dez. 2015.

GALLO, S. As múltiplas dimensões do aprender. In: **Congresso de educação básica:** aprendizagem e currículo. Anais e Resumos do evento. Florianópolis: UFSC, 2012. pp. 1-10.

GODARD, V. H., Olhar cego. In: ROLNIK S., DISERENS, C. **Lygia Clark, da obra ao acontecimento –** Somos o molde, a você cabe o sopro. (catálogo publicado por ocasião da exposição Lygia Clark: Da obra ao acontecimento) São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2006. p. 73-77.

GOMES, M. P. C., MERHY, E. E. (orgs). **Pesquisadores IN- MUNDO:** Um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental. Porto Alegre: Rede UNIDA. 2014.

GUATTARI, F. **Caosmose:** um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 6, n. 1, 2001.

_____. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. **Psicol. Soc.** Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 7-16; set/dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a02v16n3.pd> Acesso em: 10 mai. 2016.

_____. "Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre". **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005.

_____. **A invenção de si do mundo:** uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2007.

_____. Um mergulho na Experiência: uma política para a formação dos profissionais de saúde. In: CAPOZZOLO, A. A.; CASETTO, S. J.; HENZ, A. O. (Orgs). **Clínica Comum:** itinerários de uma formação em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 151-162.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. In: **Pistas do método da cartografia:** a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. (v. 2). p 15 – 41.

KHAN, M. M. (1971). O papel da ilusão no espaço analítico e no processo analítico. In: **Psicanálise, teoria, técnica e casos clínicos.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1984. p. 305-325.

LANCETTI, A. **Clínica peripatética**. São Paulo: Ed. Hucitec, 2006.

LOUREIRO, I. Em busca de uma noção de experiência. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 67, n. 1, p. 28-32, mar. 2015. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252015000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 jul. 2017.

MAIA, J. A. O currículo no ensino superior em saúde. In: BATISTA, N. A.; BATISTA, S. H. (orgs.). **Docência em saúde:** temas e experiências. 2ª edição. São Paulo: Senac, 2014. p. 99-129.

MERHY, E. E. **Saúde:** a cartografia do trabalho vivo. 3ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002. (Saúde em Debate, 145).

MERHY, E. E.; FRANCO, T. B. "Trabalho em saúde". In: PEREIRA, I. B.; LIMA, J. C. F. **Dicionário da educação profissional em saúde** - 2ª ed. rev. ampl. - Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. p. 427-432.

MERHY, E. E.; FEUERWERKER, L. C. M. Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea. In: MANDARINO, A. C. S.; GOMBERG, E. (orgs.). **Leituras de novas tecnologias e saúde**. São Cristóvão: Editora UFS, 2009. p.29-74.

PASSOS, E.; KASTRUP V.; ESCÓSSIA L. (orgs.) **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PASSOS, E; KASTRUP, V; TEDESCO, S. (orgs.). **Pistas do método da cartografia:** a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2014. (v. 2)

PELBART, P. P. Por uma arte de instaurar modos de existência que "não existem". In: **Bienal de São Paulo**. 2014. p. 250-265.

ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, v.1 n.2: 241-251, São Paulo, set./fev. 1993.

_____. **Geopolítica da Cafetinagem.** 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf> Acesso em: 07 ago. 2015.

_____. ***Descolonitzar la història, el coneixement, el desig***. Barcelona: Museu D'Art Contemporani de Barcelona. 2014. Palestra gravada em vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V73MNOob_BU> Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. **Palestra proferida no Seminário Novos Povoamentos** (Parte II). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2016. Palestra gravada em vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3DX65xU5i8$^{o>}$ Acesso em: 20 mar. 2017.

SADE, C; FERRAZ, G. C.; ROCHA, J. M. O *ethos* da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. pp. 66-91. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia:** a experiência da pesquisa e o plano comum vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SAFRA, G. **A clínica em Winnicott.** Nat. hum., São Paulo, v. 1, n. 1, p. 91-101, jun. 1999. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 26 fev. 2017.

_____. **O Pensamento de Winnicott**. Aula 1: Tempo histórico do pensamento de Winnicott. São Paulo: Instituto Sobornost. 2008. Mp3 áudio. Série: Clínica Winnicottiana por Gilberto Safra.

_____. **Uma clínica não reducionista: contemplando todas as dimensões do ser humano** - Winnicott, Floriênski e as bases do pensamento complexo. São Paulo: Instituto Sobornost. 2014. MP3 áudio. Série Cursos Completos de Gilberto Safra.

SANCOVSCHI, B.; KASTRUP, V. Algumas ressonâncias entre a abordagem enativa e a psicologia histórico-cultural. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v.20, n.1, p. 165-181, jun. 2008.

SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA. Direção e Roteiro: Pedro Cezar. Produtora: Artezanato Eletrônico, 2008, 1 DVD (76 min), Brasil.

VICENTIN, M. C. G. Da formação-verdade à formação-pensamento: o que a clínica do AT nos ensina sobre formação. In: SANTOS, R. G., (org). **Textos, texturas e tessituras no acompanhamento terapêutico.** São Paulo: Instituto A Casa/Hucitec, 2006. p. 109-121.

WINNICOTT, D. W. (1941): Observação de bebês em uma situação padronizada. In: _____ (1993). **Textos selecionados: da pediatria à psicanálise**. 4 ed. pag. 112-132. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

_____. (1974). *Fear of breakdown*. Trad. Jeannine Kalmanovitch **Int. Rev. Psycho-Anal.** 1, 103-107, 1975.

_____. **O brincar e a realidade.** Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1975.

_____. **Natureza humana.** Trad. de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990a.

_____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Trad. de Irineo Constantino Schuch Ortiz. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990b.

APÊNDICES

Apêndice A – Transcrição da roda de conversa

Apêndice B – Autorização para divulgação de nome

Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Apêndice A – Transcrição da roda de conversa

Viviane: Então, assim... Esse texto, eu vou tá lendo e cada um vai acompanhando aqui. Logo de cara eu vou fazer alguns comentários, porque quando eu escrevi, algumas coisas eu achei que estariam claras, mas ontem, estando com o Zé - porque a gente sentou ontem à tarde para conversar - eu me dei conta que algumas coisas eu acho que não estão tão claras. E aí a gente conversa - e outras que talvez vocês não percebam e que vocês queiram parar a gente vai parando. Tá bom? Eu não mandei antes o texto como eu tinha imaginado por que... pra não trazer já um modelo, sabe? Ele ser só um disparador, não ser alguma coisa que pudesse estar aprisionando a conversa... e as pessoas estarem soltas.

[Leitura do Texto a Seguir]

O fundo tornou-se mais importante do que a figura.
Fui capturada por essa frase/imagem. No contexto no qual a encontro, a figura referida era Matisse. Após viagem ao Marrocos, em seus quadros, fez-se esta inversão. Assim explicou Hubert Godard no texto Olhar Cego, fruto de uma entrevista dada à Suely Rolnik

Comentário Viviane: Esse parágrafo daqui, a sugestão era que eu nem deixasse ele aqui (risos), mas bem, vamos lá!

Retomada da leitura: Ao me deparar com os efeitos produzidos em meu corpo, percebo que se tomasse por escolha contextualizar a trajetória que os levou, entrevistador e entrevistado, a ampliar a conversa sobre Lygia Clark e chegar a Matisse, desmantelaria o impacto ao qual fui atravessada nesta invertida relação de importância...

Comentário Viviane: Porque esse texto, ele tá naquele *cadernão* lá, que é um caderno... foi um trabalho... uma curadoria da Suely Rolnik sobre a obra da Lygia Clark. Então o foco todo do caderno - do quadro - é a Lígia. A questão da obra dela, como ela se dá - aliás, a gente viveu umas experiências muito interessantes no Itaú, fiquei lembrando disso agora -, mas num determinado momento aparece essa história lá do Matisse, né... E aí eu trago isso.

Continuação da leitura: Gosto sobremaneira de tomá-la...

Comentário Viviane: Tomar esta ideia né, do fundo que tornou-se mais importante do que a figura

Retomada da Leitura: E ao usa-la, destacar o fundo que ganhou maior importância que a figura. Assim, faço em ato algo que também está na natureza que a inversão de Matisse apresentou. Essa escolha também condiz com o modo de ser/fazer Camará, isto é, as experiências são trazidas para o presente, não ilustram apenas constructos teóricos; fazemos isso para se evitar cair no risco de se tornarem pura abstrações. Encarnar, trazer para a situação viva, nascida no tempo do ato (pensamento/ação) é também uma maneira de apresentar o nosso trabalho.
Estas pistas são convidativas e, num gesto de confiança, prosseguirei. Confio na intuição, acredito na coexistência de aspectos invisíveis e indizíveis, mas nem por isso menos reais, que coabitam as existências, existências não apenas humanas.

Comentário Viviane: A Suely fala... [refere-se ao texto, explicando que a última parte é uma citação]

Continuação da Leitura: Estes são os planos de forças que, mantendo uma relação paradoxal como os planos das formas, se presentificam na vida.

Comentário Viviane: Esse é... é daí a parte mais conceitual do trabalho, mas eu acho que não é onde a gente tenha que ficar preso não. Isso aí é meio uma introdução para poder contar.

Continuação da Leitura: Tais planos ou campos, como aparecem descritos nos escritos dos cartógrafos, serão explorados nesta previa análise das narrativas... E aí a metodologia Camará no entrelace desse fundo / figura.
Lendo as narrativas que me foram encaminhadas, a inversão vivida por Matisse se atualizou.
De que fundo estamos falando? Que figura comumente se esperaria encontrar ganhando relevância? A figura da criança e do adolescente, fruto direto do nosso interesse no trabalho? O destaque para o contexto social e político que nos banham e, muitas vezes, nos inundam? A importância da experiência na formação profissional?
Tudo isso aparece com forte presença: crianças, adolescentes, população sucateada, estéticas da cidade, desassossegos com o próprio fazer, riscos, surpresas, aprendizados, inquietações, mas o que apareceu como comum foi que as experiências foram narradas iluminadas pelos detalhes e presença de uma gama de intensidades. Aqui destacaria a importância do corpo no trabalho, um corpo ativo, marcado na presença atenta pelas forças que o circundam e o compõem. Disso vem uma abertura para os afetos, para as cores, sons que permeiam contextos, e aqui não estamos falando apenas do contexto social, mas das ambiências internas e externas, dando lugar para as divagações consigo mesmo, as inquietações intrapsíquicas e as tensões e diálogos coletivos. Ao relermos as narrativas nos contactamos com um fundo comum que pode ser percebido como tendo ganhado grande importância em cada um dos textos; não sei se seria correto dizer que ganhou maior relevância que a figura/cena que os inspirou, mas penso que há algo que merece ser destacado. Este fundo comum acena para a valorização do olhar periférico. Ele é comum na maneira de se construir o relato, não exatamente na escolha das mesmas "paisagens", mas no movimento que eles apresentam. Isso tudo apresenta o modo de ser e fazer Camará e, principalmente, uma possibilidade de experimentar o que eu nomearia do descondicionamento do olhar, ou ainda, a possibilidade do transitar do olhar objetivo para o olhar subjetivo, tema este tratado na entrevista feita por Rolnik à Godard, que apenas agora parece ser oportuno retomar.
O olhar subjetivo é um olhar no qual a pessoa se funde no contexto, ocorre uma ativação dos registros sensoriais e provoca uma desestabilidade. É um olhar que não está ligado à memória, pois permite olhar sem previamente associá-lo a algo que é filtro da própria história. Este olhar apresenta uma suspenção do tempo. Enquanto o olhar objetivo é associativo e está ligado à linguagem, a memória das coisas ou representações, memória do passado enquanto já existido, o olhar subjetivo convoca uma capacidade de "fazer corpo com" como diz Godard.

Comentário Viviane: Aqui é um dado só histórico né, que fica solto assim né...

É na Renascença que se inicia um longo caminho em direção ao olhar objetivo.

Comentário Viviane: Isso me fez lembrar muito - o Thiago estava? Não, eu acho que o Thiago não estava, quando a gente foi recentemente ver uma palestra lá no CRP, onde estavam os índios e tal... E essa conversa né: como a cultura indígena traz muito mais essas conexões ampliadas com a natureza, com as forças, com outros elementos né, que vale muito

mais do que se olhar subjetivo e esse olhar... E a contemporaneidade que desde a Renascença ele vai direcionando, ele vai cortando...

Continuação da Leitura: Godard chamará de olhar cego a capacidade de participar das coisas do mundo antes de engessá-la numa interpretação.

Chega uma participante, Vanessa.

Viviane: Tudo bom Vanessa?

Vanessa: Tudo Bom!

Viviane: Gente, assim... Isso é meio para inspirar, são três páginas, assim... Se a gente achar que tá meio... Se quiser dar umas paradas não precisa chegar no fim para a gente começar a falar tá bom? Vamos construindo o tom. A ideia é ser apenas um disparador, assim... Não fazer um amarro, senão seria muito contrassenso.

[Viviane diz para esperar a Vanessa chegar, mas ela chega dizendo que precisa resolver algo rápido na sua casa, "porque tem alguém trancado lá e estão esperando alguém chegar com um material" lá e não terá como a pessoa entrar, os presentes riem]

(...).

Vanessa chega e Viviane continua: Então Vanessa, só para te situar aqui ó... Sente-se aqui, ali... Eu tava dizendo que esse encontro a gente está norteando a conversa partir das narrativas que foram escritas, encaminhadas e tal... E eu construí um pequeno texto disparador de algumas coisas que eu me senti tocada quando eu li todas as narrativas, e, obviamente, as narrativas, mas tendo a ver com todo o Camará... com processo... fazendo parte disso. E aí a gente tá lendo esse texto - a gente começou agora há pouquinho. Estamos entrando na segunda página, no meio da segunda página são só três, três e um pouquinho. E a ideia é que a gente possa conversar não exatamente sobre o que eu escrevi, mas como as pessoas se sentiram tocadas, [e] como foi essa escrita, ou a leitura das outras narrativas, ou outras coisas que possam parecer significativas, cada um vai dando o tom disso. Tem aqui também alguns recortes de trechos das narrativas que foram construídas, se quiserem depois estar mexendo, prá estar dialogando com elas prá tá solto, tá? Eu vou então tá seguindo, tá?

Continuação da leitura: Godard chamará de olhar cego a capacidade de participar das coisas do mundo antes de engessá-la numa interpretação. Ele, de certa maneira, nos convoca para observar o modo como olhamos e nos posicionamos no mundo. A partir desse texto senti-me convidada a acompanhar o deslocamento de uma neurose do olhar, isto é, a fixidez do olhar objetivante, para a possibilidade de habitar o fundo das paisagens através do olhar subjetivo...

Comentário Viviane: O que eu estou contando Vanessa, só para te situar nessa história, que uma coisa que me chamou muito a atenção, ao ler as narrativas, foi como aparece além de um recorte que cada um pode ter feito de uma cena, ou de várias cenas... como vem uma pluralidade de conexões com um estar, né, com o outro, com os territórios, com as pessoas, com as sensações, né... Tem várias intensidades nisso, [ao invés?] de ficar coisas muito objetivadas e tal. E lendo umas coisas, teve uma frase que me chamou a atenção, que era contando uma experiência que o Matisse - que é o pintor - teve, quando ele teve no Marrocos, que ele passou a pintar dando muito mais destaque aquilo que era fundo do que a figura, né...

Então eu acho que isso compôs um tanto esse trabalho... do que eu fui vendo né... As pessoas não estão numa direção muito focada, linear e tal, mas ao mesmo tempo vão abrindo com muitas conexões e isso eu achei que fazia sentido, né... Quando eu reli esse texto eu falei: "Pô, esse texto é um disparador do que eu senti nessa escrita assim, né... além desse trabalho todo..."

Continuação da leitura (Viviane): Essa experiência deu contorno a algo que experimento nas ações do Camará e, principalmente, abriu caminhos para compartilhar aquilo que identifiquei atravessando todas as narrativas dessa pesquisa.
Nesta prévia análise, que aqui apresento para fomentar a discussão desse encontro trabalhei com essa construção de fundo/figura apresentada no texto supracitado pois, acredito que é na maneira como construímos os espaços, paisagens internas e externas, que o gesto se apresenta, inclusive o gesto pensamento. Revisitar as paisagens descritas nas narrativas, com a atenção voltada para o olhar em trânsito, foi algo que a leitura me suscitou.

Comentário Viviane: E ai eu pinço um outro conceito-ferramenta, né, além da história a figura e fundo e tal... que foi a da Perspectiva Inversa.

Continuação da leitura do texto (Viviane): Eis aqui um outro conceito ferramenta que foi ganhando sentido após a leitura das narrativas. Articulado com o que até então foi apresentado, poderá nos ajudar nessa tarefa de análise. Entendo que muitas vezes procedimentos de uma determinada linguagem podem ser correlacionados a outras áreas. Novamente é nas artes que encontro inspiração.

Comentário Viviane: O que eu acho bastante significativo [é] eu estar falando disso hoje, num momento onde ontem saiu toda essa medida provisória do governo, né... tirando a arte, tirando a educação física, a sociologia, a filosofia...

[Vários comentários ao mesmo tempo referindo-se ao que a Viviane acabara de falar.]

Viviane continua: Então, assim, achei bastante oportuno que esse contexto todo se apresente, né...

Continuação da leitura (Viviane) Tal fato não me surpreendeu...

Comentário Viviane: O fato de encontrar na arte essas inspirações.

Continuação da leitura (Viviane): Embora eu não tenha qualquer dom artístico, pelo menos até então descoberto, e também não me considere nenhuma entendedora de arte, se é que isso exista, não me causou surpresa pelo fato da arte ser o campo privilegiado das expressões que escapam ao domínio da lógica racional. A arte é, por excelência, um espaço poroso e arejado às forças do mundo. Campo esse de grande interesse nessa investigação.
A partir da escuta de aulas gravadas, cuja temática versava sobre uma clínica não reducionista, ministrada pelo prof. Gilberto Safra, conheci Pavél Floriênski. A perspectiva inversa - descrita por Floriênski (físico, matemático, historiador da arte, teólogo...)
Comentário: Nossa! [risos dos presentes] E Russo?
Outro Comenta: Ele é tipo o Leonardo da Vinci.

Viviane: Aliás, tem um paralelo, assim... Eu faço bastante esse paralelo do Florenski com o Leonardo da Vinci (risos dos presentes).

Continuação da Leitura (Viviane): Desde então passou a fazer parte do meu interesse. No ensaio escrito pelo autor em 1919, cujo livro, de mesmo nome – que chamava perspectiva inversa, que eu tive contato agora -, e veio a ser traduzido só agora em 2012, descobri novas possíveis camadas de investigação desta pesquisa.
A que mais me sensibilizou foi como, ao entrar em contato com a perspectiva inversa, identifiquei inúmeras aproximações com o trabalho que realizamos no Camará, muitas facetas disso foram apresentadas nas narrativas descritas por esse coletivo; eis então a razão de compartilhá-la aqui.
Primeiramente encontramos nesse ensaio um pensador que põe em xeque o domínio da representação objetiva da realidade, e igualmente questiona o lugar do observador. Estes dois elementos em muito se aproximam de meu interesse nesta pesquisa e na vida. Para melhor adentrarmos na perspectiva inversa faz-se necessário correlacioná-la com a perspectiva linear, a qual estamos mais familiarizados. Na perspectiva linear, como pude apreender, o observador está situado de uma maneira estática, tornando-se assim facilmente enredado e direcionado pelo autor da obra, desenho ou pintura.
Comentário Viviane: É aquela coisa que você é contemplativo, né... você tá ali diante de um quadro, e a perspectiva linear, como ela é construída, ela tem aquele ponto de fuga, ela leva o teu olhar prá um certo lugar, e como se a aquilo tivesse uma.... o pintor e... no o desenho, ele acredita que está tendo uma representação fidedigna da realidade.

Vanessa: Aqueles quadros de paisagem, por exemplo?

Viviane: Sim.

Vanessa: Paisagem, rio, a casa, essas coisas assim...

Viviane: Sim, pode ser paisagem, mas não necessariamente paisagem. É aquela coisa que vai... que ela é construída dentro das linhas mesmo, dentro da perspectiva que põe um ponto de fuga dentro do quadro... A gente quando aprende em colégio, não sei se vocês tiveram essa oportunidade... Eu lembro de ter tido aula assim, quando você faz um ponto... aquele ponto de fuga de quando... quando você desenha e que aí as coisas que estão mais longe são maiores, as coisas que vão ficando mais afastadas vão ficando menorzinhas, prá dar a ideia de tridimensionalidade, coisa que a perspectiva inversa, que eu já leio aqui... Por exemplo, o Picasso, ele trabalha dentro da ideia da perspectiva inversa... Então você tem as duas orelhas no mesmo quadro... As dimensões aparecem de um outro jeito, porque tem você não é um observador, você esta interagindo com essa obra, né... ela pode ser vista de vários lugares. Tem uma relação direta, você não esta sendo direcionado para uma única forma de ver, põe em cheque, assim... essa forma, né...

Continuação da Leitura (Viviane): A perspectiva linear representa uma realidade tridimensional numa superfície plana a partir da construção de linhas paralelas que se convergem para um ponto no horizonte ideal; esse ponto é chamado de ponto de fuga. Tal procedimento faz criar uma ilusão de que está se apresentando uma representação fidedigna àquilo que se vê. Assim o olhar do observador é conduzido pelo autor. Esta perspectiva, também conhecida como perspectiva geométrica, é um sistema representativo fundado nas leis euclideanas de construção de espaço.
Penso que as diferenças de perspectivas linear ou inversa são responsáveis por diferentes visões de mundo, interferindo na maneira como alguém se posiciona ou investiga.
A perspectiva inversa é um procedimento utilizado, sobretudo pelos pintores de ícones russos e retomada pelo cubismo. Temos Picasso como um grande exponente da perspectiva inversa.

Na perspectiva inversa o autor não se coloca como observador externo ao mundo, pois ele se reconhece como fazendo parte desse mundo, sendo afetado e afetando o mundo com sua existência. Na perspectiva inversa busca-se representar antes de tudo o lugar que circunda o objeto. Nela o objeto é vivo, não existe um único centro, assim podemos dizer, segundo Safra: *Isso dá a essa composição uma perspectiva polifônica, é um conjunto de vozes naquele quadro. Essa é uma perspectiva estética e ética, implica que a diversidade de vozes é reconhecida, é contemplada. O olhar do observador não fica preso, ele é dinâmico, ele se movimenta.*

Na perspectiva linear ocorre uma hegemonia do UM: o observador fica aprisionado pelo olhar do autor. O observador é um passivo contemplador. O desenho da perspectiva linear é construído mentalmente, ele é fruto de abstrações.
Na perspectiva inversa cada elemento vai aparecer de forma a dialogar com alguém que está fora do quadro; não temos exatamente um observador. Podemos dizer que existe um convite para uma interlocução, sem que o autor busque exercer um controle ou oferecer uma única direção.
Fico com a pergunta: Podemos traspor a ideia da perspectiva inversa para a escrita? Suponho que sim. Presenciei este efeito mobilizador, convidativo, aberto para o diálogo, nas narrativas apresentadas, assim como reconheci nas mesmas narrativas algo que presencio no Camará, isto é, uma instituição com contornos mais plásticos, pouco rígidos, porosos, aberto para as forças que compõe as relações humanas, mas não apenas humanas, como diz Rolnik. Nos relatos vimos serem apresentadas as transitoriedades das ações, a presença dos riscos e descontinuidades. A vida bruta, duvidosa e talvez, por isso mesmo, também potente.
Proponho mantermos essa intenção a cada passo dessa então nossa tarefa de fazer pesquisa. Uma pesquisa participativa, viva e dialógica. Podemos apresentar primeiramente os textos narrados na sua integra, valorizando o fluxo no qual foram compostos. Assim o leitor poderá vivenciar a atmosfera invisível que os enredam. Penso que se dissecarmos as narrativas em categorias, antes delas serem lidas na sua relação intrínseca forma/conteúdo, comprometeria a potência dialógica que tanto nos é cara.

Término da leitura

Viviane: Foi um tanto isso que eu senti; que eu pensei; que me mobilizou, sei lá... Veio ser disparadora para nossa conversa...
Comentário Allana: Nossa Vivi! Nesse texto eu acho que você banca muito o porquê das narrativas virem na frente. Eu acho que isso faz muito sentido, apresenta um porque das narrativas vir antes, e não fragmentadas... Quando a gente pensa nessa questão artística, e num jeito de narrar; e num jeito de olhar; e um jeito de ler; dissecar é apostar na outra, de certa forma. Acho que este texto veio para cumprir algo que de certa forma as narrativas não cumpriram. Faz todo sentido elas virem... como uma abertura mesmo do seu trabalho.

Viviane: Então, eu tava dizendo que essa é minha resposta, sabe Vanessa... Talvez algum detalhe do trabalho a gente possa fazer alguns paralelos, do que é o encontro numa narrativa tua, e que é a do outro... e a gente conversar um pouco sobre isso. Porque eu acho que isso também vai caber e pode ser interessante, mas respeitar um tanto uma íntegra de cada um assim, de uma construção que foi feita. E a ideia é também poder nomeá-las também, né... Eu estava dizendo que algumas experiências que antecederam esse nosso encontro, e algumas pessoas... - poucas pessoas - que andaram lendo as narrativas, às vezes se identificavam muito com uma determinada forma de apresentar, que essas pessoas possam ir procurando esse sujeitos no mundo, com outras escritas, com outros lugares...

Comentário Vanessa Santos: Você usa a palavra lugares algumas vezes no texto. Eu me lembrei que a gente estava discutindo esses dias sobre algumas coisas de geografia, de como trabalhar isso no [?] e dependendo da linha geográfica que você segue, você chega até onde que seus olhos podem alcançar, e as perspectivas das pessoas vai mudando muito de acordo com o território que elas ocupam, porque elas podem ter um horizonte muito grande [e] uma perspectiva muito grande, mas ela pode morar num lugar que tenha muitos prédios e a perspectiva dela pode ser absolutamente, enfim... muito reduzida. A paisagem dela vai ser um prédio, ali. E um lugar, para ser um lugar, prá receber essa palavra lugar, você tem que ter um afeto. Ele vira um lugar, dentro da geografia, ele recebe essa denominação, quando ele vira um afeto. Quando ele tá... quando ele ganha o mapa dentro de você. Quando ele entra na sua geografia interna.

Comentário Vanessa Alves: Interessante isso, de um lugar ser um lugar para você. Porque é um lugar quando você consegue dar algum significado.

Falam Juntas Vanessa e [?] : É um afeto... um afeto

Comentário Breno: Eu fui ouvindo e fui... Eu fiquei feliz, assim... alegre, assim, porque eu acho que esse caminho da perspectiva inversa ele tem tudo a ver mesmo, com o trabalho. Acho que você deu um sentido mesmo, para coisa que a gente não tava entendendo... só tava sentindo... E é um conceito que ajuda na experiência. Então eu falei: "Opa! Tem tudo a ver mesmo com que a gente vive lá, e dá até uma tranquilidade, a gente fala:" Tem coisa escrita sobre o que a gente passa, porque a gente sente aquela coisa, né... Porque a gente tenta buscar sentido... É exatamente isso, é a potência de sentir tantas coisas ao mesmo tempo né...
A gente tá trabalhando lá esse ano, e tem dia que a gente sai assim... então, virado né... E eu acho que é porque [é] exatamente isso, porque a gente sai um pouco da perspectiva linear, que dá uma... vou usar uma palavra ruim, dá [uma] domesticada assim, dá uma tranquilizada, e vai para uma perspectiva selvagem da vida, múltipla e tal, né.. Isso às vezes a gente que é muito construído numa lógica moderna né, das coisas desde criança ensinada que as coisas são... É muito difícil né, a gente lida com uma... É paradoxal, ao mesmo tempo que você fica: "puta! A potência é isso, a potência tá aí, a inventividade está aqui, tem sempre uma estética, estamos fazendo as coisas juntas né... não tem um poder vertical..." Mas ao mesmo tempo, enfim... eu tô trazendo um pouco essa experiência minha assim, né... Eu estou muito acostumado... Eu sou muito pelas coisas... nos seus lugares, e não sei o quê, e aí incomoda né, mas ao mesmo tempo tem dias que eu volto do Camará e falo: "Puta! É isso: a gente planejou um negócio, e chegou lá, e aconteceu totalmente outra coisa, mas essa outra coisa, assim, fez parte de todos que tão ali".
Então foi algo... Dificilmente, trabalhando em grupos, trabalhando no Camará, dificilmente as coisas saem como a gente planeja ou... E isso já é um pouco sair da perspectiva linear; me lembra muito, e eu ando pensando muito isso né... Eu fui em um evento que o cara dos Doutores da Alegria falava, e os Doutores da Alegria eles trabalham muito com o Clown né, com os palhaços e tal. E aí os caras falaram que eles entraram... que eles entram na sala do hospital e tentam o contato. E eles nunca sabem como vai ser esse contato, se vai dar certo, que linha que ele vai puxar e vai ter um vínculo e tal. E aí o cara usava um pouco o Espinosa assim, para falar um pouco desses encontros que a gente não sabe para onde vai... Eu sinto que às vezes no Camará a gente vive isso. A gente planeja, pensa às vezes temas, claro, porque também ninguém aguenta essa angústia de ficar assim... Mas chega lá... e aí o encontro, as pessoas, e o lugar,... e o tempo... É a perspectiva inversa, enfim... se empodera ali, encarna, e... Nossa! Eu fiquei muito feliz mesmo, com o conceito e tal... com a trilha e tal... Não sei se faz sentido isso que eu tô falando mas...

Comentário Allana: [Pensei?] O quanto isso... o quanto isso é corpo, assim... Porque eu tava pensando na minha experiência do... (riso compartilhado com alguém que parece saber do que ela vai dizer) do quanto na época estágio eu achava que eu não tinha que ter angústias, né... [achava] que não era para eu ter angústias. Eu vejo...: "Gente eu vim para o lugar errado", né... (risos dos presentes)

Não é para ter angústia! Não é para ter angústia! E eu fui a rainha da angústia. Eu fui a rainha da angústia do meu ano. E para mim era muito sofrido, porque eu achava que tinha um jeito, porque era um jeito, um jeito muito Camará, assim... Eu pensava: Gente eu não guento! Eu não sei fazer esse negócio, né... Eu não sei como é que eles fazem, essa coisa né... e não sentem angústia"... Porque eu olhava para a Vivi e eu falava [consigo]: " Você não sente angústia... Ela não tem angústia". Então eu falei [consigo]: "O negócio é não ter angústia". E aí não dava... não dava conta né. E aí... não sei... é libertador quando você percebe que, tipo : "Não, tem que ter angústia. Você tem que ir, não saber o que fazer e chegar uma hora e você virar para criança, virar para o adolescente e tipo assim: 'Eu não sei' (risos)...” né... Quanto isso é libertador, porque assim, a gente fica o tempo inteiro - acho que na graduação, na faculdade e em outros espaços - [achando? acreditando? pensando? aprendendo?] que a gente tem que tá sempre caminhando para construir resposta, né... E o quanto o Camará o tempo inteiro nos faz caminhar prá produzir perguntas, né... E o quanto isso é desafiador, e o quanto isso é angustiante, e o quanto isso foi bom tá nesse espaço e levar isso para outros lugares; e o quanto a gente ainda tá o tempo inteiro sendo capturado por isso né, de: "Opa, vamos voltar! Não... e num sei o quê " Eu falo: "Gente, não tem" (risos). Eu lembro do Camará e digo: "Não tem, talvez não dê..." Eu fico pensando que... na hora de escrever e... pensar uma cena do Camará, e assim, para mim a experiência de ter ido para Brasília, foi assim... foi uma coisa que foi muito... uma situação que dava... demonstrava bem o que era esse processo. Assim, até uma semana antes não tinha certeza que ia, não tinha. A gente passou o ano inteiro trabalhando em cima de Brasília, mas não tinha, há uma semana, não tinha. Uma semana antes é que foi ter certeza. Então assim, é processo, o tempo inteiro é um processo. Tudo era processo para Brasília sem saber se Brasília um dia existiria, né... E o quanto isso foi muito louco, né...

Rafaela chega Viviane Cumprimenta: Bem vinda, Rafa!

Comentário Vanessa Santos: Nossa! Você foi falando e eu achei um lugar [não compreendi o que ela fala em seguida, um pouco baixo, mas não parece relevante]. Tem muitas coisas que eu penso “Nossa! Que bom que eu pude viver isso.” Eu me sinto privilegiada, e uma delas foi eu ter descoberto muito cedo responder o *eu não sei*. Que o que eu não sei tava tudo bem, não tem problema; e foi no Camará - foi com a Elisa. Sei lá, acho que em 2002... eu não sei. Mas, o que que aconteceu... Porque nesse projeto Ecológico Camará, a gente ficou um tempo super de vida boa né, assim... Acho que a gente ficou seis meses só a gente, com Elisa enfim... toda aquela galera - A Elisa é uma geógrafa - e a gente ia muito prá [Pilões?], que era onde a gente ia receber as escolas do estado pra monitorar a trilha. E aí quando chegou mesmo, que a gente ia começar a trabalhar, iria sair de ser aquela coisa de ser só a gente ... e receber... tava naquele lugar de dar lugar para o outro. E aí eu falei para Elisa: "Eu não vou conseguir fazer isso, porque eu tenho que entrar e ainda vou ter que decorar para dizer para as pessoas... Eu não vou fazer, porque vai ter um monte de coisas que eu não vou lembrar, e que eu não vou saber." E aí a Elisa disse assim: "Você vai virar para ele e vai dizer: 'Então, não sei'. Aí eu disse então ele vai virar para mim perguntar: "Como, [não sei?]" E aí você fala: "Eu não sei... eu não tenho como saber de tudo”. E aí você continua... (risos)

E aí eu fiz isso um monte de vezes, trocentas vezes... [Fala de quando aconteceu de ela dizer

eu não sei] Ele perguntou qual que era essa árvore - era a pau de jacaré, por isso que eu lembro - (risos dos presentes). Aí eu olhei e falei assim: Eu não sei, né. ... E aí eu falei não sei, a gente pode pesquisar quando sair daqui, mas eu não sei, e eu virei e saí andando (risos).

Alguém diz: Vai Rafa!

Outro comentário: Como liberta, né... a gente [ir] mudando de lugar...

Comentário Vanessa Alves: Eu acho que fica... Eu tenho a impressão né... que tira... na medida em que tira um... não sei se é essa palavra correta, mas a prepotência do saber, [e] consegue colocar outras coisas. Fiquei com essa impressão, porque tira isso e umas outras coisas conseguem entrar: uma certa inventividade, uma certa... intuição, uma memória que consiga tá e aí vai resgatar mais né... Isso eu não sei, assim... mas posso descobrir [não compreendi um pequeno trecho aqui] "Ah, mas tem isso, aquilo e aquilo outro que é semelhante. "Ou seja, as respostas vão aparecendo com muito mais... com muito mais clareza, quando você consegue sair do lugar do saber.

Alguém fala baixo e junto: Você vai construindo um conhecimento. E **Vanessa confirma**: Exatamente!

Outra complementa: E aí isso torna um lugar significativo.

Vanessa confirma novamente: É verdade, aí você aprende, você absorve aquilo, né...

Comentário Allana: Eu lembro que uma das cenas, que eu acho que até eu escrevi, não tenho certeza; mas para mim aquilo foi marcante, que aí vem Brasília, Brasília foi marcante (risos e pessoas falam junto). Quando eu tava com... era a Pâmela... a Milena... eu não vou me lembrar o nome da outra, mas eram três, quatro?... Eram três ou quatro. Ficou eu e a Amanda. Nossa! Eu e a Amanda, as duas rainhas da angústia né (risos), tentar descobrir o que a gente tava fazendo naquele lugar. E a gente lá com grupo e tal, e na segunda noite... e elas lá que nem umas maritacas, e a gente lá cansada. E era o quê?... Era quase onze da noite, que todo dia a gente ia prô quarto. E aí começou uns papos, e a Nanda no banheiro, aí eu falei: "A Nanda me largou aqui né... [começa a falar de uma adolescente que lhe faz a pergunta que segue] '"Tia! Eu tenho uma dúvida." E eu falei, "ham..." Então, assim: "A primeira vez..." (risos). Aí você pensa aonde que você leu que você vai saber responder isso né. "Então, assim, a primeira vez é verdade..." Porque a Milena, ela fazia - *você fica assim, parada, pelada. Aí o menino vem, pelado*. Aí eu ficava assim [pensava]: "Gente, esse negócio não vai dar certo"... E eu assim, eu sentia que eu tava travada no chão. [Continua reproduzindo a fala da menina] "Aí ele vem assim por cima, e é assim que acontece?" [ela responde para a menina] "É..." [e a menina continua] "Mas como foi para você tia?". E aí, [fala como se estivesse pensado assim] "Meu Deus onde é que eu estou?"
Mas assim, nenhum lugar te prepara para isso né. Isso é o tempo inteiro... A gente estava o tempo inteiro construindo e desconstruindo o que é ser um psicólogo, nessa questão de: "Ah, tem coisa que você não pode falar. Você só tem que ouvir... e não sei o quê". Mas como é que você se faz? Como é que você se prepara para isso? E aí... desde o momento de chegar a Nanda. Eu acho que a vontade da Nanda [o pensamento da Nanda] era: "Por que eu saí do banheiro?" (risos) "Por que que eu saí do banheiro?". E elas assim [parece demonstrar como as meninas estavam para os presentes]. Eu falei, "Não..." e a gente foi... [parece que conversando e lidando com a situação] E aí no dia seguinte elas saíram anunciando para todo mundo (risos) como tinha acontecido comigo [a primeira vez?].

Então, assim... como é que a gente vai vivendo cenas né, que a gente não sabe e tem que construir na hora... e o quanto fica marcado né. Que nem a Valéria falou, de que isso vai para sempre assim. Não sei se em outros momentos, outra adolescente vai chegar e perguntar a mesma coisa. Isso não se repete, mas assim, a questão de poder tá ali naquele momento e ter um jeitinho, e não tem livro que te prepara para isso, eu acho que são essas coisas que o Camará vai te dando na bagagem. E de o quanto tava eu e a Nanda... Em pânico prô rumo da conversa. Eu me sentia a minha avó. [fala como se estivesse pensado assim:] "Gente, como minha avó responderia isso?". Eu me sentia tão adulta, e no momento o negócio inverteu. Eu sentia que elas eram adultas e que eu era adolescente e não sabia o que tava falando...
Eu adoro falar essa cena, por isso que toda hora eu escrevo dela... Eu tava elaborando ela há algum tempo (risos).

Comentário Janaína: Eu tô olhando aqui o texto da Vivi, e tem uma frase que me levou para as palafitas, que é essa que você fala que o olhar *é um olhar no qual a pessoa se funde no contexto; ocorre em uma ativação dos registros sensoriais e provoca uma desestabilidade*. E é exatamente a sensação que eu tenho quando eu subo nas palafitas até hoje, sabe. É uma sensação... E ela não tem... E aí você continua, né... *É um olhar que não está ligado à memória*, e... *é um olhar que apresenta uma suspensão do tempo*. É exatamente o jeito que eu sinto quando eu subo nas palafitas: é uma desestabilização, é uma suspensão do tempo, e é totalmente sensorial. E é algo que é um fazer corpo junto, sabe... Eu lembro até hoje quando eu precisava chegar na casa da Gabi, que é a última palafita, e eu não conseguia. Tipo: "Eu não vou chegar lá". E a Gabi tava lá me esperando na outra ponta. Aí ela olhou pra mim, e eu não falei nada, e aí ela veio andando, segurou na minha mão, e eu pisava exatamente onde ela pisava. Tipo, ela ia andando e eu ia atrás, e ela fazia questão de mostrar exatamente como ela estava pensando e aonde ela estava pisando, que era onde era mais seguro para eu passar. E aí nesse dia, quando eu fui embora de lá, eu fui para o teatro - que essa coisa da arte é uma coisa que tá muito latente assim... e muito o presente na minha vida né - Eu vou no teatro todos os dias à noite, e é uma carga muito pesada, e é uma experiencia muito intensa. E era verão e eu tava de chinelo. E eu cheguei no teatro, e era aula de corpo aquele dia, e aí a hora que eu tirei o chinelo e entrei na sala - e eu cheguei atrasada não deu tempo de limpar o pé... nada - e a gente começou a aula, e eu tinha a marca do chinelo, sabe... de sujeira mesmo. Tipo... de ficar andando na rua. E aquilo foi muito forte para mim, porque é uma marca que faz. Tipo, eu tava em outro lugar e a palafita tava em mim. E foi muito louco, assim... E aquele dia foi um dia que eu mais me libertei corporalmente. E eu dei sentido no corpo para aquilo que eu tinha vivido, prá aquela cena. E sem nenhuma palavra sabe e... Tipo, eu não saberia... Qualquer palavra ia ser limitante para dizer aquela experiência que eu vivi no corpo, e junto com outra pessoa. E isso é uma coisa acontece no Camará e que ela pode acontecer em muitos outros lugares, mas a gente não tá aberto para isso acontecer, a gente não está ampliado, não está com esse olhar, pra viver a experiência de outro jeito, né. E no Camará a gente se permite e se desloca desse lugar, de que a gente tem que ter resposta para as coisas.
Eu lembro de um dia que eu fui fuzilada aqui, né. Foi nessa mesma sala. (alguém ri ao fundo) Eu vim dar um seminário para falar sobre o acompanhamento que eu tinha feito com a Monique, que é a cena que eu narrei prô trabalho da Vivi, e uma professora de psicanálise da faculdade, ela ficou me fuzilando o tempo todo... [neste momento alguém começa a falar junto e comenta :]
Comentário: "A fuziladora mesmo, né...] Outra comenta: "Uma professora de psicanálise. Hummmm..." [fala como se todos já soubessem quem é a professora]

Continuação da fala: E ela queria uma história linear, que eu contasse para ela que depois do meu acompanhamento a menina parou de usar droga, que a filha dela ficou bem e que eles

viveram felizes para sempre. E ela me forçava o tempo todo para chegar no final dessa história que ela criou. Porque isso era sucesso; prá ela. Porque para ela era um caso de sucesso as pessoas viver... E eu nunca chegava né, porque eu sabia que a hora que eu... Era isso que ela queria ouvir. E aí depois de muito tempo eu falei: "Então... e aí hoje em dia eu não falo mais com ela. [os presentes riem e uma comenta brincando, imaginando que ela está se referindo à professora de psicanálise]:

Comentário: "Eu não sou mais obrigada a falar contigo risos".

Continuação da fala: [explica que não se tratava da professora, mas sim da Monique] : Ah não, com adolescente que eu acompanhei. Hoje em dia eu não vejo mais ela.

Comentário de fundo: Seria ótimo: “Eu não sou mais obrigado a falar com a [Lara?] (risos.)

Continuação da fala: Eu não acompanho mais ela; ela ficou grávida de novo, tem outra criança, e ainda usa drogas. Tipo... E é isso. A gente não tem controle sobre as coisas, não decide como as pessoas vivem, mas em alguns momentos os encontros que a gente teve possibilitaram ela... ampliar repertório de vida, e trocar comigo, e dar sentido para algumas coisas que talvez nem fosse... nem fosse...

Comentário de fundo: Talvez de uma forma que a gente nem perceba... Talvez daqui a vinte anos, a gente não sabe [referindo-se ao efeito da intervenção].

Comentário Viviane: Você escreve isso né, na sua narrativa.

Resposta: Sim! Sim.

Vanessa Alves comenta: Inclusive eu encontrei com a Talita de novo. E de novo foi uma situação muito violência [de muita violência], assim... Eu encontrei com ela no fórum. Eu estava indo fazer uma audiência e ela tava lá acompanhando o irmão, que tava preso e ia [?] E aí eu falei, é aquele outro caso lá, do sequestro? Ela falou: “Não, agora já é outro. E agora esse já é maior".
E foi tão interessante, porque assim... Encontrar com a Talita... Prá começar, ela é linda. Ela é uma pessoa linda.

Viviane confirma de fundo: Ela é mesmo.

Vanessa Alves continua: Eu acho ela fisicamente linda. Eu acho que ela parece aquela atriz francesa, Adele... Sei lá não sei como se fala. Adele mesmo, do filme (?) Eu acho que ela parece com aquela atriz. Eu acho, mesmo.

Comentário de fundo: (Refere-se a alguma outra personagem.)

Vanessa Alves Continua: Não, a outra; a mais nova, a professora. E aí, a primeira vez que eu tive contato com a Talita, eu já tinha encontrado ela no lugar de mãe, de um outro contexto né, e a gente ficou conversando a viagem inteira de ônibus né. E mesmo encontrando com ela no fórum, ela também ocupava um outro lugar. E aí: “Não, eu vim aqui, acompanhar o meu irmão... fizemos isso, fizemos aquilo..." Cuidando de uma situação, não é?
Eu fico imaginando eu, naquela exata cena da Talita assim: “36 anos, tá grávida..." Você fala: " Meu Deus do céu, a vida para ela acabou." Muito pelo contrário, tá cuidando de um monte

de coisa, Tá levando a vida, sendo referência para família. Ou seja, tem resultados que talvez sejam [resultados negros?]. E a [decisão?] também é. Que onipotência essa nossa.

Comentário de Cássio: [?] resultado de um trabalho, né. Acho que é isso que eu venho... venho entendendo agora, saindo da posição de estar estagiando no Camará, para uma posição de trabalho, no Camará. É do que a sociedade nos coloca, quando você passa a trabalhar. Eu venho chegando a um lugar de que, não existe trabalho no Camará, ninguém tá trabalhando... Não tá trabalhando, porque... não tem trabalho nesse... nesse texto, não tem essa palavra. Tem a palavra existência. Tipo: "Vai lá e exista... e exista com outras pessoas, né... Convida outras pessoas para vir existir com você." Então, não tem lógica linear, porque não tem aonde chegar né. Tipo... Você tem que existir, e existir já é difícil prá caralho (risos).

Comentário de fundo: Horra!!! (risos)

Comentário Breno: Não... Tanto que as maiores crises, assim... Agora que a gente trabalha, é exatamente tentar criar uma maquinaria mais linear, porque também às vezes a gente fica... Essa é a maior dificuldade, a maior tensão. Quando a gente tá lá na ponta, ou fazendo as coisas também tem tensões, mas... - e muitas tensões - só que eu acho que ainda... o grupo acontece, as coisas [acontecem?]... Só que eu acho que tem coisas que a gente... Não sei se tem também, se a gente tem que poucos modelos para inventar essas... essa tecnologia de trabalho, essa coisa de horário... Um mínimo assim, para essas coisas acontecer, e tal... Eu acho que as maiores... As crises sempre são essas assim... de organização de trabalho, desse trabalho já dado pelo mundo de trabalho, horário de trabalho e não sei o que...

Comentário Rafaela: Tanto que o que nos consome é... reunião né, de equipe. Eu tenho pensado muito nisso, que some... é porque na hora que você precisa fazer caber no trabalho, ou você tem que voltar ao trabalho prá acontecer. E daí não cabe; e daí as pessoas não cabem nesse trabalho, porque não faz agenda, é impossível fazer agenda. E se fizer agenda ela não funciona, você cria outra e ela continua não funcionando, porque não tem trabalho. Porque não é isso, a questão não é essa. Essa linearidade, que o trabalho do jeito que a gente cresce se faz, você não consegue fazer; você vai perder alguma coisa. E ninguém está disposto a perder existir, né? E existir é o mais difícil, existir é o que dá trabalho, e é onde a gente acreditar. Então a gente: "Ó, existir dá trabalho". Então é meio que... que isso assim: você produz um mapa afetivo, um mapa prá você, a partir da sua existência, não a partir do... do seu trabalho.

Comentário Allana: Cara, eu fico transpondo isso para o lugar que eu tô né, pensando em trabalho, que é um lugar que se faz trabalho, se faz linear, se faz com agendas, e assim... O quanto que isso é complicado né, o quanto eu fico feliz de ter a experiência angustiante do Camará no corpo, porque o tempo inteiro eu tô tensionando isso, meu corpo tá tendo [que] tá o tempo todo tensionando isso, e o tempo inteiro sendo passível de ser capturado por estas formas. E ainda mais, assim: trabalhando na atenção básica, com uma questão muito do corpo no território, numa outra lógica, dentro da OS que te puxa prá uma coisa muito fechadinha. Você tem todo mundo trabalhando cumprindo metas... E é isso: as pessoas querem chegar que nem essa professora chegou assim: "Então, mas e aí, essa família vai ser feliz para sempre?". Não vai. O que que é o feliz para sempre?
Assim... Por exemplo, eu tô com uma família que é complicadíssima. E a rede não funciona... não funciona... E as pessoas não estão abertas para conversar, é um empurra-empurra e... tem várias complicações de um, mas eu lembro de outras, mas... Porque assim, o negócio é: não consegue, os equipamentos não conseguem conversar entre si, porque não conversam nem

com a família. Assim, os equipamentos acham que o melhor para aquela família é se aquela menina parar de se prostituir; e parar de usar droga; e aí ela fizer uma escola; aí ela casar e ela ter filhos... E aí vai tá lindo a vida dela. Tipo: "Gente, não dá, assim... Enquanto isso...
Vanessa Salgado fala junto: É prá abarcar a angústia, né? A angústia dos outros... Porque às vezes pra menina...
Continuação Vanessa Salgado: Numa situação chegou uma mamãe uma vez desesperada lá para a gente, que assim, ela tava muito preocupada lá com a filha dela, mas ela não tava preocupada com essa filha, porque ela já não tinha mais nenhum vínculo com ela há anos. O que ela se preocupava é no que essa menina, que ela não tinha mais vínculo, podia acarretar nos filhos com que ela tinha vínculo, porque essa menina que tava se prostituindo e que tava fora da escola, se o Conselho Tutelar batesse e visse a situação ia tirar os outros filhos, porque ela não era uma boa mãe. Aí chegou no Conselho Tutelar que a gente tinha que fazer psicoterapia na menina, porque a menina que tava usando drogas e se prostituindo, e aí que era o problema [refere-se ao fato de que estavam vendo a prostituição e a menina como o problema], não era o problema que ela viu o pai se suicidar, e um monte de coisa acontecer... e que ela não tinha vínculo nenhum com essa mãe, mas ela tinha vinculo com uma outra [pessoa?]... Assim, ninguém ouviu a mãe, assim... A preocupação da mãe, naquele momento, não era a menina porque ela entendia que a menina tava bem num outro lugar. A preocupação era: *o que que essa menina fazendo interferia em mim*. Mas ninguém quer saber. As pessoas querem saber assim: *Essa menina ela tem que estar na escola, ela tem que estar na escola, ela não pode se prostituir, ela não pode usar drogas, e ela tem que dormir dentro de casa*. E assim: *A mãe com todos os seus filhos, pronto. Família feliz!*
Comentário: E pela política isso tudo é regulamentado né?
Continuação: É. E aí, assim, a gente perde um monte de coisa, o tempo inteiro você tem que tá batalhando. Você tem que estar o tempo inteiro batalhando prá não você é capturado. E eu me pergunto: se eu não tivesse passado por essa experiência do Camará o quão capturado eu tava? Como é complicado isso. Você tá o tempo inteiro disputando com essas forças. E essas forças... que na hora [era] o que davam, porque é mais fácil às vezes... você seguir esse discurso, obedecer essa lógica, e vai muita energia nesse processo; e é o tempo inteiro
(...)
Como é complicado. É complicado as angústias dentro do Camará, do estágio. É complicado levá-las e vivermos [elas, as angústias] em outros lugares.
Vanessa Comenta: Antes do Camará você estava ótima. Daí entra no Camará e virou angústia, sai do Camará a angústia foi junto (risos).
Comentário: Eu acho que quando eu fui prô Camará eu descobri o quanto eu não estava vendo o que eu estava produzindo. Eu estava o tempo inteiro indo em muitos lugares e não conseguia amarrar todas essas experiências. Na hora que eu tive a oportunidade de amarrá-las isso foi angustiante. De poder falar: "Então um corpo que tá com um monte de coisas, o que você faz com isso?" Porque eu não sabia, porque até então eu nunca fui chamada [convocada], em nenhum espaço a ter que me haver com isso. E aí quando eu entrei no Camará é que eu tive que me haver. No restante... as pessoas não me convocaram e eu não também não me sentia obrigada a... a... dar de cara com o que eu tinha no corpo, o Camará foi quem me chamou: "E aí!?"
Comentário Janaína: Ás vezes eu fico com a impressão que a gente acha que no Camará as coisas são melhores do que nos outros lugares. De que as coisas funcionam melhor, e a gente: "Ai que saudade do Camará, porque no Camará era melhor." Gente, as vezes eu tenho vontade de explodir esse lugar.
(risos)
Porque é... Tipo, não é... É ruim, às vezes é ruim, é uma bosta trabalhar aqui no Camará, porque tem um monte de coisa muito difícil, muito angustiante: essa coisa toda aberta... Tipo:

"Ah, o olhar subjetivo o tempo todo..." Não dá... Tipo... o corpo não aguenta...
Breno: O corpo desmonta...
Continuação: [confirma] Ele desmonta, e ele desmonta... com todo mundo, sabe... as pessoas... E tá todo desmontado né? Eu acho que às vezes a gente precisa parar de... querer tentar montar, sabe... Tipo: se esparramar, e viver desmontado. E aceitar que é isso. Tipo... Porque acho que a angústia também vem daí sabe... da gente...
Comentário de fundo complementando a fala: Acaba dando corda.
Continuação: É [concordando].
Viviane: É que eu trago... Eu gosto muito, né... Volta e meia eu sinto essa coisa da... Uma fala da Suely, que eu acho ela muito esclarecedora, que ela vai um pouco trazendo essa ideia de que a gente constrói né... um... um eu que ele é provisório, né... Ele não é um **Eu**, né... Ele é um eu que é poroso, que ele é cheio de... Mas ele dá um certo contorno, mas o tempo inteiro, se você estiver aberto, né... assim... se a perspectiva não fechar: seja lá no trabalho, seja morando no prédio, que você não tem de onde enxergar o horizonte, seja... se a escuta, ela for só reprodutiva... Ela pode vir de várias lógicas né: de uma lógica mais física, mais metal... Não importa, mas se você fecha [digo] se você abre e tá mais poroso pra isso, você tá o tempo inteiro é... Constantemente desestabilizado, e é isso que é angustiante: estar desestabilizado. Mas porque aquilo que você era já não é mais, né. Não dá conta mais... Então você não se reconhece num contorno, mas ao mesmo tempo que você está sendo, você ainda não consegue nomear. Então é isso que... aí é que é o negócio né...
Começam vários comentários baixos de fundo...
Breno: E tem velocidades né, nesse processo.
Comentário Vanessa Santos: Uma palavra que me chamou atenção, é que você usa às vezes **trânsito**. Você não usa transição, você usa trânsito. E aí essa semana eu tive que pegar um livro do Paulo Freire para [um artigo?] É foi prá [trabalho?] da faculdade, então não foi não foi assim tipo:" Ah, que legal eu vou fazer" (risos) e aí eu escolhi um que eu não tinha lido assim, um que eu não tinha conhecido. Eu fui lá e peguei um livro que eu não conhecia. E aí a ideia é pegar alguma palavra que Paulo Freire... Que ela é para uma outra coisa mas que o Paulo Freire pega e dá um outro conceito, um outro conceito para aquela palavra. E eu peguei a palavra trânsito né, que ele usa nessa parte que eu usei prô meu trabalho. Ele usa trânsito como um devir, assim... Porque ele é carregado de um passado ele é carregado de uma história, está fortemente no presente. Num presente que se abre, que tá vivo, que existe, mas numa coisa que ainda vai vir, assim... E em momento algum ele usa essa transição. Eu fiquei me questionando: porque será que ele não usa transição, né... Porque que ele usou trânsito. Fiquei... sei lá, querendo achar [entender] a cabeça do Paulo Freire. Eu fiquei pensando que [o trânsito fala muito isso], o trânsito ele tá no movimento. E o trânsito ao mesmo tempo ele é isso: ele tem um monte de coisa atrás, mas ele ainda tá parado, como se esperando uma força maior para te colocar... prá ir. Isso me chamou muita atenção, porque você também usa. Você não coloca transição, você coloca trânsito.
Comentário Janaína: Mas eu... Nada a ver, mas eu lembrei de uma coisa que eu fazia quando eu era criança, que eu queria ver o momento quando anoitecia. Eu queria ver. Eu queria saber que horas que ficava noite. Então dava umas cinco da tarde, e eu moro numa quitinete em São Paulo, no centro, então tem muito prédio.
Alguém pergunta: Você consegue ver?
Continuação Janaína: A minha janela era pequena, e ela tinha grade na época, porque a gente era pequeno e a minha mãe tinha medo de a gente cair; sei lá, eu acho que eu tinha sete anos quando eu fazia isso. E a janela do meu prédio, ele dá para nove de julho, que entre vários prédios tem um vão. Tipo, tem prédio aqui e aí tem uma fresta, eu conseguia ver o céu. Aí dava uma cinco da tarde, eu sentava na estante. Aí ficava assim: grudada na janela e ficava lá, olhando.

(risos)
Comentário de fundo: Que momento que apagava a luz.
Continua: Que momento que apagou a luz [confirmando]. Só que aí eu cansava.
(risos de fundo).
Comentário de fundo: Óbvio (risos).
Continuação Janaína: Porque não estava acontecendo sabe... Aí eu saia pra fazer xixi e a hora que eu tentava de novo já tava noite. E eu fazia isso, fazia isso, fazia isso [fala bem rápido isso]. Eu fazia muito isso. Insistentemente eu queria saber o momento que deixava de ser dia e virava a noite. E aí eu lembro da primeira vez que eu vi o pôr do sol na praia, que eu vi... (risos dos presentes) eu vi o sol se pondo sabe... E aí eu consegui valorizar esse trânsito, esse processo que é anoitecer, que para mim antes eu não conseguia... um dia [referindo-se à época que era criança]. Até por essa lógica né... Tipo, o que que acontece, né... Cadê o momento que muda? Por que você não consegue enxergar, cadê?
(Alguns falam junto e baixo no fundo)

Viviane: Cadê a experiência, né... É isso aí, a experiência às vezes fica enquadrada por muitas coisas: por códigos, por dogmas, por paisagens, por construções...
Rafaela: E eu tenho a impressão que a transição ela é usada por muitos serviços, por muitas políticas. E às vezes se colocam em transição como uma burocracia, uma resposta para o... [pessoas falam junto ao fundo, incompreensível, não é possível saber se ela diz; eu gosto, ou não gosto muito da palavra transição. Continua:] Em Santos eu tive uma outra experiência (risos dos presentes). E aí essa coisa de estar sempre em transição né... Eu acompanhei duas crianças por um ano e meio... que tão em transição (silêncio). Só que não. Só que elas tão num trânsito absurdo e ninguém acompanha elas. E eu como educadora, por Santos, eu não posso tá no trânsito totalmente junto. Eu tô junto dentro dum enquadre. E aí quando... E eu não cito o Camará nos lugares, porque tem isso: "Ah o Camará é o melhor". Até falam assim:" Você trabalha também no Camará?". Porque eu tento blindar ao máximo que eu consigo... De ficar expondo a nossa experiência no sentido de que é melhor. E tem surtido várias brigas, e quem tá lá no meu trabalho sabe; é intrínseca [a briga], entre o Camará e assistência de Santos (risos). Nossa Senhora! (risos). E aí, é isso que é o melhor, e é isso que as pessoas não conseguem nem ouvir, nem conseguem... porque elas não querem. É essa coisa de você ir lá e tá junto.
Se essas crianças estão em transição, porque que eu não posso ir lá e conhecer essa família como educadora? Não pode "Isso é visita domiciliar, pela tipificação nacional só o técnico pode fazer isso", e eu não posso - e eu que tenho vínculo com as crianças. E aí eu resolvi sair (risos) Aí eu dei *piti*...(risos). Mas eu acho que é essa questão, do trânsito, que a gente fala, né...
Vanessa Salgado: Eu até imagino. Aí chega uma psicóloga: "Escuta, vou precisar criar vínculo com você [pra ir com tua cara]". Vamos resolver isso de uma vez logo né. Porque aí você tem método para isso né, não é a medida né.
Rafaela: E muito técnicos não querem ir, porque não entendem que isso é o trabalho do psicólogo, porque tem outra formação - que é válida também, que tem algumas outras respostas, mas que para dar conta dessas experiências, que talvez não têm nome né (risos)... às vezes a gente tem que tá muito junto né.
Vanessa Alves: sabe o que é que eu fico pensando? Nem sei o quanto que é adequado, uma vez que nem tenho formação nessa área, mas eu fico pensando o quanto que a nossa vida de uma forma geral é pautada muito mais pelas... pelos não saberes, pelas rupturas, pela angústias... por todas essas coisas e muito menos por uma objetividade, sabe... Eu fico pensando nos filmes, né... porque eu gosto bastante... Tem coisas que a gente percebe que não tem assim qualquer... olhar linear, qualquer possibilidade linear. Aquele filme francês lá [?] -

que alias foi você que me indicou [refere-se a alguém do grupo] - e que uma menina absolutamente bem adequada né... absolutamente bem envolvida lá com a própria dinâmica da vida, família escola, e não sei o quê... do nada começa a fazer programa, né. Ela nem tinha tesão, não precisava do dinheiro, não gostava, mas também não conseguia não fazer. Dezessete anos e ela fazia. E era uma vida dupla porque não tinha... porque ela não tinha tesão, não precisava do dinheiro porque... Depois ela não gostava, na hora ela não gostava, mas ela não conseguia não fazer.

Até que um cliente morreu com ela em cima. Aí aquilo tomou outras proporções. E aí começou a [?] tentar alguma coisa para enquadrar a menina, né... enquadrar: " Não pode fazer programa. Tem que só estudar. Mãe, tem que cuidar! O que pode fazer com o dinheiro do programa? Vamos doar o dinheiro do programa?" Então... O quanto que isso, naquele caso, causava um desarranjo em todos os lugares: um desarranjo da família, um desarranjo para mãe; um desarranjo prô padastro, um desarranjo na escola, um desarranjo para tudo né... O quanto que naquele momento o interessante era só eu colocar dentro do arranjo: " Agora nós vamos resolver o problema". Eu sinto que, de uma forma geral, a nossa vida ela é muito mais pautada por essas coisas completamente inexplicáveis... E quanto que as pessoas que vivem isso, porque eu acho que isso é muito da nossa profissão, não consegue bancar isso. Então de repente, eu tenho as minhas angústias; eu tenho meus receios; eu as minhas paranoias; eu tenho lá as minhas loucuras, mas o outro não pode ter. Porque que o outro é minha responsabilidade profissional. Isso não faz sentido. Eu acho pelo menos. Não faz sentido.

Rafaela: Eu acho que quando a gente escuta isso, ele é moldado. Eu sinto que depois que a gente passa por uma certa experiência dessa, desse lugar, o rombo (risos) do ouvido fica um pouco maior. Eu tenho um pouco essa sensação, porque aí a gente consegue escutar as vezes coisas que em outra situação, em outro lugar, tivesse moldado de outro jeito, um pouco mais... mais estreito né.

Um tempo atrás, talvez, eu - assim, no início da faculdade- talvez eu escutasse essa história [e] eu não conseguiria nem dar lugar, não do lugar de agora, né... na dúvida de tá no trânsito junto, entendendo né, que lugar que é esse prá ela: "Nossa! Eu não sei o que é isso, mas certamente errado" (risos dos presentes).

Alguém comenta: Mas não tá bom (risos).

Continuação: "Tem alguma patologia aí" (risos)... mas aí, agora... tá tão arrombado que eu falo: "Puxa não tem lugar mesmo, vai ter que criar... alguma coisa".

Breno: Eu acho que a coisa das políticas, as políticas elas... elas exageram num... na perspectiva linear, assim... nos serviços, no mundo em si... e é um exagero. Só que aí isso fragiliza demais, a gente fica amarrado, a gente sempre se sente amarrado: você tem que cumprir as suas quarenta, você tem que atender tantas pessoas, porque você tem meta, você tem que ir lá anotar... Mas no meio disso tem as coisas que a gente vivencia, enfim... nos encontros, tem coisas que escapa o tempo. Eu acho que o ruim é que às vezes a velocidade disso, né. Não que vai ser a todo momento uma perspectiva inversa, e também não né, uma linear. Mas eu acho que a velocidade disso, de... quando a gente está ali em processo de né... quando a gente tá se constituindo: construindo os nossos conhecimentos, construindo si mesmo, a gente tem uma velocidade né. E aí o que às vezes vira representação, ou vira uma norma, ou uma regra, ela tem que ser [entendida] automaticamente que ela vai se transformar, ela não pode ser para sempre. Eu acho que isso é que é o embate da... de as pessoas quererem manter aquela coisa e... e... Dane-se se a família lá... se a família lá está indicando outra: "Olha, essa família tá indicando isso, as crianças... essa perspectiva não dá conta... Não, mas tem que dar". Eu acho que esse é que é o problema, criar política não dá conta. "Não, vai ter que dá" [como se alguém respondesse dessa forma quando a questão anterior fosse feita] e aí encaixa ela... É esse o problema, não é necessariamente criar perspectivas lineares, mas é saber que elas estão sempre fadadas a se transformar. Elas sempre vão... Elas já começam no

seu fim, né. Acho que é o nosso processo de vida, de existência. A gente vai indo já sabendo que uma hora aquilo... mas tem uma velocidade disso, tem um tempo disso. O tempo é muito... E o difícil é saber isso, porque às vezes tem coisas que nos atravessam, é muito rápido, ainda mais no tempo em que a gente vive hoje, é uma rapidez, e a gente fica totalmente angustiado, e aquilo adoece... E outras vezes a gente consegue, sabe... um outro tempo... Isso vai depender muito do lugar que a gente tá, que produz afeto, das pessoas que estão com a gente, dos grupos, do... das políticas do grupo... Sei lá né... de muita coisa.
Comentário Allana: A gente tava o tempo todo inteiro construindo os sentidos, nesse trânsito né. As coisas estão vindo e tem momentos que... não sei porquê o tempo daquela família tem que ser o tempo que a política tá dizendo. Por que é que aquele paciente tem que estar naquele momento em determinado lugar.
Assim... Eu tive dois casos de pacientes assim..."Tá ouvindo vozes". E aí você fala... - os profissionais angustiados, sofrendo, porque o paciente tá ouvindo voz - E eu assim: "Ham"... "Tá ouvindo voz" [o profissional diz] E eu: "E..." [como se esperasse que a pessoa dissesse algo a mais] (risos dos presentes) O que é que ele acha sobre isso? [Resposta da profissional]: "Ah, uma acha que não tem nada a ver, que tá bem. Tá ouvindo a voz e tá bem. E a outra tá ouvindo voz, mas ela tem certeza que são espíritos".
Eu falei: "E...?" Aí eles ficaram assim pra mim: "E...?".
(risos e comentários dos presentes).
Continuação: E aí eu falei... [reproduz em seguinte fala a seguir, de algum profissional] "Não, mas tem que ir para psiquiatria". E eu falei: e o que ela acha disso? [resposta da profissional] "Ela não quer". Aí eu fiz assim: "E...?" (risos dos presentes).?
Tudo bem, okay, eu posso achar que aquele paciente precisa de alguma avaliação, mas o paciente ele não tá preparado para isso. Por que que eu de fora - que já fizeram isso: "Olha tá vendo, ela já disse gente. Ela já tá dizendo que o outro equipamento já deu um papel para ela ir para o Caps, ela foi? Ela não foi, então não é o momento". Então assim... são os os tempos né. Por que é que o tempo daquela família, daquela pessoa tem que ser... daquele jeito? Não é. Ela ouve voz, a hora que a voz incomodar e ela quiser a gente vai tá junto, mas assim...

Muitos falam ao mesmo tempo

Viviane: Não é "Isso não tem nada a ver comigo". Isso eu acompanho.
Continua Allana: Todo mundo tava preocupado, e não era com ela, era com o bebê - porque ela era gestante, tinha acabado de ter bebê, e tava toda a equipe desorganizada achando que ela ia matar o bebê. Aí eu disse assim: "Vocês já perguntaram o que que a voz disse para ela?" Eles disseram: "Não." "Eu perguntei. [Emite uma fala que passa a impressão que os trabalhadores ficaram querendo saber o que era] E não é, não é isso." Mas aí a gente tentou...
Vanessa Alves: Eles não ficaram curiosos para saber o que a voz dizia?
Continua Allana: Eles ficaram, mas eu não falei. E é assim, o tempo inteiro isso, de que ela tem que estar na psiquiatria. Eu falei: "Gente, não é o momento. Ela não tá se sentindo bem lá..."
Vanessa Alves: Você sabe o que eu acho também? Assim... eu não sei o quanto que isso tem de [fundamento ou embasamento] técnico, mas quem é que pode garantir efetivamente que o problema dela é de psiquiatria? E se for espírito mesmo (risos)? Como que a gente pode garantir isso?
Continuação Allana: Os pacientes falam para mim assim: "Olha eu estou indo lá, tô indo no Caps e estou indo no meu pastor". E aí eu falo: "E como você está se sentindo?" aí elas [fala como se as profissionais a olhassem com estranhamento pela atitude] Então tá ótimo: "Tá bem lá no pastor? Vai... Tá bem na psiquiatria? Vai..." E [é] isso... Como isso choca as equipes.

Comentário: Aí você chega assim: "O estado é laico" (risos dos presentes).
Continuação Allana: E aí é muito engraçado, porque chega paciente com tudo quanto é...: "Não eu não acredito em Deus" Eu pergunto: "Você está se sentindo bem com isso? Sim, então tá ótimo." E aí eu vejo assim as enfermeiras e os médicos, em crise com aquilo. Eu falo assim: "Gente a angústia é nossa, não é dele. Na hora que for dele a gente vai tá junto, mas não é".
Vanessa Alves: Não... e assim, espírito é só um exemplo. Eu imagino que pode ser cinco milhões de coisas, além do problema psiquiátrico. Quem decidiu que é psiquiátrico?
Continua Então tem tanta coisa, eu tento entender essa questão da escuta né, o quão arrombado tá do seu ouvido... E de como as pessoas estão, porque [estão com] os ouvidos tapados o tempo inteiro. As pessoas não escutam, se aquele paciente, aquela pessoa, aquela família, aquele outro serviço tão trazendo um monte de coisa que ninguém ouve, e aí? Ninguém ouve vai fazendo ação a torto e direito
Comentário Rafaela: No nosso tempo, né? Isso que é louco né: essa suspensão do tempo que fala o texto é um pouco disso né. Quando você para de agir no seu próprio tempo, outro tempo vai nascer. O tempo de uma cena que fica eterna. Tipo, tem em alguma narrativa. Acho que foi na sua, né? Que você fala: "Depois daquele dia, eu nunca mais esqueci o caminho". O que fez você não esquecer o caminho não foi
Comentário de fundo: O caminho (risos)
Continuação Rafaela: É... Exatamente. Foi o tempo que foi suspendido naquele momento. O tempo suspendeu. Você não viveu em outro tempo senão o seu. E daí prá suspender ele eterniza, no sentido do quanto for necessário, né. Eterniza provisoriamente, até que ele não precise mais.
Comentário Valéria: Eu estava lembrando de uma formação que a gente fez com a Lurdinha, a gente tá fazendo uma formação com leitura e produção de texto, alfabetização como pedagoga, com a Lurdinha... E aí o último texto que ela mandou prá gente, aquele todo em espanhol, que fala... Agora eu não sei se foi esse. Se não foi ele nesse foi no outro logo em seguida. Quando a gente ver algo, que a gente pode associar com quando a gente, com quando a gente faz, enfim. É interessante que quando a gente consegue olhar para aquilo e nos enxergar naquilo, mas melhor ainda é quando você olha para aquilo, você se enxerga naquilo, mas você se amplia. Você não fica com a sua visão, com a sua experiência, com seu processo relacionado aquilo. Então isso é importante também, mas a partir do momento que você se expande, você se liberta inclusive para trazer novas formações, novas experiências a partir daquele texto - nesse caso específico assim. Eu acho que no serviço e em outros lugares, a gente fica muito preso a uma resposta que o outro ... Eu acho que ninguém deve ter visto esse filme: "Horton e o mundo dos Quem", que é um elefante, um elefante ele vive... eles vivem lá numa mata, numa selva... E tem uma canguru que ela é totalmente rígida; ela é controladora e ela sabe de todos os passos de todos os animais. E o elefante é grande e tararararará... e ele encontra uma flor; e ele escuta um som, e ele percebe que tem um mundo dentro daquela flor. E aí ele vai vivendo aquele processo de cuidar daquela flor, e realmente tem um mundo dentro daquela flor, e tem um prefeito da cidade e o prefeito tem um monte de filho e é lá que é o *Mundo dos Quem;* e tem toda uma organização ali dentro e fica: o mundo lá fora dos elefantes e o mundo lá, da planta e tem toda a história do filme.
Alguém fala junto: A flor desestabiliza completamente a Canguru.

Muitos falam ao mesmo tempo
Continuação Valéria: É um filme até forte, assim... prá uma literatura infantil, no sentido de...
Comentário: Revolucionando esse filme... (risos)

Continuação Valéria: É muito revolucionário esse filme. Não é forte pros adultos, pras crianças...
[26'43" do áudio 2. Falam junto durante uns 5 segundos, difícil de entender].
Não, e é real, porque ali a gente fez um monte de associações relacionadas a esse sim filme. Mas eu lembro que teve um dia que a gente tava andando, eu, a Isabele e ela... E aí a Isabele estava fazendo umas coisas, e a gente estava conversando no meio do caminho junto com ela; e aí teve uma hora - e a Isabele queria fazer algum negócio - que eu tava tentando dizer para ela, o que a gente podia repensar sobre aquilo, e ela estava me forçando a dar uma resposta prá ela, e eu falava: "Não vou responder". Porque eu acho que a gente tem que pensar: "Eu acho que isso não é bom por isso, por isso e por isso, mas pensa um pouco né... Não vamos responder". E aí a Isabele insistindo insistindo; e a gente no meio do caminho ali, e naquela coisa de tem... E aí eu falei assim: "Isabele, não tem, até porque disso, daquilo e aquilo outro..." E aí ela falou assim. "Mãe, porque ela é assim, porque ela quer assim.". Então tipo assim: tudo bem. Nesse momento é isso que ela quer. Era isso que ela tava tentando dizer, uma coisa óbvia, assim... Tudo bem porque nesse momento é o que ela quer. E aí assim, as crianças dão esses insights assim, né. Eu fiquei pensando e aí eu falei: " É verdade... (risos dos presentes). É verdade."
Comentário Janaína: Ponto prá Nina (risos)
Continuação Valéria: Porque que eu tô ali querendo, querendo... sabe? E uma outra situação super parecida, no momento em que eu e o Álvaro tava tendo uma conversa, uns dois anos atrás, então a menina tinha uns três anos... E aí ele: "Eu acho que dá para ser diferente - e aí a Marina, lá no canto da sala, e a gente achando que era só nós dois -, e aí ele: "Não... porque eu quero e não sei o que, não sei o quê... Aí ela falou: "Pai você quer deixar a mãe feliz" (risos). Assim, e no fundo ele queria falar isso mesmo, mas não tinha como... Enfim, trazendo todas essas reflexões e essas questões, eu fico imaginando que é muito difícil pra gente se sustentar, nesse presente dentro desse trânsito, assim. Porque a gente precisa responder: politicamente, socialmente, religiosamente, todos os padrões que se inserem em todos os espaços.
(...)
Daí dentro das escolas e em um monte de outros lugares, sabe. Eu fiquei até pensando na hora que você falou da mulher que escuta o espírito e tal... Eu lembro que no final do ano passado, início desse ano, eu tava com uma mesma turma do terceiro ano, na escola. E aí tinha uma menina que todo mundo dizia que ela não estava bem, que ela precisava de ir para o Caps infantil, porque não sei o quê... A menina ela reservada, era isso. Mas aí ela tinha um monte de dificuldades e talvez ela teria dislexia e tarararatarará... Aí eu entrei no começo do ano e fui vivendo a história lá na escola, não quis dar o diagnóstico, até porque eu não posso fazer isso e também nem achava que ela tinha que ir para algum lugar. Eu falava: "Vamos ver o que está acontecendo? Vamos experienciar". E aí as crianças, elas fizeram uma brincadeira, que elas faziam com uma outra professora, mas essa professora sempre brigava, e eles no fundo eles gostavam que essa professora brigava porque eles viviam uma situação tensa lá, e era engraçado quando a professora ficava brava. Então, mesmo sendo uma coisa errada eles gostavam de fazer para viver aquela adrenalina. E daí eu saí... eles chegaram na sala primeiro e depois eu entrei. Quando eu entrei, todos escondidos. Porque dentro da sala, eu ficava numa sala que tinha... era no fundo da escada e tinha um almoxarifado com todos os papéis da escola, e prá você tirar você era uma organização absurda, só uma pessoa entrava, só uma pessoa saía porque... A diretora queria morrer porque tava tudo aquilo desorganizado.
Comentários de fundo: [parece que dizendo que no Camará é semelhante]
Continuação da fala: E daí, o que é que eles fizeram? Eles esconderam dentro desse almoxarifado, dentro dos papéis. E aí umas crianças até pegaram alguns papéis para amassar todo papel. Daí quando eu cheguei todo mundo escondido, aí eu falei: "Caramba! Cadê as crianças dessa sala?" Era um final da sala, a lousa né. Eu falei: "Caramba! Não sei o que

aconteceu com eles". Aí eu tava chegando perto, fiquei meio de costa sim, falei: “Ah, eu cheguei cedo né, deixa eu esperar eles entrarem, né”.
Comentário: Parece pegadinha, né? (risos)
Continuação Valéria: Eles tavam rindo, não tinha nada, era espírito que tava lá (risos). Aí daqui a pouco eles: “Surpresa!!!!”. Tipo assim, dezessete [gritando ao mesmo tempo]... Surpresa!!!!. Aí eu falei: “Nossa vocês estavam aí!?” E aí eu não briguei com eles.
Comentário: A outra professora brigava?
Continuação Valéria: É, porque eles se escondiam. [após ela dizer isso falam vários ao mesmo tempo]. Aí no dia seguinte eles fizeram também de novo. Aí de repente eles começaram a fazer sempre. Aí a Lavínia, que era essa menina que era [inaudível]. E aí eles começaram a escrever na lousa um monte de coisa, inclusive o que eles tinham mais dificuldade. Então, eu passei a demorar um tempinho para entrar na sala, bebia água, fazia umas coisas assim prá dar um tempo. E aí eles começaram escrever um monte de coisa na lousa um dia. E aí, um dia a diretora descobriu que eu estava fazendo isso. Ela me chamou para conversar: “Me entende, não pode. Eu gosto do seu trabalho, eu sei que isso é assim e assado... mas... não sei que não sei que não sei quê". Daí eu fui mostrei para ela: cheguei a tirar foto. Falei olha o que eles estão escrevendo na lousa. Olha como que tá na prova "avaliação difícil”. Olha como essa criança respondeu essa avaliação: ela escreveu errado, ela fez insegura, então a letra dela era aquela ali tremida. Então tem alguém que investe todo dia em mandar [fazer] caligrafia para menina arrumar a letra e tarará... E ela, na lousa, olha o que ela faz! Porque ela está livre, porque ela tá bem, ela está fazendo o que ela quer, ela não vai ter que entregar... Então também é um processo de... Também [fala algo querendo dizer que isso também deve ser avaliado] para agente avaliar, já que vamos trazer para o trabalho né, pro concreto. Então tá sendo esse o método de avaliação das crianças que não se falavam e que tão se falando, das crianças que não interagiam e que estão interagindo, né... E ela: "Ah e os papéis e os papéis..." (risos).
Comentário Viviane: É possível, eu acho, ter essa... esses amarros. Acho que nós podemos falar: "Bom, mas é bom quando a gente consegue encontrar alguns contornos, né, prá expressar aquilo que é muita intensidade e ela pode ganhar palavras, que pode ganhar esse lugar do trabalho. Quando o Merhy traz essa ideia de trabalho vivo, vem desse lugar um tanto né, de que a existência ela…
Comentário: Isso... A galera falando, as pessoas falando me veio muito uma cena das nossas rodas lá no quintal... que acho que... não sei se eram às quintas-feiras.
Alguém confirma: Às quintas.
Continuação Valéria: Que a gente se reunia com o João, com a Lumena, com a Vivi, às vezes com a Beth... Eu não vou lembrar direito o jeito que era, mas era alguma coisa... não sei se a gente tava ficando sem grana, sei lá... Mas o João estava muito preocupado de perder a presença das pessoas lá. Enfim, era o João tentando construir caminhos para que as pessoas continuassem lá - uma história lá - e a Lumena muito de que não: “Vai ficar quem for para ficar e a vida ela flui, ela continua..." E eu vejo todos vocês aqui porque eu vejo vocês ocupando outros lugares e sendo... sabe assim, muito importante nesses lugares, o que é o que acabou acontecendo. Existe esse trânsito das pessoas... saíram e voltam. Elas não estão lá fisicamente, mas ainda têm uma relação... Mas enfim, né, aquele corpo ali, a maioria foi para outros lugares. Eu fiquei muito relacionando agora o quanto é especial isso, se as pessoas pudessem encontrar um lugar na vida, que pudesse ajudar esses mapas internos e tudo mais prá a gente se sentir seguro né. Prá olhar pra cara dessa diretora e falar: "Mas olha, pode parecer que eu não sei o que eu tô fazendo, porque você tá aqui há quarenta anos, mas... mesmo que eu não saiba o que eu tô fazendo eu sei o que eu não sei, sabe? E infelizmente a gente não tem isso. Ao contrário, desde muito cedo os corpos... é isso né: “Não corre porque você é uma menina…"

Viviane: Você não sabe exatamente onde vai dar, mas você sabe o…
Continuação: É, mas a gente sempre tem que saber aonde vai dar. A gente tem que saber como vai sentar porque é menina ou porque é menino, e podem julgar isso... [faz uma crítica a isso, não uma confirmação como pode parecer ao ler].
Comentário Viviane: É que pode dar de um jeito com inteireza ou pode ficar uma coisa postiça. Então, se acredita nessa inteireza, o que é essa inteireza vai ser significada diferente, por grupos, por pessoas...
Continua Janaína: Então, mas a gente é muito constituído, desde muito cedo à vitrine: a ser vitrine, a ser esse objeto mais plastificado, a ser essa coisa que se enquadra, assim. Infelizmente são pouquíssimos lugares: seja no teatro, seja nos Camarás da vida... São pouquíssimos né [lugares], que a gente pode existir na angústia.
Comentário Valéria: E eu acho legal, porque eu lembro desse dia: éramos em quinze e ficou sete, uma coisa assim. Na hora de escolher quem ia ficar com o [?], e eu fui uma das pessoas que não fiquei. E eu lembro que eu sentei embaixo do pé de carambola e comecei a chorar (risos). Eu e o pé de carambola e aí você foi lá me abraçar e a gente ficou junto. Mas é tão engraçado, porque eu lembro dos sentimentos que eu estava sentindo, porque eu tava chorando, mas ao mesmo tempo eu... não sei assim... eu tava... eu não tava triste. Eu não tava preocupada, porque eu achava que não era mesmo aquele... aquele lugar, assim. E aí foi um processo de eu não ficar, de umas duas semanas a gente meio que sem saber... E aí depois de um tempo eu fui prô núcleo psicossocial, né. Daí eu fui fazer um trabalho, que não era desse trabalho muito idealizado, que era a versão do Ecologicamará e dos grupos. E aí eu fui para um outro lugar mas assim... Eu lembro muito dessas… porque eu não coloco assim como se fosse uns nãos da vida, mas, de uma maneira mais supérflua, pode ser que a gente possa nomear como um não. Esses nãos que eles viram marcos. Eles viram marcos, viram rito de passagem assim, sabe... Eles amadurecem, porque você tá num... você vive uma condição e você passa por um percurso assim, sabe... E que ele se coloca mesmo como um rito de passagem. E eu acho que é nisso que você se amadurece profissionalmente assim, e dependendo o que é profissional para um você vai amadurecer para sua vida, amadurecer como pessoa. Então, é muito importante esses tempos vazios assim, sabe. Esses espaços que nos são colocados, e eu acho que o Camará fez muito isso. Eu acho que você é uma das pessoas que acreditava, que sempre proporcionava esses espaços vazios, sabe. A Lumena ela já tinha uma característica "É assim gente, na vida é assim: eram quinze, vão ficar sete, qualquer lugar vocês encarar isso na vida e faz parte" (risos). Ela falava literalmente assim. O João já tinha um outro jeito, e aí você vai encaixando as pessoas assim…
Comentário Vanessa Alves: Você sabe o que eu penso... para nós três especialmente, porque a Vanessa né... que já tem um percurso longo no Camará, mas o quanto que o Camará não sai nunca, assim, da gente né. Qualquer lugar que você vai trabalhar, você vai levar a sua marca. Imagina, eu sou advogada, né... Impressionante como no meu ofício o Camará tá presente: tá presente no jeito de ouvir, tá presente numa proposta de acordo, tá presente numa reunião, tá presente numa interlocução, tá presente num jeito de se organizar as coisas. E o quanto que as pessoas elas enxergam isso, categoricamente. Elas percebem isso, meus clientes todos percebem isso e eles não dão nome do Camará, falam: "Nossa! Mas você é tão sensível. Nossa! Mas você é tão interessante. Nossa! Mas você é tão madura."... e na verdade... Tá lá pai e mãe se matando por causa da criança, e você chega e... Calma né, calma…
Comentário Viviane: E olhar de outros lugares né. Eu que acompanhei um caso que você seguiu né... de uma pessoa conhecida. Era uma questão de separação também, mas o menino tinha um problema de escuta, e uma surdez e assim... a partir da entrada da Vanessa na situação da separação, abriu de o menino ir para uma escola, e foi prá num sei aonde... Várias coisas aconteceram na casa a partir de uma entrada dessa advogada. Essa advogada abriu um

outro caminho.
Vanessa Alves: Eu lembro desse caso mesmo, né... porque a mãe era de uma fragilidade absurda né, porque a criança nasceu com uns cinco milhões de... de... Como é que chama mesmo, quando a criança nasce com problemas genéticos?
Viviane: Síndrome.
Continuação Vanessa Alves: Síndromes, tem um outro termo, mas assim: com um monte de doenças. A criança passou os dois primeiros anos internada. Então a mãe que era [?] e trabalhava precisou sair de fato do mercado de trabalho para conseguir cuidar da criança, óbvio né. E aí, eu fico com a impressão que ela não conseguiu [ter punho?]: A criança já não tava... a criança já anda, ela tinha uma surdez, não fala, mas ela tem oito anos, já dá pra ir pra escola... enquanto ela não conseguia lidar... "Como eu vou lidar com essa situação?" [fala como se fosse a mãe pensando]. Só conseguia fazer o papel de mãe que tá sempre cuidando, ainda naquele lugar de que criança precisa de todas as observações. E aí não tem uma escola particular, porque a escola particular não quer aceitar a criança, e o pai não paga pensão, e não em um plano de saúde, e não tem... e não tem... E aí tudo bem: vamos tentar o plano de saúde, vamos tentar a pensão, vamos pedir um ofício... Vamos usar né, a máquina processual que existe, mas vamos também usar o que resta né. "Porque que a criança não pode ir não pode ir para escola pública?" Existe um comprometimento de inclusão das crianças: "Ah, mas eu não sei como que vai ser" [reproduz uma possível fala da mãe]. Eu lembrei, olha: "Tem uma professora na rede municipal de Santos. A municipal de Santos é uma referência na região".
Aí eu marquei uma reunião com essa professora. Eu apresentei a cliente, apresentei a professora: "A situação é essa. O que dá prá fazer?". [resposta] "Ah, tem uma escola polo aqui, tem uma escola de referência ali... E tem profissionais assim... e tem profissionais assado..." Aí pega o telefone, marca na hora uma entrevista, na hora uma entrevista com a escola; e vai na escola, e num sei quê... E aí: "E libras? [resposta:] "Ah não, eu acho que não dá prá aprender libras, porque a criança fica preguiçosa". Será que não dá mesmo prá aprender libras?
Vários comentários de fundo.
Vanessa Alves continua: A fonoaudióloga era categórica em não ensinar libras prá ele. Depois ele não vai conseguir ouvir e não vai conseguir falar.
Comentário: Quando todo mundo devia saber libras, né?
Continuação Vanessa Alves: E aí eu lembro que eu falei assim: "Vamos tentar desenrolar". E aí criança na escola, a criança entrou na libras... E aí eu encontrei com essa mãe agora, porque a gente teve uma audiência agora, há dois meses atrás, e ela falou: "Nossa! Vanessa, como que mudou." Ele consegue nomear coisas que... oito anos e ele não conseguia nomear tristeza, porque ele não sabia. Ele conversava com a mãe só, né, e muito limitado. Então coisas básicas ele não conseguia fazer: se estou triste, se estou bravo e tal. E quanto que essa história da escola... o quanto já tá podendo escrever, ele já tá aprendendo a ler, e tá aprendendo libras...
Comentário: Ou seja, você deixa a pessoa dentro de um contexto. Você isola a pessoa naquilo: "Tá ouvindo vozes, vamos deixar...".
Vanessa continua: Mas assim, o quanto que isso é sequela do Camará, né, porque o quanto tá efetivamente prá poder contribuir. O quanto que isso reflete em todos aspectos. Então hoje eu sou - eu me considero - uma boa advogada. E essa advogada, claro, tem relação com a minha faculdade? Tem, mas tem muita relação com todo esse percurso... que foi percorrido né. Percurso de conseguir humanizar essas relações; de conseguir dar lugar para todos. Contribuir, tentar né: dar lugar, tentar contribuir... E dá certo, às vezes (risos).
Comentário: Tem uma coisa que eu acho que... ficou... Tem três coisas assim, que ficaram comuns em todos os relatos: foi o medo, assim... a alegria, o medo bastante né, tipos diferentes de medo, mas também uma certa resistência assim, que... que é aprendida. Passar por essas experiências, que eu também tô passando né, elas ensinam a resistir a muita coisa.

Acho que por isso que às vezes a reunião de equipe é muito infernal, porque... Aí eu lembro um pouco do que você coloca no seu trabalho, que é do campo das forças e do campo das formas né... Então você evita demais dar forma, porque às vezes dá forma e você sabe que vai dá merda, fazer certas formas. Então você evita ao máximo, e aí começa a ficar essa coisa, tipo: "Puts! ninguém tá falando... ninguém tá chegando a uma decisão", mas é como fazer essa outra forma que... eu não sei, é um aprendizado que mais parece... é isso assim: essa coisa de aprender a resistir, de entender mais que certas coisas não cabem né... não cabe mais a gente fazer certas coisas. Então a gente evita ao máximo e aquilo contribui para angustiar mais, assim. Sei que [isso] foi uma coisa que me apareceu assim...
Comentário: E eu adoro reunião de equipe (risos dos presentes).
Continuação: É que não é só na reunião né, mas aparece bastante.
[falam juntos, não dá para entender]
Continuação: [...] a forma da equipe, a forma das reuniões, a forma...
Comentário: Do trânsito (risos dos presentes)
Continuação Tiago: Eu acho que o projeto [?] Ele é tomado, na minha opinião, não sei se você concorda, mas ele é tomado muito por uma coisa que é tomada do serviço social também... e que não encaixa no Camará. Não cabe, assim... O Camará não tem nada a ver com a assistência social, prá mim, assim... Definitivamente não... é... Tá muito ligado à lógica linear, à lei, à política tal né... A equipe acho que ela tem muito essa característica... mal e mal assim, tentar pensar na lei, na política. Mas claro, diante de uma assistência totalmente que não funciona, lá dentro de São Vicente, de encaminhamentos que você pode fazer e vai chegar no equipamento e a pessoa não vai existir. Ou seja, a gente acaba tendo só nós da equipe, as reuniões de equipe e os nossos contatos com os usuários. Eu sinto cada vez mais esse isolamento. E que aí obriga a caminhar por essa... essa... na minha opinião, essa coisa mais da perspectiva inversa, essa coisa mais... Se você não procurar resposta... Não resposta, mas sentido, na verdade. Se você não procurar sentido em outras coisas, ou no afeto, ou na mobilização política também, ali no caso é... E largar um pouco do que a lei prega o que do relatório [que] você tem que fazer, essa coisa mais objetiva você...
Comentário Viviane: É que é louco, porque muitas coisas tão pautadas na política, né? Pensar que o Camará tá desconectado da questão da política, também é mentira.
Comentário: Mas eu acho que a peculiaridade que o Thi fala é que o nosso trabalho acaba mostrando o quanto a política não funciona.
Viviane: Exato!
Continuação do Comentário: A gente aponta exatamente qual o buraco. Não que o outro não faça, mas a gente na lida... tá se [fudendo]... muito mais...
Comentário: A gente depende mais da rede né, teria que depender na verdade mas...
Comentário Vanessa: E eu acho que exige uma criatividade muito maior né, uma inventividade muito maior. Acho que quando chega em outro lugar de trabalho, é muito mais fácil essa condição né porque já tem uma….
Continuação: Eu particularmente sou obrigado a me largar da angústia, cada vez mais quebrar com os objetivos, com os produtos e tentar ver mais do processo né, e... porque se não eu acabo ficando doido. Só que também eu me cobro, no sentido de que: "Ah, não também tá muito solto, não tá funcionando". Hoje em dia eu acho... tenho 100% de certeza que não funciona e que funciona.
(risos dos presentes)
Continuação: (...) esse jeito de trabalho do Camará. E também funcionou também como um...
Comentário: Você cumpre as apostas, Thiago. (risos)
Continuação Tiago: É muito engraçado porque no serviço social é muito pragmático, tem que ter resultado, a política tem que funcionar assim, a gente tem direito, a gente tem legislação, a gente tem não sei o quê não sei o quê... Você chega na política é tudo bagunçado.

Você chega no Camará também... (risos)
Alguém comenta: [...] Faz muito tempo que não faz nenhuma faxina.

Continuação após vários comentários ao mesmo tempo: [...] só existe lógica linear dentro do instituído. Por isso que é até angustiante eu escutar... e falar sobre isso.
Comentário Vanessa Santos: [...] Quando eu fiz gestão ambiental eu fiquei muito surpresa, em estudar as leis ambientais assim... e ver o quão boas elas são, o quão referências elas são, só que a grande questão é que elas não acontecem na prática. E aí durante o tempo trabalhando com o franciscanos, que era aquela equipe [...] da assistente social que eu queria correr né. E aí quando eu ia... saia da reunião e geralmente eu ia estudar para eu entender porque que eu discordava tanto, mas e no papel não era bem aquilo, sabe? Agora fazendo pedagogia e também é assim sabe, estudando as leis e diretrizes. Cara, aquilo no papel, assim, tirando aquilo que a pessoa do dia pra noite quer mudar e fazer [?]... A gente tem muita história: de construção coletiva, do que é feito... Só que a impressão que eu tenho é que muito das nossas ela é... à frente do tempo. O que é um problema, porque o que tá à frente não tá caminhando com seu povo, e a grande questão são os profissionais que não conseguem passar para população, porque não consegue lidar com essas leis. Porque muitas, pelo menos quando eu paro para estudar e prá ver eu falo: "Gente, é fantástico". Aí você chega prô professor e fala: "Mas você não precisa fazer". [resposta] "Não, precisa, é lei". 'Não, não é lei, é só uma re-co-men-da-ção...". Você se baseia, mas você tem trocentas maneiras que você pode fazer.
Comentário: Parece que ficou um abismo entre quem escreve e quem tá lá, enfim, corporificando aquela lei.
Comentário: Não sei, acho que isso tudo de um outro limite assim, mas o caminho que eu faço na minha cabeça, que eu acho que tem a ver muito com o começo né. Assim, eu começo no Camará trabalhando né, com o Wilson, que é um amor da vida porque é... Isso que a Vanessa faz, do "Não sei, eu não sei" e tá tudo bem. Eu ia a campo com o Wilson e: "Puta que pariu: a gente vai a campo e tal e vamos passar de baixo de todas as [...] E aí o Wilson tipo: "Você não precisa falar nada, fazer nada, tá tudo bem." Eu: "Como assim?" A gente vai e tá tudo bem, assim né... E o campo em si que... que isso eu gosto muito né, eu tenho dificuldade de trabalhar com pessoas que não sejam do campo que agente atua né (risos). Porque as pessoas são de uma objetividade muito... que eu não tenho muita paciência assim né, para não ser tão objetiva o quanto as pessoas são né. O meu problema é esse, a galera da rua é massa é isso: "Ah, eu não vou trabalhar prá patrão prá ficar olhando em cima de mim, o que eu quero é tocar um pagode no final de semana com os meus amigos, e vivo desse jeito. Então, assumir essas formas de existência, que é muito interessante. E acho que uma coisa que eu não passei muito não Camará, mas que é interessante o movimento que eu fiz para não passar, que é essa angústia com as situações em si. Embora eu tenha muita intensidade com as coisas que eu vivo, e eu acho que tudo é muito intenso sempre, mas não tenho grandes sofrimentos com as situações, porque... e isso eu acho que é umas coisas que em alguns momentos no Camará e a gente fez muito e... acho que em equipes separados a gente faz de formas precárias né... que é o caminho para produzir aquilo. Então por mais que eu fique lá com o Santista esperando a UBS e o SAMU e aquilo né: "Puta que pariu, que bosta e tal..." Mas olhar prô macro que produz aquilo também né. Porque o que eu acho que a experiência no Camará traz de mais potente é o germe de outra sociabilidade, algo que não cabe aqui mesmo né? Então eu acho que a gente pode na prática do Camará experimentar coisas que não vão caber nessa sociabilidade, e o quanto que empurra a gente para uma construção coletiva, porque o coletivo é a menor unidade de alteração de qualquer coisa, né... E acho muito interessante de sentido assim né, de... do quanto precisa conter de coletivo. E aí fala "Tá à frente" né [referindo se à pessoa que falou que as leis estão muito à frente], pô as leis foram construídas com uma puta

luta que a gente fez. Aí a gente passa por um período, se a gente for olhar a nossa história, né, de puta apassivamento, então a gente foi pra via democrática [fala de modo irônico] e na luta institucional, perdeu as lutas mesmo coletivas de lugar e tal... E eu acho que o Camará tem muito disso assim, né, com mil questões, mil problemas, mil... carências, mas para mim tem muita a ver com isso né.

Comentário: Eu acho que isso é o que a gente sempre tenta sempre atingir né: uma coisa autogestionada, com medida. Às vezes não dá, às vezes é muito individual mesmo, é autoritário, e às vezes não. Então eu acho que a gente vai tentando traçar isso. Então você tem pelo mesmo lugar ali que você tenta ocupar né... juntos. É dificílimo, porque a gente tá sempre pressionado a tá de um outro jeito né.
Comentário: Mas o lance da pressão externa, pelo menos nossa equipe a gente tá devendo muito isso né. A pressão externa num determinado momento foi foda, assim... Todo mundo deu uma baqueada, a Amanda por exemplo saiu, foi um [por conta] dessa depressão externa, mas é a pressão interna que é insustentável, sacou? Tipo (risos) é isso que quebra a gente.
Comentário: Mas essa pressão interna, ela só foi possível sustentar por nossas pressões internas...
Continuação: Exatamente! Não, sim, sim, é isso assim... mas eu quero dizer, por exemplo, sei lá... uma reunião para a gente só é insuportável quando tem… sabe quando a Tânia tá pressionando a gente demais sabe… (risos)
(Comentários de fundo)
Continuação Vanessa Salgado: Mas é que a gente se ajuda muito, nesse sentido, sabe... Tipo, que nem... sei lá, ontem: tive uma puta crise de asma...
[começam vários comentários juntos]

[...]
Comentário: Entender isso dentro de um processo não é gente, não é uma coisa assim... mas enfim, isoladamente, ontem eu ouvi uma coisa assim: "Não adianta, vocês são assim, vocês são desorganizados, vocês não têm comprometimento, não adianta mudar, eu não acredito mais, então deixa do jeito que tá". Você fica…
Comentário: Ou você não se afeta ou você sofre muito
(risos)
Continuação: Mas era outro tipo de exemplo, nesse sentido que... A gente, por exemplo, a pressão né, de: "Ah, vocês têm que estar de plantão. Vocês têm que tá no campo né..." Aí ontem, por exemplo...
Comentários de fundo
Continuação Vanessa Salgado: Eu acho que ontem, por exemplo né, é... o quanto a gente se dá um tempo das coisas e eu acho que isso é muito essencial para que a gente esteja presente nos momentos que a gente tá. Então ontem, eu tô doente, tava mal e o Tiago tava zuado e a gente ainda ligou para o Gui que tava no Hospital, porque tava mal. E a gente tipo: não ia fazer campo, e a gente não tinha cabeça para fazer relatório, e a gente sentou e ficou conversando. E é isso aí, e a gente sustenta esse lugar entre a gente, né. Tipo, a gente... vocês ainda ficam mais na sede, mais nos campos, mas a gente fica em casa, fica na rua, vai para a praia, tá ligado. E aí a gente vai se dando esse tempo, porque também a tensão é muito grande, assim... prá fora e prá dentro: é ser seguido pela GCM é.. Puta! é mil coisas...
Comentário: É separar briga...
Continuação: É ser ameaçado de morte...
Comentário: Tem uma linha muito singela prá gente poder reconhecer o nosso espaço, o nosso tempo, as nossas visões sobre uma determinada situação, mas no tempo como que você coloca isso dentro do coletivo? Como que você consegue colocar o seu tempo dentro do

coletivo? Como que você consegue colocar o seu tempo dentro de uma equipe, dentro de um trabalho que foi proposto, né... dentro de algo que a gente se propôs a fazer. Então é importante que a gente faça né?
Viviane: você escreve isso, no... [texto enviado?]
Comentário: Então assim... então é uma linha muito singela assim... Eu fico até pensando mesmo até... por exemplo, quando... em que momento você é uma pessoa proponente ou que você é uma pessoa é... quando você propõe, quando você faz algo para... você propor prá que aquilo ande ou quando você tá sendo impositor e você quer carregar a pessoa dentro da sua ideia porque você quer que aquilo aconteça. Então, assim, prá mim especialmente eu acho muito difícil: até que eu tô sendo propositivo ou até que momento que eu tô sendo impositivo. E até que momento que eu posso enxergar o meu tempo dentro daquela situação, mas eu preciso fazer cumprir aquilo que eu me propus a fazer sabe... Eu não sei se existe um amadurecimento em relação a isso. Eu não sei se a gente chega nesse estágio, de um dia conseguir tomar uma decisão com mais tranquilidade, você conseguindo ser responsável e ao mesmo tempo conseguindo respeitar a si mesmo e o outro.
Comentário Rafaela: Então, mas essa dúvida ela não vai ter uma métrica. Ela vai ser sempre experienciada, dosada com cada situação. Porque... E eu até terminar assim a minha narrativa no encontro do tempo. E eu acho que... É que eu tô tentando me organizar, porque a Vanessa me fez pensar outras coisas, e aí eu tô ouvindo aqui outras coisas que eu quero falar (risos)
Comentário: Você está ouvindo as suas vozes né, entendi.
Continuação Rafaela: Isso do tempo, né... porque eu sempre... Eu me formei eu vim da dança né, eu fiz psicologia porque eu queria ser palhaça. Tanto que foi um outro caminho, muito confuso. Quando eu conheço o Camará, em 2010 eu olho e falo assim: “Nossa, aqui para mim aqui era a resolução das minhas [?] os problemas né, porque eu tava numa fase aprendendo psicopatologia, não ia mais na aula; eu tava quase não largando o curso. Então, se hoje eu sou psicóloga é porque eu encontrei o Camará, eu tenho certeza... e o Laboratório de Sensibilidades. Essa dupla me fez eu me formar. E aí, quando eu vou - continuo estudando dança - quando eu vou olhando pro Camará e prá formação da UNIFESP, que estamos aqui (risos), eu olhava assim: “Meu Deus, como as pessoas não entendem... E aí a Vivi coloca aqui né, a suspensão do tempo, e eu coloco como que a gente encontra o tempo no Butô, na dança, isso é presença, suspender o tempo prá dança japonesa é você estar presente. Como que a gente estuda psicologia, [e] não arromba o ouvido direito? (risos) ou põe vários filtros que vão na verdade afunilar esse ouvido com uma escuta muito... E a gente não estuda presença, como a gente está presente. E não é porque a gente vai dançar escutando, a gente vai fazer teatro escutando. Não, não tem nada a ver, ou melhor, tem tudo a ver, porque o corpo que dança, o corpo que faz teatro, o corpo que fotografa... todos esses corpos sensíveis, só é possível escutar se eu tô suficientemente atenta, né. E aí ao mesmo tempo que eu fico dando lugar prá esse corpo que dançava e queria escutar, muito confusamente né, para as pessoas, mas que no Camará tinha lugar né. Eu misturava as minhas coisas ali no meu diário, sempre tive umas respostas que... Falam: "Nossa, então tem que esperar, tem que sustentar a dúvida... vai surgir?” E aí, ao mesmo tempo isso foi me levando prá uma visão macro política de toda aquela situação, que a gente sofria muito, porque só olhava o micro. Hoje eu me sinto muito privilegiada de tá em contínua formação, de eu poder olhar que meu sonho era trabalhar com a situação de rua. E aquilo me mexia muito e me mexe ainda, mas hoje eu consigo olhar prás situações das ruas, das malocas, e ver que isso é muito macropolítico. Isso tá no relatório da ONU. Isso tá internacionalmente sendo discutido. E eu acho que isso vai dando... não um lugar, mas vai direcionando um sofrimento prá uma luta, né. Não é só um germe de sociabilidade e de criação de um corpo sensível, mas todo um essa coisa macropolítica.
Comentário: É que elas não estão separadas né, não existe o macro num lugar e o micro no outro, elas vão se produzindo o tempo todo.

Comentário Viviane: [Viviane convida prá falar quem tiver mais algo a trazer, porque já estão com o horário extrapolando e as pessoas têm compromissos depois da atividade].
Comentário Breno: Então, eu acho que é o que a gente falou mesmo: o fora, o dentro, o macro, o micro, o inverso, o linear... enfim, tá tudo numa trama. Eu acho que... que é isso né... As coisas não necessariamente são híbridas, mas elas estão sempre nas interfaces, nas dobras né. Então o macro e micro, se você tá olhando o micro você tá olhando macro, se você tá olhando o macro você tá... Não tem como...
Comentário: Ah, tem. Tem gente que consegue.
Continuação Breno: Mas são dualidades, são multiplicidades, são coisas ao mesmo tempo.

Apêndice B – Autorização para divulgação de nome

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde (Mestrado Profissional)

Autorização

Eu,_____, RG_____, participante como sujeito da pesquisa Marcas de experiências no trabalho socioeducativo: narrativas camaradas da formação profissional, da pesquisadora Viviane Gorgatti, cuja orientação foi de responsabilidade dos Professores Doutores: Sidnei José Casetto , orientador e Mauricio Lourenção Garcia, co-orientador, autorizo a publicação de meu nome na versão final do trabalho e em sua publicação.

_____

Local, data, assinatura

Apêndice C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: NARRATIVAS DE MARCAS DE EXPERIÊNCIAS NO TRABALHO SOCIOEDUCATIVAO: CONTRIBUIÇÕES CAMARADAS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Você está sendo convidado a participar nesta pesquisa, que visa investigar marcas de experiências produzidas nos processos formativos no trabalho socioeducativo na ONG Camará-São Vicente.

Em aceitando o convite, você participará de uma análise coletiva que consistirá de três momentos distintos. No primeiro deles você deverá encaminhar para a pesquisadora uma narrativa escrita contando experiências vivenciadas no trabalho do Camará. Você escolherá uma cena, ou um conjunto delas, que lhe tenha sido marcante, para produzir sua narrativa. Estas narrativas serão endereçadas, primeiramente, por e-mail à pesquisadora. Será estabelecido um prazo máximo de 45 dias entre a assinatura desse termo de consentimento e a escrita da narrativa. Num segundo momento, a pesquisadora criará um grupo eletrônico de correspondência, por e-mail, para o qual serão enviadas as narrativas escritas. Todos os integrantes da pesquisa, dezesseis convidados, terão acesso às narrativas produzidas, o que será feito apenas após todas as narrativas terem sido entregues. A última etapa será um encontro presencial, no formato de roda de conversa, com duração de até quatro horas. Este encontro ocorrerá aproximadamente dois meses após a finalização da entrega de todas as narrativas. Neste encontro presencial teremos, além da participação da pesquisadora e dos narradores, a presença de um facilitador que nos ajudará na construção da análise comum, sua contribuição sendo de fomentar a discussão e favorecer a expressão de todos os participantes. Este encontro será gravado em áudio. A proposta para este encontro presencial será discutir uma prévia análise das narrativas produzida pela pesquisadora. A pesquisadora apresentará sua análise, levantará suas hipóteses e estimulará o grupo a discuti-las. Esta discussão se dará na perspectiva da criação de um plano de experiência participativa e comum.

Os riscos na participação deste estudo são considerados mínimos, como algum constrangimento ao compartilhar informações da própria história de vida.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. A principal investigadora é a psicóloga Viviane Gorgatti, a qual pode ser encontrada no endereço: Rua: Caminho dos Barreiros, 491 – Esplanada dos Barreiros – São Vicente – São Paulo e no telefone: 13-981169220. Havendo considerações ou dúvidas sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj: 14 - telefone: (11) 5571-1062 - fax: (11) 5539-7162 – E-mail: cepunifesp@unifesp.br.

Você poderá retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo.

Todas as informações obtidas a seu respeito neste estudo, serão analisadas em conjunto com as de outros voluntários, não sendo divulgado a sua identificação ou de outros participantes em nenhum momento.

Você tem toda a liberdade de retirar o seu consentimento e deixar de participar do estudo a qualquer momento sem penalização alguma. Neste caso você poderá continuar suas atividades na instituição sem problemas.

A qualquer momento, se for de seu interesse, você poderá ter acesso a todas as informações obtidas a seu respeito neste estudo, ou a respeito dos resultados gerais. Quando o estudo for finalizado, você será informado sobre os principais resultados e conclusões obtidas no estudo.

Não há despesas pessoais para o(a) participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

O pesquisador tem o compromisso de utilizar os dados e o material coletado somente para esta pesquisa.

Esse termo foi elaborado em duas vias devidamente assinadas, sendo que uma ficará com você e a outra conosco.

Acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo a pesquisa: NARRATIVAS DE MARCAS DE EXPERIÊNCIAS NO TRABALHO SOCIOEDUCATIVAO: CONTRIBUIÇÕES CAMARADAS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.

Eu discuti com a psicóloga Viviane Gorgatti sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Estou esclarecido(a) sobre os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data: ___/___/___

Assinatura do(a) voluntário(a)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário para a participação neste estudo.

_____Data:___/___/___

Assinatura da pesquisadora responsável

ANEXOS

Anexo A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

Anexo A – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - HOSPITAL SÃO PAULO UNIFESP-HSP

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Narrativas de marcas de experiências no trabalho socioeducativo:Contribuições camaradas na formação profissional

Pesquisador: VIVIANE GORGATTI

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 54213316.4.0000.5505

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Paulo Campus Baixada Santista

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.510.101

Apresentação do Projeto:

Trata-se de resposta de pendencias apontadas no parecer 1.481.339

Nº CEP: 0245/2016

Instigados pela temática da formação profissional que não sirva exclusivamente a fins pragmáticos, atendendo exigências utilitaristas, produtivistas e reprodutoras, este projeto pretender investigar a formação enquanto uma experiência viva, composta de processos constitutivos de posições ético-políticas singulares, tendo como objetivo investigar marcas de experiências produzidas nos processos formativos no trabalho socioeducativo na ONG Camará-São Vicente.Partimos da hipótese de que os processos formativos constitutivos de posições ético-politicas singulares são aprendizados que ocorrem na experiência viva e coletiva, tendo o ato (pensamento/ação) como produtor de subjetividades e de marcas que podem ser percebidas em mudanças de posturas e de posicionamento no trabalho. Serão sujeitos da pesquisa 16 jovens, estagiários e educadores sociais que tenham sido marcados em suas trajetórias profissionais pela experiência na instituição.Será utilizada uma metodologia participativa, na qual os participantes serão convidados a produzir narrativas que incluam cenas significativas de sua trajetória no

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.023-061
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com

Camará. A análise deste material será feita procurando-se destacar planos de formas e forças atuantes nas referidas marcas, podendo-se utilizar também de outros registros de experiências vividas nesse contexto, tais como relatórios dos participantes e memória da pesquisadora.

Objetivo da Pesquisa:

- Investigar marcas de experiências produzidas nos processos formativos no trabalho socioeducativo na ONG Camará-São Vicente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o pesquisador:

-Riscos: Não há riscos previsíveis para os participantes.

-Benefícios: Não haverá benefícios diretos para os participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de estudo com o objetivo acadêmico de Mestrado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde , Campus Santos. Orientador: Sidnei José Casetto e Co-orientador: Maurício Lourenção Garcia

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Trata-se de resposta de pendencia apontada no parecer inicial

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendencias inicialmente apontadas:

01- Adequar o TCLE onde está contida a informação sobre riscos e alterar. Verificar no campo Riscos na plataforma que indica que a pesquisa não pode causar riscos. O CEP esclarece que: conforme orientação da CONEP, lembramos que qualquer pesquisa com seres humanos pode causar algum risco, por mínimo que seja. No que diz respeito a esta pesquisa, por exemplo, a entrevista ou o compartilhar dados das histórias de vida, pode causar algum constrangimento ao participante.

02- O TCLE deve estar em formato de convite. Favor alterar. Adequar o campo das assinaturas para que não fiquem soltas em folha separada ao do TCLE.

respostas: adequações realizadas

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a aprovação do estudo, apresentar relatórios parciais e final conforme determina a Norma

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO - HOSPITAL SÃO PAULO UNIFESP-HSP

Continuação do Parecer: 1.510.101

Operacional 001/13 do MS/CNS/CONEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_673186.pdf	13/04/2016 10:04:10		Aceito
Outros	Carta_Resposta.docx	13/04/2016 10:02:38	VIVIANE GORGATTI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	13/04/2016 10:00:13	VIVIANE GORGATTI	Aceito
Outros	Autorizacaocamara.pdf	14/03/2016 21:17:08	Sidnei José Casetto	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projetodetalhado.docx	14/03/2016 21:16:02	Sidnei José Casetto	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	11/03/2016 09:21:30	Sidnei José Casetto	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SAO PAULO, 20 de Abril de 2016

Assinado por:
Miguel Roberto Jorge
(Coordenador)